

THEOPHILO BRAGA

CONTOS
TRADICIONAES
DO
POVO PORTUGUEZ



LIVRARIA
J. RODRIGUES & CIA
186, RUA AUREA 188
= LISBOA =

Azedo & Bury
Leilão n.º 1 - N.º 206



BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

CONTOS TRADICIONAES
DO POVO PORTUGUEZ

I

BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

(EDIÇÃO INTEGRAL E DEFINITIVA EM 10 VOLUMES)

- I — *História da Poesia popular portugueza* (3.^a edição) 2 vol.
 1.^o As Origens.. De xvi-480 p. 1902. 800 réis.
 2.^o Cyclós épicos. De vi-570 p. 1905. 800 réis.
- Tiragem especial.* — D'esta 3.^a edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho. — Cada vol. 3\$000 réis.
- II — *Cancioneiro popular portuguez* (2.^a edição) 2 vol.
 1.^o Cancioneiro de Amor: Cantigas de Viola e Terreiro — Despiques de Conversados — Colloquios — A B C de Amôres — Retratos — Canções — Orações parodiadas — Fados. Lisboa, 1911, 1 vol. De viii-540 p., 800 réis.
 2.^o Cancioneiro sagrado — Infantil — Politico. Lisboa, 1913. 1 vol. De 528 p., 800 réis.
- III — *Romanceiro geral portuguez* (2.^a edição) 3 vol.
 1.^o Romances heroicos, Novellescos e de Aventuras. De viii-540 p., 1906, 1\$000 réis.
 2.^o Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros. 1907. De 558 p., 800 réis.
 3.^o Romances com fórmula litteraria, do seculo XV a XVII. Notas e Paradigmas comparativos. Lisboa, 1909. De 634 p., 1\$000 réis.
- Obra completa, 3 vol., 2\$500 réis.
- Tiragem especial.* — D'esta 2.^a edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho. — Cada vol., 3\$000 réis.
- IV — *Theatro popular portuguez*: Reisadas — Lapi-nhas — Mouriscadas — Jogos figurados. 1 vol.
- V — *Adagiario portuguez* 1 vol.
- VI — *Contos tradicionais do Povo portuguez* (2.^a edi-ção) 2 vol.
 1.^o Contos de Fadas — Casos e Facecias. Com Notas comparativas. Estudo sobre a Novelística. Lisboa. 1914. 1 vol. De vi-304 p., 600 réis.
 2.^o Historias e Exemplos de thema tradicional e fórmula litteraria. (*No prélo.*)

THEOPHILO BRAGA



CONTOS TRADICIONAES

DO

POVO PORTUGUEZ

Contos de Fadas — Casos e Facecias — Notas comparativas ;

ESTUDO SOBRE A NOVELLISTICA

SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA



LISBOA

J. A. RODRIGUES & C.^o — EDITORES

186 — RUA AUREA — 186

1914



COMPRA

269719



78853
C

TRADICIONALES
CONTOS

El libro pertenece a...

...

...

...



Quando publicámos em 1883 estes Contos colligidos da tradição oral, andava um fervoroso entusiasmo pelas compilações e investigações do *Folk-Lore portuguez*. Não foi possível formar-se um grupo ou associação para imprimir unidade a todas as curiosas bôas vontades que surgiam pelas provincias, por antinomias doutrinarias e exclusivas iniciativas. Nós proseguimos n'um plano que visava ao intuito de estudar as tradições como fonte esthetica da Litteratura, procurando servir o pensamento da revivescencia do sentimento nacional pelos elementos de uma *Bibliotheca das Tradições portuguezas*. Era uma intuição. Vão passados bons trinta annos sobre esse plano, que está prestes a realisar-se completamente ; e o trabalho sincero teve a maior das apotheoses. Dois dias depois da Revolução de 5 de Outubro de 1910, publicava a *Frankfurte Zeitung*, sobre esse phenomeno de resurgimento nacional : «Theophilo Braga, o presidente provisional da Republica Portugueza ha pouco fundada, assumiu uma situação absolutamente especial na civilisação, na poesia e na sciencia do seu paiz. O que elle fez pelo seu povo é nada mais nem nada menos do que a *ressurreição do seu passado litterario*, a *reanimação de todas as tendencias nacionaes e patrioticas* como ellas sobre-

sáem da lenda e da moral, da poesia e das tradições de Portugal. Poder-se-hia comparar a sua acção com a de JACOB GRIMM, que fez outro tanto na investigação do nosso passado allemão como elle se encontra no Folk-Lore popular e na litteratura— A velha Universidade patria de Coimbra, sobre a qual mais tarde elaborava uma apreciação historica de longo alcance de vistas, expoz aos olhos do joven estudante de Direito luminosas imagens do passado; em vez da praxistica juridica, brotou dos seus trabalhos de jurisconsulto uma obra sobre a *Poesia do Direito*. Se já aqui tinha coincido com GRIMM, nas investigações sobre o velho Direito, procurou elle depois applicadas as suas *tradições poeticas* á civilização portugueza o grande pensamento do Mestre allemão sobre a sondagem da *maneira de ser de um Povo*. Entre as numerosas obras de sciencia que produziu em sua laboriosa vida, e que com um admiravel conhecimento da litteratura universal, pela primeira vez se prescrutaram e sondaram toda a Poesia portugueza. . . —thezouro que logrou trazer á clara luz do dia o nobre theor da Cultura e poesia portugueza ha muito soterrado.»

Este julgamento mantem-nos todas as energias.

(Da 1.^a edição de 1883)

No plano do nosso vasto inquerito das Tradições portuguezas, que temos realiado archivando-as em collecções impressas sob o titulo de *Cancioneiro e Romanceiro geral portugue*, (1867), entrava como parte integrante um outro corpo contendo o *Novellario e Adagiario nacional*. Nos *Estudos da Edda de Média* (1870) iniciámos pois esta ordem de investigações com os contos das *Treç Cidras do Amor e Cacheirinha*, embora com o defeito dos arrebiques da phase romantica; continuámos trabalhando, e já em 1871, nas *Epopêas mosarabes* (pag. 96) promettêmos o livro das *Lendas, Tradições e Contos portuguezes do seculo XII a XIX*. Em um artigo sobre a Litteratura dos Contos populares em Portugal, publicado em 1877 na *Rivista di Letteratura popolare*, de Roma, e na *Evolução*, de Coimbra (n.^{os} 10, 11 e 12), tornámos a alludir á nossa collecção: «Este breve estudo servirá de introducção a uma série de Contos que temos colligido das ilhas dos Açores, nas provincias da Extremadura e do Minho, e que publicaremos mais tarde.» Fixamos estes dados para deixar bem patente que nos não atravessamos no caminho de outros collectores, e que obedecemos a um plano fundamental que, uma vez terminado, constituirá a *Bibliotheca das Tradições portuguezas*, base organica sobre que fômos creando a *Historia da Litteratura portugueza* (1871 a 1881). Por estes estudos da tradição popular preparámo-nos para a comprehensão do genio nacional e para a pôsse de uma disciplina de critica. A mutua relação entre as concepções anonymas e a obra individual existiu vagamente entrevista no nosso espirito, antes de chegarmos á comprehensão do seu alto valor scientifico. Todo o nosso progresso litterario deriva d'esta comprehensão.

A demora da publicação dos *Contos tradicionaes do Povo portuguez* fez-se sentir como uma lacuna na ampla investigação a que pertenciam o Coancioneiro e Romanceiro. (Carta do sr. Sylvio Roméro.) Obedecemos ás condições da nossa livraria, e em parte á difficuldade de organização dos nossos materiaes accumulados, de *Contos, Casos, Historias, Exemplos, Facecias, Lendas, Patranhas, Ditos e Fabulas*. Nas *Canções e Romances* existe a fôrma metrica e assonantada, que coadjuva a memoria do recitador e dispensa do trabalho de redacção ao collector; porém, nos *Contos e Casos* a área é extensissima, a fôrma é na prosa fallada, espontanea, pittoresca, descriptiva e dialogada, cujos effeitos não se podem reproduzir, nem se devem imitar. Para conservar-lhes o caracter de *documento humano*, como diria Zola, é preciso vêr n'estas narrativas mais do que um texto para estudo de dialectologia popular, e fugir dos retoques artisticos; esse têrmo médio só se poderá achar visando a fixar o estado dos themas tradicionaes. Diante de uma tal difficuldade é que fômos addiando de anno para anno a nossa publicação. Lucrámos com a demora, tomando conhecimento da importancia scientifica que adquiriu na Europa a *Novellistica* popular, cujos problemas têm sido tratados com a maior lucidez por Grimm, Köhler, Afanasieff, Liebrecht, Benfey, Comparètti, Gubernatis, Pitré, Ralston, Gaston Paris, Cosquin, Stanislaò Prato e outros. Resultou da demora o ampliarmos a collecção a ponto de reconhecermos a necessidade de uma classificação deduzida da propria complexidade das ficções.

Para alargarmos a colheita cos *Contos* oraes por todas as provincias, servimo-nos da influencia pessoal de bons amigos, entre os quaes citaremos Reis Damaso, para a *Novellistica* do Algarve, Dr. Ernesto do Canto e o fallecido Dr. João Teixeira Soares para ilhas dos Açôres; em casa achámos bastantes tradições da antiga divisão provincial de Entre Douro e Minho, e do contacto com os narradores populares colhêmos directamente versões importantes, por ondê vimos que era absurdo, senão impossivel, pretender stenographar um ditado cheio de vacillações e sem nexos que prejudicam a comprehensão dos themas tradicionaes que se vão obliterando. Sobre o estado da tradição nos Açôres, escrevia-nos o Dr. Teixeira Soares (Carta de 25 de Novembro de 1875). «Aconteceu o outro dia passar aqui uma noite a Maria Ignacia. Chamei-a e á minha criada para junto d'esta meza de trabalho para as interrogar sobre *Contos* populares a que o povo chama *Casos*. Deseulparam-se da falta de memoria juvenil para entrarem francamente n'este campo; comtudo disseram bastante para me deixarem estupefacto. Que peripecias! que maravilhoso! que poesia! Affirmaram unanimemente que seria impossivel ao investigador mais diligente formar uma collecção

completa de todos os *Casos* sabidos do povo :— Todos escriptos enchiam esta casa! — disse a Maria Ignacia. A lista junta mostra aquelles de que se recordaram e a que se referiram. Por ella verá o meu amigo a inexgotavel mina de *Casos* que aqui o espera :

«*Do gado Gajão — Da Garoupinha — Dom José pequeno — Maria do pãosinho — Maria Subtil — O rei que achava a quinta despedaçada — Canarinho verde — Rainha do verde — Os trez homens que queriam comer sem gastar — D. Philippe — A Duqueza — Rei Dom João — Rei d'Hostia — Filho da burra — A arvore que falla e o passaro que canta — O padre das mãos bonitas — A princeza que rompia sete pares de calçado de noite — A Branca Flôr — O filho do ladrão — O afilhado de S. João — O forte no meio do mez — O preto fingido — O monte de ouro — San Pedro — A vacca e o lobo — O parvo — O celleiro.*» (1)

Os contos remettidos pelo sr. Dr. Ernesto do Canto, fôram passados á escripta por uma criança, e traziam na redacção toda a ingenuidade da dicção popular. Cortadas as repetições usuaes, explicadas pela conhecida locução — *Quem conta um conto acrescenta um ponto* — fixamos uma redacção pura, sem a incongruencia do improvisador momentaneo, nem o artificio do litterato. Parece-nos este o verdadeiro meio de obter a fórma definitiva, simultaneamente ethnica e artistica do Conto: fazel-os redigir por crianças, verdadeiro ponto de transição entre a alma popular e a intelligencia culta. Os contos passados á escripta por meninas adultas vêm eivados de divagações romanticas, taes como *explicações* dos actos, *nomes* de personagens e *considerações* religiosas. Assim encontrámos preciosos contos do Algarve, muitos dos quaes tivemos de regeitar da nossa collecção. O nosso excellente amigo Reis Damaço tambem nos descreve em uma carta o processo da investigação novellistica no Algarve, d'onde é natural: «Equeceu-me tambem marcar-lhes a proveniencia, porque não obstante as tradições que entreguei ao meu bom

(1) Muitos d'estes contos apparecem na tradição continental, d'onde fôram colligidos para os *Contos populares portuguezes*, Lisboa, 1879; taes são: *José pequeno* (n.º 21), *Maria Subtil* (n.º 42), *Duqueza* (n.º 60), *O filho da burra* (n.º 22), *Branca Flôr* (n.º 14), *O afilhado de S. João* (n.º 19), *San Pedro* (n.º 28). Além d'estes, não incorporamos outros, posteriormente publicados na citada collecção de 1879, como: *A cobra que ia dar destroço á cidade* (n.º 49), *O passo franco galante* (n.º 27), *Os trez irmãos que iam vender fructa á cidade* (n.º 45), *Carvoeiro que vende as tres filhas* (n.º 16), *Pedreiro que foi pedir obra ao rei* (n.º 24), *Maria das Silvinhas* (n.º 58).

amigo e mestre serem escriptas por trez senhoras, ellas não são todas da mesma terra. Acabo de receber uma carta do Algarve, em que se me diz que tem havido grandes difficuldades para se obterem os Contos, porque as velhas não os querem narrar nem á mão de Deus-Padre. E' preciso gastar dinheiro e tempo; paciencia, sobretudo, é que é muito precisa. Só o amor que tenho por estas coisas me força a fazer despesas extraordinarias, como uma correspondencia aturada para cá e para lá, quasi todos os dias, devendo tambem satisfazer a algumas exigencias de amigos. Um me diz, por exemplo, que teve de ir de um para outro ponto distante, gastando na diligencia uns tantos réis, só para me obsequiar, e que *uma velhinha de cem annos recebeu tambem uns vintensitos pelo trabalho de contar.*»

Na exploração que fizemos na provincia do Minho soube-mos da existencia de um patranheiro de fama, por alcunha o Cucu, quasi narrador de profissão; ouvimos-lhe muitos contos, que passámos á escripta, mas á sua dicção era sobretudo notavel pelas construcções linguisticas, fórmãs dialectaes, locucções de giria, com uma prolixidade de repetidos parallelismos e com uma incongruencia verdadeiramente infantil. Temos aqui representados os trez mais puros vehiculos das tradições populares, as *crianças*, como na ilha de San Miguel, as *mulheres* e *velhas*, como em San Jorge e no Algarve, e os *homens* do povo, como nos contos do Minho. O estylo prolixo dos Contos foi conhecido por Soropita no seculo xvi, e Francisco Lobo imitou-o habilmente em um conto da sua *Côrte na Aldeia*; (1) é este o vicio que amesquinha o alto valor tradicional dos *Contos e Historias de proveito e exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso, que pela primeira vez vulgarisamos, destacando-os dos exagerados preambulos e divagações do nosso quinhentista. Para completar a tradição portugueza nas suas ramificações coloniaes, poderiamos incorporar na nossa collecção alguns Contos brasileiros publicados pelo sr. Sylvio Romero, (2) e fórmãs metrificadas, col-

(1) E' extremamente curioso o Dialogo X: Da maneira de contar historias na conversação.

(2) Na collecção dos *Contos populares do Brasil* acha-se os seguintes com paradigmas no nosso presente trabalho: *Os trez coroados*, *Rei Andrada*, *O passaro preto*, *Dona Pinta*, *A moura torta*, *Maria Boalheira*, *A Madrasta*, *João Gurumete*, *Manoel da Bengala*, *Cova da Linda-Flôr*, *João e mais Maria*, *A Formiga e a Neve*, *O Matuto João*, *A mulher dengosa*. Este facto confirma as palavras de Barbosa Rodrigues sobre os Contos brasileiros: «alguns contos tenho colligido, posto que tenham a singeleza infantll e mesmo uma poesia natural, não consti-

ligidas na ilha da Madeira pelo sr. Dr. Alvaro Rodrigo de Azevedo no *Romanceiro* d'aquelle archipelago. (1) As formas metrificadas do conto são de uma extraordinaria importancia; em muitas versões ainda se conservam fragmentos em verso, sobretudo nas partes em que se reclamava mais attenção, e d'onde parece inferir-se que a redacção mais genuina e primitiva fôra em verso. Só na tradição da ilha da Madeira é que se tem encontrado com frequencia contos completos em verso, talvez de elaboração secundaria da tradição popular pela facilidade espontanea da formação da redondilha assonantada. Da ilha de S. Miguel tambem recebemos o *Caso do tio Jorge*, que é um fabliau da Edade Média, em forma metrificada.

Na linguagem popular existem muitas designações para estas narrativas novellescas, como: *Historias, Casos, Contos, Exemplos, Lendas, Patranhas, Ditos, Fabulas*, synthetisando-se todas na locução de *Contos da Carochinha*, da mesma forma que em França ha a expressão generica de *Contes de la mère Oie* e *Contes du Vieux Loup*. Embora o povo confunda essas variadas designações, existem entre ellas differenças conforme a narrativa é maravilhosa, anedoctica ou moral; em todos os povos europeus destacam-se estas trez cathogorias, como na Allemanha o *MARCHEN*, a que correspondem o *Conto, Cuento, Conti* ou *Racconti* das nações-románicas, e os *Tales* da Inglaterra; depois o *SAGEN*, ou a nossa *Lenda, Historia, Storie*, e com intuito moral o *Exemplo, Exempi, Conseja*; por ultimo o *SCHWANK*, a que correspondem as nossas *Facecias, Patranhas, Ditos, Chistes* e *Contrafavole*. Uma grande parte d'estas designações novellescas tomou sentidos especiaes; as *Lendas* tornaram-se agiologicas, os *Exemplos* converteram-se em sermões parabolicos, as *Fabulas* e *Novellas* tornaram-se exclusivamente litterarias, os *Ditos* entraram na exploração das encyclopedianas, vindo por ultimo as narrativas tradicionaes a serem designadas por uma expressão geral mas caracteristica.

Sobre esses trez typos novellescos classificamos os complicados elementos da nossa collecção, separando os Contos de evidente caracter *mythico* para um lado, as *facecias* para

tuem lendas; são simples historias quasi todas eivadas de superstição e seladas com o *cunho europeu*, e raras vezes mesmo africano.» (*Revista brasileira*, t. x, p. 24.)

(1) Os contos em verso da tradição madeirense são: *A mulher do almocreve* (Rom., p. 321), *As trez cidras do amor* (Rom., p. 340), *A gata borralheira* (ib., p. 364), *Os encantos da grande fada Maria* (ib., 391), *O macaco* (ib., p. 454), *A carochinha* (ib., p. 457).

ontro, e destacando os *Exemplos* de thema tradicional e fórma litteraria em que houve um manifesto intuito moral. A importancia d'estes elementos da tradição popular resulta do seu estudo comparativo, por onde se vê que a humanidade elaborou em todos os pontos do globo, entre diferentes raças e diversos grãos de civilização, um certo numero de themas phantasistas com que exprimiu as suas concepções dos phenomenos cosmicos e moraes. E' incalculavel a somma de materias bibliographicos que existe hoje em todas as litteraturas para este processo comparativo.

A erudição sobre a Novellistica comparada está feita e ao alcance de todos; as notas opulentissimas de Reinhold Köhler, ás collecções das *Novellas sicilianas* de Laura Gonzemback, ás de Widter e Wolf, ás de Bladé e ás de Stephanovic, prestam-se a pôr em caminho todos os que investigarem contos que tenham paradigmas nas referidas collecções; para o elemento oriental temos as notas ao *Pantchatantra* de Benfey; a traducção de algumas *Novellas* de Straparola, por Schmidt, acompanhada por notas, bem como as notas de Grimm e as comparações com os Contos russos por Gubernatis, não deixam ter vaidades sobre este indispensavel apparatus critico. Ha monographias especiaes, como a de Gaston Paris sobre o *Petit Poucet*, de Comparetti sobre o *Sindabad*, de Max Muller sobre a *Bilha de Leite e Baarlam e Josaphat*; sobre *Os dois irmãos*, por Lenormant; a das *Trez cidras do amôr*, por Stanislaô Prato, bem como de Liebrecht sobre o mytho de *Psyche*. Hoje o difficil é não nos aproveitarmos do trabalho dos outros.

Os Contos tradicionaes são immensamente sympathicos ás crianças, e já Platão os considerava como um excellente meio de educação. No seu tratado da *Republica* escreveu: « Tu não sabes que os primeiros discursos que se dizem as crianças são fabulas!.. Consentiremos que ellas ouçam toda a casta de fabula forjada pelo primeiro que se aproxima? Recommendaremos ás amas e ás mães para só contarem aquellas que forem escolhidas e servir-se d'ellas para lhes formar as almas com mais cuidado do que o que empregam em tratar-lhes dos corpos.» (1) Este emprêgo foi sempre seguido nas escolas greco-romanas, como se vê pela transmissão das Fabulas esopicas, adoptaram-no os prégadores da Edade Media nos sermões com Exemplos, e ainda M.^{mo} De Beaumont o generalizou no fim do seculo xviii. O intuito pedagogico desnaturou o Conto com o exclusivo fim moral; perdeu-se a intuição da belleza tradicional, da singeleza popular, e a poesia espontanea

(1) Trad. Cousin, t. ix, p. 105 e 106. Du Ménil, *Fable esopique*, p. 32.

do passado achou-se substituída pela invenção pedante dos mestres. Sé depois da renovação da Pedagogia como sciencia applicada da Psychologia, é que os Contos tradicionaes e os Jogos infantis fôram considerados como elementos de educação, aproveitando antes de tudo as primeiras curiosidades do espirito e a coordenação dos movimentos, Visámos tambem a este fim, velando a nudez de algumas narrativas, ou deixando fóra da nossa collecção contos cujas situações perturbariam a ingenuidade infantil. Para pôr a mão sobre este problema pedagogico é preciso uma grande pureza de alma, sem os rancôres das mediocridades auctoritarias, que pensam mais em impôr-se do que em ser uteis. Se a importancia dos Contos tradicionaes é evidente para a educação das crianças, é extraordinario o seu alcance como documento de psychologia popular. E' no Conto que se conservam os vestigios das concepções da intelligencia primitiva do homem emocional, como diria Spencer, ácerca dos phenomenos da natureza, personificados n'essa fórma tão complexa, tão variavel e tão pittoresca do Mytho, esse fundo de *subjectivismo* d'onde saíram as Religiões, as Supertições, as Epopêas, os Contos, Proverbios, os Enigmas e as fórmulas symbolicas da Arte e o Direito. Pelo estudo comparativo dos Contos, simultaneos e communs ás raças amarellas, kuschito-semitas e áricas, desde as tribus selvagens ás civilisações europêas, é que se descobre a importancia d'este documento ethnico, fazendo da Novellistica um importante capitulo da Psychologia collectiva, como a conceberam Herbart e Waitz.

BIBLIOGRAPHIA DE CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

- Historias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso. Lisboa. Antonio Alvares. 1575. 1 vol. in-8.º
- Contos populares portuguezes*, colligidos por Francisco Adolpho Coelho. Lisboa. 1879.
- Contos tradicionaes do Povo portuguez*, com Notas comparativas e um Estudo sobre Novellistica geral. Porto. 1883. 2 vol.
- Contos nacionaes para creanças*, por F. A. Coelho. Porto. 1883. 1 vol. in-32.º
- Portuguez Folk-Tales*, collected by Consilieri Pedrosso and translated from original ms by Miss Henriqueta Monteiro, with an Introduction by W. R. S. Ralston. London, 1882. 1 vol. (Na *Revista lusitana* fôram publicados 15 d'estes Contos da collecção portugueza. — Aham-se actualmente impressos em volume independente.)
- Romanceiro do Archipelago da Madeira*, collig por Alvaro Rodrigues de Azevedo. Funchal. 1881. (Traz alguns Contos metrificadoss extensamente.) In-8.º
- Contos tradicionaes do Algarve*, por F. Xavier d'Athayde Oliveira. Tavira. 1900. Vol. I, de 480. In. 8.º grande. Vol. II. Porto. 1905. In-8.º grande de 527.
- As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve*, por F. Xavier d'Athayde Oliveira. Tavira. 1898. 1 vol. de 309 p.
- Contos populares do Brasil*, colligidos pelo Dr. Sylvio Romero, com um Estudo sobre a *Novellistica brasileira* e Notas comparativas por Theophilo Braga. Porto. 1885. 1 vol. in-8.º de 235 pag.
- Contos tradicionaes portuguezes* (Para as crianças) por Anna de Castro Osorio. Com illustrações de Rachel Gameiro e Hebe Gonçalves. Setubal, 1906. In-8.º de 129 p. (2.ª ed.) — Outro: Setubal. 1905, de 144 p. — Outro: Setubal. 1905. In-8.º de 143 p. — Outro: Setubal, 1906, in-8.º, de 143 p. (Formam a BIBLIOTHECA INFANTIL: 11.ª, 12.ª, 13.ª e 14.ª séries).
- Old Decan Days*, or bindoo fairy Legends corrent in Southern India collected from oral tradition, by M. Frere. London. 1870. In-8.º xxxvi - 300 p. (Importante sob o ponto de vista portuguez, pois fôram narrados estes Contos por uma portugueza, Anna Liberata de Sousa, com o retrato d'ella).

DA NOVELLISTICA POPULAR

SUA ORIGEM, PERSISTENCIA E TRANSMISSÃO

Os phenomenos que mais directamente nos tocam são os que mais tarde e difficilmente se observam. A Sciencia social é a ultima que veiu a constituir-se como o desenvolvimento final da synthese objectiva realisada pelas Sciencias cosmologicas e biologicas tornadas positivas ; a maior parte dos estudos necessarios para o estabelecimento d'essa sciencia do phenomeno social, têm-se dividido em sciencias concretas, como a Anthropologia, a Ethnologia, a Philologia, a Mythographia, a Psychologia, a Litteratura comparada e, que explicando o presente pelas suas relações ininterruptas com o passado, nos revelam estados primitivos da consciencia, e esse periodo emocional d'onde saiu o accôrdo affectivo das primeiras sociedades humanas.

Uma vez achado este criterio, muitos factos que passariam desapercibidos ou sem sentido, projectam uma luz immensa sobre as concepções mentaes, sobre os costumes sociaes do presente, logo que elles se approximam de factos semelhantes que existiram ou ainda subsistem entre povos que nunca se conheceram, entre raças incompativeis entre si, ou entre civilisações de differente gráo e character. Descobertas historicas importantes determinaram esta modificação do criterio scientifico ; a comparação dos caracteres das raças humanas pelos anthropologistas, o confronto dos costumes dos povos selvagens pelos viajantes, a descoberta do sanscrito dando a base para o estabelecimento da filiação mutua das linguas indo-eu-pêas, a leitura dos caracteres cuneiformes e hieroglyphicos da Chaldea e do Egypto desvendando os Livros sagrados d'essas civilisações, as suas ideias moraes e estheticas, a renovação dos estudos classicos pela approximação das Litteraturas dos dados archeologicos, e por ultimo o interesse pelos documentos da Edade Média da Europa na qual foi elaborada a civilisação moderna, tudo isto convergiu para dar á intelligencia um mais elevado ponto de vista pela relação de factos que isoladamente não apresentavam sentido algum e que eram

como letra morta. Assim pelos usos populares, por costumes locais, por locuções repetidas automaticamente, por anexins, por parlendas infantis, por habitos domesticos pôde Jacob Grimm reconstruir o systema religioso da antiga raça germanica obliterado sob a cultura romana e pela assimilação catholica. Com a intuição do genio creador, encetou Jacob Grimm a investigação dos Contos populares nos varios estados da Allemanha, no comêço do seculo XIX, quando esta forma tradicional, desnaturada pelas divagações litterarias, parecia condemnada a perder-se na transmissão oral inconsciente. Jacob Grimm e seu irmão publicaram entre 1812 e 1814 a collecção do *Kinder und Hausmarchen*, revelando que essas narrativas espontaneas continham uma riqueza de phantasia que ultrapassava todo o poder da invenção artistica, e mais ainda, que essas situações dramaticas, esses personagens phantasticos eram os ultimos restos das concepções mythicas dos povos áricos, que se fôram transformando para se adaptarem á corrente da civilização moderna. «Uma vez que Grimm nos abriu os olhos, tornou-se impossivel o desconhecer a identidade de certos herões locais e de deuses antigos, a identidade das empezas attribuidas a uns e a outros respectivamente pela tradição e a mythologia. O problema consistia em saber d'onde provinha esta identidade.» (Max Müller, *Nouvell. Etudes de Mythologie*, p. 76.)

A these era fundamental; não sendo possivel dar-lhe logo a evidencia da demonstração, pelo menos o confronto com tradições similares de outros povos levava a critica a considerar esses productos, aparentemente caprichosos, como documentos ethnicos e psicologicos de alta importancia, provenientes de um fundo primitivo commum, ou correspondendo a epochas e cruzamentos de raças anteriores aos tempos historicos. D'esta comprehensão séria nasceu o interesse com que começavam o ser investigados os Contos populares em todos os paizes, alargando-se cada vez mais o campo comparativo e facilitando-se por esse meio a organização de determinados cyclos de ficções, e a demonstração dos elementos mythicos de que elles são o ultimo vestigio. Jacob Grimm foi seguido immediatamente em 1817 por Frederico Schmidt, que na sua traducção de dezoito contos da collecção das Novellas italianas de Straparola ajuntou a maior somma de elementos comparativos colhidos nos novellistas da Renascença, nos fabliaux da Edda Média, e nos livros orientaes; o proprio Grimm, em 1822, anotando a sua collecção, systematisava o processo critico da Novellistica tornando-a um capitulo essencial da Mythographia. Secundaram os esforços de Grimm em diferentes paizes e Affanasieff, Castren, Liebrech, Köhler, Ralston, Gaston Paris, Comparetti, Ancona, Gubernatis e Pitré, criando-se associações de *Folk-Lore* por toda a parte.

Se para Michelet a historia era uma resurreição, e o que penetrava os documentos da antiguidade *passava o rio dos mortos*, pela nova direcção achada por Jacob Grimm era possível remontar através das affluentes do curso das tradições poeticas á nascente primitiva da expressão emotiva de todas as concepções intellectuaes—o Mytho.

A importancia do problema foi comprehendida em toda a Europa, publicando-se successivamente collecções de Contos populares dos povos slavos e das raças amarellas, dos povos romanicos e germanicos, e até das populações selvagens da Africa. Os trabalhos de Theodoro Benfey, sobre o *Pantchatantra* da India, ajudaram enormemente a restabelecer a cadeia tradicional do Oriente para a Europa, bem como os trabalhos de Silvestre de Sacy vieram esclarecer a acção directa da transmissão dos Arabes; os estudos e recensão sobre as Fabulas de Esopo restabeleceram a continuidade das tradições greco-romanas, que Robert accentuou nos Fabliaux dos trovadores francezes, e pela investigação das fontes do *Decameron* de Boccacio se fixou esse fundo de persistencia litteraria das tradições novellescas que se encontra nos Exemplos moraes dos pré-gadores da Edade Média, desde o *Gesta Romanorum* até aos Novellistas cultos da renascença em Italia.

A critica litteraria, coadjuvada pelos modernos trabalhos de philologia, tem procurado fazer alguma luz n'este complicado problema da Novellistica, em que se distingue por um saber especial o Dr. Reinhold Köhler, da bibliotheca de Weimar; podem-se reduzir a três as questões d'este intrincado problema:

- 1.^a Qual a origem dos Contos, communs a quasi toda a humanidade, entre povos diferenciados, pela raça, pela civilização e afastados por espaços e regiões diversas.
- 2.^a Qual a forma da sua transmissão entre as diferentes raças e civilizações.
- 3.^a Qual o gráo de persistencia nas sociedades modernas.

A estas complexas questões tem-se respondido com mais ou menos intuição, mas sem a segurança de um methodo scientifico. E' certo que os Contos têm relações com mythos primitivos, de que são uma ultima transformação; porém, esses mythos não estão sufficientemente esclarecidos, d'onde resulta que a interpretação novellistica cada vez mais se confunde. Ha raças que pela sua situação só desenvolveram os mythos solares, e outras que exerceram a sua imaginação formando mythos sideraes, meteorologicos, chthonianos e agricolas. «Kuhn, foi o primeiro que fez notar os estadios successivos da vida civilisada, pela sua repercussão sobre as mythologias das diversas nações, que eram de uma só nação em diferentes epocas. Houve indubitavelmente uma mythologia

dos caçadores, dos pastores, dos agricultores, e tambem uma mythologia maritima, mas parece-me que as tentativas de Kuhn para definir estes periodos peccam por muito systematicas. Em Mythologia, quer-se uma larga evlução duradoura, analoga aos trez grandes periodos da civilisação que o Comte distingue em *offensiva*, *defensiva* e *pacifica*.» (Max Müller, *op. cit.* p. 41.) Mas antes de tudo, importa estabelecer uma clara noção psychologica do *Mytho*, producto variadissimo de um estado mental caracteristico. Por aqui se vê quanto perigoso não será para o critico o reduzir a interpretação dos Contos a um systema unico. As analogias de Contos asiaticos com outros que apparecem entre as populações negras da Africa obrigam á formação de hypotheses gratuitas sobre o modo de transmissão pelo contacto com os viajantes europeus. A investigação dos contos das raças da America veiu complicar mais o problema, e tornar inefficaz a theoria dos mythos solares para a interpretação da Novellistica.

Entre o periodo de inconsciencia primitiva em que as impressões dos phenomenos do mundo exterior eram identificadas com as representações subjectivas, e em outro periodo de observação critica e de experimentalismo, houve uma phase *aprioristica*, de contemplação ou intuição mystica, de interpretação allegorica, analogica, em que a *imaginação* prevalecia sobre a *razão*, submettendo-a ás suas expressões metaphoricas, comparações, symbolos e differenciações pelos generos. A linguagem verbal creou-se n'esta actividade mental, e todas as palavras reflectem ideologicamente esse anthropomorphismo e sentido ideologico primitivo. Aristoteles, que fixou os processos mentaes na Logica, definiu estes dous pólos da mentalidade humana em *Philosophia*, ou o pensamento especulativo systematisado em uma concepção geral, e a *Philomythia*. Assim como a racionalidade humana creou concepções geraes de Cosmogonias e Theogonias, antes de se elevar á systematisação philosophica, tambem creou Mythos de todos os phenomenos inexplicaveis. *Ad ignotum per ignotia*. A mentalidade mythica exerceu-se muito antes de systematisar as creações religiosas, exprimindo-as por mythos figurativos das divindades. Admirando a clara comprehensão de Aristoteles, á *Philosophia*, conhecimento das noções abstractas, chamariamos *Noologia*, e á *Philomythia*, conhecimento representado, *Noomythia*. Esta tão bella noção da Psychologia primitiva, tem faltado aos que estudam os Mythos, considerando-os no seu aspecto hierologicos, e nos systemas religiosos da India e da Grecia, já profundamente alterados pelas coordenações theologicas e sacerdotaes symbolisadas no culto. Desde a simples Canção ou Hymno, a expansão do sentimento affectivo encontra a expressão no Mytho com a mesma naturalidade com que hoje em dia se repete na tradição popular, em que

a Aurora, o Sol, a Noite e a Terra são ainda mythificados :

Despediu-se o *Sol* da *Aurora*,
A *Aurora* fica chorando ;
— Cala-te, Aurora, não chores,
Que eu te direi até quando.

(*Canc. pop. port.* 1, 271.)

D'onde vindes, bella *Aurora*,
Por onde andastes 'té agora ?
«Alegra-te, mulher forte,
Que a *Noite* te parecia a morte.

(*Id.* II, 207.)

O Sol no hymno popular é esse heroe que morre prematuramente, cantado nas vetustas epochas das dynastias solares :

O *Sol* quando nasce é Rei,
Ao meio dia é morgado ;
De tarde elle está doente,
A' noite é sepultado.

Já lá vem o *Sol* nascendo,
Que é o *Rei da Alegria* ;
Quem se pôde esquecer d'elle,
Se nasce todos os dias ?

A Terra e os seus productos, que Mannardt considerava a principal fonte mythica, ainda hoje encontra a mesma concepção popular :

Oh Terra, que tudo erias,
Oh Terra, que tudo comes,
Oh Terra, que hasde dar conta
Das mulheres, mais dos homens.

O Trigo é *pae da gente*,
O Milho é *seu irmão*,
O Centeio é *seu primo*,
Oh que bella geração.

(*Canc. pop.*, 1, 316.)

O conhecimento dos caracteres observados, para representar os objectos, tomava a fórma de um saber occulto especial, constituindo os *Enigmas*, que se explicam por Contos. Em

uma Adivinha popular portugueza, acha-se esta tradição que penetrou do povo arya nos Hymnos védicos, descrevendo o Céu :

Curral redondo,
Vacas ao lombo,
Môço formoso
Cão ravinioso ?

Portanto o Mytho não foi uma doença da Palavra, como julgou Max Müller; foi o exercício d'essa faculdade ou estado mental da *Philomythia* (Aristoteles) ou psicologicamente *Noomythia*. São coévos e simultaneos os Mythos, que deram corpo aos Deuses, e os Mythos que se desenvolveram em Contos.

«Quasi todos os mythographos sérios concordam sobre este principio fundamental: «que os Deuses fôram originariamente as representações personificadas dos principaes phenomenos da Natureza (Platão, *Cratylo*); os factos que nós consideramos como acontecimentos naturaes fôram tidos por actos d'estes personagens, e desde que se tornam agentes d'estes Contos maravilhosos que effectuaram, necessariamente resultou d'esta concepção das faculdades as obras da Natureza, como emanando de um acto de vontade individual, e não tardou em engendrar Contos do mesmo genero, embora faltasse o assumpto.» (Max Müller, *Nov. Estudos de Mythologia*, p. 50.) Chegada a este ponto a identificação dos phenomenos naturaes em Deuses, estes fixaram-se como typos de superioridade, a que se compararam as individualidades humanas preponderantes, os Heroes, (semi-deuses) e por fim identificar-se uma realidade de perssonagens historicos. A representação dos deuses em figuração humana, *anthromorphismo*, é uma obra theogonica do genio grego que actuou na Civilisação

«A grande importancia dos citados cantos e Contos populares, transmittidos pelos velhos Aryas da India, são encontrados em nosso tempo em certas tribus aryanas. (Lettes, Russos, Germanos) é a facilidade que elles nos offerecem de antevêr a genese dos Mythos, o mesmo que dizer a propria evolução da intelligencia popular, pelo phenomeno da formação mythologica. . . » (Max Müller, *Nov. Estudos de Myth.*, p. 73.)

Desde Huet com a celebre *Dissertação sobre a origem dos Romances*, escripta para acompanhar o romance *Zaida* de M.^{me} de Lafayette, derivam-se do Oriente todas essas ficções, não por documentos, então ignorados, mas por considerandos subjectivos, sobre o estylo imaginoso, figurado e allegorico dos Indios, Persas, Egypcios e Arabes. Limitou-se a *Dissertação* do erudito bispo de Avranches como mero ponto de partida para a critica que a transmissão das fabulas e contos se derivou da India; Silvestre de Sacy, Loiseleur des Longchamps,

Benfey e Max Müller, no seu ensaio sobre a *Migração das Fabulas*, adoptaram esta corrente tradicional. Porém a descoberta de Contos tradicionaes na civilisação do Egypto, e a origem semitica de muitas fabulas e mythos hellenicos, levam a reconhecer outros focos de irradiação. Por ultimo, a grande persistencia dos contos nas raças amarellas, tendencia aproveitada pela revolução religiosa do Buddhismo, e que ainda hoje se observa nas raças nomadas da Alta Asia, nos Kalmucos, nos Avaros, no elemento tartaro dos povos slavos, onde esta vivacidade tradicional é enorme, coadjuvam a fixar melhor o problema das origens ligando a investigação do sentido *mythico* ao exame da situação *social* representada nos contos. Assim esses trez dados do problema devem ser estudados simultaneamente. Vamos tentar uma coordenação da Novelística segundo estas indicações.

Assim como nas religiões mais abstractas e nos cultos mais humanos, como o prova Tylor, subsistem concepções e ritos persistentes de estados moraes inferiores, tambem nos Contos populares das nações ainda as mais civilisadas conservam-se elementos da phantasia e do modo de vêr das tribus selvagens. E' por aqui que se deve começar a genealogia das ficções. O facto de existirem contos communs ás tribus negras da Africa e ás civilisações da Europa, indica-nos o caminho para restabelecer a evolução mental, subindo das concepções concretas até ás noções as mais abstractas. Na morphologia dos Contos ha um desdobramento gradual que corresponde ao progresso mental: a *Fabula*, nascida de uma simples comparação material, eleva-se ao intuito moral no *Apologo*, fixando-se na fórma litteraria, e dissolvendo-se na corrente oral que apenas conserva a conclusão ou moralidade do *Anexim*. A Fabula, depois da Metaphora, é a fórma a mais rudimentar do conto; nasce d'esse estado mental subjectivo, e d'esse sentimento religioso do animismo em que se dá falla ás cousas inanimadas, como as pedras; esta faculdade subsiste ainda nos processos rhetoricos da *prosopopêa*, e nas imprecções espontanea do povo. Nos habitos populares aquelle que descreve reduz tudo á fórma de narrativa dialogada, e o que escuta muitas vezes confunde a expressão concreta das figuras da linguagem com uma realidade. E' frequente nos contos populares a anthropophagia; e os poderes magicos das pedras, das plantas e dos animaes representam um estado mental a que corresponde na religião o período *fetichista*. E' este o verdadeiro ponto de partida para a investigação da origem dos Contos; os Mythos sideraes ou solares correspondem já a um elevado estado mental em que predominam as concepções *polytheistas*, em que as forças da natureza se anthropomorphisam, e por isso os Contos não podem ser exclusivamente interpretados por um systema de concepções mais adiantadas

do que muitas das situações que encerram. Nos Contos ha o conflicto de sêres malévolos, elemento preponderante na credulidade fetichista, e os poderes magicos são um caracteristico de cultos decahidos e de raças escravizadas, que já se não encontram nas épocas polytheicas. A concepção de Augusto Comte sobre a successão dos periodos religiosos da humanidade, começando pelo *fetichismo*, elevando-se ao *polytheismo* e depois ao *monotheismo*, tendo a vantagem de coordenar a evolução do espirito partindo das noções concretas para as ideias abstractas, coadjuva immensamente a achar-se o nexo entre estas creações ideaes, mas inteiramente subjectivas dos Contos. (1) Grandes philologos e mythographos, desconhecendo esta transição natural dos systemas religiosos, assim como fôram levados ao absurdo de afirmar a existencia de um monotheismo inicial da humanidade, tambem collocaram o campo de elaboração dos Contos exclusivamente no periodo da actividade mythica do polytheismo, e de um modo indistincto sem observarem se esse polytheismo era semitico ou árico, porque fazem entre si profundas differenças, e os mythos se eram populares ou já systematisados em cultos. Por isto se vê que o problema das raças é tambem indispensavel para a intelligencia dos Contos; a não consideração d'este dado fez com que derivassem os Contos europeus directamente da India, sem discriminarem o elemento que compete ás raças negroides, Kuchitas e Dravidicas, e ás raças amarellas, quer as da Alta Asia, quer as que precederam os Arias na occupação da Europa. Se ainda hoje existem usos e superstições dos periodos ante-historicos da humanidade e das raças ante-historicas da Europa, porque se não teriam conservado alguns contos? As lendas das cidades arrasadas, está hoje demonstrado que derivam da tradição das cidades lacustres. Os anões habilidosos, que possuem riquezas, são o vestigio das populações metalurgicas mongoloides, como os Calybes e os Dactylos; os Peixes salvadores, do maravilhoso popular, levamos para esse mundo accadico, como as Serpentes beneficas, que se transformam em donzellas ou em principes, pertencem ao pantheon kuschito-semita. Os temas dos Contos es-

(1) No *Curso de Philosophia positiva*, t. v, p. 25, Augusto Comte caracteriza o Fetichismo: «pelo impulso livre e directo da nossa tendencia primitiva a conceber todos os corpos exteriores quaesquer, naturaes ou artificiaes, como animados de uma vida essencialmente analogá á nossa, com as simples differenças mutuas de intensidade.» E mais adiante: «os primeiros ensaios de todas as bellas-artes sem exceptuarmos a poesia, remontam incontestavelmente até á idade do fetichismo.» (Ib., p. 51.)

tão muito confundidos; importa separar-lhes os seus elementos constitutivos pelos dados da ethnographia e da hierologia, e por este processo é que nos apparecerão como uma concepção mythica, que começa no *animismo*, até chegarem á idade actual exprimindo situações modernas e historicas, anedoticas, e obras litterarias ou moraes. Na linguagem popular existem locuções demarcando as epochas da credulidade, taes como *Quando as pedras fallavam*, *Quando Deus andava pelo mundo*, *Quem quer bolota é que trepa*, e ainda um vago periodo historico, como o dos Normandos e Tartaros para a Europa, e o *tempo dos mouros* para a peninsula hispanica.

O *fetichismo*, como fórma espontanea da religião, representa tambem o estado do espirito humano na sua exclusiva concepção concreta; o homem anima todas as cousas, dá-lhes vontade propria, fal-as causas de si mesmas. Se esta capacidade se reflecte na linguagem pelas *metaphoras* arrojadas, e no symbolismo material que nos trouxe ás concepções abstractas, (como *div* e *divino*, *jus* e *justiça*), ella exerceu-se tambem pela narrativa novellesca da lucta das forças malévolas, e dos triumphos da argucia contra a ferocidade brutal. A anthropophagia nos contos, o ardil do fraco, as cavernas dos ogres, e a cooperação dos objectos inanimados são os vestigios d'este periodo immensamente poetico do fetichismo, ainda persistente nas crianças e no povo. O fetichismo apresenta uma evolução na sua credulidade, começando pela crença animista e culto dos objectos inanimados (*Manituismo*), depois o culto dos corpos celestes (*Sabeismo*), e por fim o culto dos productos naturaes (*Henotheismo*) e cousas vivas (*Totemismo*). Nos contos populares ainda nos apparece o *manitu* na boneca que se agarra ou que dá riqueza, na *cacheira*, que desanca; o *sabeismo*, em *Tom Puce*, *Pétit Poucet* ou *João Feijão* representando uma estrella da Grande Ursa; o *totem*, que nos apparece nos nomes de *Grillo*, de *Feijão*, dos anões e ladinos tradicionaes, e a *fava* que se transforma em criança, ou a raposa na sua lucta com o lobo, representando os conflictos das tribus fetichistas.

O Conto, n'este periodo social e religioso, tem outras causas que provocam a sua invenção; é uma d'ellas o *metaphorismo da linguagem*. Quando a criança falla, ainda hoje mythifica. Max Müller entendeu considerar o mytho como uma doença da linguagem; ora o mytho antes de ser expresso pela palavra é uma representação do espirito, é um estado mental. Hoje mesmo se fabricam espontaneamente contos entre o povo nascidos de analogias etymologicas, ou de equívocos de linguagem; e o que se repete com frequencia em uma idade de critica, era geral em uma idade de syncretismo mental, em que não havia uma justa relação entre a realidade e as representações subjectivas. A linguagem não podia exprimir relações geraes e abstractas; por assim dizer *significava*, adstri-

cta ao sentido concreto e esse por meio de *comparações*. Na China o vocabulo que exprime a Fabula significa *comparação* (Pi-yu). Foi comparando as cousas entre si, por meio de prosopopêas que se fizeram as Fabulas onde raras vezes entram mais de dois personagens. Os homerides representavam Achilles comparando-o ao leão cercado de caçadores e os troyanos a um bando de groues. As Comparações, assim como produziram a Fabula emquanto a differença, produziram os Enigmas pela aproximação mais ou menos pittoresca das similhanças. Estas duas fórmas tradicionaes encontram-se muitas vezes confundidas pela contiguidade da origem; os contos de Enigmas (Rathsalmärchen) são uma das fórmas mais antigas da Novellistica, pelo estado mental que representam. A propria linguagem subordinada á expressão de um pensamento, era uma figuração dramatica; *fallar* é derivado de *fabular*, o modo de communicar concretamente um pensamento, e a *palavra* é a Parábola, uma comparação trazida para uma situação determinada, e já com intuito moral. O poder das palavras, que corresponde ás religiões fetichistas propiciatorias e esconjuratorias, apparece com frequencia nos contos populares; e essa relação entre o *Nomen*, o *Omen* e o *Numen*, que Max Müller vê nos Mythos, é um metaphorismo da linguagem, porque deriva de um estado mental animista. A palavra desdobra-se como epitheto em entidades independentes; o prestigio augural faz com que se transite para a lição moral, como na phrase: *perceber a linguagem dos passaros*; o homem desabafa em prosopopêas espontaneas, como ainda hoje a criança quando se molesta em qualquer objecto material; Polyphemo desabafa com os seus carneiros, Heitor faz discursos aos seus cavallos, e Roland falla com a sua espada. Nos contos populares ha o poder maravilhoso das Pedras (*Lapidarios*), das Plantas (*Viridiarios*), das Aves (*Aviarios*); os animaes como o lobo, a raposa, o leão e o cavallo, têm relações moraes com o homem; estas situações não podiam nascer e conservar-se sem um sentido real, e esse é o de provirem de uma primitiva concepção fetichista; os *horoscopos* do nascimento, que se personificaram na acção das Fadas, são a consequencia da phase sabeista do periodo fetichico. Assentada esta base, facil é de inferir em que povos se originaram as Fabulas, e como ellas se desenvolveram passando como themas consagrados para outras civilisações que lhes deram intuito moral no *Apologo*. A raça negra é a que ainda se não elevou do culto fetichista, e as raças amarellas, como os Accadios e Chinezes, desenvolveram o seu Fetichismo de um modo abstracto synthetizando-o na abobada celeste, *An*, *Zi-An* ou *Thian*. E' n'estas duas camadas que devem ser procurados os typos rudimentares dos Contos, ainda na fórma de lapidarios e bestiarios. Assim tornam-se de facil explicação os fa-

ctos extraordinarios da simultaneidade das fabulas do cyclo da Raposa na Europa da Edade Média e nas populações selvagens da Africa, como se vê pela collecção do Dr. Bleck, e da similhaça dos contos dos zulus com os europeus, como notou Max Müller, analysando as *Nursery tales, traditions and histories of the Zulus*, colligidas por Callaway.

Na Africa septentrional, Egypto, Absynia, bérberes de Argel e Marrocos possuem um repertorio de Contos semelhantes aos Contos europeus; provieram da Asia pelo Islamismo, e diffundidos pelos bérberes entre a população da Africa occidental e central d'esse fundo europeu.

Por outro lado, já vemos sem surpresa a tradição chinesa *Dos membros e do estomago* apparecer ali com a fôrma de *A Cabeça e o rabo da Serpente*, (1) quando nunca Tito Livio teve conhecimento d'essa fonte para a transportar para a bocca de Mnenio Aggripa, nem tão pouco San Paulo para a aproveitar nas suas Epistolas. A lenda celtica de San Kadoc, que fica extatico á espera que choque o ovo que um passarinho lhe poz na mão, apparece na China, no conto de *Buddha e os ovos de passaro*; (2) a fabula de Lafontaine e os contos facetos do amante que é depilado das cans pela amásia môça e dos cabellos pretos pela velha, apparece na fôrma chinesa sob o titulo *O marido que depena a barba*; (3) emfim, até a anedocta corriqueira do sovina que ia fazer a barba a Cacilhas, e que se julgava local, lá se repete no extremo Oriente com o titulo *O crédor e o deveedor*. (4) O celebre conto da *Matrona de Epheso* foi encontrado por Abel Remusat na litteratura chinesa. E' portanto, necessario discriminar estas duas camadas anthropologicas, o elemenro negroide, representado pelos Kuschitas, e o elemento mongoloide, representado pelas tribus da Alta Asia, elemento tartaro da Russia, da Hungria e da Turquia, e a persistencia do elemento ibérico em todo o occidente da Europa no periodo ante-historico; é n'estas duas camadas que se elaboraram todas essas variedades de contos que só uma imaginação fetichista pode criar directamente mythicos, mas com intuito artistico. As tribus nomadas da Alta Asia são ainda hoje ávidas de narrativas; as fabulas, na civilisação hellenica representavam tambem no seu titulo a sua proveniencia, chamavam-se *lybicas, ethiopicas* ou *esopicas*, como quer Lassen. Foi entre as raças amarellas que o Buddhismo se propagou com as lendas do *Pantchatantra*, da mesma fôrma que o Christianismo se generalisou

(1) *Avadanas*, t. I, p. 152. Trad. de Stanisláo Julian.

(2) *Ibidem*, t. II, p. 41.

(3) *Ibid.* t. II, p. 138.

(4) *Ibid.* t. I, p. 185.

nos povos da Europa por meio das lendas kuschito semitas do Pentateuco, e por meio dos Exemplos dos pré-gadores tirados dos contos arabes. A India teve os seus mythos, que desenvolveu na fórma popular dos *Puranas*, como a Asia semitica teve outros que os doutores rabbinicos compilaram; mas não são estes o elemento ou fundo commum onde se encontram os germens dos contos geraes entre os dois continentes.

O Barão de Eckstein caracteriza as proto-civilisações, que precederam as indo-europêas baseadas sobre as noções scientificas, com as seguintes observações :

«O mundo primitivo póde dividir se em tres grandes características : ou o pensamento é expresso por *signaes* e estes *signaes* se explicam por *hieroglyphos* ; ou o pensamento se exprime por *trópos* e estes *trópos* se explicam por *parabolas* ; ou enfim o pensamento se exprime por *mythos*, e os *mythos* se explicam por *legendas*.» Estes caracteres quadram perfeitamente com o grande grupo de civilisações comprehendidas sob o nome de turanianas e kuschito-semitas. Os povos, que como o Egypto, a Chaldêa e a China se elevaram da representação ideomorpha e icastica á generalisação hieroglyphica, desenvolveram um portentoso genio artistico, quer na perfeição dos detalhes, como o chinez, quer nos effeitos geraes e na grandeza, como os egypcios e os chaldeo-babylonicos. Os povos que levaram a figuração material até á representação abstracta dos *trópos*, elevaram-se ás creações mais extraordinarias da poesia, criaram a capacidade mythica e inventaram as epopêas espontaneas, como a raças semiticas, essencialmente evehmeristas na sua historia; a *parabola*, que deriva da fórma elemental do *trópo*, é tambem o rudimento de expressão das noções moraes. O *mytho* é já um systema de concepções geraes para explicarem a complexidade dos phenomenos e é essa tendencia racional explicativa que o dissolve em legendas; a não ser esta característica o *mytho* reduzia-se á simplicidade de um *trópo*. E' esta a phase intellectual em que nos apparecem as raças áricas antes de se elevarem ás noções scientificas que caracterisam a civilisação greco-romana, e que lhes deram a hegemonia da humanidade.

Tanto nas raças amarellas, como entre a cananêa ou kuschito-semita, o fetichismo foi exclusivo, e d'ahi o caracter concreto e activo da sua civilisação, immobilizada no imperativo das ideas moraes. As fabulas das cousas e dos animaes destinadas pela sua comparação á inferencia de uma ideia moral, tornaram-se uma fórma litteraria, quer com um caracter philosophico como o *Apologo*, ou com um sentido religioso como a *Parabola*. Em sociedades que nunca se elevaram acima da constituição patriarchal, e em que a familia se dissolvia na tribu, as narrações ficticias tornavam-se uma ne-

cessidade moral, e isto mesmo vêmos nos costumes dos arabes, o ramo semita mais retardatario, que tinha os seus *ravi* ou narradores na epoca em que as tribus não estavam ainda unificadas pelo islamismo, e adoravam os seus fetiches, de qua a pedra negra da Caba se tornou o principal. E' a um elemento negroide ou kuschita que se deve attribuir esta persistencia de elementos tradicionaes entre os Semitas; no Livro dos Reis, se lê da actividade especulativa de Salomão: «E elle tratou de todas as arvores, desde o cedro que cresce sobre o Libano até ao pequeno hysope que vegeta nas paredes; e elle tratou dos quadrupedes, das aves, dos reptis e dos peixes.» Renan entende a natureza d'este saber como «*moralidades* tiradas dos animaes e das plantas, analogas áquellas que nós lêmos nos Proverbios (capitulo xxx) e ás dos *Physiologus*, que fôram tão populares na Edade Media.» (1) A proveniencia d'este movimento intellectual que se não continuou em Israel, é attribuida pelo mesmo semitologo ao elemento idumeu: «A Iduméa sobretudo, parece ter contribuido em grande parte para este movimento de philosophia parabolica; a sciencia de Théman (tribu idumita) tornou-se proverbial; o heroe e os interlocutores do *Livro de Job* são arabes e idumeus.» Remontando ao fundo do problema ethnico, Renan deduz dos trabalhos dos modernos assyriologos, que uma mesma população industrial, commercial e materialista forneceu elementos communs ás civilizações do Egypto, do Tigre e Baixo Euphrates: «A côr obscena das religiões da Assyria e da Phenicia, tão opposta ao pudor natural dos Semitas e dos Arias, o mytho cepheniano de Joppe, o culto kuschita de Sandan ou Sandak e de Adonis, as genealogias fabulosas que fazem descender Agenor e Phenis de Belus, de Lybia, de Egyptus, e os põem em relação com Cepheo e os Ethiopes, a lenda que os liga a Mémnon, explicam cabalmente eata hypotese.» Aproveitando esse elemento commum á India e á Arabia, como negroide, como o reconhece Weber, e que Renan considera com os antigos aditas da primitiva civilização do Yemen, elle recompõe muitos caracteres ethnicos: «Lokman, o representante mythico da sabedoria adita, lembra Esopo, cujo nome pareceu a Welcker contér uma origem ethiopicica (*Aisopos, Aithiops*).» Reforçando esta inferencia pelas conjecturas de D'Herbelot, accrescenta: «Tambem na India a litteratura dos *Contos* e dos *Apologos* parece provir dos Sudras. Por ventura este modo de ficção, caracterisado pelo papel que n'elle representa o animal, discrimina um genero de litteratura proprio dos Kuschitas.» (2) Em nota accrescenta

(1) *Histoire générale des Langues semitiques*, pag. 129.

(2) *Op. cit.*, pag. 321.

Renan, que o culto e a preocupação constante do animal são um dois traços mais salientes das raças kuschitas, considerando-os representantes da raça negroide da India os *Kauçikas*; foi entre esta raça que se propagou o Buddhismo por meio dos seus contos e apólogos, e foi pela irradiação do Buddhismo que um grande numero de Contos transmigraram para o Occidente e até para o Christianismo.

A descoberta do *Conto dos dois Irmãos*, no papyrus hieratico d'Orbygny, vem explicar de um modo plausível a passagem dos mythos kuschistas para a fôrma litteraria de novella, redigida sobre o lenda elaborada pelo povo. Lenormant estabelece a transição dos mythos extranhos ao Egypto para essa narrativa dos passatempos da xix dynastia, principalmente do joven principe que veiu a ser Seti II. Diz Lenormant, fallando do scribe egypcio: «Fêz como o nosso Perrault; deu uma fôrma fixa e litteraria a um conto popular, e este conto, como a maior parte dos outros entre todos os povos, não era senão um mytho degenerado, despido do seu character religioso.» (1) Como estrangeiros ao Egypto esses mythos fôram tratados sem respeito, com a espontaneidade popular da transmissão legendaria; a epoca em que se determina a entrada de clementos cultuaes estrangeiros no Egypto é na xviii dynastia, e esses mythos eram phrygios, como o de *Atys*, phenicios e syrios como o de *Adonis*, ou gregos como o de *Zagreus*. Conclue Lernormant, do confronto da acção do conto com os dados d'estes mythos semelhantes: «São estes trez mythos famosos e particularmente o de *Atys*, de que o romance dos *Dois Irmãos* reproduz todos os dados fundamentaes, e em certos casos até nos detalhes minimos e mais caracteristicos.» A traição de uma mulher desattendida, thema das lendas da vingança da mulher de Puiiphar contra José, e de Phedra contra Hyppolito, é a base do conto passado entre os dois irmãos Anpu e Batu, o seduzido pela cunhada. Estes odios feminis apparecem no mytho de *Atys*, por não ter accedido aos desejos de Cybele; como o jovem deus phrygio, Batu tambem se emacula, circumstancia a que allude igualmente o mytho de *Adonis*. Batu confunde a sua vida com a de um cedro, onde guarda o coração, da mesma fôrma que *Atys* se transforma em pinheiro. Lenormant desenvolve este parallelismo, achando o accôrdo com os complicados episodios do conto, e concluindo: «que o romance dos *Dois Irmãos* não é outra cousa senão a transformação em contos populares do mytho fundamental nas regiões da Asia anterior, do joven deus solar morrendo, e tornando successivamente á vida, mytho de que temos a versão syro-phenicia na fabula de *Adonis*, a versão phry-

(1) *Prémières Civilisations*, t. 1, p. 337.

gia na de Atys e finalmente a versão hellenisada em uma epoca ainda agora impossivel de determinar, na lenda de Zagreus.» (1) O dominio dos Pharaós da xxiii e xix dynastias sobre a Syria, determinou um certo syncretismo religioso como se vê na associação dos cultos de Byblos e do Baixo Egypto e na legenda de Osiris-Adonis; (2) os deuses cananeos Baal, Anat, Qedesch, Astarte e Sutekh entraram no pantheon egypcio. N'estes syncretismos religiosos ha a decadencia de muitos elementos mythicos, e por isso uma successiva reelaboração em lendas e contos; a crise religiosa no Buddhismo na India reflectiu-se ainda com este caracter na Asia anterior; (3) o Orphismo na Grecia e o Christianismo na Europa provocaram nas imaginações esta fórma secundaria da ficção, ou o typo do conto ou lenda. O conto dos *Dois Irmãos* restabelecendo-nos o caminho da sua derivação mythica, tem um paradigma actual entre os Bechuanas, o que nos confirma a necessidade de procurar a fórma de certos mythos, ou o typo da sua degeneração novellesca, nas raças selvagens e no elemento negroide. (4)

O que vemos com a civilização kuschita em relação aos mythos semitas, dá-se tambem com a civilização turaniana no seu contacto com os Aryas. Husson considera os *Peixes* salvadores dos contos populares como provenientes das lendas chaldeo-babylonicas; e Belloguet vê nas figuras dos Ogres e dos Cyclopes, em rivalidade com os Ulysses e Petit Poucet, como um antagonismo nos elementos das raças do Occidente. (5) Dos mythos que se acham na epopêa finlandeza do *Kalevala*, e que se reproduzem nos contos populares europeus, deduz Gubernatis, que primitivamente as raças turanianas e áricas se acharam em contacto, tendo entre si certas conformidades, hoje desconhecidas pelos diferentes grãos de civilização em que se acham. (6) Bergmann, no seu trabalho sobre os Getas, explica cabalmente este problema; tambem pelos *Contos populares esthonianos*, publicados por Frederico Kreuzwal, e annotados por Köhler, em 1869, apparecem narrativas que parecem as fórmas completas de muitos contos europeus; ahí apparece a velha feiticeira que tem prezas as donzellas, os jovens príncipes perdidos na floresta, o segredo da linguagem dos passaros, os cavallos magicos, as transformações maravilhosas, o anão intelligente e a boneco-fada. O vigessimo

(1) Ibidem, p. 391.

(2) Ibidem, p. 395.

(3) Renan, *Hist. générale des langues sémitiques*, p. 281.

(4) Husson, *La Chaîne traditionnelle*, p. 99.

(5) *Ethnologie gauloise*, t. III, p. 47.

(6) *Myth. zoologique*, t. I, p. 164 a 184.

conto esthoniano é uma variante do *Barbe bleu*, commum a todos os povos da Europa. Gubernatis interpreta o sentido mythico d'esses contos, o que é mais plausivel quanto mais atrazado está o povo a que pertencem, sendo esse o meio de pelo processo comparativo vir a determinar a intenção mythica perdida na novellistica dos povos mais civilisados. Nos *Awarische Texte*, publicados por Schieffner, acha-se tambem um conto popular bastante desenvolvido semelhante ao nosso intitulada os *Dezeseis quintaes*, que se encontra igualmente na collecção siciliana de Laura Gonzemback. Outro mysterio da tradição, desde que se desconhecer o contacto primitivo das raças nomadas da Alta Asia com os Aryas; a essas raças pertencem o grupo turaniano, e os povos que sob o nome de Lybios e Iberos, e de Eusk e Aquitanios, nos apparecem occupando o Occidente da Europa. Se um certo numero de costumes e superstições tem sobrevivido até hoje na civilisação moderna d'essas edades ante-historicas, porque não subsistirão os contos como ultimos restos de mythologias extinctas? O Tributo das Donzellas é considerado como uma degeneração mythica, como se deduz da comparação com outras lendas que tornam mais evidente essa relação. O contacto das raças nomadas ou mongoloides com os Arias (1) é que nos explica como um certo numero de fabulas e contos chinezes, como o da *Matrona de Ephesó*, apparecem na Europa sem que seja possivel descobrir uma connexão historica entre as duas civilisações. Apresentaremos um facto além de muitos já observados no dominio dos costumes e superstições populares; Gregorovius, na seu livro sobre a *Corsega*, cita um canto popular no gosto dos romances peninsulares, que nós encontramos na tradição oral do Minho em fórma de conto em prosa, adaptado aos interesses da vida moderna. Eis o *vocero* corso:

«Um rapaz das montanhas deixa sua mãe, pae e irmã e vae para a guerra sobre o continente. Ao cabo de muitos annos regressa feito official. Caminha para as suas montanhas; ninguem dos seus o reconhece. Só se dá a conhecer a sua irmã, cuja alegria é indizivel. Elle depois diz ao pae e á mãe, que ainda o não tinham conhecido, que preparem para o dia se-

(1) Eschylo cita uma fábula lybica, dizendo: «Uma fábula lybica conta que um dia a aguia ferida contemplou as pennas da flexa que a ferira, e disse:—São as nossas proprias azas que prestam o instrumento da nossa perda.» (Plutarcho, *De Musica*, XLII. Ap. Guizot, *Menandro*, p. 15). Menandro, para justificar a precocidade do seu talento, conta uma fábula da *Porca e dos bacorinhos* que nasciam sabendo praticar um certo numero de actos. (G. Guizot, *Menandro*, p. 7.)

guinte um esplendido banquete, para o qual dará bastante dinheiro. A noite pega na sua espingarda e vae para a caça. No quarto deixou o seu sacco, onde tinha bastante ouro. O pae vê estas riquezas e planêa matar o estrangeiro durante a noite. O terrivel crime é commettido. Eis que o dia chega, sôa o meio dia, e como o irmão não apparece, a irmã pergunta novas do estrangeiro: no seu terror, ella revela aos paes quem elle era. Precipitam-se então para o quarto, o pae, a mãe, a irmã;—eíl-o prostrado no proprio sangue. Então começa o lamento da irmã.»

Gregorovius accrescenta sobre este dado do *vocero* côrso: «*Esta historia é verdadeira...*» Eis a versão portugueza:

Na tradição papular do Minho, é um rapaz que regressa do Brasil muito rico; procura a cabaninha de seus paes na serra, e encontra-os muito pobres e já velhos; não se lhes dá a conhecer, e pede pousada para dormir n'aquella noite, na esperança de se dar a conhecer no dia seguinte. Durante a noite os velhos vão vêr a mala do forasteiro, e para se apoderarem da sua riqueza matam-n'o e enterram-n'o. Passados dias é que souberam da chegada do filho, e confirmada a tremenda apprehensão do seu remorso, a mãe endoudece e o pae vae entregar-se á justiça.

Para nós é este um thema primitivo, proprio de uma sociedade rudimentar que produzia situações brutaes como a que se celebra na *Silvaninha*, no *Rico Franco*, no *Dom Pedro* e outros romances tradicionaes. A sua approximação do *vocero*, côrso obriga-nos a remontar a sua origem a uma antiguidade pre-árica; na Córsega ainda existe na fôrma de verso, mas adaptada a situação ao periodo das guerras continentaes de Napoleão do principio d'este seculo; em Portugal ha ainda vestigios de fôrma poetica no romance da *Pastorinha* e *Linda Pastora*, porém a parte repugnante caiu totalmente, ficando apenas a fôrma vulgar de um caso restricto á provincia do Minho, que é a que alimenta mais a emigração para o Brasil.

Alguns contos populares actuaes correspondem ainda á linguagem symbolica das tribus scythicas, onde nasceram como modo de expressão; é assim que Plutarcho conta como o monarcha scytha Skilvarus, para mostrar aos seus cincoenta filhos que a *união faz a força*, manda juntar cincoenta varas, que reunidas não podem ser quebradas. (1) A *acção emblematica* transformava-se espontaneamente em uma *narrativa allegorica*, na fôrma de comparação (no chinês *pi-yu*; no goth. *gajuka*), ou na fôrma de *parabola enigmatica* (no goth. *fri-sahts*.) Todas estas fôrmas persistem na novellistica popular; a crença religiosa dos povos scythas, de que a lua é a mansão

(1) Bergmann, *Les Getes*, p. 146.

dos mortos, persiste ainda em toda a Europa na lenda do homem que foi arrebatado para a lua. A deusa *Artin-paça*, ou a própria lua, é que recebia em si as almas dos mortos; (1) a universalidade da lenda só se póde explicar pela dissolução de uma crença commum. (2)

O restabelecimento da cadeia tradicional só pode conseguir-se procurando os elementos ethnicos e anthropologicos communs aos differentes povos. É assim que a enorme dispersão das raças mongoloides para o occidente e norte da Europa, bem como o seu fetichismo inicial, nos explicarão as condições de unidade de certas fabulas e contos europeus que ainda hoje se vão encontrar no estrêmo Oriente. Os philologos não se atreviam a recuar para traz das raças áricas, e por isso estes problemas, muitas vezes incompativeis com as concepções polytheistas, eram explicados por communicações historicas forçosamente recentes. São enormes as relações dos contos e crenças do povo portuguez com o folk-lore da Russia; este facto toma uma verdadeira importancia quando se vê que se generalisa ao occidente europeu. Diz Gubernatis: «Tem causado certa impressão a grande parecença dos Contos sicilianos com uma dada serie de Contos russos; mas todo o pasmo deve cessar, se se pensar simplesmente que a proveniencia da um grande numero de contos russos e sicilianos é commum, isto é, essencialmente byzantina.» (3) A causa da unidade é mais remota; a Russia foi povoada por uma enorme camada de elemento mongolico, e o elemento lybico e iberico do Mediterraneo, vindos da Asia meridional pertenceu a essa mesma raça. Assim se determina este fundo ethnico commum, pelo qual se comprehende a identidade das tradições da Russia com as da Sicilia e Portugal, phenomeno tambem notado por Max Müller entre as tradições dos Zulus com as da Europa, bem como das awáricas e kálmucas, e especialmente das tradições chinezas com a Europa occidental. (4)

(1) Ibidem, p. 216.

(2) Vide sobre esta lenda o estudo de Stanislao Prato, *L'Uomo nella luna*, onde vem bastantes dados comparativos.

(3) *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 36.

(4) Além da *Fabula dos Membros e do Estomago* e da *Matrona de Epheso*, communs á China e á Europa, temos, entre outras já citadas, a do *Joven Brahmane que suja o dedo* (*Avadanas*, p. 223,) que se repete em Portugal, na Allemanha e na Escocia (*Contos populares portuguezes*, pag. VIII; a disputa dos dois demonios (*Avad.*, t. II, pag. 8) analogo ao conto da cacheira, botas de sete leguas e toalha-meza. Dá-se egual similaridade com o romance da *Donzella que vai para a guerra*.

Nos estudos da Novellistica ainda se não tinha determinado este fundo proto-historico da civilisação humana, attribuindo estes documentos similares de tradições importantes á phrase vaga—*identidade dos processos do espirito humano*, quando apenas são os fragmentos que ficaram de uma raça que formou as concepções fetichistas, as quaes para outras raças mais especulativas se conservam como ficções.

Nas civilisações que chegaram ao periodo das religiões *polytheistas*, é que os mythos tendendo a uma unificação espontanea, recebem quasi que exclusivamente uma representação anthropomorphica. Comte notou o modo d'essa unificação, como na arvore que synthetisa a floresta, e no homem que é a manifestação da vontade. As raças Semitica e Arica distinguem-se das raças e civilisações anteriores pela sua elevação ao *polytheismo*, conservando em si os elementos recebidos do contacto com os kuschitas e mongoloides. Ha entre estas duas raças superiores differenças provenientes não só dos seus cruzamentos ethnicos, como já notámos, mas do seu meio ou habitat; o polytheismo dos semitas é *anthropopathico*, ao passo que o dos árias é *anthropomorphico*. Na investigação dos mythos primitivos que subsistem ainda nos Contos populares, importa distinguir esta dupla proveniencia, sem o que infalivelmente se vae cair em um systema artificial de allegorias. No seu estudo sobre as origens do *Petit Poucet*, Gaston Paris parte d'esta distincção essencial: «Sabe-se que os povos indo-europeus não possuem e nunca possuiram religião propriamente sideral. Os deuses da nossa raça são a personificação mais ou menos distincta e mais ou menos antiga dos grandes phenomenos naturaes. Nascidos provavelmente em um paiz de montanhas, sob os climas violentos da Alta Asia central, a religião indo-europêa tem em cada um dos seus mythos o vestigio da alegria ou do medo que lançavam na alma ainda quasi que unicamente sensível dos homens de outr'ora convulsões terríveis, mas muitas vezes beneficis, que elles tinham de soffrer sem recursos de defeza.» É por isso que os principaes mythos se baseam sobre os phenomenos da successão do *Vêrão* e do *Inverno*, o grande drama mythico de todos os povos indo-europeus, conservado ainda nos costumes e festas civis de toda a Europa; o Vento e as Nuvens, o Relampago, o Sol repellindo as sombras da Noite, a Aurora sendo seguida pelo Sol, ou no crepusculo vespertino sendo sepultada pela Noite, eram representados no drama religioso do culto, nas tradições sociaes ou nacionaes da Epopêa, e nas conversas e lendas domesticas dos Contos e Enigmas. A vida pastoral era transportada para os phenomenos metereologicos, e as nuvens eram as Vaccas, o sol era o Pastor, o vento o Rakchasa ou ladrão que as escondia na caverna, finalmente o céu era a grande Arvore da vida que cobria o mundo. Fo-

ram estes mythos, que persistiram na civilisação dos diversos ramos áricos, o thema commum que se transformou em narrativas sem sentido religioso, mas com o interesse das aventuras dos contos populares.

A maior parte d'esses contos póde ser reduzida ao typo geral em que os personagens se identificam com os mythos do Sol, da Aurora e da Noite, da Primavera e do Inverno. Aplicar este processo a contos de origem kuschita ou mongoloides, ou ainda a tradições de proveniencia semitica, é um êrro de exegese, que impossibilita o desenvolvimento scientifico da Novellistica como complemento da evolução mythica.

O polytheismo semita tem outro character, a que chamamos *anthropopathico*. Gaston Paris reconhecendo a differença que existe entre os dois systemas de religiões, escreve: «As grandes planicies em que se desenvolveram as primeiras civilisações semitas não apresentam os espectaculos grandiosos e deslumbrantes das pastagens montanhosas onde a divindade se revelava nas tempestades; a serenidade das noites, a transparencia do ár, a ausencia de linhas que attrahissem o olhar, tudo contribuía para transportar para o céu os olhos dos pastores que conduziam os seus rebanhos por estes immensos prados. Segundo a tradição da antiguidade, fôram os Chaldeos os primeiros astrónomos; e antes que tivessem a ideia de observar scientificamente os astros, adoraram o seu esplendor. Eu quero sómente constatar, que as religiões indo-europêas não apresentam nada que se pareça com o culto planetario. Jacob Grimm admirava-se de achar esta lacuna entre os Allemaes; porém ella é commum aos seus irmãos. Os povos da Europa, pelo menos, não parece terem tido nomes para designar os planetas, etc.» (1) A differença de meio, reflectindo-se na differença dos costumes, repete-se na diversidade das religiões dos Árias e Semitas; portanto os seus mythos não tendo a mesma base de concepções, ao degenerarem na forma de contos hão de apresentar não só o character dos elementos ethnicos primitivos (kuschitas e mongoloides) como a personificação dos phenomenos sideraes e meteorologicos. Dissemos que os mythos semitas eram *anthropopathicos*; no Egypto o curso solar era equiparado ao da existencia humana; Râ, o sol, passava da mansão da luz ou da vida, para a das trevas ou da morte, e n'esta successão representava diversas entidades divinas; na sua existencia nocturna era *Tum*, brilhando no meridiano era *Râ*, e alimentando a vida *Khéper*. Os deuses systematisados pelos sentimentos humanos fôram divididos em masculinos ou representando a força activa, e em femininos. Osiris, sol do hemisterio inferior, representava

(1) *Petit Poucet*, p. 3 e 5.

os destinos de uma existencia além da morte; e os phenomenos moraes do bem e do mal fôram tambem personificados, como Typhon e Suttekh. Para os Chaldeos os astros fôram representações divinas, que systematisaram por meio de hypostases em vastos systemas religiosos, de que os Syro-Phenicios apenas conservaram o lado sensual dos ritos e as suas fórmulas concretas. O mytho principal em quasi todos os povos semitas, que desenvolveram o culto das divindades femininas, é o Sol expirando e resuscitando rejuvenescido, como na paixão de Christo; pertencem a este grupo os mythos de Atys, da Phrygia, o mytho de Adonis dos Syro-Phenicios, e o de Dionysos Zagreus, dos Gregos, conservado nos mysterios Eleusinos ou renovado pelos Orphicos; (1) mesmo no Egypto o mytho osiriano veio a confundir-se com estes mythos asiaticos, transformando-se n'essa fórmula épica com que a descrevera Plutarcho e tal como se acha no *Ritual dos Mortos*. A influencia dos cultos das divindades femininas é que determinou a decadencia dos mythos dos jovens-deuses solares em contos como o dos *Dois Irmãos* ou como o de Joseph e da mulher de Putiphar, ou o conto de Sansão, que entre os Assyrios babilonicos ainda nos apparece como o deus *Simson*. A passagem dos mythos chaldeo-babilonicos para lendas populares ou historicas entre os Semitas está hoje determinada pela aproximação dos nomes dos Patriarchas do Genesis dos deuses decahidos, como *Henok* com *Anak*, *Set* ou *Schet* com *Schita*, *Noé* com o peixe salvador *Nuah*. (2) *Thamuz*, ou o mancebo chorado pelas mulheres nas montanhas da Judeia, fôra, antes de decahir em heroe epico, uma divindade *Damuzi*; esta decadencia observa-se em outras divindades, que como *Istar* adorada pelos Phenicios se tornou um diabo, *Astaroth* entre os Hebreus.

A extraordinaria tendencia dos semitas para tudo personificarem, lançou-os n'uma invenção mythica permanente, de modo que apenas elaboraram em epopêas e contos os mythos da paixão do joven-deus morto, chorado e resuscitado; dos nomes dos seus deuses fizeram patriarchas, e dos patriarchas regiões geographicas, fabricando segundo as necessidades da interpretação lendas etymologicas segundo a inintelligencia da linguagem archaica dos seus livros. Renan, fallando das lendas etymologicas do *Genesis*, escreve em nota que este phenomeno é commum a muitos outros povos, tendo originado uma grande quantidade de mythos; exemplifica com a lenda de Dido, que toma posse do terreno abrangido pela

(1) Lenormant, *Prém. Civilisations*, t. 1, p. 378.

(2) Na minha *Hist. Universal*, t. II, p. 55.

pelle de um boi, a qual ella cortou em tiras tenuissimas. Esse terreno chama-se *byrsa*, que em siriaco significa a fortaleza; interpretado este nome por uma lingua extranha, *byrsa* em grego significa o couro; d'aqui a invenção da lenda da aquisição do terreno de Carthago. (1) Nos contos populares é frequente a intervenção do *peixe* com o poder protector, dos gigantes poderosos como Sansão, e dos diluvios e serpentes de sete cabeças, como nos mythos babilonicos que se transformaram na civilisação dos semitas. Husson, no seu livro sobre o Encadeamento das Tradições, indicou a necessidade de alargar as investigações além das antigas migrações áricas e com certa reserva entre as raças *chamiticas*, e por ventura tambem entre as raças *turanianas*.» (2)

Entre os povos os mais afastados pelo espaço, pela raça, existem themas tradicionaes, communs de Fabulas, como a mulher que depila o amante e a dos membros e o estomago, que se acham na collecção chinesa dos *Avadanas*. A preferencia das comparações que constituem a Fabula, tomadas sempre das relações dos animaes entre si, das suas qualidades e habitos, levam a inferir que esta criação esthetica teve a sua origem em uma epoca fetichista da sociedade, em uma civilisação proto-historica negroide, que deu todo o desenvolvimento a essa ordem de concepções religiosas, especialmente na arte e na moral. O epitheto com que as Fabulas eram eonhecidas na Grecia, revela o conhecimento de tal proveniencia, e Theon distingue as Fabulas em *lybicas* (Lassen aproxima o nome de *Esopo* de *Ailhiopes*), em *sybariticas*, *phrygias*, *cilicianas*, *carianas*, *egyptias* e *cypricas*, como que accentuando o seu fundo negroide. Muitas das Fabulas de Lokman apparecem tratadas em Esopo; e Neumann, Maracci, Hottinger e Golins unificam os dois poetas fabulistas em um mesmo sentido. Na collecção attribuida a Esopo, apparecem fabulas communs ao *Pantchatantra*, como a do *Leão* e a do *Mosquito*, a da *Aguia* e a *Tartaruga*, e do *Asno com a pelle de Leão*, e a *Prêza* e a *Sombra*. Revela esta similaridade um fundo commum, que na India se determina pela classe infima explorada pela propaganda buddhica. Na Grecia antes de Esopo, já as fabulas eram conhecidas, e posteriormente á epoca esópica outras fabulas tradicionaes, e transmitidas pelo vulgo, receberam fórma litteraria, não só em obras dramaticas como em obras philosophicas. Em Hesiodo, acha-se a fabula do *Abutre e o Ruixenol*, em Stesichoro a do *Homem e o Cavallo*, e em

(1) *Hist. gen. des Langues semitiques*, p. 125.

(2) *La Chaîne traditionnelle*, p. 102.

Alceo a da *Serpente e o Escaravelho*; Archiloco allude á Fabula da *Raposa e do Macaco*, e a *Aguia e a Raposa*; Euripides traz a fabula do *Homem e a Morte*, Platão a do *Lobo e a Raposa*, e do *Leão doente*. As relações das Fabulas conhecidas na Grecia com as das raças semitas, levam a inferir da impersonalidade de Esopo, cuja entidade mythica é caracterizada por Vico, Neumann, Unker, Welcker, e Camerarius. A tradição esópica como a tradição homérica, não é escripta; a fabula, como o mytho, chegou a ter o seu desenvolvimento epico, como se vê pelo cyclo do *Renard*, na Edade Media. A transformação da tradição oral em fórma rythmica é que fez porventura adoptar o nome de *Esopo*: *Asoph*, em hebraico significa o verso, a poesia. O caracter de estrangeiro do genero poetico, é que se fixou na personalidade de *Esopo* na qualidade de *escravo*. Os themas tradicionaes fôram tratados nas escholas dos sophistas gregos como assumptos de exercicios litterarios de redacção; eram os *Loci communes*, tambem adoptados nas escholas de Roma, cujos Cadernos achados no fim da Edade Média, vieram a constituir as Fabulas de *Phedro*, outra entidade sem existencia real, formada do epitheto de rocha *phaedrica*, da qual tinha sido precipitado Esopo, segundo a lenda.

O Conto não foi trazido para a Grecia; pertence á mesma creação de seus Mythos em epoca anterior á sua systematisacção por Homero e Hesiodo. Não deve aos povos orientaes essa ordem de ficções, como pretendia Huet. O caracter fundamental da Litteratura grega é a originalidade e transformação evolutiva dos generos estheticos; não foi alterada na elaboração dos Contos. Escreve Gaston Boissier: «Nunca na historia litteraria da Grecia, influencia ou imitação estrangeira modificou de uma maneira sensível a marcha de seu genio. Todos os generos da Litteratura saem uns dos outros; não são uma importação exterior, vêm a nascer por seu turno dos que o precederam, por um progresso logico e regular. O Romance, (Conto já escripto) sómente nascido em uma epoca obscura, em plena decadência, é que se ligava com algum custo ao restante; á primeira vista, parecia tão differente, que se procurava a sua origem fóra da Greça. Erwin Rohde, no seu trabalho fundamental sobre o *Romance grego*, reuniu ao encadeamento das fórmas litterarias este anel separado, mostrando como tudo se liga n'esta admiravel litteratura. — Sabe-se que a litteratura grega viveu, durante os seus mais bellos annos de um certo numero de narrativas, transmittidas pela tradição desde os tempos mais longinuos e accumuladas na memoria do povo. Ellas se reproduzem sem cesar e constituem o fundo d'estes poemas, que são a admiração do mundo. Os gregos não sentiam a necessidade de crear assumptos novos, os antigos bastavam para tudo. Essas velhas lendas

seguiram a tendencia philosophico, e estendendo a Grecia depois das conquistas de Alexandre na Asia Menor, na Syria e no Egypto, fôram reelaborados os generos litterarios e as legendas locaes, que não estavam coerentes com o Olympo hellenico, fôram tratadas especialmente com liberdade e originalidade no periodo alexandrino.» Escolhiam-se de preferencia, na multidão d'essa segunda camada de legendas, principalmente as que tratavam de situações amorosas. Foi esse o thema novo, tão extranho a Homero, a Eschylo, a Aristophanes. Essas legendas da segunda camada, eram na transmissão oral Contos populares, que se tornaram os bellos romances que vieram acordar na Europa no fim da Edade Media, as Novellas de Amor.

Max-Muller dando conta da theoria da formação e diffusão dos Contos tradicionaes sustentada por Hahn, retocou-a aggregando-lhe a transmissão historica. Eis a ideia fundamental de Hahn: «As Tradições das raças primitivas não fôram utilizadas no seu conjuncto para formarem o fundo da mythologia divina e heroica, que chegaram até nós. Muitos d'estes conceitos primordiaes *sobreviveram* até hoje, e vêmol-os mesmo, apesar da sua vetustidade desenvolverem-se ainda no espirito popular, reagindo potentemente sobre elle, sem que tenham perdido a sua força. — A analyse attenta d'esses documentos n'elles encontra como fundo primitivo os mesmos phenomenos naturaes que serviram de materiaes ás historias mythicas dos deuses e de heroes, no seu todo apenas tratado sob uma fórma mais familiar. E refere a um periodo anterior á separação da familia aryana a origem d'estes Contos encontrados modernamente entre todos as ramos d'esta familia.» Max Muller acha muito accetaveis estes pontos de vista, e conclue que importa considerar «a imigração historica, e muitissimo posterior a das Fabulas da India para a Europa, facto que as demonstrações de Benfey impõem com a necessidade da evidencia. Abstraindo-se de tudo quanto foi visivelmente importado, nos tempos historicos, da India pela Europa, e por camadas successivas; do sanskrito ao pehlvi, ao arabe, ao grego, ao hebreu, ao latim, etc., ainda fica um residuo consideravel das tradições populares, que exige uma explicação differente. Os dados de Benfey, a meu vêr, são irrefragaveis, mas conciliam-se com os resultados estabelecidos por Hahn.» (*Nouvelles Etudes de Mythol.*, p. 31.)

O conhecimento dos grandes monumentos poeticos e religiosos do *Veda* e do *Avesta* trouxe á sciencia elementos para deduzir as concepções primitivas que esses livros systematisaram, como o estudo philologico da *Iliada* de Homero e da *Theogonia* de Hesiodo, veiu desde Schelling a reconhecer que a mythologia dos gregos não nasceu d'esses poemas, que pelo prevalecimento dos mythos systematisados influiram no aban-

dono dos mythos populares á sua espontaneidade. Esse fundo acha-se hoje determinado pela exegese d'esses mythos védicos, avesticos e hellenicos; resume o problema lucidamente Max Muller :

«Dois assumptos fôram de um interesse permanente para a poesia védica: 1.º O *raiar do Sol* ou o triumpho quotidiano da Luz sobre a Tréva; e o triumpho annual da Primavera sobre o Inverno. 2.º A *Tempestade* ou o triumpho de um deus luminoso sobre as nuvens negras, a empreza em que se libertavam as aguas fertilisantes da prisão em que ellas pareciam esmorecer durante a estação das calmas. O protagonista de um d'estes dramas é Agni, quanto á luz solar; o outro é Indra, como o campeão do Céu azul.

«Estes dois combates, themas permanentes da poesia védica, são muitas vezes tão misturados, enfeitados de metaphoras e perfeitamente identicos, que é difficil saber, em qual d'elles pensava o poeta, a qué guerreiro solar e luminoso dirigia o seu Cantico de victoria. D'aqui provieram as duas escholhas de interpretação, uma *solar*, outra *meteorologica*, que se esforçavam de applicar os seus principios aos hymnos da Rig Véda, ou a um grande numero de episodios da mythologia aryaná. Quanto a mim, considerei sempre a phraseologia solar e vernal como a mais importante e a mais primitiva da evolução *mythica*, pela rasão que os mythos solares e vernaes comprehendem os phenomenos que são de recorrencia regular, e por tanto de natureza a deixarem no espirito uma impressão duravel.» (*Ib.*, pag. 104) E mostrando como o Mytho do *Fogo*, estudado fundamentalmente por Kuhn, está incluso no mesmo drama, termina pela conclusão de Senart: «A luta da Luz contra a Tréva entende-se tambem da luta da Manhã contra a Noite, como a do Sol contra a Tempestade; é o laço que aproxima o heroe solar a Agni e manifesta-se com evidencia.» (*Legenda de Buddha*, p. 283.) Do drama da apparencia da Aurora e do Sol que a segue, antes de se representarem nos mythos védicos, já estava esboçado na significação dos seus nomes: «Aqui, não é sómente o deus do fogo e do sacrificio, é tambem o fulgor do relampago, o esplendor da Aurora, a radiante luz do Sol meridiano e do Sol do occaso. Ushas védica, a que brilha, identifica-se com a Aurora; quem póde ser o seu amante se não algum phenomeno celeste em estreita relação com ella? E pois que a luz que segue a Aurora se chama Helios ou Hyperion, não é preciso grande sabença de grego para comprehender que tanto Hyperion como Helios designam um personagem solar.» (Max Muller, *op. cit.*, p. 300.)

Este quadro definido dos phenomenos solares e meteorologicos, é que faz comprehender a limitação dos themas mythicos, o que levou Gaston Paris a entender que os Contos, se-

parados de seus episodios e combinações variadissimas, são no fundo em numero determinado. Mythos, Contos, Religiões, Litteraturas, nascem do phenomeno psychologico de uma representação subjectiva do spectaculo do drama universal identicamente em todas as latitudes e em todas as edades: o Dia, a Noite, a Aurora, o Sol, o Céu e as Nuvens, a Luz e as Trévas, os Ventos e as Tempestades; o estudo da Novellistica comparada conduz pela unificação dos themas communs das raças ao conhecimento das concepções primitivas da humanidade; o que o espirito critico reconhece nas reminiscencias da infancia levará á conclusão sublime de Goethe, de o homem se reconhecer na humanidade.

Na sua *Dissertação sobre os Contos de Fadas*, o erudito Walkenaer assigna-lhes um fundo historico representado nas tradições populares europêas: «Depois do grande abalo, que deixara no mundo o vacuo causado pela queda do Imperio romano, os povos da Germania e da Scythia europêa precipitaram-se sobre o grande colosso derrubado.

«Entre as tribus nomadas do norte de Asia, conhecidas sob o nome geral de *Tartaros*, não podendo ser retidas, sahiram dos seus desertos, e não cessaram, durante muitos seculos da Edade Média, de atacar os estados mais poderosos que acabaram por conquistar. Sob o commando de Gengiskan e de Tamerlan, fundaram os mais vastos imperios que se viram. Grandes carnificinas, crueldades inauditas tornaram memoraveis estas prodigiosas revoluções. Os Tartaros, para quem a Asia já não era bastante, penetraram nas partes orientaes da Europa, e fundaram a Russia, na antiga Dacia e na Panonia, novos estados; d'ahi fizeram incussão na Allemania, Italia e França. Por toda a parte espalharam o mêdo e um terror geral. Os mais antigos e os mais crueis d'estes devastadores, tornaram-se os mais celebres, e seus nomes serviram para designar todos os outros. D'este modo se reuniram os nomes dos antigos Hunnos e de ferozes *Oigour*, para designar os Madgiars, tribu tartara, vinda das bandas do Wolga, que se assentou mais no interior da Europa. Na Dacia e na Panonia chamaram-lhes então *Honni-Gouris* e á sua terra *Honni-Gouria*; d'aqui vêm o nome de *Hungaros* e *Hungria*. Estes *Hunni-Gouris*, *Oigours*, são os *Ogres* terriveis dos Contos de Fadas, os entes ferozes que devoram crianças e gostam de carne humana tenra e saborosa.» Os *Ogres* têm sempre uma grande soberania como de raça vencedora, o que explica que muitas casas nobres fundavam suas genealogias em uma *Ogresse*, como a Casa de Lusignan, em *Meluzioa*, a Casa de Croy, Salin, Bassonpierre e Argangor, ou o solar de Haro na Biscaia e dos Marinheiros em Portugal. Serão d'esta origem os *Courrils*, os diabos malignos que dansam, segundo a superstição das Costas de Finisterre, a que Leroux de Lincy dá as

fórmãs de *Gourils*, *Gories* e *Crious* (*Livre des Legendes*, p. 167.) e que na Tradição de Biscaia era os *Couuro*, e *escoouradas*, as mulheres que dormiam com esses diabos malignos ou *couuros*, e *carolas* as dansas d'esses *Courils*. Nos Contos de Fadas figura tambem o *Lobo*, não com o caracter das luctas burguezes figuradas no *Roman du Renard*, mas com o typo sanguinario do grande facinora, o *Wargus*, que se tornou o *Lobis-Homem*, em que a superstição popular figura a personalidade germanica do expalço da *Arimania* como um lobo errante e nocturno, contra o qual se podia atirar impunemente. Na tradição portugueza o *Lobis-Homem* só podia voltar á sua fórma humana depois de ser ferido. No *Conto do Petit chaperon rouge* é o lobo que figura na acção; na *Cendrillon* é o symbolo juridico do sapatinho, que apparece nos costumes germanicos do casamento. Os Contos de Fadas relatam vagamente grandes fomes, que obrigavam os paes a abandonar os filhos na floresta; a anthropophagia apparece figurada na raça dos *Ogres*, sendo hoje o vago Papão das crianças. O mundo feudal acha-se ali representado na sua crueza, em que o marido sacrificã á sua brutalidade a esposa, que tudo soffre submissa, como no Conto de *Griselidis*; o paé deseja a propria filha, que se defende com subterfugios, como no Conto de *Peau d'âne*.

Na organisação social da Edade Media a vida confinada dos *Pagi*, povoações ruraes, mantinham as velhas tradições, que a Igreja combatia com o nome de *Paganismo*. N'essa estabilidade dos *Pagi* syncretisavam-se os restos dos cultos druidicos com elementos do polytheismo romano, com praticas do culto odinico germanico. A Igreja combatendo essas vetustas tradições, tentando adaptal-as ou oppondo-lhes outras, actuava em um incessante syncretismo. Observou Darmesteter: «Onde quer que o Christianismo achou accesso, por via dos seus missionarios, dos mosteiros ou da sua ecclesiola estabelecida, pelas escolhas, sermões, lendas escriptas, fez-se vehiculo das ideias classicas que penetraram no Folk-Lore popular.» Exerceu o Christianismo na Europa uma acção semelhante á do Buddhismo na Asia, tornando o Conto e os Exemplos como meio de propagar as doutrinas religiosas abstractas.

«O fundo da mythologia aryana assenta sobre a *lucta permanente das Trévas com a Luz*. Trévas que sem cessar fazem entrar o mundo no nada; Luz que sem cessar o faz resurgir.» (Darmesteter, *Etud. Orient.*, p. 137.)

«O mundo renasce sob os nossos olhos de tres maneiras, em tres circumstancias: Ao sahir do *Inverno*,—da *Noite* e da *Tempestade*.» (*Ib.*, p. 138.)

O INVERNO: A *Serpente* que prende as Aguas congelando-as, como um Cinto que opprime e abafa a Natureza.— Das Aguas nasce a *faisca do Raio*, que solta as Aguas na torrente. O Fogo celeste de *Agni* é o *Deus Menino*, o Salvador; renasce a Natureza na florescencia e alegria, em que *Agni* é a Esposa.

A NOITE: é a *Caverna* onde se occulta o *Dragão* (a *Tréva*), o Lobo que assalta, a *Velha*, que illude a Menina, (a *Aurora*) que o Sol persegue, como sua Esposa.—O Sol no Occaso é o *Cavalleiro*, que morre prematuramente, e que procura as Aguas para a revivescencia.

A TEMPESTADE: A Nuvem negra, representa o *Baixel*, que paira no Diluvio das Aguas; d'ella sae o *Raio* (a pomba) que procura a cima já descoberta do decrescente Diluvio.

A *Nuvem* — a *Floresta* (*Vana*), — a *Arvore celeste*. O *Caçador selvagem*, *Wotan*—o Furacão, urra e impera na tempestade, torna-se o Deus das Batalhas; é n'um Cavallo branco que passa nos áres e atravessa os mares.— Transformado pelo Christianismo em Archanjo S. Miguel, e em San *Martinho*, em mil annos de evolução tradicional, volta outra vez á sua origem popular do *Caçador feroz*.

A relação tão profundamente apontada por Aristoteles entre a *Philosophia* e a *Philomythia*, pelos modernos estudos da importancia das Tradições poeticas, levaram á conclusão synthetica, tão bem formulada por Darmesteter: «A *Philosophia* construe os seus primeiros systemas em volta das velhas fórmulas incomprehendidas, que ella julgou ter criado, e que nasceram não de syllogismos, mas de *sensações*, não de reflexão logica mas do agrupamento de *imagens* que faz os *Mythos*.» (*Etud. Orient.*, p. 136.)

A ideia mythica fundamental da comparação e analogia dos phenomenos da natureza com a vida do homem, apparece com intuito theologico nos primeiros seculos do Christianismo. Minutius Felix exclama: «Vêde como a natureza inteira para nos consolar, parece occupar-se da ressurreição futura, e produz diante de nós as imagens d'ella. O sol põe-se e levanta-se, os astros fogem e tornam, as flôres morrem e renascem, as arvores envelhecem e revestem-se de folhas novas, as semantes corrompem-se para reviverem. Tambem o corpo no tumulo, como a arvore no inverno, occulta um principio de vida sob uma apparencia enganosa da morte. O corpo tem a sua primavera; é preciso saber esperal-a.» A concepção mythica do homem primitivo vendo os phenomenos physicos através da sua subjectividade, persiste com um novo

sentido moral de allegoria theologico-metaphysica. Tertuliano desenvolve estes mythos indo-europeos em considerações abstractas: «Eu lanço os olhos sobre as manifestações do poder divino: *o dia morre para dar logar á noite*, e sepulta-se por toda a parte nas trevas. O ornamento do universo occulta-se sob os funereos véos: tudo é sombrio, silencioso, consertado; por toda a parte a interrupção dos trabalhos! *A natureza enluctou-se para chorar a perda da luz...* Mas eis que ella revive para todo o universo, com a sua magnificencia e com a sua pompa nupcial, sempre a mesma, sempre inteira, *immolando a morte, isto é, a noite, rasgando a sua mortalha, isto é, as trevas, e sobrevivendo a ella, até que a noite volte outra vez e traga consigo os lugubres aprestos.* Então accendem-se as estrellas, que a claridade da manhã extinguirá. Os planetas, um momento exilados pelo dia, são trazidos em triumpho... Sobre a terra, a mesma lei que no céo; depois, de terem sido fanadas, as flôres reaparecem com suas côres, os campos cobrem-se uma segunda vez de verdura. O que é, pois, esta perpetua revolução da natureza? Um testemunho da ressurreição dos mortos.» (1)

Podem-se aproximar d'esta analogas passagens dos *Vedas*; então se notará que a concepção dos phenomenos é a mesma, havendo apenas uma interpretação allegorica sobre a impressão subjectiva. Nos espiritos mais elevados, a imagem poetica incide inconscientemente sobre esta mesma ordem de comparações, tendo já perdido o caracter de realidade mythica; em Metastasio, o fino poeta cesareo do seculo XVIII, lê-se este esboço do mytho primitivo:

Primavera, giuventu dell'anno,
Giuventu, primavera della vita.

Se nos espiritos cultos, através dos dogmas religiosos e das idealizações artisticas se não perdeu o typo mythico, com mais razão deve elle persistir entre as camadas populares

Nas locuções vulgares existem elementos dos mythos primitivos, cuja importancia só se nos revela pelo processo comparativo. A Aurora é representada como uma Donzella *engulida por um Dragão*, ou a Noite, como se observa nos mythos de Andromeda, de Hesione, de Santa Margarida, do qual vêm a ser libertadas por um heroe, ou ellas mesmas é que rasgam o ventre do monstro. Tylor, diz que se reconhece no conto do *Petit chaperon rouge* o mytho do sol crescente e do sol no occasso, (2) isto é, da Aurora matutina e da Aurora

(1) *De resurrect. carnis*, cap. XII.

(2) *As Civilizações primitivas*, t. I, p. 391.

vespertina. Na linguagem popular diz-se o *romper da Aurora*, e de facto o rompimento deriva de uma concepção mythica primitiva; diz Tylor: «Os christãos representavam voluntariamente Hades como um monstro que engulia os homens na morte. Tomemos exemplos pertencentes a diversos periodos: o Evangelho apocrypho de Nicodemus, na narrativa da descida aos Infernos, faz fallar Hades como uma pessoa, queixando-se de dôres no ventre quando o Salvador se prepara para descer e dar a liberdade aos santos retidos prisioneros desde o comêço do mundo. Na Edade Media, quando se queria pintar esta libertação, chamava-se-lhe o *rasgamento do Inferno*. . .» (1) Esta prisão das trevas, ou a noite, é o thema mythico conservado na locução do *romper da Aurora*, a qual se completa por outro vestigio do mesmo mytho na locução *á bocca da Noite*. Aqui o sentido preciso é do comêço das trevas, que, como o dragão, abre a bocca para engulir a donzella; sobre este ponto diz Tylor: «Por toda a parte onde a Noite e Hades se personificam em um mytho, póde esperar-se o encontrar concepções taes, como aquella que exprime a palavra sanskrita que significa a noite, *rajanimukha*, isto é, a *bocca da noite*. Tambem os Scandinavos fallam de Hell, a deusa da morte, que abre a garganta como faz seu irmão Fenrir, o lobo devorante da lua; e uma velha poesia allemã representa-nos o abysmo de Hell, que bocejando se abre do céu a terra.» (2) Temos ainda uma outra locução, o *olho do Sol*, para significar a acção intensa do seu calor ou luz; Tylor acha esta metaphora solar em povos selvagens, *Mata-ari* (o olho do dia) em Sumatra e Java, e *Maso-Andro*, com o mesmo sentido em Madagascar; na Nova-Zelandia o mytho torna-se completo, sendo o sol o olho de Mani, e entre os Arias é *Chakshuh Mitrasya*, o olho de Mitra, ou o *olho de Jupiter*, como lhe chamavam os antigos romanos, como o refere Macrobio. (3) Se a linguagem vulgar conserva esta impressão indelevel dos mythos primitivos mais caracteristicos dos povos indo-europeos, com mais rasão devem elles persistir nas narrativas dramáticas ou novellescas em que esses mythos se desdobraram.

Os phenomenos sideraes e atmosfericos fôram *personificados*, identificados com a figura e habitos moraes do homem; é este um dos caracteres mais fundamentaes do *polytheismo*. Nos Contos populares que pertencerem ás raças que se elevaram ao polytheismo, devem persistir estas concepções mythicas, muitas vezes já não comprehendidas por causa da sub-

(1) *As Civilisações primitivas*, t. I, p. 389.

(2) Idem, *ibidem*, p. 397.

(3) *Ibid.* p. 401.

stituição de um mais adiantado estado mental. Os contos de *Psyche*, de *Crescencia*, de *Genoveva*, da *Imperatriz Porcina*, de *Merhuma*, (do *Tuti-Nane*, 1, 7), de *Centrillon*, derivam dos mythos da Aurora perseguida ou libertadora, tal como apparece nos hymnos dos *Védas*. (1) O Sol seguindo a Aurora, personifica-se no mytho de Eros, no esposo de Melusina, de Helias, do Cavalleiro do Cysne, e no esposo de Euridice. (2) Já vimos atraz como se personificava a *Noite*, no lobo que devora, na velha que esconde a donzella, ou a transforma e se torna negra, como no conto das *Treç Cidras do Amor*. O vento acha-se mythificado nas *botas de sete leguas*, commum a todos os povos áricos; (3) a nuvem, é a *toalha que se estende* e dá sempre que comer cont abundancia, a qual nos *Védas* é tambem representada pela vacca, que ainda apparece nos contos populares. (4) Muitas vezes, os contos derivam de uma mythificação espontanea, como se vê pelas locuções populares, outras vezes são o effeito de uma decadencia de mythos systematisados; assim a *sala prohibida* do conto do *Barbe-Bleu* é considerada como uma obliteração do thesouro de Ixion; (5) o *roubo dos bois* por *Petit-Poucet* aproxima-o do mytho de Hermes; a guarda do boi Cardil ou boi Bragado é o mytho de Mercurio e Argus. (6) Poderiamos ampliar as referencias a systemas mythicos da antiguidade que ainda subsistem nos contos populares, mas basta-nos deduzir da lei da sua formação o limite preciso dos themas novellescos. Gaston Paris é de opinião que os themas tradicionaes se fixam em um determinado numero de typos; é o que se deduz dos dois systemas polytheistas, o anthropomorphico e anthropopathico. Indicaremos esses typos fundamentaes, aproximando-os das personificações dos Contos:

O SOL é o principe encantado, o heroe que salva, o amante que perde a fôrma horrenda, é o doente que morre prematuramente e que renasce, é o cavalleiro que mata o dragão, é o thesouro.

A AURORA é a criança, a donzella, a recém-nascida, a filha da feiticeira negra, velha e feia; é a *Psyche* que tem o marido sobrenatural; é a *Melusina*, ou esposa sobrenatural que abandona o marido, é a *Penelope* ou esposa fiel que recupera o seu marido.

A NOITE é a velha feia e ruim, a ogresse, a madrastra que

(1) Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. I, p. 131.

(2) Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 184.

(3) Brueyre, *ibidem*, p. 28.

(4) *Ibidem*, p. 139.

(5) *Ibidem*, p. 125.

(6) *Violier des histoires romaines*, p. 205.

maltrata a enteada, o lobo devorador, o sacco em que é furta-da a menina, ou a cova em que estão enterrados os principes.

Os DIAS são os filhos desejados que tomam fórmias monstruosas, as victimas de um voto, as crianças abandonadas, ou que têm um nascimento maravilhoso.

Os CRESPIUSCULOS *matutino* e *vespertino* são os dois irmãos gêmeos; são os pequenos maltratados; são o irmão que mata o irmão ou o salva.

Além d'estes typos, nos costumes populares de toda a Europa conservam-se as cerimonias dramaticas da entrada do VERÃO e sahida do INVERNO, o rapto da PRIMAVERA, nas lendas do *Caçador feroz*, na morte do Dragão, na libertação da donzella, como Andromeda, na revivescencia do cavalleiro como Arthur, Barba Roxa ou Dom Sebastião. Nas festas religiosas é que se conserva nas fórmias cultuaes o mytho do nascimento do Fogo ou o menino, o medianeiro ou o salvador. Assim dos dois grupos de phenomenos solares e sideraes se deduzem os typos ou themes mythicos que mais persistem nos Contos populares, sendo essa tambem uma das causas da sua universalidade. Uma bôa classificação novellistica é, portanto, uma synthese baseada sobre estes dados concretos. Os contos populares têm sido compilados sem nexos, por causa da sua extraordinaria complexidade, apesar de terem sido já reconhecidos os episodios mais frequentes em todos elles. Esta deficiencia tem obstado á sua apreciação. Von Hahn apresentou uma classificação descriptiva artificial, que só serve para tornar monotonos os contos colligidos segundo esse agrupamento exterior. Essa classificação foi adoptada pelo Folk-Tale Committee de Londres; depois d'esta, conhece-se a classificação de Baring-Gould, com o mesmo espirito, variando apenas pelo arbitrio. A unica classificação racional dos Contos é a que se funda nos themes tradicionaes derivados dos typos mythicos, como acima indicamos; para realisar este trabalho é preciso conhecer a successão dos estados mentaes da humanidade, as capacidades das raças, e só assim é que se verá como os mythos derivam já da *comparação*, como as fabulas do fetichismo, já da *analogia*, como nas personificações polytheistas, já da *plausibilidade*, como nas epocas em que existe um certo gráo de abstracção tendente para o monotheismo, e em que o mytho subsiste na fórmula da parabola, e em que a lenda se converte em historia. Tylor define o valor d'esta successão mental: «Este desenvolvimento opera-se com tanta uniformidade, que se torna possivel tratar o mytho como uma produção organica da humanidade inteira, na qual as distincções de individuos, de nações e mesmo de raças, são snbordnadas ás qualidades universaes da inelligencia humana.» (*Op. cit.*, 1, 481.)

CLASSIFICAÇÃO DA NOVELLISTICA POPULAR

I. Concepções fetichistas (*Peculiares aos povos selvagens e persistentes nas Civilizações kuschitas e mongoloides*):

- a) Comparação por differença. . . *Fabulas* { Lapidarios — Viridarios
— Bestiarios — Astro-
logia, Animismo ou
transição mythica.
- b) Persistencia d'esta concepção
com intuito moral e fórma lit-
teraria. *Apologos.*
- c) Dissolução popular em Locu-
ções proverbiaes e referen-
cias ou Ditos allusivos. *Anexim.*

II. Concepções polytheistas (*Das Sociedades rudimentares, appa-
recendo desenvolvidas nas Civilizações semiticas e áricas*):

- a) Mythos anthropomorphicos. . . *Contos* { Do Sol, da Aurora e da
Noite.
Do Céu, das Nuvens e
das Estrellas.
Dos Dias e dos Crepus-
culos.
- Comparação por analogia:
- 1.^a— Domestica (*Enigmas.*)
- 2.^a— Nacional (*Epepêas.*)
- 3.^a— Sacerdotal (*Theogonias.*)
- b) Mythos anthropopathicos. . . *Epepêas* { O Sol hibernal e estival, ou
o Joven heroe que mor-
re e ressuscita. — (*Achil-
les, Sigurd, Christo.*)
A Primavera, ou a don-
zella raptada. — (*Sita,
Helena.*)

III. Concepções monotheistas (*Das Sociedades superiores, em que
preponderam as ideas abstractas*):

- a) Obliteração dos themas my-
thicos entre o povo. *Casos* { O Principe, A Donzella,
A Velha, O Thesouro,
O Lobo, O Ogre.
- b) Renovação pelas fórmas lit-
terarias. *Novellas e Lendas.*
- c) Mythificação racional na com-
paração por plausibilidade. . . *Exemplos e Parabolas.*

Quando começou o estudo dos Contos, por Huet, Sylvestre de Sacy e Loiseleur des Longchamps, consideraram-se geralmente de proveniência oriental; Benfey e Max Muller fixaram no *Panchatantra* este vehiculo de transmissão para o Oriente e Occidente, e os contos fôram considerados de origem árica. Chegados a este ponto, era pela unidade dos mythos áricos nos povos indo-europeos, gregos, romanos, celtas, teutonios e slavos, que se explicava a similaridade dos contos populares entre as varias nações da Europa. Os contos eram considerados como a decadencia de *mythos* que perderam o sentido religioso e systematicamente especulativo, tornando-se *lendas* persistentes na phantasia popular. Assim para interpretarem os Contos muitos philologos aproximam os immediatamente dos mythos áricos, ou agrupam em série todas as versões conhecidas do mesmo conto para por uma simplificação dos episodios accidentaes determinarem a lenda primitiva que pôde mais facilmente relacionar-se com o mytho. São errados estes dois processos; existiram outras civilizações além da árica, que fizeram contos sem dependencia de mythos, e por isso approximal os dos mythos védicos é forçal os a analogias fortuitas; quando porém o mytho se dissolveu em lenda, foi por effeito de uma revolução moral, a ruina de um culto, e por tanto o mesmo mytho dá logar a muitas lendas simultaneas, sem typo unitario. Pretender achar a lenda proveniente do mytho pela comparação de muitos contos do mesmo thema, é um trabalho infructifero que a nada conduz. O conto é uma mythificação da linguagem; nasce da palavra, do epitheto, da synonymia, da homonymia, como *Daphne*, a aurora e o loureiro, e *Byrsa*, a fortaleza e a pelle de boi, sobre que se foimou a lenda da edificação de Carthago. Depois de ter percorrido toda a sua evolução quer com sentido religioso, historico ou moral, intuitos que influem nos accidentes dramaticos do seu thema e na particularidade ou universalidade da sua transmissão, o Conto ou se torna um molde sobre que se adaptam novos episodios, ou acaba pela simples *locução proverbial* d'onde partira. Citaremos alguns exemplos portuguezes; ainda hoje se diz *untar as mãos* como meio de conseguir mais facilmente o que se pretende, mas ninguem se lembra do conto da Edade Media d'onde esta locução deriva; (1) o anexam *A fé é que nos salva, e não o pão da barca*,

(1) O Fabliau intitula-se: *De la vieille que graissa la main du Chevalier* (*Rec. de Fabliaux*, p. 142). Acha-se tambem no *Democritus ridens*, p. 173; nos *Enfants sans Soucis*, p. 258; nas *Facecie, Motti et Burle* da Ludov. Domeniche, p. 284; e no *Moyen de Parvenir*, de B. de Verville.

ainda tem a fôrma de conto na Italia; (1) o mesmo com *A fé do carvoeiro*. (2)

A passagem dos contos para a fôrma litteraria foi na India devida á propaganda buddhica, cujas lendas moraes fôram colligidas no *Panchatantra*; na Grecia os Contos escreveram-se com intuito artistico, formando os *Loci communes* das escolas dos rhetoricos, (3) attingindo rapidamente a perfeição em Apuleio, e em Roma em Petronio. O Catholicismo procurando

(1) Publicado por Bernoni, Veneza, 1875, ap., Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. I, p. 17.

Este anêxim portuguez é o resto de um conto, hoje totalmente esquecido em Portugal. Um conto popular veneziano narra como um individuo atacado de febre recebeu uma receita, que só ficaria curado se tomasse como remedio um pouco do páo da Cruz de Christo. O doente deu muito dinheiro ao da receita para lhe ir procurar a reliquia, mas o astuto mêzinheiro foi gastar o dinheiro onde quiz e trouxe um cavaço de uma barca velha, que fez ferver em uma panella, dando depois ao doente a beber em xarope. O doente ficou livre das febres, e d'ahi veiu o proverbio veneziano:

Siropo de barcazza
La febre descazza.

(2) Este proverbio pertence ao seculo xv; nasceu de uma anedocta popular. Conta Estansiáo Osio, que o grande polemista theologo Alonso Tostado perguntára por desenfado a um carvoeiro:—Em que crês? Respondeu-lhe o pobre homem: «No Crédo.—E em que crês mais? «No que cré a santa madre Egreja — E em que cré a Egreja? «Cré no que eu creio.» O carvoeiro nunca foi tirado d'este circulo vicioso. Por isso no fim da sua vida, quando perguntavam a Tostado em que cria, respondia sempre: *Como o carvoeiro, como o carvoeiro*. E assim ficára a phrase em proverbio entre os theologos desde o seculo xv.

No nosso livro *Adagiario portuguez*, (inedito) estudamos mais detidamente os proverbios e locuções derivadas de Contos e mesmo de Fabelas classicas. Citaremos aqui: *Parivão os montes, nascera um ratinho* (Jorge Ferreira, *Eufrosina*, p. 27); *Perolas orientaes aos porcos não as lancéis* (Sá de Miranda, Obr., p. 97); *Gralhas com pennas de pavão; Estão verdes* (allusiva á fabula da Raposa e das uvas); *Trocar o certo pelo duvidoso* (allusiva ao cão e a pósta de carne); *Contar com o ovo ainda na gallinha; Mais vale magro no matto que gordo no prato; o Conto das Trez Cidras do Amor* chegou á fôrma aphoristica, como vemos pelo refrem colligido por Santillana: «Fadas malas me ficeron negra, que yo blanca era.» Muitas facecias populares tambem se generalisaram na fôrma proverbial, como: *Comei mangas; Gracias á mis manos, que voluntad de Dios visto avias; Quem não te conhecer que te compre*, verá o burro (ou a prenda) que leva; a *Manta do Diabo* e *Pintar a manta*, etc.

(3) Ott. Muller, *Hist. de la Litterature grècque*, II, 522.

combater o polytheismo, no Occidente serviu-se do processo do buddismo, deu fôrma escripta aos Contos n'esses *Exemplos* dos prégadores medievaes, e nas lendas agiologicas como a de *Barlaam e Josaphat* tirada do *Lalita vistara*. (1) Acciden-tes historicos provocaram o encontro das fontes tradicionaes populares com as eruditas; taes fôram as causas da decaden-cia do polytheismo entre os povos indo-europeus, que abra-çando o Catholicismo nem por isso esqueceram os seus my-thos nacionaes, accitando ao mesmo tempo a lição mórál prégada nos *Exemplos*.

A entrada dos Arabes na Europa, fez com que se vulgaris-sasse a traducção do *Pantchatantra*, traduzindo-se do arabe para grego por Simeo Seth, para latim por João de Capua, para castelhano com o titulo de *Calila e Dimna*, e na epoca da Renascença para italiano, francez, inglez. (2) Com a pri-meira Renascença, em Boccato, Schetti, Gower e Chaucer, o Conto recebe a fôrma litteraria que os humanistas cultiva-ram, já com o espirito sensual e sarcastico da epoca, já com o pedantismo moral que lhes fez esquecer a graça e ingenui-dade popular; é incalculavel a somma de collecções de *No-vellas* sobretudo nas grandes litteraturas romanicas, especial-mente a italiana. Esta actividade não deixou de influir na re-vivescencia popular e a necessidade de preencher um certo numero de contos de collecções artificiaes, como o *Decame-ron*, o *Pentameron* e *Heptameron*, obrigava a recorrer ás nar-rativas populares para supprir na falta de invenção. (3) Ain-da sob a fôrma quasi que exclusivamente litteraria da *Novel-la*, é aonde os costumes antigos se acham mais pittoresca-mente esboçados. Os escriptores fôram-se approximando conscientemente da tradição do povo, como Pérrault, mas d'ahi até possuirem essa *mão casta* para colher as flores da tradição, como o fez Grimm no comêço do seculo XIX, distava um espaço que só pôde ser transposto pela sciencia, com os seus variados recursos da philologia comparada, da mytho-graphia, da ethnologia, que nos revelaram o criterio que torna intelligivel este antiquissimo documento humano.

(1) A Reforma, na Allemanha, tambem produziu o desenvolvimen-to escripto das Fabulas, como se vê pela collecção de Burkhard Wal-dis, franciscano que esteve em Portugal por 1540; essa collecção, sob o titulo de *Esopus*, foi publicada em 1862 por Heinrich Kurz. Durante o seculo XVI (1548-1584) tivera seis edições.

(2) Max Muller, formou o schema d'esta migração das Fabulas da India para a Europa.

(3) No segundo volume de esta collecção tratamos da Litteratura dos Contos populares.

NOVELLISTICA BRASILEIRA

O ponto de vista anthropologico e ethnico da Novellistica popular, acha a sua plena comprovação em um paiz em que esses elementos organicos se contrapõem sem estarem ainda mutuamente integrados.

Parecerá á primeira vista esteril a investigação das tradições em uma recente nacionalidade como o Brasil; mas com a colonisação d'este importante paiz dá-se um phenomeno conjunctamente ethnico e sociologico, que porêmos em relêvo. A primeira occupação pelos portuguezes fez-se por um modo pacifico, com intuitos mercantis conciliados com a propaganda religiosa; a necessidade da cooperação agricola obrigou ao aproveitamento de uma raça degradada, e n'esta co-habitação permanente em um grande campo de exploração, o portuguez radicou a sua tenacidade colonial pela fusão ou mestiçagem com o elemento *indigena* e com o elemento *negro*. Este importante phenomeno historico, d'onde derivam os novos caracteres de uma nacionalidade, distingue de um modo bem accentuado o systema de colonisação da America do Sul. Sobre este problema, escreve Augusto Comte, com surpreendente lucidez: «O modo proprio da colonisação introduziu, entre o norte e o sul da America, uma differença continua, quanto ás relações respectivas com as populações principaes. Systematisada pelo catholicismo e pela realeza, a transplantação iberica conservou o conjuncto dos antecedentes, e mesmo permittiu, como acabo de explicar, um melhor desenvolvimento dos caracteres essenciaes.» (1) O portuguez não atacou as raças selvagens do Brasil, como o anglo-saxão na América do Norte; não occupou o novo continente por emigrações forçadas sob o impulso da revolta politica e da dissidencia religiosa; não viu no seu cooperador activo, o escravo negro, esse abysmo inacessivel da côr, e suscitado pela ambição pacifica do lucro, conservou instinctivamente o *conjuncto dos antecedentes*; esta circumstancia facilitou o encontro das tres raças produzindo-se gradativamente os caracteres essenciaes para a formação de uma vigorosa nacionalidade. Durante a colonisação portugueza, não perdemos na transplantação as tradições poeticas da mãe-patria, como se vê pelos *Contos populares do Brasil*; pelo seu lado, as raças selvagens, guarani e tupi, mantiveram as suas tradições primitivas. Na lingua portugueza das provincias do Pará, Goyaz e especialmente Matto Grosso, notou Couto de Magalhães vocabulos tupis e guaranis, phrases, figuras, idiotismos e construcções peculiares do tupi; as *dansas cantadas*, como o *Cateretê*

(1) *Système de Politique positive*, t. IV, p. 494.

e *Cururú* vieram dos tupis incorporar-se nos habitos nacionaes; em San Paulo, Minas, Paraná e Rio de Janeiro ha canções em que se alternam versos portuguezes e tupis; na vida domestica entram Contos e Lendas, como a historia de *Saci-Sararé*, *Boitaitá* e *Curupira*, e muitas fabulas foram colligidas do ditado de soldados indigenas servindo na guarnição de Rio do Janeiro. O elemento negro, escravo, trazido do fôco africano procurou nas ficções do seu fetichismo, n'essas fabulas espontaneas, a consolação de uma situação monstruosa que se prolongou abusivamente durante quatro seculos. Um dos caracteres essenciaes da nova nacionalidade, será evidentemente a reminiscencia d'estas tres tradições, na fórma de *Mythos*, de *Lendas* ou de *Contos*, segundo o desenvolvimento social d'essas tres raças que se aproximaram.

Colligir essas tradições no syncretismo actual em que se acham, determinar a intensidade de cada elemento ethnico, é um processo de alta importancia para avaliar como a par da assimilação organica se está elaborando a synthese affectiva, que individualisa e unifica uma nacionalidade em todas as manifestações da litteratura e da arte. Foi sob este aspecto que ligámos uma singular importancia aos *Contos populares do Brasil*, coordenando-os ethnologicamente, de preferencia a qualquer disposição esthetica. (1)

As tres principaes raças humanas, «as unicas cuja distincção é verdadeiramente positiva» como diz Comte, acharam-se em contacto no sólo do Brasil; o *branco*, o *amarello* e o *negro* aproximaram-se em condições differentes, cada um com as suas qualidades anthropologicas e psychologicas, em uma cooperação inconsciente. A conservação dos antecedentes de cada uma facilitando o estabelecimento de relações moraes, como se vê pelo syncretismo das tradições, foi a base segura para o desenvolvimento da nova nacionalidade, e leva a prevêr-lhe um esplendido e assombroso futuro. Analysemos os elementos que constituem a synthese affectiva da nacionalidade brasileira.

(1) O sr. Sant'Anna Nery, no seu livro *Folk-Lore Bresilien* (p. 4) apresenta-nos como contrafactor dos *Contos e Cantos populares do Brasil*; prestou-se á miseria de vulgarisar a ignobil objurgatoria de um louco moral, assoalhada no folheto *Uma esperteza*. Servindo estes estudos ethnologicos, arranjei-lhe em Portugal um editor que se sacrificou a imprimir esses tres volumes depois de regeitados pelos editores brasileiros; acompanhei-os de desertações accentuando a sua seriedade scientifica e elucidei os com notas comparativas. Eis o movel das insolencias *sem causa* e com *encarnigamento*, caracteristicos da epilepsia psychica.

Os phenomenos da loucura moral só de ha poucos annos são estudados; e este caso será citado como typico.

I.—Tradições de proveniência europêa. Os colonisadores portuguezes do seculo xvi, conservando o conjuncto dos seus antecedentes, transplantaram consigo um grande numero de tradições europêas e persistencias consuetudinarias, algumas actualmente obliteradas no velho mundo. Assim o rudimento dramatico do *Bumba meu boi*, apparece prohibido em um sermão do seculo vii: «Que ninguem se entregue ás praticas ridiculas ou criminosas das kalendas de Janeiro, taes como *fingir velhas ou animaes* (aut cervulos).» A parlenda infantil «Estava a *moura* em seu logar,» (1) ainda se conserva na sua fórma antiga na tradição oral da Galliza, por onde se vê como foi modificada por uma homophonia na versão brasileira :

Estava a *amôra* em seu lugar,
e ven a mosca pra a picar.

«A mosca n'*amôra*, a *amôra* n'a silva, a silva n'o chan,

Chan, chan,
ten man,

Estaba a mosca no seu lugar,
e ven o gallo pra a pillar... (2)

Como se vê, a fórma gallega, que é muito extensa, conserva ainda o character de um jogo popular; e na brasileira, a *amora* converteu-se em *moura*, vestigio da sua proveniência e processo de adaptação. O romance á morte do principe D. Affonso (*Cantos*, n.º 19) é tambem um documento da vivacidade dos cantos transplantados com os colonisadores no seculo xvi. Os costumes domesticos têm impressa essa feição quinhentista; é n'essas relações intimas, que os contos se repetem, taes como fôram recebidos da metropole, e como passatempo na vida isolada da provincia. No nosso estudo sobre *A Litteratura dos Contos populares em Portugal*, (3) investigamos a área de vulgarisação novellesca no seculo xvi e xvii, e por elle se vê a abundancia dos elementos que se transmitiram para o Brasil. Os novos emigrantes das varias provincias de Portugal e ilhas tem alimentado esse fundo tradicional enropeu, segundo o costume meridional, expresso por Jean le Chapelain :

Usaiges est en Normandie
Qui herbergiez est, *qu'il die*
Fable ou chançon lie á l'hoste.

(1) *Contos populares do Brasil*, n.º 31.

(2) *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. iv, pag. 123.

(3) *Cantos tradicionais do Povo portuguez*, t. II, Introdução.

Gil Vicente, Antonio Prestes e Camões alludem ao nosso costume popular de contar historias que duram noites a dias, e patranhas de rir e folgar. Vêmos isto, por exemplo, nos costumes do Ceará: «Em Setembro começam a desmanchar a mandioca, a fazer a farinhada. E que alegres dias e festivos serões na humilde casa de palha do pequeno lavrador! Parentes, amigos e visinhos, no mais cordial adjutorio, com elle arrancam, raspam, cevam a bemdita raiz. Levam-n'a á prensa, á peneira, ao fôrno. Suór de escravo não vereis ali correr; é o trabalho livre e fecundo, amenisado pela saudosa modinha cearense ao tanger da viola, ou por *interminaveis historias de cobras e onças.*» (1) Em uma poesia de Juvenal Galeno, *Saudades do sertão*, descreve-se tambem este viver domestico, em que se repetem os contos:

Conta o moço uma façanha
Das vaquejadas do dia,
O velho recorda um *Caso*
De quando se divertia;
A velha *conta nma historia...*
O vaqueiro uma victoria...
Cada qual tem sua gloria,
Seu feito de bizzaria.

Em Portugal, a par da *Modinha*, como descreve Tolentino, usava-se tambem o *conto*, que se foi tornando apanagio das crianças e da ingenuidade provincial; diz o poeta dos costumes burguezes do seculo XVIII:

Contando *historias de fadas*
Em horas que o pae não vem,
E co'as pernas encruzadas
Sentado ao pé do meu bem
Lhe dobo as alvas meadas. (2)

O caracter popular das obras de Antonio José da Silva é uma prova da vitalidade das tradições do Brasil; porque sendo elle de uma familia abastada, esse sentimento tradicional que introduzia nas creações litterarias de uma época decahida, era a consequencia do meio fecundo em que se desenvolvera. Na opera *Os encantos de Medêa*, allude a varias contos dos cyclos mais universalizados da Europa. «*ARPIA*: Pois sabeí que na quinta de Creuza, debaixo da terra, está uma estribaria, na qual está *um burro que caga dinheiro*. SA-

(1) Rodolpho Theophilo, *Historia da Secca do Ceará*, pag. 86.

(2) *Obras*, pag. 262. Ed. Castro Irmão.

CATRAPO: Eu ouvi fallar n'isso do *burro caga dinheiro*, que minha mãe o contava quando eu era pequeno; porém sempre tive isto por historia. ARPIA: Não te digo eu que todos tem noticia d'esse burro?—quando fôres á empreza, te hei de dar um *capello*, que foi de minha avó, o *qual quem o põe* ninguém o vê, a pôde ir por onde quizer, e entrar em toda parte sem ser visto; etc;» (1) Quando Antonio José se aproveitou d'estes elementos tradicionaes ainda elles eram considerados como despresiveis; depois a sciencia determinou-lhes paradigmas universaes, e d'aqui foi levada a interpretal-os como ultimos e apagados vestigios de concepções, taes como mythos e lendas, já de proveniencia de noções religiosas ou de reminiscencias historicas. Hoje a tradição do *burro mija dinheiro* é conhecida na sua fórma allemã colligida pelos irmãos Grimm no *Kind und aus Märchen*, a por Bechstein, no *Deutsche Märchenbuch*; na sua fórma norueguesa colligida por Abjörnsen, no *Norske Folke eventyr*; na fórma ingleza, colligida por Baring Gould, no appendice do *Folk Lore of the Northern countier of England*: apparece a mesma tradição nos *Contos do Decan*, colligidos por Miss Frere, nos contos kalmucos, esthonianos, e ainda em versão italiana e hespanhola. Na collecção brasileira (n.º xli) o conto do *Priguiçoso* filia-se n'este immenso cyclo tradicional ao qual se tem procurado a sua base na degeneração mythica.

Antonio José imita tambem as fórmulas populares da narrativa novellesca, como se vê na comedia *Vida do grande D. Quixote*: «SANCHO: Acerca d'isso contarei uma historia que succedeu não ha vinte annos. Convidou um fidalgo do meu lugar, mui rico e principal, porque descendia do Neptuno do Rocio, que casou com Dona Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Chafariz de Arroyos, homem sobretrancão e sêcco, o qual se afogou em pouca agua, por causa de um furto que lhe fizeram, de que se originou aquella celebre pendencia das enxurradas, na qual se achou presente o senhor D. Quixote, que veiu ferido em uma unha; não é verdade, senhor? D. QUIXOTE: Acaba já com essa historia antes que te faça calar... SANCHO: Como vou contando, vae senão quando... Aonde ia eu, que já me esquece? FIDALGA: Na pendencia das enxurradas. SANCHO: Ah, sim, lembre Deus em bem; este fidalgo, que eu conheço como às minhas mãos, porque da sua á minha casa não se mettia mais que uma estribaria, convidou, como vou dizendo, este fidalgo a um lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pariu. D. QUIXOTE: Acaba já com essa historia. SANCHO; Já vou acabando: chegado o tal lavrador a casa do fidalgo convidador, que Deus

(1) *Operas portuguezas*, t. 1, pag. 273.

tenha a sua alma na gloria, que já morreu, e por signal dizem que tivera a morte de um anjo, mas eu me achei presente, que tinha ido não sei d'onde. D. QUIXOTE : Por minha vida que acabes, se não te moerei os ossos. SANCHE : Foi o caso : que estando os dois para sentar-se á mesa, o lavrador porfiava com o fidalgo que tomasse a cabeceira da mesa, o fidalgo porfiava tambem que a tomasse o lavrador; tem d'aqui, tem d'alli, até que enfadado o fidalgo disse ao lavrador: Assentai-vos, villão ruim, aonde vos digo ; porque onde quer que eu me assentar essa é a cabeceira da mesa.

Entrei por uma porta,
Sahi por outra ;
Manda El-Rei,
Que me contem outra.» (1)

Este ditado novellesco ainda se repete na tradição actual do Brasil (*vid.* adiante, pag. 257) ; o thema do conto pertence ao cyclo das faccias mais vulgarizadas na Europa. Antonio José, como Francisco Rodrigues Lobo no seculo xvii, chasqueia o ditado popular, cheio de vacillações e incongruencias; por onde se vê que é errado o processo d'aquelles que ao colligirem os contos do povo attendem principalmente ás fórmas dialectaes, sacrificando o que é persistente, os themas tradicionaes, ao modo accidental da sua narração. Convêm separar o estudo da Novellistica da da Dialectologia.

A universalidade de um certo numero de contos entre as mais separadas raças e differentes civilisações humanas, é o primeiro phenomeno que surprehende o critico. D'aqui a inferencia da sua importancia ethnica e psychologica, como documento inconsciente de um periodo emocional da vida da humanidade. E', por tanto, logica a aproximação do *Conto*, tal como elle chegou até nós, dos *Mythos* mais geraes creados pela intelligencia primitiva, e mesmo consideral-o em grande parte como degenerescencias d'esses mythos quando deixaram de ser comprehendidos. Não é esta, porém, a nossa doutrina; porque a aproximação do Conto pôde fazer-se tambem da *Lenda*, estabelecendo-se uma relação intima entre estes dois productos da imaginação e das concepções subjectivas. O *Conto* é para nós um producto independente e simultaneo com a criação do *Mytho* e da *Lenda*, apropriando-se dos elementos de cada uma d'essas concepções, e conservando por isso na sua variedade umas vezes caracteres mythicos, outras vezes caracteres lendarios. E' por uma tal relação que o Conto se conserva com uma tenacissima persistencia, já en-

(1) *Operas portuguezas*, t. I, pag. 73.

tre as raças atrazadas e mesmo entre os individuos mais adaptados á concepção mythica, como as crianças, entre as pessoas em quem prepondera a memoria histórica, como os velhos. A feição mythica dos Contos reconhece-se em um determinado numero de themas incidentaes que se repetem entre todos os povos; taes são as *botas de sete leguas*, mythificação do vento; a *toalha sempre com comer*, que Brueyre interpreta como sendo a nuvem, os *pômos do ouro*, ou o sol, a *menina que bota perolas quando falla*, ou a Aurora, que é a *gata borralheira* no crepusculo vespertino; alguns contos tem sido aproximados de mythos definidos, taes como o conto de *João Feijão* (Tom Puce) do mytho astronomico da Grande Ursa e dos bois por Hermes, o da *Cendrillon* do mytho de Proserpina, a sala prohibida do *Barbe-Bleu*, do mytho do thesoouro de Ixion, as *botas de sete leguas* com as sandalias de ouro de Minerva, na *Odyseea*. Estas aproximações podem ser verdadeiras, mas é preciso que se não submetta tudo ao exclusivo ponto de vista mythico. Segundo a aproximação do typo lendar, o Conto apresenta outros caracteres: conserva o seu thema, modificando as circumstancias de pessoas e logares. Exemplifiquemos: Conta-se em Lisboa que Diogo Alves, assassino célebre, vivia nos Arcos das Aguas Livres, roubando os visitantes d'aquelle Aqueducto, e precipitando-os d'aquella enorme altura; uma vez tomára uma criança nos braços para a precipitar, mas a criança vendo-se ao collo do assassino sorriu-se na sua candura, e o malvado não teve então coragem para realisar o seu crime. Esta tradição local, acha-se contada por Herodoto, (*Hist.*, liv. v, cap. xcvi) em situação diversa, mas com o thema fundamental da criança que sorri para os seus assassinos e assim escapa. (1) A's vezes o Conto, conforme prevalece o character lendar, persiste pela sua applicação moral; nos Açôres existe o conto, de que ha no céo um queijo de ouro, que ainda está por partir, e só será encetado por aquelle que sendo casado nunca se tenha arrependido. Esta tradição apparece com o mesmo intuito na Sicilia, dando logar a um proverbio. (2) Se o conto de *Psyche*

(1) Egger, *Mem. de Littérature ancienne*, pag. 290.

(2) «In qualche comune della provincia di Siracusa corre la credenza che a Camarano presso Schoglitti, sia un tesoro incantado il qual non potrà esser preso se non la notte dal 14 à 15 Agosto, da chi, presa moglie, non sia pentito del matrimonio; ed è volgare il proverbio:

Cu'si marita e nun si penti
Piglia la truvatura di Comaramo.»

Pitré, *Antichi usi (Rivist. di Lett. popolare*, pag. 107).

deriva do mytho da Aurora, o conto de *Rhodopis*, já citado por Strabão (xxi, 808) e por Eliano (*Hist. varias*, xiii, 33) persistiu á custa das suas relações lendarias. (1)

D'esta dupla relação do *Conto* com o *Mytho* e a *Lenda*, assim elle se confina exclusivamente entre o povo, até o irem lá descobrir Perrault com um intuito artistico, e os Grimm com o seu espirito scientifico; ou o Conto se desenvolve litterariamente, como vêmos na Grecia com os *Loci communes* (2) e com o pensamento philosophico, como o conto das *Parças e da vida humana*. (3) Tambem nos escriptores mais individualistas apparecem estas reminiscencias novellescas, cujas raizes se vão encontrar vivazes na tradição popular: Voltaire, descrevendo o Anjo que vive em companhia de Zaidig, elabora um thema anterior que se acha no inglez por Thomaz Parnell, e já no seculo xiv em uma homilia de Alberto de Padua, indo remontar na fórma escripta até aos fabliaux, como afirma Littré. É já possivel coordenar todos estes elementos da mentalidade subjectiva em uma relação psychologica, de fórma que se comprehendam como concepções de uma syntese espontanea. Vico foi o primeiro que estudou o ponto de partida de todas estas concepções na sua fórma simples e immediata de *Tropos*. Quasi todas as palavras na sua significação não são mais do que abreviações de *tropos*; assim o *norte* (north) signfica o lado da chuva; *sul*, batido do sol, *leste*, brilhar, arder; *oeste*, da casa. O *Tropo* desenvolvendo-se sob o ponto de vista da personificação anthropomorphica, apparece-nos na efflorescencia do *Mytho*. Assim nas concepções do Egypto, o sol é o menino *Horus*, as trevas são personificadas em Set, contra as quaes lucha Horus, para vingar seu pae *Osiris* ou o sol radiante. Nos mythos vedicos, a Aurora, ou o crepusculo matutino é personificada na donzella, em *Ushas*; o Firmamento é o pae, *Varuna* ou *Uranos*. A affirmação de que os themas mythicos tem uma área limitada só se póde acceitar em quanto ao seu desenvolvimento dentro de certos systemas religiosos; assim os phenomenos solares personificados, deram logar á seguinte categoria de mythos: os phenomenos diarios da *Aurora*, do *Sol* e da *Noite* (personificados na Donzella, a criança orphã, a recém-nascida, a enteada bonita, a rapariga feia temporariamente; no principe, no amante, no encantado que apparece; na velha, na madrasta ruim, na bruxa). Os phenomenos solares annuaes, da *Primavera*, do *Verão*, do *Inverno*, fôram myth ficados anthropopathicamente, sendo este em geral o funda-

(1) Chassang. *Hist. du Roman*, pag. 398.

(2) Ott, Müller, *Hist. de la Littérature grecque*, t. II, pag. 522.

(3) Tylor, *La Civilisation primitive*, t. I, pag. 403.

das grandes Epopêas. Esta forma organica das Litteraturas é effectivamente o desenvolvimento de themas mythicos, que ás vezes subsistem entre o povo na forma de Contos, mas deveram a sua activa elaboração e interesse ás relações lendarias de que se aproveitaram.

Vimos o que era o *Mytho*; resta-nos definir a *Lenda*: esta criação é a narração de um facto não pelo que elle teve de realidade, mas segundo a impressão subjectiva que produziu. O poder da formação lendaria é caracteristico da nossa raça árica, que o desenvolveu até chegar á veracidade historica; diz Emilio Burnouf: «todos os povos da raça árica, no Oriente e no Occidente, remontam a sua origem a personificações heroicas que nunca existiram, e a estes seres ideaes que são deuses ou symbolos, mas não pessoas reaes. (1) As Lendas têm tambem formas definidas na sua divergencia da realidade: os *Eponymos*, como *Mena*, *Manu*, *Romulo*, *Hellen*, *Dorus*, representam uma raça ou uma civilização; na *Toponymia*, os logares são representados como individualidade historicas, como se vê nos antigos livros hebraicos, onde o nome de *Sem* significa *montanha*, *Héber*, o da margem de lá, ou da outra banda do rio, *Phaleg*, a divisão. A elaboração dos elementos da Lenda poderia tambem dar-se o nome de *mythificação por plausibilidade*, como indica Tylor.

Assim como se chegou a lér a imagem emblematica dos brazões, tambem a linguagem mythica tem as suas formas gradativas, podendo coordenar-se na sua dependencia psychologica através dos mais inconscientes syncretismos.

2. — **Tradições de proveniencia africana.** Na época em que os Portuguezes colonisaram o Brasil, a raça negra da Africa entrava no concurso ds civilização moderna pela forma affrontosa da *escravidão*; esta circumstancia destando completamente do espirito da corrente historica, influiu na degradação simultanea do negro e do branco, deixando ao futuro que hoje é o nosso presente, um dos mais difficeis problemas sociaes a resolver. Acabára a escravatura antiga, porque esta situação social era emergente do estado de guerra; entrando se no regimen industrial e pacifico, determinado pelas grandes navegações, a *escravidão* tomou uma nova forma, a exploração criminosa de uma raça inferior, degradada em vez de ser tomada como cooperadora da actividade dos europeus. Foi preciso que o senso moral se elevasse para que a *escravidão* do negro se considerasse uma affronta da humanidade, lançando Filanghieri o primeiro brado contra essa iniquidade. Comte julgou com bastante clareza esta situação social que exploravr o negro como escravo: «o destino nor-

(1) *Hist. de la Littérature grécque*, t. 1, pag. 19.

mal da escravidão não convém senão á submissão do trabalhador ao guerreiro. Emquanto a instituição antiga secundou o desenvolvimento respectivo do senhor e do servo aproximando-os, a monstruosidade moderna degrada um e outro separando-os.» (1) Nos anexins populares conhece-se o instinto de aversão e crueldade da população branca do Brasil para com o negro :

Negro é tóco,
Quem não lhe atira é louco.

Negro é vulto,
Quando não pede, furta.

Negro quando não canta, assobia ;
Deitado é lage ;
Sentado é um tóco,
Correndo é um pôcco.

O preto tem catinga,
Tem semelhança com o diabo ;
Tem o pé de bicho,
Unha de caça
E calcanhar rachado ;
Quando se chama, resmunga,
Se resmunga, leva páo.

(Rio de Janeiro.)

Apesar d'este barbarismo do branco, a raça negra deve considerar-se como um elemento cooperador da civilização brasileira. Diz Joaquim Nabuco: «Para nós a raça negra é um elemento de consideravel importancia nacional, estreitamente ligada por infinitas relações organicas á nossa constituição, parte integrante do povo brasileiro » (2) O mesmo escriptor contiúua com a auctoridade da sua competencia: «a parte da população nacional que descende de escravos é pelo menos tão numerosa como a parte que descende de senhores, isto quer dizer, que a raça negra nos deu um povo.» (3) Ainda por este tempo a população negra elevava-se ao numero de milhão e meio de almas ; (4) de 1831 a 1852 o trafico transportou da Africa para as senzalas do Brasil um milhão de negros, (5)

(1) *Systeme de Politique positive*, t. IV, pag. 520.

(2) *O Abolicionismo*, pag. 20.

(3) *Ibid*, pag. 21.

(4) *Ibid*, pag. 108.

(5) *Ibid.*, pag. 209.

calculando a cifra annual em cincoenta mil. Era anthropologicamente impossivel, que este elemento não actuasse sobre a população branca, apesar do seu afastamento cruel. As musicas e dansas populares, como as *sambas*, *chubas*, *batuques* e *candombles*, o *vapata* e o *carurú*, são a prova da influencia ethnica do negro, no Brasil. Como é que as tradições populares e domesticas escapariam á influencia d'essa raça no seu espontaneo fetichismo! Se o branco foi severo ne seu afastamento do escravo negro, este obedeceu á sua tendencia affectiva, ligou-se á nova nacionalidade de que o fizeram cooperador. Sobre este ponto escreve Joaquim Nbuco: «A escravidão, por felicidade nossa, não azedôu nunca a alma do escravo contra o senhor, fallando collectivamente, nem creou entre as duas raças o odio reciproco que existe naturalmente entre oppressores e opprimidos.» (1) Como os factos particulares confirmam as grandes leis naturaes: a raça negra é essencialmente affectiva, e é este o character com que tem de ser trazida á cooperação com as raças superiores da historia. Augusto Comte expoz este grande principio sociologico, confirmado pelos anthropologistas: «póde-se já reconhecer que os negros são tão superiores aos brancos pelo sentimento, como abaixo d'estes pela intelligencia.» (2) No desenvolvimento da nacionalidade brasileira confirma-se este facto da cooperação sentimental; diz Joaquim Nabuco: «Alliados de coração dos Brasileiros, os escravos esperaram e saudaram a Independencia como o primeiro passo para a sua alforria, como uma promessa tacita de liberdade, que não tardaria a ser cumprida.» (3) A relação ethnica do negro com a patria Brasileira é vastissima, como se vê pela abundancia de *Fabulas* colhidas da tradição oral. Na Grecia a *Fabula* era tambem considerada como proveniente de uma civilização negroide, d'onde a sua designação de *Fabulas lybicas*, *ethiopicas*, e a identificação de Esopo com *Aithiops*. A publicação moderna dos *Contos dos Zulos*, por Henry Callaway, veiu esclarecer-nos sobre a evolução das fórmulas tradicionaes entre

(1) *O Abolicionismo*, pag. 22.

(2) *Syst. de Politique positive*, t. II, pag. 461. — Virey, na *Histoire générale du Genre humain*, descreve minuciosamente este character affectivo do negro, que o leva até sacrificar-se pela pessoa a quem se dedica. Broc, no seu *Essai sur les Races humaines*, pag. 74, acceita tambem estas characteristics, que deveriam ser conhecidas pelos politicos e chefes temporaes. No livro *A raça negra sob o ponto de vista da Civilização de Africa*, de A. F. Nogueira, é onde pela primeira vez um ethnologista vindica com factos observados directamente a capacidade affectiva que destingue o negro.

(3) *O Abolicionismo*, pag. 50 e 136 seg.

a raça negra, onde apparecem os contos do *Renard*, do *Petit Poucet*, e a elaboração de um fetichismo que perdéu a fórma cultural. No Brasil existe nas festas do Natal e Reis Magos, o auto rudimentar do *Bumba meu boi*, analogo á festa do Boi Geroa, ou o *Muene Hambu* dos Ba-Nhaneca, da Africa. (1) Muitas das fabulas africanas da população negra do Brasil são populares em Portugal, como o *Kágado e a festa no céo*, *Amiga Raposa e amigo Corvo*, o *Macaco e o Moleque de cera*, o *Macaco e o rabo*, o *Macaco e a cabaça*. No romanceiro portuguez é frequente a allusão á raça negra na nossa sociedade desde o seculo xv; no romance do *Conde Grifos*, se diz: «A um *pretinho* que tinha — Uma lança lhe ha dado»; no romance da *Morena*, vem: «Manda os *pretinhos* á lenha — E as môças buscar agua.» Vê se que este elemento penetrou profundamente na sociedade portugueza. e que a sua prolongação no Brasil foi fortificada pela necessidade da exploração agricola. Assim como o cruzamento do elemento negro com o indigena produz essa mestiçagem chamada o *cafuzo*, tambem as suas tradições n'um ou n'outro ponto se encontram; a fabula da *Onça e o Bode*, (pag. 149) colligida em *Sergipe*, acha-se na tradição dos indigenas do Juruá, colligida sob o título *O Viado e a Onça*, (pag. 184) como a fabula do *Jabuti* apparece na Africa.

O elemento africano manifesta-se ainda por uma grande abundancia de superstições populares; em Portugal o preto conserva um perstigio magico, empregado na venda das cauteelas das loterias, como tambem no seculo passado circularam prophcias em nome do *Pretinho do Japão*. Entre as crenças populares portuguezas existe o costume de trazer uma Oração escripta e dobrada dentro de uma pequena bolsa ao pescoço, a qual livra do raio, dos assassinios, de morrer afogado ou repentinamente, e de outros males. Em Africa a Oração é essencialmente um remedio, que os feiticeiros exploram, tal como o descrevem minuciosamente Astley e Cailié. As superstições e medicina popular relacionadas com o elemento africano, não são tão sympathicas como os Contos e Fabulas provenientes do seu fecundo fetichismo, mas são dignas de se estudar como documento da situação de uma raça violentamente degradada.

3. — **Tradições das Raças selvagens do Brasil.** — Todos os que têm colligido tradições populares conhecem o phenomeno psychologico de desconfiança ou de mêdo com que os depositarios d'esses thesouros poeticos respondem ás interrogações que lhes fazem; receiam descobrir essas reminiscencias queridas, julgam-se expostos ao ludibrio dos indif-

(1) A. F. Nogueira, *A raça negra*, pag. 289.

ferentes, tem mêdo ás vezes que as suas palavras se tornem sortilégios com que os persigam. Isto que observámos durante a colleção do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* e dos *Contos tradicionaes* repete-se com mais intensidade entre as raças selvagens. O dr. Couto de Magalhães, no seu livro *O Selvagem do Brasil*, onde colligiu ás principaes tradições dos Tupi e Guarani, acentua este importante facto: «Todo aquelle que tem lidado com homens selvagens, terá conhecido por propria experiencia o quão pouco communicativos são elles em tudo quanto diz respeito ás suas ideas religiosas, suas tradições e sus lendas domesticas. Elles teem mêdo que o branco, o *carina*, se ria d'elles. . . » (1) Para vencer esta repugnancia do povo a revelar a sua tradição, a primeira condição é mostrarmos-nos conhecedor d'ella, repetindo fragmentos que estimulem a imaginação, e assim lhe recordem os trechos conservados inconscientemente na memoria, e que familiarmente se fazem recitar de um modo espontaneo. Jacob Grimm, o grande colleccionador das tradições populares da Allemanha, era tambem o homem que melhor conhecia o fundo poetico e nacional das raças germanicas; Cástren, o que mais conheceu os dialectos das tribus mongolicas, foi por isso quem melhor soube interrogar essas tribus e colligir-lhes as suas tradições dispersas. Com as tradições das raças selvagens do Brasil deu-se a mesma circumstancia; o dr. Couto de Magalhães, além do seu character audacioso e emprehendedor, conhece os differentes dialectos da Lingua geral, e por este meio entrou na familiaridade dos que accidentalmente se destacaram da vida selvagem para o contacto da civilisação brasileira. Com o conhecimento da fórma amazonica do tupi é que o dr. Couto de Magalhães penetrou depois na investigação das lendas, confrontando-as com outras que ouvira em Matto Grosso. Em alguns logares do seu livro declara a fonte d'onde colheu as tradições: «Fui auxiliado no trabalho das lendas por um soldado do 2.º regimento de artilharia, que quasi não fallava o portuguez.» (2) A guerra do Paraguay não deixou de ter influencia no estudo das raças selvagens do Brasil; diz o dr. Couto de Magalhães, que durante essa guerra é que ouviu pela primeira vez, a bordo de um vapor no rio Paraguay, um marinheiro contar as *Historias do Jabuti*, apenas com alguns aphorismos ou anexins em lingua tupi. Viajando depois para a foz do Amazonas, parou no Afuá ancoradouro de muitos barcos que navegam para o Ampá e Guana; ali ouviu de novo os *Contos ou Historias do Jabuti*. Mais tarde voltando ao Pará, colligiu das versões oraes

(1) *O Selvagem*, p. 746.

(2) Op. cit., pag. 138.

de um marinheiro indio *mundurucú* algumas das lendas que lhe serviram de chrestomathia para a seu livro. (1)

Alguns d'estes contos são populares tambem nas provincias do interior do Brasil: «Existem aqui nos corpos da côrte, escreve o dr. Couto de Magalhães, nada menos do que quarenta a cincoenta praças que fallam o tupi, e como são indigenas todos sabem de côr algumas lendas que figuram n'esta collecção.» Essas lendas bem mereciam ser cohecidas, e pela fórmula que o dr. Couto de Magalhães as introduziu no seu livro de balde se suspeitará que ali esteja archivado um tão importante documento tradicional; a fórmula de traducção interlinear, sacrificando a construcção portugueza á intelligencia da construcção da phrase tupi, é necessaria para o trabalho grammatical, mas prejudica algum tanto a importancia ethnologica do monumento tradicional. Só tornando bem cohecidas as tradições das raças selvagens do Brasil é que se podem fazer comparações com as de outros povos selvagens, vindo assim a deduzir-se relações que talvez esclareçam problemas importantes da anthropologia. Por exemplo: a fabula do *Jabuti*, que vence o Veado na carreira, foi tambem achada na Africa e em Sião, e já assim a interpretação siderica d'essas Fabulas não será um esforço de critica subtil e sem realidade. Tambem na collecção de Fabulas africanas, publicadas pelo Dr Bleek, com o título de *Reinche Fuchs in Africa*, encontra-se um conto dos indigenas de Madagascar (pag. xxvii) e um conto dos Dama, ramo da raça cafre, com grandes analogias com o conto popular portuguez do *Rabo de gato*, dos *Contos populares portuguezes*, n.º x, e na tradição popular da Sicilia e de Otranto. (2) A medida que estes resultados comparativos se fôrem alargando, se chegará a determinar que um grande numero de expressões mythicas da nossa linguagem, e de contos populares representam um subsolo selvagem sobre que se formaram as nossas civilisações, da mesma fórmula que os ethnologistas explicam hoje já a persistencia das guerras e ainda os crimes individuaes do assassinato e do latrocínio como fórmulas de recorrencia dos habitos selvagens primitivos. Pelo desenvolvimento d'esta ordem de estudos, que já dotaram a philologia com o capitulo novo da linguagem generativa, e a ethnologia com o problema das origens da familia, é que se ha de fundar a Sciencia das Civilisações proto-historicas, sobre que se basearam as civilisações superiores no seu periodo do

(1) Op. cit., pag. 148-150. — Estas lendas e fabulas fóram traducidas para francez com o título: *Contes indiens du Brésil*, recuellis par M. le général Couto de Magalhães, et traduits par Emile Allain. Rio de Janeiro. Faro e Lino éditeurs, rua do Ouvidor, n.º 74. 1873.

(2) *Contos populares portuguezes*, pag. x.

empirismo espontaneo. Uma d'estas civilisações proto-historicas é a das raças *Scytho-mongolicas*, nome que talvez seja preferivel para exprimir as raças turanianas, da mesma fórma que os anthropologistas propõem o nome de *Syro-Arabes* em vez de Semitas, e *Indo-Europeos* em vez de Arias. O sentimento d'estas Civilisações proto-historicas, que se distinguiram por um grande saber de industria metallurgica e por conhecimentos astronomicos, como entre os accádios e kuschitas, é que leva hoje alguns espiritos suggestivos a procurarem interpretar os myths zoologicos das raças selvagens como expressões de factos sideraes observados pela condição da sua situação geographica. O professor Hartt, que tambem colligiu algumas lendas brasilicas no Tapajós, considera-as como velhas tradições astronomicas da raça tupi; no opusculo *The Amazoniam Tortoise mythes* vem os elementos da sua interpretação siderica, que o dr. Couto de Magalhães applica ás fabulas do *Jabuti*. Transcreveremos as proprias palavras do illustre ethnologo brasileiro em que segue o ponto de vista do prof. Carlos Frederico Hartt: «E' assim que a primeira lenda explicada pelo systema solar, parece-me offerecer no *Jabuti* o symbolo do Sol, e na *Anta* o symbolo do planeta Venus.

«Na primeira parte do mytho, o *Jabuti* é enterrado pela *Anta*. A explicação parece natural, desde que se sabe que em certa quadra do anno Venus apparece justamente quando o Sol se esconde no occidente.

«Chegado o tempo do inverno o *Jabuti* sae, e, no encalço da *Anta*, vae successivamente encontrando-se com diversos rastos, mas chega sempre depois que a *Anta* tem passado. Assim acontece com o Sol e Venus, que quando apparece de manhã, apenas o Sol fulgura ella desaparece.

«O *Jabuti* mata finalmente a *Anta*. Isto é, pelo facto de estar a orbita do planeta entre nós e o Sol, ha uma quadra no anno em que ella não apparece mais de madrugada para só apparecer de tarde. O primeiro entêrro do *Jabuti* é a primeira conjunção, aquella em que o Sol se sóme no occidente para deixar Venus luzir. A morte da *Anta* pelo *Jabuti*, é a segunda conjunção, aquella em que Venus desaparece para deixar luzir o Sol.» Estas interpretações astronomicas poderiam considerar-se simplesmente engenhosas ou gratuitas, se o dr. Couto de Magalhães que andou muitos annos entre os selvagens do Brasil, não tivesse notado os seus conhecimentos de phenomenos astronomicos. O contacto com uma civilisação completa como a Quichua, que possuia uma theologia baseada no culto solar, torna plausivel esta interpretação, considerando esses conhecimentos tradicionaes do selvagem brasileiro como vestigios de uma civilisação interompida. Vamos tentar o esboço d'essa civilisação rudimentar.

As raças da America do sul fôram classificadas por d'Orbigny em tres grandes troncos, *Ando-Peruviana*, *Pampeana* e *Brasilio-Guaraniana*; esta divisão admittida por Prichard, condiz com um certo numero de differenciações, taes como : a *dolichocephalia* dos peruvianos caracteristica das raças da America septemtrional, o desenvolvimento da grande civilização dos Quichuas ou Incas sobre as ruinas de uma civilização mais antiga, por ventura autochtone, dos Aymáras, resultando d'este longo conflicto a dispersão da raça pampeana em numerosos grupos ou hordas, que, ou não chegaram a assimilar os progressos realisados pelos Incas, permanecendo no estado selvagem, ou, se iniciaram essa cultura, regressaram por effeito das luctas á selvageria primitiva. (1) A fragmentação das raças da America do sul é um dos phenomenos que mais impressiona o anthropologista, bem como a coexistencia de civilizações completas anteriores aos tempos historicos e estados selvagens que parecem uma regressão á animalidade primitiva. Na raça Brasilio-guaraniana, a facil tendencia para a sociabilidade revela-nos que entraram nas primeiras vias de um progresso que foi interrompido por circumstancias especiaes. De facto as raças do sul caracterisam-se tambem pela sua *brachycephalia*, pela obliquidade dos olhos peculiar dos mongolios, tendo tambem numerosas analogias ethnicas com as raças nomadas da Alta Asia. No seu grande trabalho *Crania americana*. o dr. Morton traz algumas indicações bem caracteristicas para separarem as raças indigenas da America do norte das da America do sul ; depois de descrever os craneos oblongos (*dolichocephalos*) do norte, diz: «As cabeças dos Caraïbas, tanto das Antilhas como da terra firme, são tambem naturalmente arredondadas (*brachycephalos*) e, segundo as observações que podemos fazer, este caracter persiste nas raças meridionaes ainda, nas nações situadas a leste dos Andes...» (2) Prichard não viu o alcance d'esta differenciação cephalica estabelecida por Morton; nos modernos trabalhos authropologicos de Paul Broca, acha-se uma distincção equal entre os povos bascos hespanhoes e francezes, o que parece fundamentar a existencia dos dois typos primitivos: o basco hespanhol é *dolichocephalo*, e o basco francez é *brachycephalo*. Não admira pois que nas conquistas hespanhoias da America se estabelecesse uma facil fusão do hespanhol e regressão ao typo indigena. Na America do sul a brachycephalia tambem

(1) Prichard, com o seu lamentavel biblicismo obscurece esta consideração, dizendo do indigena americano: «Não é o homem primitivo, mas o homem degenerado, que nós vemos n'elle.» *Hist. naturelle de l'Homme* II, 216.

(2) Apud Prichard, *Hist. nat. de l'Homme*, II, 85.

leva á comprehensão de analogias excepçõaes já observadas pelos anthropologistas; diz MORTON: «Entre os Indios da America do norte é rarissimo vêr pronunciar-se nitidamente a obliquidade dos olhos, que é tão geral nos Malaio e Mongolios; mas Spix e Martius observaram-n'a em algumas tribus brasileiras, e Humboldt nas do Orenoco, etc.»

Fallando da cõr amarella, estatura mediana, fronte deprimida, olhos muitas vezes obliquos, sempre elevados no angulo exterior, das raças brasilio-guaranianas (Caribes, Tupi e Guarani), accrescenta Prichard: «Estas feições que pertencem ás grandes raças nomadas da America do sul, approximam-se, como se vê, bastante das raças nomadas da Alta Asia.» (2) Tambem Spix e Martius acharam os Caribes uma semelhança palpavel com os Chinezes; (3) e fallando das idéas religiosas dos americanos, acrescenta Prichard: «devemos fazer notar, que ha sobre todos estes pontos uma grande analogia entre as opiniões dos Americanos e as dos Asiaticos do norte.» (4) Por tudo isto se pôde inferir, que foi das raças nomadas da Alta Asia que se destacaram essas migrações que entraram na Europa antes dos Indo-europeos, e que se conhecem pelo typo *brachycephalo* do basco francez; a coincidencia da *dolichocephalia* do basco hespanhol com o berbére, como notou Broca, revela-nos tambem o caminho por onde o turaniano da Asia entrou no sul da Europa vindo através da Africa, onde uma parte estacionou. E' por isso que se torna legitima a comparação das Canções provençaes com os cantos accádicos e chinezes, (5) bem como com o phenomeno da persistencia da Modinha brasileira, (6) e o mesmo processo leva a grandes resultados aproximando o Romanceiro peninsular ou as Aravias dos cantos historicos ou *Yaravis* do Perú. (7)

D'estas rapidas considerações anthropologicas e ethnicas sômos levados a tentar estabelecer uma nova divisão entre a Pre-historia e a Historia, a partir desde o typo humano troglodita até ás civilisações rudimentares, isto é, desde o desenvolvimento das condições de sociabilidade, especialmente da linguagem articulada. Depois d'este estado, a que se chama *Pre-Historia*, deve estabelecer-se como intermedio para a Historia propriamente tal, uma phase de connexão evolutiva,

(1) Apud Prichard. *Hist. nat. de l'Homme*, pag. 87.

(2) *Ibid.*, II, pag. 223.

(3) *Ibid.*, *loc. cit.*

(4) *Ibid.*, II, 271.

(5) No prologo do *Cancioneiro da Vaticana*, cap. VI.

(6) Nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*, pag. 61 a 80.

(7) Nas *Épopêas da Raça mosarabe*, pag. 127 a 137; e *Theoria da Historia da Litteratura portugueza*, pag. 24.

já presentida por Littré, a que chamaremos *Proto-Historia*: deve comprehender as civilizações rudimentares Accádica, Kuschita, Mexicana, Peruviana, Etrusca e Chinezza. Se a Pre-Historia foi fundada pelos anthropologistas, compete aos Ethnologistas o desenvolver a *Proto-Historia* pelo estudo comparativo d'essas civilizações improgressivas, produzidas principalmente nas raça turanianas ou mais propriamente Scytho-Mongolicas. Estes estudo só póde ser fundado pela contribuição da Mythographia, da Linguistica, da Ethnographia, da Chronologia, das Litteraturas tradicionaes, das Artes ornamentaes, e technicas, da Psychologia comparativa e da Cosmographia; n'este vasto complexo de sciencias concretas e subsidiarias da *Proto-Historia*. as superstições popultares, as fabulas ou bestiarios e os contos mythicos são mais fecundos em resultados do que as comparações anthropologicas. Vamos tentar a indicação dos contôrnos da *Proto-Historia*, em que devem ser estudadas as tradições das raças do sul da America.

Entre as civilizações isoladas, que por esta condição material se tornaram improgressivas, occupam um lugar importantissimo depois do Egypto e da China, as duas civilizações do Mexico e Perú. É este o seu lugar na historia da humanidade; talvez tão antigas como a do Egypto, mas ainda mais isoladas pelo territorio, pela pureza raça e por falta de estímulo de outros povos, estas devem ser estudadas antes do apparecimento das raças áricas, e sob um criterio comparativo, como o vestigio mais completo da capacidade social do elemento turiano. O conhecimento da China data na Europa da época da invasão dos Tartaros (1240) e especialmente depois da leitura das *Viagens* de Marco Polo; as maravilhas contadas pelo atrevido viajante italiano exaltaram a imaginação de Colombo, e este ousado navegador pensando que descobria o Cathay ou a China, abordava ao continente desconhecido da America, onde existiam outras civilizações igualmente isoladas e com analogias profundas com a chinezza. Esta circumstancia casual que conduziu Colombo á descoberta da America, explica-nos tambem como o continente americano chegou a ser habitado por uma raça civilisadora, que nas suas expedições maritimas abordou inconscientemente á America pela corrente do Gulf-Stream. Essa raça primitiva é turiana, e por isso os grãos do seu progresso, mythos, litteratura e arte, tem profundas analogias com as creações do genio chinez.

As muitas relações ethnicas entre o Mexico o a India, nos mythos, nas tradições populares, nas fórmulas symbolicas, não escaparam a sabios como Wilson, Tylor e Alexandre de Humboldt; o motivo d'essas relações foi debalde procurado em communicações historicas immediatas com as raças áricas,

suppondo já a hypothese de uma migração do nordeste da Asia para o noroeste da America, já a de uma comunicação entre os dois continentes por uma ponte de ilheus no meio do estreito de Behring. A descoberta dos monumentos cuneiformes, e a leitura dos livros accádicos, restabelecendo a civilização turaniana, veiu derramar uma luz immensa sobre a marcha evolutiva da humanidade. Onde as civilizações turanianas foram absorvidas, como no Egypto, Chaldêa o Assyria pelas raças kuschito-semitas, ou na India pela raça árica, fructificaram; no Mexico essa mesma civilização tornou-se improgressiva por falta de estímulo social. Como ramo turaniano, a civilização do Mexico torna-se um facto claro pela comparação com as manifestações analogas dos outros ramos da mesma raça; a sua theologia é tão désenvolvida como no Egypto, os seus mythos produzem epopêas como a de *Ghisdubare* em Babilonio, ou a do *Kalevala* na Finlândia; o seu theatro sae dos ritos liturgicos, como na India, e tambem a sociedade é submettida a uma auctoridade theocratica. Os costumes mexicanos ainda apresentam analogias com os de raças turanianas existentes; a superstição de não bulir no lume com uma faca, é turaniana, e por isso é commum aos tartaros, aos Indios Sinx da America do Norte, e aos habitantes da extremidade nordeste da Asia entre os habitantes do Kamschatcka; (1) o mesmo rito apparece referido n'uma maxima pythagorica «Não bolir no lume com uma faca.» A reconstituição d'essa grande civilização *Proto-Historica* vem explicar a unidade de um certo numero de tradições entre povos que não tiveram relações entre si nas épocas historicas. A civilização do Mexico tem a importancia de nos mostrar em um grande numero de instituições o genio creador da raça turaniana; e ao mesmo tempo como a precocidade da sua capacidade inventiva o conduziu á esterilidade e decadencia pelo seu remotissimo isolamento, que o sobtrahia a toda a pressão social. O mesmo facto se repete na vida historica da China, talvez o mais vetusto dos ramos turanianos, que estacionou no familismo pelo seu isolamento na extrema Asia.

No seu pequeno estudo sobre os *Usos e costumes*, Max Müller cita este, que se conserva ainda na ilha de S. Miguel: «Ha, nas tradições populares da America central, a historia de dois irmãos, que na occasião de partirem para uma perigosa viagem no paiz de Xibalba, onde seu pae morrera, plantam cada qual um canavial no meio da casa de sua avó, para que ella possa saber, vendo as canas florirem ou seccarem-se, se os seus netos são vivos ou mortos. A mesma concepção se encontra exactamente nos contos de Grimm. Quando os dois

(1) Max Müller, *Essaes de Mythologie comp.*, pag. 321.

filhos de ouro querem ir vêr o mundo e deixarem seu pae, este, com tristeza lhes pergunta como poderá saber novas d'elles; responderam: — Nós vos deixaremos dois lirios de ouro. Por meio d'elles vós podereis vêr como passamos. Se estiverem viçosos, é porque nós passamos bem; se emmurchecerem, é porque estamos doentes; se cahirem ao chão, é sômos mortos. — Grimm indica a mesma idéa nos contos indianos. Ora tal idéa é bastante extraordinaria, e muito mais ainda o encontra-a simultaneamente na India, na Germania e na America central. Se ella se encontrasse sómente nos contos indianos e germanicos, poderíamos consideral-a como uma antiga propriedade aryana; mas quando a encontramos na America central, só nos restam dois meios de sahir da difficuldade: ou é preciso admittir que houve, n'uma época recente troca de idéas entre os colonos europeus e os novelheiros indigenas da America . . . ou então se não existe algum elemento intelligivel e verdadeiramente humano n'esta supposta sympathia entre a vida das flôres e a dos homens.» (1) O facto da existencia simultanea na India e no Mexico de uma tal tradição, conduz a determinar a unica filiação historica possivel e confirmada hoje na sciencia. Antes da civilisação aryana existiu na Asia a civilisação *turaniana*, que lhe serviu de base de desenvolvimento; nos costumes do Mexico conservam-se tambem muitas fórmas communs ás raças tartaras e basca, que são de origem mongoloide; além d'isso na Europa, os elementos basco, turco, magiar e finlandez são os restos da primitiva civilisação *Proto-Historica* turaniana. O costume supracitado é uma revivescencia de crenças de uma raça que foi repellida da Europa central pelas migrações indo-europêas, revivescencia motivada pela tradição de origem turaniana trazida da Asia central. Max-Müller explicava estas analogias por motivos subjectivos do sentimento humano «e que não é necessario admittir uma relação historica entre os aborigenes do Guatemala e os Aryanos da India e da Germania.» (2) Diante da descoberta dos monumentos accádicos e da reconstrução da civilisação turaniana, a verdade está do lado da realidade historica.

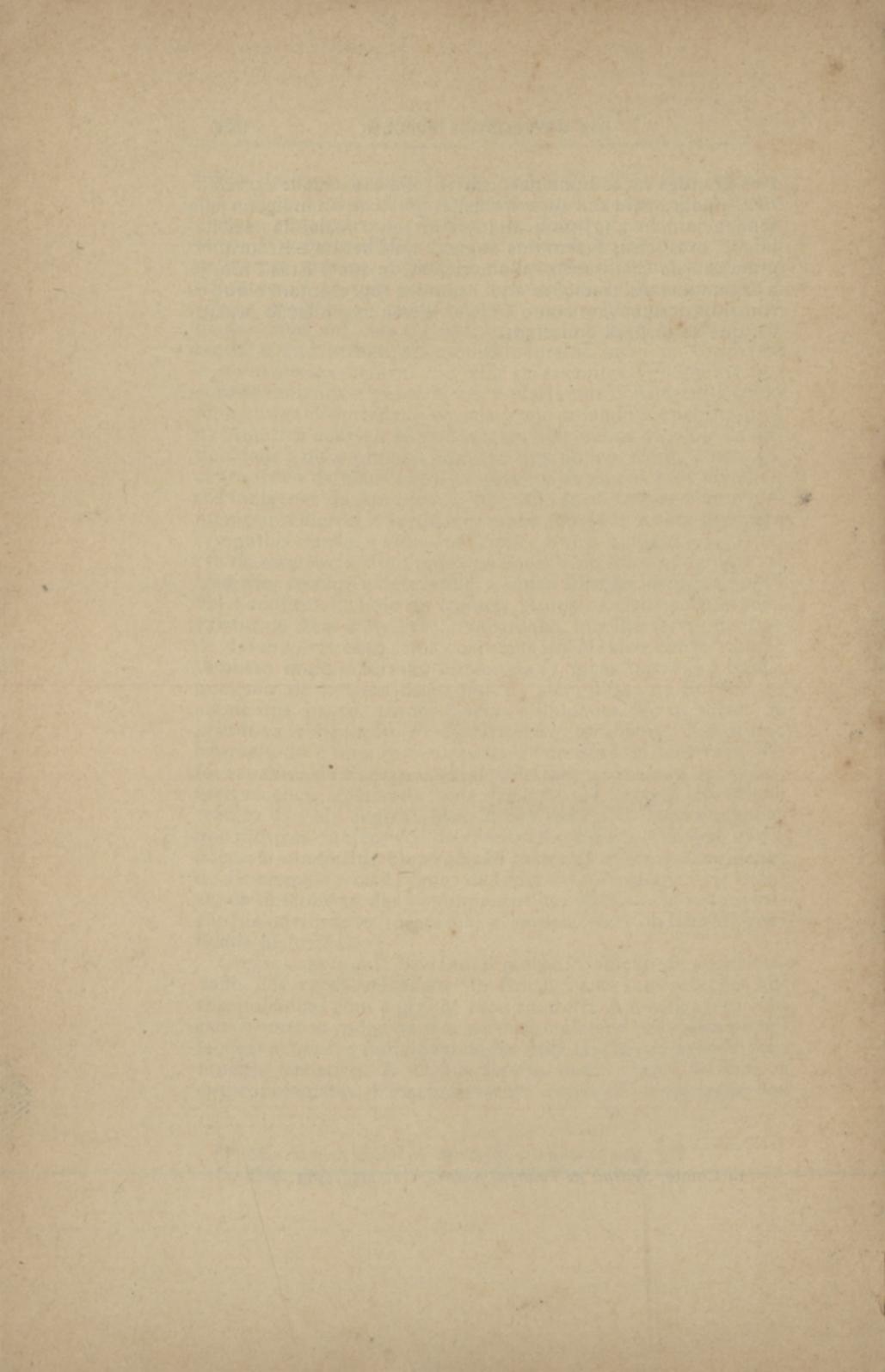
Creemos ter aqui provado o gráo e condição de superioridade das raças selvagens do Brasil, pelas suas relações anthropologicas com a grande raça amarella. A mestiçagem com este elemento indigena deu na nacionalidade brasileira populações activas e individualidades dotadas de um grande sentimento artistico. A raça amarella, como a caracterisam os anthropologistas, é essencialmente activa. A cooperação das

(1) Max-Müller, *Essais de Mythologie comparée*, pag. 318.

(2) *Ibid.*, pag. 320.

tres grandes raças humanas, a árica pela capacidade *especulativa*, a negra pela sua superioridade *affectiva*, e a indigena pela tendencia *activa*, (1) unificando-se no facto social da nacionalidade brasileira, fazem-nos augurar qual será a extraordinária grandeza da Civilização sul-americana, de que o Brasil tem já a hegemonia. As tradições aqui reunidas representam o que os romanos designavam como *indoles* d'essa assimilação organica, que se tornará consciente.

(1) Comte, *Système de Politique positive*, t. II, pag. 462.



PARTE I

CONTOS DE FADAS E CASOS DA TRADIÇÃO POPULAR

SECÇÃO I

CONTOS MYTHICOS DA AURORA, DO SOL E DA NOITE

A CARA DE BOI

Era um rei, que tinha trez fillos. Um dia disse:

—Pois, fillos! ide correr o mundo; aquelle que trazer a mulher mais formosa é que ha de ficar com o meu reino.

Partiram; os dois irmãos mais velhos acharam logo duas raparigas muito formosas, com quem se casaram. Uma era filha de uma padeira e a outra de um ferreiro. O mais novo andou por muitas terras, sem encontrar mulher que lhe agradasse.

Indo um dia por um escampado, cheio de fadiga, desceu do cavallo e deitou-se a uma sombra. Deu-lhe então na vista uma casa muito alta sem porta nenhuma, e só lá bem no alto é que tinha uma janella. Esteve ali muito tempo, até que viu apparecer uma velha, que chegou ao muro da casa, bateu na parede e dice:

Arcello! arcello,
Solta o teu cabello
Cá abaixo de repente;
Quero subir immediatamente.

Foi então que elle viu desenrolar-se da janella uma trança de cabello tão comprida, que ficou espantado com a sua belleza. A velha pegou-se a ella como se fosse uma corda e subiu para dentro de casa. Pouco depois a velha tornou a sahir, e o cavalleiro tendo desejo de vêr de quem seria a trança, chegou se á parêde, bateu, e repetiu as palavras:

Arcello! arcello,
Solta o teu cabelo
Cá abaixo de repente;
Quero subir immediatamente.

A trança desenrolou-se pela janella abaixo, e o rapaz subiu. Ficou pasmado quando viu deante de si a cara mais linda do mundo. A menina deu um grande ai de surpresa e afflicção:

—Vá-se embora, senhor! que póde vir minha mãe, e tem artes de lhe causar todos os males que ha.

—Não vou, sem a menina vir commigo; porque eu assim ganho o reino de meu pae. E se não quizer vir, lanço-me d'esta janella abaixo.

Desceram ambos pela parêde, e fugiram a toda a pressa no cavallo que estava folgado á sombra. Ainda não iam longe, quando ouviram uma voz:

—Pára! pára, filha cruel! não me deixes só no mundo.

E como a menina fosse sempre fugindo com o principe, a velha disse-lhe:

—Olha para traz, ao menos, para receberes a benção de tua mãe.

Assim que a menina se virou para traz, ella disse-lhe:

—Eu te fado, que essa cara linda que tens se torne uma cara de boi.

Coitadinha! ficou logo como um boi.

Assim que o principe chegou á côrte, pozeram-se a rir d'aquella figura horrenda, sem saber como elle se tinha apaixonado por cara tão feia, que fazia fu-

gir. O principe contou a sua desventura aos irmãos, mas quem é que se fiava? Estava quasi a chegar o dia em que os tres irmãos teriam de apresentar as suas esposas diante de toda a côrte, para se assentar qual era a mais linda, e qual d'elles é que havia de ficar com o reino.

A rainha velha tinha muita pena do filho, e lembrou-se de fazer demorar a cerimonia, para vêr se a velha com o tempo perdoava á menina e lhe restituia a sua formosura.

Disse a rainha, que queria que antes da cerimonia da côrte cada uma das suas tres nóras lhe bordasse um lenço. A filha da padeira e a do ferreiro não sabiam bordar, mas trataram de enganar a rainha, arranjando quem lhes fizesse os bordados; a que tinha cara de boi pôz-se a chorar, e tanto chorou que lhe appareceu a velha, e disse:

—Não teiales mais; no dia em que tiveres de entregar o lenço á rainha eu cá t'ó virei trazer.

Chegou o dia; a velha veiu entregar-lhe uma noz muito pequenina. A cara de boi foi leval-a á rainha, dizendo que ali estava o seu lenço. A rainha quebrou a noz e ficou pasmada com a mais fina cambraia, bordada com flôres, ramos e aves.

Chegou o dia de irem á côrte para serem apresentadas as tres nóras do rei; a Cara de boi pôz-se a chorar, a chorar, até que lhe appareceu a velha que era sua mãe:

—Não chores mais; trago-te aqui um vestido para a festa. — Desdobrou-o; era todo bordado de ouro e pedrarias; a filha vestiu-o, mas quanto o vestido era lindo, tanto ella ficava mais horrenda. E pôz-se a chorar, a chorar cada vez mais.

Quando já todos tinham entrado para a sala, faltava só ella; a velha disse-lhe:

—Vae agora tu.

A filha obedeceu, mas ía muito triste por vêr-se tão medonha. Quando ía pelo corredor do palacio, a mãe disse-lhe cá de longe:

— Olha para traz.

E assim que a filha voltou a cara, continuou :

— Fica com a tua formosura. Mas não te esqueças de metter nas mangas todos os bocadinhos de toucinho que poderes, para me dar.

Então ella entrou na sala pelo braço do marido, e todos ficaram pasmados. A côrte logo confessou que ella é que era a mais linda; e d'ahi fôram todos para a mesa do banquete. Emquanto estiveram jantando a menina não fazia senão metter bocadinhos de toucinho nas mangas do vestido; as outras duas que a viam fazer aquillo, trataram de fazer o mesmo, pensando que era moda. Acabado o jantar, começaram as danças; mas a rainha ao vêr o chão todo besuntado de gordura, e que a cada passo se escorregava em bocados de toucinho, perguntou quem é que fizera tamanha porcaria. As duas damas disseram que o viram fazer á princeza herdeira, e por isso fizeram o mesmo. Começou cada uma a sacudir as mangas dos vestidos, e das mangas da menina começaram a cair aljofres e diamantes misturados com flôres; as outras envergonhadas botaram-se pela janella fóra, pelas escadas, corridas e a que chamavam Cara de Boi é que veiu a ser a rainha, porque o rei velho entregou a corôa ao filho mais novo.

(Algarve—Faro.)

O VELHO QUERECAS

Eram tres irmãs, muito pobres, que viviam do seu trabalho aturado. N'aquella terra havia uma casa em que ninguem queria habitar porque lá dentro ouviam-se de noite grandes gritos e terrores; as raparigas, para pouparem o aluguel, foram pedir para as deixarem morar n'aquella casa. A mais nova, como mais animosa, foi a residir para o ultimo andar.

Uma noite, mal se tinha acabado de deitar, ouviu uma voz gritar:

—Eu caio!

—Pois cae!—respondeu-lhe a rapariga. De um buraco do tecto caiu uma perna. Depois sôou de novo o mesmo grito:

—Eu caio!

—Pois cae!—repetiu a rapariga; e assim foram caindo os braços, o tronco, até que a final achou deante de si um homem já muito velho e calvo. O velho chegou-se proximo da rapariga, e perguntou-lhe:

—Não tens mêdo de mim?

—Não.

—Fazes muito bem; és a primeira e unica pessoa que resiste ao mêdo de me vêr. Em paga de tua coragem toma lá esta bolsa e quando te vires n'alguma afflicção diz sempre: Valhame aqui o velho Querecas.

O dinheiro da bolsa nunca se acabava, e as tres irmãs começaram a viver com largueza. No entretanto a mais nova começou a sentir que por mais que se fechasse no seu quarto parecia-lhe que sentia metter-se alguém na cama com ella. Lembrou-se se seria o velho Querecas e teve uma certa repugnancia: mas para certificar-se, uma noite accendeu de repente a luz, e viu deitado ao pé d'ella um mancebo formoso, que estava adormecido. Estava tão embebida a olhar para elle, que lhe caiu um pingo de cêra na cara. O mancebo acordou de repente, e disse:

—Ah! desgraçada, o que fizeste! dobraste-me o encantamento, que estava quasi no fim! agora não me tornas mais a vêr.

A menina chorou muito, e ainda mais quando conheceu o estado em que se achava. Lembrou-se então do segundo dom, e disse:

—Valha-me aqui o velho Querecas.

—Aqui estou já, e bem sei porque me chamas. Ha só um modo de remediar o mal que a ti mesmo

fizeste. Toma lá estes tres novellos, e vae andando sempre, sempre até onde elles se acabarem; aonde quer que seja, pede que te dêem ahi pousada do ár da noite.

A rapariga chorou por ter de deixar as irmãs, mas o que ella queria era quebrar o encantamento d'aquelle môço; foi andando, até ir dar ao fim de muito tempo a um palacio cercado de um vistoso jardim. Espreitou pelo buraco da chave, e viu lá dentro uma sala com muitas mulheres trabalhando em lindos vestidos de noivado, e fazendo as roupinhas de uma criança. Teve receio de bater áquella porta, e foi rodeando o palacio, até que encontrou o hortelão, a quem pediu pousada. O hortelão respondeu-lhe:

—Você sabe em casa de quem está, para vir assim pedir pousada?

—O que sei é que já me não tenho de cançada; e é por uma esmola.

O hortelão teve dó da rapariga e deu-lhe um canto no palheiro; ella deitou-se mais morta que viva, e ali mesmo deu um menino á luz, Tudo aquillo se transformou n'um quarto muito aceado e rico. Quando o hortelão veiu ao outro dia, ficou pasmado com o que viu. Foi dar logo parte á rainha, que tambem quiz certificar-se da maravilha.

—Quando chegou ao logar em que estava a menina, deu um grito ao vêr a criança:

—Oh senhora! quem é o pae d'este menino?

A rapariga ficou muito envergonhada por não poder logo dizel-o; no meio da sua confusão contou o caso do velho Querecas. Foi então que a rainha se lembrou:

—Esse menino é o retraro de meu filho, que me desapareceu, sem eu nunca mais saber d'elle nova má nem boa.

A rainha levou a rapariga para o palacio, tratou de lavar a criança, e quando a despiu achou-lhe nas costas um grande signal. Reparou, e viu que era um

pequeno cadeado com uma chavinha. Quiz vêr se o abria, mas com receio disse á mãe que experimentasse a vêr se dava volta áquella chavinha. Logo que a mãe pegou na chave abriu o cadeado, e immediatamente se quebrou o encantamento do principe, que deveu a sua liberdade ao ânimo d'aquella rapariga com quem casou logo.

(Algarve.)

O SURRAO

Era uma vez uma pobre viuva, que tinha só uma filha que nunca sahia da sua beira; outras raparigas da visinhança foram-lhe pedir, que na véspera de San João deixasse ir a sua filha com ellas para se banharem no rio. A rapariga foi com o rancho; antes de se metterem no banho, disse-lhe uma amiga:

— Tira os teus brincos e põe-os em cima de uma pedra, porque te podem cair na agua.

Assim fez; quando estavam a brincar na agua passou um velho, e vendo os brincos em cima de uma pedra, pegou n'elles e deitou-os para dentro do surrão.

A rapariga ficou muito afflicta quando viu aquillo, e correu atraz do velho, que já ia longe. O velho disse-lhe que entregaria os brincos, com tanto que ella os fosse buscar dentro ao surrão. A rapariga foi procurar os brincos, e o velho fechou o surrão com ella dentro, botou-o ás costas e foi se de vez. Quando as outras moças appareceram sem a sua companheira, a pobre viuva lamentou se sem esperança de tornar a achar a filha. O velho, ao passar a serra, abriu o surrão e disse para a pequena:

— D'aqui em diante hasde-me ajudar a ganhar a vida; eu ando pelas ruas, a pedir, e quando disser:

Canta, surrão;

Senão levas com o bordão...

tens de cantar por força. Toma tento.

Por toda a parte por onde o velho passava todos ficavam admirados d'aquella maravilha. Chegou a uma terra, aonde já corria a noticia de um velho que fazia cantar um surrão, e muita gente o cercou para se certificar. O velho depois que viu que já estavam bastantes curiosos juntos, levantou o páo e disse:

Canta, surrão;
Senãoavas com o bordão...

Ouviu-se então um canto, que dizia:

Estou mettida n'este surrão,
Onde a vida perderei,
Por amor dos meus brinquinhos
Que eu na fonte deixei.

As auctoridades tiveram conhecimento d'aquelle caso, e trataram de vêr aonde é que o velho pousava; fôram ter com uma vendeira, que se prestou a deixar examinar o surrão quando o velho estivesse dormindo. Assim se fez; lá encontraram a pobre rapariga, muito triste e doente, que tudo contou, e então é que se soube do caso da viuva a quem tinham furtado a filha. A pequena saiu com as auctoridades, que mandaram encher o surrão de todas as porcarias, de sorte que quando o velho foi ao outro dias mostrar o surrão, este não cantou; deu lhe com o bordão, e então derramou-se pelo chão toda aquella porcaria que o povo lhe obrigou a lamber, sendo d'ali levado para a cadeia, e a menina para casa de sua mãe.

(Algarve.)

A SAIA DE ESQUILHAS

Um homem rico tinha tres filhas, e costumava ir passar o verão com ellas para o campo; ao voltar

para a côrte ficou a filha mais velha, que era muito esperta, encarregada de arranjar a bagagem. Depois de ter tudo arrumado e prompto para partir, foi ter com a caseira da quinta, que andava no arranjo da sua casa. Em cima de uma caixa estava uma róca com estôpa, e a menina pegou n'ella para se entreter:

— Menina, não pegue n'essa róca; póde metter alguma púa pelas unhas, e olhe que faz grandos dôres.

A velha continuou a governar a sua casa, quando sentiu um grito; veio vér o que era. Era a menina que tinha cahido desmaiada, sem sentidos. Deu-lhe a cheirar alecrim, alfazêma, mas ella não voltava a si. Apoquentada com aquella desgraça, escondeu a menina, e logo que anoiteceu foi deital-a na tapada real; pôz-lhe uma almofada para recostar a cabeça e cobriu-a com uma manta, fingindo que estava ali a dormir. Passado outro dia foi lá vér se a menina teria dado accôrdo de si. Nada. Calou-se muito calada e voltou para sua casa.

O principe costumava sempre andar á caça, e n'um dia recolheu-se áquella tapada, porque lhe anoiteceu depressa; mas foi grande o seu espanto quando descobriu ali uma menina muito formosa, a dormir, sosinha. Esteve primeiro a olhar para ella muito tempo; já se tinha apaixonado, e quiz acordal-a; ella estava córada e risonha, mas não se movia. O principe quiz acorda-la, porque bem conhecia que não estava morta, queria-lhe fallar. Foi tudo impossivel. Ali ficou junto d'ella, e todas as vezes que podia, fingia que ia para a caça, mas não fazia senão vir sentar-se para o pé da menina, que elle já amava com loucura. Só o criado que o acompanhava é que sabia do segredo. O principe vinha á côrte de fugida só quando era preciso, e tornava para a tapada, onde guardava a menina adormecida, que mesmo assim veio a ter trez filhos.

As crianças fôram crescendo, e cada vez se torna-

vam mais encantadoras; mas o principe tinha uma grande pena da mãe estar n'aquelle estado.

Um dia; andando um dos pequeninos a brincar em cima da cama, começou a pegar nas unhas da mãe. e por acaso, sem saber como, fez-lhe saltar da unha a púa que causára aquella doença. O principe, que estava ali, ficou maravilhado por vê-la mecher-se logo e começar a fallar e a beijar os filhos, como se tivesse voltado á vida. O principe, contou-lhe tudo como se tinha passado até ali, e disse-lhe que os seus tres filhos se chamavam Cravo, Rosa e Jasmim. A rainha já andava desconfiada d'aquellas ausencias do filho, e tratava de vêr se descobria alguma cousa.

Uma occasião, o principe teve de ir a uma grande feira, e perguntou á sua namorada se queria que lhe trouxesse de lá alguma cousa; depois de muitas instancias sempre disse:

— Pois traze-me de lá uma saia de esquilhas.

Não havia lá isso; mas o principe mandou-a fazer de proposito; era uma saia cheia de guisos, que tintelintavam. A menina ficou muito contente com a lembrança. Mas a rainha que maquinava a sua vingança, e que pelo pagem que acompanhava o filho já sabia tudo, fez com que o principe se demorasse muitos dias na côrte. O filho com medo do genio ruim da rainha não dizia nada, mas andava cheio de saudades; foi de uma vez que ella lhe ouviu um suspiro:

— Ai de mim!

Cravo, Rosa e Jasmim.

Isto lhe confirmou a verdade; a rainha chamou o pagem e disse-lhe:

— Vae já, quando não mando-te matar, e traze-me aqui o menino Cravo. Dize lá á minha nóra que é ordem do principe, que me contou tudo.

O pagem trouxe o menino; mas a velha rainha entregou-o á criada, dizendo:

—Ensopa me esse menino para o jantar.

Quando o filho estava jantando, e com fastio, porque andava muito triste, a mãe disse-lhe:

—Come, come, que teu é.

Passados dias a rainha deu ordem ao pagem para ir buscar a menina Rosa. Seguiram-se as mesmas cousas. Depois de ordem para lhe trazer o menino Jasmim. O principe já andava doente, e a velha rainha, dizia-lhe sempre á meza:

—Come, come, que teu é.

Por fim, não contente ainda d'esta vingança, mandou dizer á nóra, que viesse á côrte, porque a queria casar com o seu filho. A menina que já andava morta de saudades, por se vêr sem os seus filhos, vestiu-se á pressa com a sua saia de esquilhas, e partiu para a côrte. A rainha estava á espera d'ella e assim que a viu, deixou-a entrar para um corredor, e lançou-lhe as unhas furiosa para a afogar. A menina luctou para vêr se lhe escapava, e quanto mais luctava, mais barulho fazia a saia de esquilhas.

O principe, que estava de cama, assim que ouviu aquelle som lembou-se de sua mulher e levantou-se para ir vêr o que era. Viu a rainha querendo estrangular a nóra. Chamou gente; e foi então que se soube das ordens que a rainha tinha dado para matarem os netos. O principe ainda ficou mais afficto e começou a gritar:

— Ai de mim!

Cravo, Rosa e Jasmim.

Foi então que a criada da cosinha disse, que não tinha cumprido as ordens da rainha, e que tinha escondido os meninos. A rainha foi condemnada, e o pagem sentenciado á morte, e a cosinheira em paga foi feita dama da nova rainha.

(Algarve.)

AS TRES FADAS

Era uma vez uns casados que não tinham filhos, e viviam por isso muito descontentes. A mulher foi se confessar ao Padre Santo Antonio, e contou-lhe o seu desgosto. O santo deu-lhe tres maçãs, para que as comesse em jejum. A mulher chegou a casa, pôz as trez maçãs sobre a commoda, e foi arranjar o almôço. O marido vindo de fóra encontrou as tres maçãs e comeu-as.

A mulher foi outra vez fallar com o santo, que lhe disse:

— Pois os trabalhos por que tinhas de passar, o teu marido que os passe.

Chegado o tempo o homem começou a gritar; chamou se pessoa entendida, e abriram-no para o alliviar. O homem desesperado mandou deitar a criança no monte. Uma aguia desceu do ár e levou a criança no bico e lá a creou com o leite que ia tirar ás vacas que andavam pastando, e agasalhava-a com a roupa que pilhava pelos estendedouros. Fez-lhe uma casinha de palha, e ali se creou a pobre criança, que se tornou uma menina bem formosa.

Um dia passou por aquellas montanhas um principe que andava á caça; viu aquella menina tão linda, e perguntou-lhe se ella queria ir com elle. Respondeu que sim. Quando a metteu na carruagem, acudiu a aguia para lh'a tirar, mas não podendo ainda lhe vasou um olho. A menina ficou com aquelle grande defeito, mas o principe não deixou de a amar. Levou-a comsigo, e escondeu a no seu quarto no palacio. A rainha desconfiada de vêr o filho sempre fechado no seu quarto, quiz saber o que seria, e combinou uma grande caçada, que durava dias. Fôram todos e por lá andaram, e a rainha pôde entrar no quarto do filho por uma porta que só ella conhecia. Assim que entrou viu a menina:

— Ah! és tu, tórta zarôlha, que tanto encantas meu filho? Anda d'ahi vêr estes palacios e o jardim.

A menina foi com a rainha; assim que chegaram ao jardim, levou-a para o pé de um pôço muito fundo, e deitou-a lá dentro. Quando veiu o filho da caça foi logo ter com elle:

— Aquella tórta zarôlha que tinhas fechada no teu quarto, assim que se lhe abriu a porta, botou a correr por ahi fóra, e ninguem foi capaz de a apanhar.

De noite passaram tres fadas pelo pé do pôço e sentiram uns gemidos:

— Que será? que não será?

— São vozes de mulher.

Chegaram á borda do pôço para escutarem melhor, e disse uma das fadas:

— Eu te fado que saias d'esse pôço cá para fóra, e que sejas da maior perfeição do mundo.

— Pois eu te fado que tenhas uma tezourinha de prata, para cortares a lingua a quem te perguntar as cousas duas vezes.

— E eu te fado que tenhas um palacio defronte do palacio da rainha, que seja velho por fóra, mas por dentro chapeado de ouro e prata.

Ao outro dia, ficaram todos espantados no paço por vêrem um grande palacio antigo defronte, sem se lembrarem como e quando é que o ali edificaram. A rainha ainda ficou mais pasmada com aquillo, e mandou o seu velho camareiro saber o que era, e quem morava ali.

O camareiro entrou no velho palacio mas ficou assombrado com o que viu por dentro; appareceu-lhe uma menina muito ricamente vestida, a quem fez as perguntas de mandado da rainha. Ella respondeu:

Diga a sua masgestade

Que minha mãe me desejou,

Que foi meu pae que me teve

E nas silvas me deitou;

Uma aguia me creou,

Na caça o principe me achou,
A rainha ao pôço me deitou;
Mas tres fadas me fadaram,
Para aqui me trouxeram
E eu d'aqui me não vou.

O camareiro não ficou logo com o recado na cabeça, e pediu á menina para o repetir; e ella disse então:

— Desanda tezourinha.

Caiu-lhe a lingua n'um instante; o camareiro voltou para o palacio, e só podia dizer: ló-ló-ró, ló-ló-ró. A rainha mandou lá outro fidalgo, mas tambem lhe succedeu o mesmo. Por fim foi lá o principe, e quando ouviu aquelles versos que a menina dizia, veio dar parte á rainha, que se quiz certifficar com os seus olhos, e depois deu licenca para o filho casar com ella.

(Algarve)

A FILHA DO REI Mouro

Um rei mouro tinha duas filhas. A mais nova queria aprender a religião e andava ás escondidas com o camarista, que a ensinava. A mais velha vendo a uma vez sair do quarto do camarista, disse-lhe:

-- Deixa estar, mana, que o pae hade saber tudo.

— Ai menina! disse o camareiro, se o rei sabe que anda a aprender a resar commigo, estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo; alevanta-te de madrugada, aparelha dois cavallos e vamos para a tua terra.

Assim fez; ella encheu tres saccos, um de cinza, outro de sal, e outro de carvão, e foram-se ambos por esse mundo fóra. Quando o rei soube da fugida, mandou a sua tropa para agarrarem o camarista e a filha, e que os matassem onde quer que os encontrassem. A cavalleria correu a toda a brida, e estava

já quasi a pilhal-os, quando o camarista olhando para traz, gritou:

— Ai menina! estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo.

E a menina despejou o sacco de cinza e fez-se logo um nevoeiro tão cerrado, que a tropa não pôde dar mais um passo, e voltaram para traz a dizer ao rei:

Armou-se-nos tamanho nevoeiro,
Que não viamos caminho nem carreiro.

O rei mandou-os avançar de novo, e que lhe trouxessem a princeza e o camarista prezos.

— Ai menina, estamos perdidos! disse o camarista vendo a cavalleria quasi a alcançal-os.

— Não tenhas mêdo.

E despejou o sacco de sal, e fez-se logo ali um grande mar, que os soldados não puderam atravessar. Voltaram outra vez para traz e fôram dizer ao rei:

Real senhor, achamos um grande mar,
Que os cavallos não puderam passar.

O rei deu outra vez ordem de ir agarrar a filha e o camarista:

— Ai menina! estamos perdidos.

— Não tenhas mêdo.

E despejou o sacco do carvão, e logo se fez uma noite muito escura, com grandes trovoadas e relampagos. As tropas voltaram, e fôram dizer ao rei:

Real senhor, fugimos em debandada
Com tantos raios e tamanha trovoadas.

O camarista já estava perto da sua terra, e a princeza disse-lhe:

— Eu salvei te da morte; mas agora em chegando á tua terra já te não lembras de mim.

Assim aconteceu. Ella com tristeza vestiu-se de viuva, e pôz uma estalagem para poder viver. O camarista convidou tres amigos, e disse-lhes:

— Havemos ir cada um por sua vez pernoitar áquella estalajadeira.

Foi o primeiro, e disse que desejava ficar ali aquella noite. A estalajadeira disse que sim. Elle ficou muito contente. Quando foi para o quarto, começou a despir-se e a vestir-se, a despir-se e a vestir-se e ficou n'isto até de manhã, em que já estava muito cansado. Assim que foi dia a estalajadeira, que tinha visto tudo do andar de cima, disse-lhe que se pozesse no meio da rua, porque tinha estado a fazer zombaria da sua casa. Veiu o segundo, e tambem pediu para pernoitar; levou toda a noite a despir e a vestir a camisa, sem poder parar. Pela manhã tambem foi posto fóra com equal descompostura. Veiu o terceiro; pediu para pernoitar, e ella deu-lhe licença. Quando se ia deitar, disse que tinha muita sêde:

— Pois vá ao quintal, e tire agua d'aquelle pôço.

Toda a noite o pobre do homem esteve dando á nóra, e só quando foi de dia é que appareceu a estalajadeira, que o fez parar e o pôz fóra, dizendo que tinha vindo fazer zombaria da sua casa. Chegou o quarto amigo, e tambem pediu para pernoitar; ficou muito contente com a licença, porque os outros guardaram sempre o segredo do que lhes acontecera. Quando a estalajadeira estava deitada, disse:

— Ai, que me esqueceu fechar a porta da rua.

E toda a noite o hospede andou para cá e para lá a fechar a porta da rua, até que pela manhã estava estafado, e a estalajadeira o pôz fóra, por lhe querer quebrar a porta.

Os quatro amigos reuniram-se e contaram uns aos outros o succedido. Mas, ainda assim o camarista, que era um d'elles, não se lembrava nem por nada da amante que abandonara com tanta ingratidão. Como elle estivesse para casar na sua terra, segundo o costume, tinha de dar um jantar tres dias antes do casamento ás pessoas com quem visinhava. Foi tambem convidar a estalajadeira viuva. Ella foi ao jantar. Quan-

do estavam todos á mesa, combinou-se que cada um contaria a sua historia :

— A senhora, apesar de estar com esse desgosto, hade tambem contar o seu conto.

A estalajadeira pediu que lhe apresentassem duas tijellas; bateu com uma na outra, e appareceram um pombo e uma pomba. E disse a pomba:

— Não te lembras quando me ensinavas a resar ás escondidas de meu pae?

Disse o pombo:

— Lembro-me.

— E não te lembras quando minha irmã disse que ia contar tudo ao pae, e que exclamaste: Ai, que estamos perdidos?

E assim foi perguntando, e o pombo respondendo a tudo o que se tinha passado com a filha do rei mouro. Só ao fim de muitas perguntas é que os convidados começaram a reparar em circumstancias que se tinham dado com os quatro amigos, e o camarista conheceu a sua ingratidão:

— Real senhora, eu é que sou esse esquecido; e já desfaço aqui este casamento, para receber quem por mim deixou pae e mãe e a sua terra.

(Estremadura e Algarve.)

AS FIANDEIRAS

Era uma mãe que tinha uma filha e só pensava em casal-a bem. Foi a casa de um mercador que vendia linhagem, e pediu-lhe para que lhe vendesse uma pedra de linho, porque a filha fiava tudo n'um dia. Trouxe o linho para casa e disse á filha:

— Tens de me fiar esta pedra de linho hoje mesmo, porque amanhã vou buscar mais. Quando voltar a casa quero achar o linho todo fiado.

A pequena foi sentar-se á porta, a chorar, sem saber como obedecer á mãe. Passou uma velhinha:

— A menina o que tem, que está a chorar d'esse modo?

— O que hei-de ter! É minha mãe que quer á força que lhe fie n'um dia uma pedra de linho, e eu não sei fiar.

— Deixe a menina estar, que eu lhe fio tudo se me promette que no dia do seu casamento me hade chamar tres vezes tia.

A menina olhou para dentro de casa, e viu o linho remechido, e todo fiado. No dia seguinte a mãe foi á loja, gabou muito a habilidade da filha, e pediu outra pedra de linho para ella fiar. A pequena foi-se sentar á porta, a chorar, esperando que passasse a velhinha da vespera. Passou uma outra:

— A menina o que tem, que está a chorar d'essa maneira?

A pequena contou-lhe as ordens que tinha recebido da mãe.

— Pois se a menina me promette que no dia do casamento me ha-de chamar tres vezes sua tia, o linho hade apparecer fiado.

A pequena prometteu que sim, e olhando para dentro de casa deu com o linho remechido e prompto.

A mãe foi buscar mais outra pedra de linho, e repetiu-se o mesmo caso; até que passou uma terceira velhinha, que lhe fez tudo com a mesma promessa. O commerciante sabendo d'aquella habilidade quiz vêr a rapariga, achou-a bonita e esperta e quiz casar com ella; a mãe ficou bem contente porque o noivo era muito rico. O commerciante mandou-lhe um grande presente, com muitas rócas e fuzos, para que quando casassem, as suas criadas todas fiarem. No dia do casamento fez-se um opiparo jantar, a que todos os seus amigos assistiram; quando estavam á mesa bateu á porta uma velhinha:

— Ail é aqui que móra a noiva?

— Entre minha tia; sente-se aqui, minha tia; coma alguma coisa, minha tia.

Ficaram todos pasmados de vêrem uma velha tão corcovada com um nariz muito pencudo. Mas calaram-se. Instantes depois, bateram á porta; era uma outra velhinha:

— É aqui que móra a noiva que se casou hoje?

— É, minha tia; entre, minha tia; jante comnosco, minha tia.

A velha sentou-se e todos ficaram pasmados do enorme aleijão que ella tinha nos queixos. Mas continuaram a jantar. Bateram outra vez á porta; era outra velhinha, que fez a mesma pergunta.

— Ora entre, minha tia; cá a esperavamos, minha tia; hade jantar comnosco, minha tia.

Tambem não causou menos pasmo esta velha toda corcovada e com as costellas embicadas para fóra; mas d'esta vez os curiosos, principalmente o noivo, perguntaram porque tinham aquellas suas tias tamanhos aleijões.

Disse a primeira:

— Tenho assim o nariz, porque fei muito, muito, e as arestas do linho pozeram-me assim.

— E eu, meu sobrinho, tenho assim os queixos, por que fei muito, e fiquei assim por tanto riçar os tomentos.

— Pois eu, sobrinho, fiquei com estas corcovas por estar sempre para um canto com a róca á cinta.

O marido tanto que ouviu aquillo, levantou se e foi pegar nas rócas, fuzos, sarilhos, dobadouras e se-deiro e atirou tudo para a rua, declarando que na sua casa nunca mais se havia de fiar, porque não queria que lhe acontecessem á sua mulher eguaes desgraças.

(Algarve.)

CRAVO, ROSA E JASMIM

Uma mulher tinha tres filha; indo a mais velha passear a uma ribeira, viu dentro da agua um cravo, debruçou-se para apanhalo, e ali desapareceu. No dia seguinte succedeu o mesmo a outra irmã, porque viu dentro da ribeira uma rosa. Por fim, a mais nova tambem desapareceu, por querer apanhar um jasmim. A mãe das tres raparigas ficou muito triste, e chorou, chorou, até que tendo um filho, este quando se achou homem, perguntou á mãe porque é que chorava tanto. A mãe contou-lhe como é que ficára sem as suas tres queridas filhas.

— Pois dê-me minha mãe a sna benção, que eu vou por esse mundo em procura d'ellas.

Foi. No caminho encontrou trez rapagões em uma grande guerreia. Chegou ao pé d'elles... «Olá, que é isso?» Um d'elles respondeu:

— Oh, senhor! meu pae tinha umas botas, um chapéu e uma chave, que nos deixou. As botas em a gente as calçando, e lhes diga: Botas, põnham-me em qualquer banda, é que a gente apparece onde se quer; a chave abre todas as portas; e o chapéu em se pondo na cabeça, ninguem mais nos vê. O nosso irmão mais velho quer ficar com as tres cousas para si, e e nós queremos que se repartam á sorte.

— Isso arranja-se bem, disse o rapaz querendo harmonisal-os. Eu atiro esta pedra para bem longe, e quem primeiro a apanhar é que hade ficar com as tres cousas.

Assentaram n'isso; e quando os tres irmãos corriam atraz da pedra, o rapaz calçou as botas, dizendo:

— Botas! levem-me ao lugar em que está minha irmã mais velha.

Achou-se logo n'uma montanha escarpada onde estava um grande castello, fechado com grossos cadeados. Metteu a chave e todas as portas se lhe abriram; andou por salas e corredores, até que deu com

uma senhora inda e bem vestida, que estava muito alegre, mas ao vê-lo gritou com espanto:

— Senhor! como é que pôde entrar aqui?

O rapaz disse-lhe que era seu irmão, e contou-lhe como é que tinha podido chegar ali. Ella tambem lhe contou a sua felicidade, mas que o unico desgosto que tinha era não poder o seu marido quebrar o encanto em que andava, porque sempre lhe tinha ouvido dizer que só se desencantaria quando morresse um homem que tinha o condão de ser eterno.

Conversaram bastante, e por fim a senhora pediu-lhe para que se fôsse embora, porque podia vir o marido e fazer-lhe mal. O irmão disse que não tivesse cuidado por que trazia comsigo um chapéo, que em o pondo na cabeça ninguem mais o via. De repente abriu-se a porta, e appareceu um grande passaro; mas nada viu, porque o rapaz quando sentiu barulho pôz logo o chapéo. A senhora foi buscar uma grande bacia dourada, e o passaro mettu-se dentro transformando-se logo em um mancebo formoso. Em seguida olhou para a mulher, e exclamou:

— Aqui esteve gente! — Ella ainda negou; mas viu-se obrigada a confessar tudo.

— Pois se é teu irmão, para que o deixaste ir embora? Não sabias que isso era motivo para eu o estimar? Se cá tornar, dize-lhe para ficar, que o quero conhecer.

O rapaz tirou o chapéo, e veiu cumprimentar o cunhado, que o abraçou muito. Na despedida deu-lhe uma penna, dizendo:

— Quando te vires em alguma afflicção, se disseres: Valha-me aqui o Rei dos Passaros! hade-te sair tudo como bem quizeres.

Foi-se o rapaz embora, porque disse ás botas que o levassem onde estava sua irmã do meio. Aconteceram pouco mais ou menos as mesmas cousas; á despedida o cunhado deu-lhe uma escâma:

— Quando te vires em alguma affeição dize: Valha-me aqui o Rei dos Peixes!

Até que chegou tambem a casa da sua irmã mais nova; achou-a em uma caverna escura, com grossas grades de ferro; foi pelo som das lagrimas e soluços dar com ella muito magra, que assim tanto que o viu, gritou:

— Quem quer que vós sois, tirae-me d'aqui para fóra.

Elle então deu-se a conhecer, e contou-lhe como achava as outras duas irmãs muito felizes e alegres, mas só com o desgosto de não poderem os seus maridos desencantar-se. A irmã mais nova contou-lhe como estava com um velho hediondo, um monstro, que queria casar com ella por força, e que a tinha ali preza por não se prestar a fazer-lhe a vontade. Todos os dias o velho monstro vinha vê-la para lhe perguntar se já estaria resolvida a tomal-o como marido; e que ella se lembrasse que nunca mais teria liberdade, porque elle era eterno.

Assim que o irmão ouviu isto lembrou-se do encantamento dos dois cunhados, e pensou em apanhar o segredo por via do qual elle era eterno; aconselhou á irmã que fizesse a promessa de casar com o velho, só se lhe dissesse o que é que o fazia eterno.

De repente o chão estremeceu todo; sentiu-se como um grande furacão, e entrou o velho, que chegou ao pé da menina e lhe perguntou:

— Ainda não estás resolvida a casar commigo? Tens de chorar todo o tempo que o mundo fôr mundo, porque eu sou eterno, e quero casar commigo.

— Pois só casarei commigo, tornou ella, se me disseres o que é que faz que tu nunca morras?

O velho desatou ás gargalhadas:

— Ah, ah, ah! pensas que me poderias matar! Só se houvesse quem fôsse ao fundo do mar buscar um caixão de ferro, que tem dentro uma pomba branca, que hade pôr um ovo, e depois trouxesse aqui esse ovo, e m'o quebrasse na testa.

E desatou a rir-se, na certeza de que não havia ninguém que fôsse ao fundo do mar, nem tampouco capaz de achar onde estava o caixão, nem mesmo de o abrir, e tudo o mais que se sabe.

— Agora tens de casar commigo, porque já te descobri o meu segredo.

A menina pediu ainda uma demora de tres dias, e o velho foi-se embora muito contente. O irmão disse para ella, que tivesse esperança, que dentro em tres dias estaria livre. Calçou as botas e achou-se á borda do mar; pegou na escâma que lhe dera o cunhado e disse:

— Valha-me aqui o Rei dos Peixes!

Appareceu logo o cunhado, muito satisfeito; e assim que ouviu o acontecido mandou vir á sua presença todos os peixes; o ultimo que chegou foi uma sardinhinha, que se desculpou por se ter demorado porque embicou n'um caixão de ferro que está no fundo do mar. O rei dos peixes deu ordem aos maiores que fôssem buscar o caixão ao fundo do mar. Trouxeram-n'o. O rapaz assim que o viu, disse á chave:

— Chave! abre-me este caixão.

O caixão abriu-se; mas apesar de todas as cautelas, fugiu-lhe de dentro uma pomba branca.

Disse então o rapaz, para a penna:

— Valha-me aqui o Rei dos Passaros.

Appareceu-lhe prompto o cunhado, para saber o que elle queria; assim que o soube mandou vir á sua presença todas as aves. Vieram todas e só faltava uma pomba, que veio por ultimo desculpando-se, que lhe tinha chegado ao seu agulheiro uma antiga amiga que estava ha muitos annos preza, e que lhe tinha estado a arranjar alguma cousa de comer. O Rei dos Passaros disse, que ensinasse ao rapaz onde é que era o ninho em que a pomba estava; lá fôram, e o rapaz apanhou o ovo que ella já tinha posto, e disse ás botas que o levassem á caverna aonde estava a irmã

mais môça. Era já o terceiro dia, e o velho vinha pedir o cumprimento da palavra da menina; ella, que já estava aconselhada pelo irmão, disse que se reclinasse no seu regaço; mal o apanhou deitado, com toda a certeza de mão quebrou-lhe o ôvo na testa, e o monstro dando um forte berro, morreu. Os outros dois cunhados quebraram ao mesmo tempo o encantamento; vieram ali ter, e fôram com as suas mulheres, que ficaram princezas, visitar a sógra, que viu o seu chôro tornado em alegria, na companhia da filha mais nova, que lhe trouxe todos os thesouros que o monstro tinha ajuntado na caverna.

(Algarve.)

O MAGICO

Havia em certa terra um homem entendido em artes magicas, que nunca queria tomar criado que soubesse lêr para lhe não apanhar o segredo dos seus cartapacios. Foi um môço offerecer-se, dizendo que não sabia lêr, e assim ficou-o servindo; leu todos os livros da livraria do magico, e quando já podia competir com elle, fugiu com todos os livros. Um dia o discipulo achou-se mestre e quiz viver das suas artimanhas; disse a um criado que fôsse á feira vender um lindo cavallo que devia de estar na estribaria, marcou-lhe o preço, e ordenou que assim que o vendesse lhe tirasse logo o freio. Á hora da feira o criado foi á estribaria e lá achou o lindo cavallo e partiu com elle para o mercado. Estava na feira o Magico que tinha sido roubado, e conheceu logo debaixo da fórma de cavallo o seu antigo discipulo; foi ajustar o preço, pagou a quantia tão depressa, que o criado se esqueceu de tirar o freio ao cavallo. Quando o quiz fazer já não foi possível, por que o Magico disse, que o contracto estava fechado desde que lhe entregara o

dinheiro. O magico levou o cavallo para casa, muito contente por se poder vingar á vontade do seu inimigo que lhe havia roubado toda a sua sabedoria. De uma vez disse ao criado que fôsse á ribeira levar o cavallo a beber, mas que não lhe tirasse o freio. O cavallo andava muito triste, cheirava a agua mas não bebia; o criado lembrou-se de lhe tirar o freio, pensando que elle assim beberia. De repente o cavallo transforma-se n'uma rã, e sóme-se pela agua. O Magico que estava á janella de sua casa viu aquillo, e transformou-se em um sapo, para ir apanhar a rã. O discipulo, que sabia a sorte que o esperava se tornasse a cair em poder do mestre, transformou-se em uma pomba, e vôou por esses áres; o magico transformou-se em um milhafre, e correu atraz da pomba para tragal-a. Já ia muito cansada a pomba, e quasi que estava para ser agarrada, quando viu uma princeza que estava em um terraço, e foi-lhe cair no colo, transformando-se em um annel de grande preço. A princeza pasmada com o que viu, e com a lindeza da joia, metteu a no dedo; o Magico, viu que nada podia fazer, e como ainda estava na fórmula de milhafre entra pelo quarto do rei dentro e botalhe um cabello no cópo do leite que elle estava para beber. O rei, já se sabe, teve uma grave doença, foram chamados todos os medicos, mas nenhum era capaz de o curar; o Magico appareceu sob a figura de medico e prometeu dar saude ao rei, mas só se lhe desse o annel que a princeza trazia no dedo. O rei disse que sim; então o annel transformando-se em um lindo rapaz pediu á princeza que quando o rei lhe mandasse entregar o annel ao Magico, que lh'o não desse na mão, mas que o atirasse ao chão, para elle o levantar. O rei passados dias ficou bom, e assim que o Medico veiu á côrte, pediu o annel. A princeza mostrou-se triste mas obedeceu; tirou o annel e deitou-o ao chão, como se estivesse zangada. O annel transformou-se em uma romã que toda se esba-

gôou pela sala; mas o magico mudou-se em gallinha, e n'um instante foi engolindo todos os grãos. Ficou um unico grãosinho de traz de uma porta, e esse transformou-se n'uma raposa, que se atirou á gallinha e a comeu n'um instante. A princeza ficou muito pasmada com aquillo, e pediu á raposa que se tornasse em principe que casaria com elle. E elle assim fez e fôram muito felizes.

(Algarve.)

O MESTRE DAS ARTES

Havia um pae, que tinha tres filhos, e emquanto dois d'elles andavam a trabalhar nos campos, o mais môço começou a aprender todas as artes de industrias. Disseram os irmãos ao pae:

— Nós trabalhámos até aqui para meu pae poder viver, e o nosso irmão mais novo sem fazer nada; agora d'aqui em diante elle deve puchar pelo que aprendeu.

O filho mais novo pediu ao pae que lhe desse um açaimo de cão de caça, e disse lhe:

— Vou-me tornar em cão de caça; meu pae hade trazer uma correia e um páo para virem cheios de coelhos, e hade passar pela porta do mercador, que se dá por grande chibante de caça.

O pae pôz o açaimo ao rapaz que se tinha tornado em cão, e foi com elle para a caça. Apanhou muitos coelhos, trazia-os dependurados no páo e o cão atraz d'elle. O mercador quando o viu passar pela porta perguntou:

— Oh homem! só com esse cão apanhaste tanta caça?

— Sim, senhor.

— Hasde-me vender o cão.

— Só se o senhor me der cem mil reis.

— Pois sim; está vendido o cão.

Contou o dinheiro; lá ficou o cão e o homem foi-se embora. Vae o mercador caçar com o cão por uns cerrados; correndo atraz de um coelho, o cão metteu-se por um vallado de silvas, e foi sair por outra banda; tirou com as unhas o açaimo, e ficou outra vez gente. O mercador fartou-se de chamar e de esperar pelo cão. O rapaz veiu passar pelo pé d'elle, que lhe perguntou:

— Viu você por ahi um cão de caça?

— Não vi, mas senti mecher no vallado que é muito fundo; talvez seja o animal, que não póde de lá sair.

O certo foi que o mercador perdeu o cão e o seu dinheiro, e foi-se embora sem nada. O rapaz disse ao pae:

— Agora hade-me comprar um freio para eu me tornar em cavallo.

O pae assim fez; correu com o cavallo todas as ruas. O Mestre das Artes de Paris, que o tinha tido em casa logo conheceu o cavallo e fez com que o homem lh'o vendesse por todo o preço. Não olhou a dinheiro, e tomou conta do cavallo, e metteu-o na cavalheiriça sem lhe tirar o freio, a ponto de elle não poder comer nada.

O Mestre das Artes tinha tres filhas e recommen-dou-lhes que não fossem á cavalheiriça. Logo que o pae saiu, disseram umas para as outras:

— Vamos vêr o que tem a cavalheiriça.

Fôram e viram um cavallo lindo, muito bem feito, e notaram que elle não podia comer nada.

— Coitadinho! tira-se-lhe o freio a vêr se come.

Tiraram-lhe o freio, e assim que elle disse: — Ai de mim, passaro! — vôa logo pela janella fóra. Encontrou o Mestre das Artes no caminho, que o conheceu e disse: — Ai de mim, milhafre! — que era para matar o passaro.

Ficou elle muito alcançado de vêr o milhafre atraz de si, e disse:

— Ai de mim, anel! — E caiu nas ondas do mar, e uma garoupa enguliu-o. A garoupa foi ter a outro paiz; um pescador pescou-a e foi vendel-a a palacio. A princeza foi vêr amanhar o peixe; viu lhe no bucho um anel. A criada lavou o anel e deu-o á princeza; ella estimava o anel mais que todas as outras joias que tinha. A princeza ao deitar-se tirava o anel e punha-o sobre uma banca. O anel de noite tornava-se em homem, e punha-se a coversar com a princeza, que cheia de medo chamava o rei seu pae. N'este ponto o homem tornava-se formiga, e o rei vinha e nada via. Succedeu isto tres noites; na ultima, elle disse á princeza:

— Eu sou a prenda que trazeis no dedo; tenho de dizer a sua alteza, que o rei seu pae está muito doente; os medicos não lhe dão cura. Só o Mestre das Artes de Paris é que lhe dará cura; mas elle não hade querer dinheiro, nem prenda, nem joia alguma. Só hade pedir ao rei o anel que traz a princeza; não lh'o dê vossa alteza na mão, mas deixe-o cair ao chão.

Ella fez como o rapaz lhe tinha pedido. Soube-se da doença do rei, até que foi chamado o Mestre das Artes, que teimava em querer o anel. A princeza zangada da teima, atirou com o anel ao chão. O anel disse: — Ai de mim, painço!

E derramou-se em painço pelo chão. O Mestre das Artes tornou-se em gallinha para apanhal-o, e o rapaz tornou-se em comadrinha (*dòzinha*), pegou ás dentadas na gallinha e matou-a.

Mal acabou, tornou-se em homem e tudo explicou ao rei; e como elle é que tinha ensinado a cura do rei, casou-o com a princeza e fôram muito felizes.

(Ilha de S. Miguel — Açòres.)

O APRENDIZ DO MAGO

Um homem de grandes artes tinha na sua companhia um sobrinho, que lhe guardava a casa quando precisava sair. De uma vez deu-lhe duas chaves, e disse:

— Estas chaves são d'aquellas duas portas; não m'as abras por cousa nenhuma do mundo, senão morres,

O rapaz assim que se viu só, não se lembrou mais da ameaça e abriu uma das portas. Apenas viu um campo escuro e um lobo que vinha correndo para arremetter contra elle. Fechou a porta a toda a pressa passado de mêdo. D'ahi a pouco chegou o Mago:

— Desgraçado! para que me abriste aquella porta, tendo-te avisado que perderias a vida?

O rapaz taes chóros fez que o Mago lhe perdôou. De outra vez sahiu o tio, e fez-lhe a mesma recomendação. Não ia muito longe, quando o sobrinho deu volta á chave da outra porta, e apenas viu uma campina com um cavallo branco a pastar. N'isto lembrou-se da ameaça do tio, e já o sentindo subir pela escada, começou a gritar:

— Ai, que agora é que estou perdido!

O cavallo branco fallou-lhe:

— Apanha d'esse chão um ramo, uma pedra e um punhado de areia, e monta já quanto antes em mim.

Palavras não eram ditas, o Mago abriu a porta da casa; o rapaz salta para cima do cavallo branco e grita:

— Foge! que ahi chega meu tio para me matar.

O cavallo branco correu pelos áres fóra; mas indo já muito longe, o rapaz torna a gritar:

— Correl! que meu tio já me apanha para me matar.

O cavallo branco correu mais, e quando o Mago estava quasi a apanhal-os, disse para o rapaz:

— Deita fóra o ramo.

Fez-se logo ali uma floresta muito fechada, e em-

quanto o Mago abria caminho por ella, pozeram-se muito longe. Ainda o rapaz tornou outra vez a gritar:

— Correi que já ahi está meu tio, que me vae matar.

Disse o cavallo branco:

— Bota fóra a pedra.

Logo ali se levantou uma grande serra cheia de penedias, que o Mago teve de subir, emquanto elles avançavam caminho. Mais adiante grita mais o rapaz:

— Corre! que meu tio agarra-nos.

— Pois atira ao vento o punhado de areia, disse-lhe o cavallo branco.

Appareceu logo ali um mar sem fim, que o Mago não pôde atravessar. Fôram dar a uma terra onde se estavam fazendo muitos prantos. O cavallo branco ali largou o rapaz, e disse-lhe que quando se visse em grandes trabalhos por elle chamasse, mas que nunca dissesse como viera ter ali. O rapaz foi andando e perguntou por quem eram aquelles grandes prantos.

— E' porque a filha do rei foi roubada por um gigante que vive em uma ilha aonde ninguem pôde chegar.

— Pois eu sou capaz de ir lá.

Fôram dizel-o ao rei; o rei obrigou-o com pena de morte a cumprir o que dissera. O rapaz valeu-se do cavallo branco, e conseguiu ir á ilha trazendo de lá a princeza, porque apanhara o gigante dormindo.

A princeza assim que chegou ao palacio não parava de chorar. Perguntou-lhe o rei:

— Porque choras tanto, minha filha?

— Choro, porque perdi o meu anel que me tinha dado a fada minha madrinha, e emquanto o não tornar a achar, estou sujeita a ser roubada outra vez ou ficar para sempre encantada.

O rei mandou lançar um pregão em como dava a mão da princeza a quem achasse o anel que ella ti-

nha perdido. O rapaz chamou o cavallo branco, que lhe trouxe do fundo do mar o anel, mas o rei não lhe queria já dar a mão da princeza; porém ella é que declarou que casaria com o joven para que dissessem sempre: Palavra de rei não torna atrás.

(Eixo — Districto de Aveiro.)

A BICHA DE SETE CABEÇAS

Era uma vez o filho de um rei que era muito amigo do filho de um sapateiro; brincavam sempre juntos, e o principe não se vergonhava de acompanhar com o filho do sapateiro por toda a parte. O rei não andava contente com aquella confiança, e disse ao sapateiro para mandar o filho para muito longe, dando-lhe muito dinheiro. O rapaz foi-se embora, mas o principe assim que soube d'isto fugiu do palacio e caminhou por esse mundo além á procura do amigo. Encontrou-o passado algum tempo; abraçaram-se e fôram ambos de jornada. Indo mais para diante, encontraram uma formosa menina amarrada a uma arvore. O principe assim que a viu ficou logo muito apaixonado, e perguntou-lhe quem é que a tinha deixado ali. Ella respondeu, que nada podia dizer, mas só pedia que a salvassem. O principe conheceu que era de sangue real, e pensou em casar com ella. Pôl-a na garupa do seu cavallo e fôram caminhando todos trez. Pernoitaram n'aquella noite em um bosque onde estavam tres cruces; o principe e a donzella adormeceram, mas o filho do sapateiro deixou-se ficar acordado para o que desse e viesse. Lá por essa noite adiante viu vir tres pombas e pousarem cada uma na sua cruz.

A primeira pomba disse: — O principe cuida que hade casar com a donzella, mas em ella passando ao

pé d'um laranjal hade pedir uma laranja, e em a comendo hade arrebentar:

E quem isto ouvir e não se calar
Em pedra marmore hade-se tornar.

A segunda pomba disse: — Ainda não é só isso; ella hade passar por pé de uma fonte e hade querer beber agua, e logo que a beba hade arrebentar:

E quem isto ouvir e não se calar
Em pedra marmore hade-se tornar.

A terceira pomba disse: — Ainda não é só isso; se ella escapar de tudo, assim que chegar a casa, na noite de noivado hade vir uma bicha de sete cabeças, que hade matal-a:

E quem isto ouvir e não se calar
Em pedra marmore hade-se tornar.

Ouviu o filho do sapateiro isto tudo, e quando amanheceu disse ao principe, que era melhor voltarem para o reino, porque o rei devia de estar muito amargurado, e que lhe daria o perdão e licença para casar com a donzella, que era de sangue real. O principe deu pelo que lembrou o filho do sapateiro e metteram-se a caminho. Passaram por um laranjal, e aconteceu o que a pomba tinha dito; mas o filho do sapateiro disse que aquellas laranjas não se vendiam, e fôram andando. Passaram por uma fonte, a menina quiz beber, como a outra pomba tinha dito; mas o filho do sapateiro disse que não havia com que tirar a agua. Até que chegaram ao palacio; o rei ficou muito alegre quando viu o filho, perdôou-lhe, e sabendo que o conselho do filho do sapateiro é que o fizera voltar para casa, deu-lhe licença para viver no palacio em companhia do seu amigo. O principe pediu licença ao pae para casar com a menina que

tinha salvado, porque ella era de sangue real; o pae disse que só daria licença ao fim de seis mezes depois de a conhecer melhor e vêr as suas qualidades. O certo é que o principe casou com ella, e perguntou ao filho do sapateiro o que é que queria de dom no dia do casamento. Elle disse que só uma cousa queria, e era dormir na noite do noivado no mesmo quarto. Lá lhe custou isto, mas o principe sempre consentiu. O amigo deitou-se á porta do quarto, com uma espada escondida, e quando os noivos estavam dormindo sentiu entrar pelo quarto dentro uma grande bicha de sete cabeças. Como elle já esperava isto, descarregou um golpe certo e matou o monstro, mas sempre uma gota de sangue espirrou e foi bater na cara da princeza que estava adormecida. O filho do sapateiro tratou de limpar o sangue que estava pelo chão, e como visse a gota de sangue na cara da princeza foi-lh'a limpar com a ponta de uma toalha molhada. A princeza acordou com aquella friagem, e gritou sobresaltada para o marido:

—Vinga-me do teu melhor amigo, que me deu um beijo.

O principe levanta-se furioso para matar o amigo que elle julgava traidor; elle porém pede-lhe que demore o seu rigor, para contar a toda a côrte o caso acontecido. Ajuntou-se toda a gente do palacio; o rapaz começou a relatar tudo, e ia-se tornando pouco a pouco em pedra marmore. Ficaram todos com muita pena de ser tão mal paga aquella fidelidade, e o principe resolveu collocar a estatua de marmore, que fôra o seu maior amigo, no jardim do palacio. O principe costumava levar os filhos a brincarem no jardim, e sentava-se ao pé da estatua chorando com pesar, e dizia:

—Quem me dera o meu amigo outra vez vivo.

—Pois se queres o teu amigo outra vez vivo (disse-lhe uma voz) mata esses teus filhos, e unta esta pedra com sangue innocente.

O principe hesitou, mas cheio de confiança no po-

der da amisade, degolou os meninos, e a estatua mecheu-se logo e appareceu ali o amigo outra vez vivo. Abraçaram-se muito, e quando o principe se voltou para o logar onde estavam os filhos, achou-os alegres a bricarem tendo apenas uma fitinha vermelha em volta do pescôço. Nunca mais se separaram, e d'ali em diante viveram todos muito felizes.

(Algarve)

O CONDE SOLDADINHO

Junto do palacio do rei morava um pobre soldado; no dia e hora em que nasceu um filho ao rei, tambem a mulher do soldado teve um filho. Aconteceu serem muito amigos um do outro, e o rei como era justiceiro e de bom coração deixou que o soldado e a mulher viessem viver para o palacio, para as duas crianças brincarem juntas. Chamavam todos no palacio ao rapaz o Conde-Soldadinho; elle acompanhava o principe a todas as festas e caçadas.

Uma vez andava o principe á caça, e achou-se arrendo em sêde. O Conde-Soldadinho foi-lhe arranjar agua; d'ahi a pedaço veiu com um lindo jarro cheio de agua fresca.

—Quem te deu um jarro tão bonito?

—Foi n'uma pobre cabana; que faria se o principe visse a mãosinha que m'o deu!

Fôram ambos levar o jarro á cabana, e o principe ficou logo apaixonado por uma rapariga muito linda que ali morava. Tomou amôres com ella, ia vê-la em segredo, até que prometeu casamento para obter tudo o que queria. Temendo que o rei soubesse d'aquelles amores, nunca mais voltou á cabaninha, mas andava muito triste com saudades. A rapariga, que não sabia que o namorado era o principe, veiu á côrte deitar-se a seus pés para lhe valer:

Suppondo, serva de Deus,
Na terra fazeis de rei
E que sempre sem suspeita
Fazeis justiça direita ;
Pois mui alto rei, sabei
Que a mim um cavalleiro
Com um amor verdadeiro
Protestou ser meu marido,
E entrou no meu aposento,
Conseguiu o seu intento ;
E eu como humilde criada
Abatida e infamada
N'este campo de mudança
I eço aos vossos pés vingança.

O rei disse:

Levantae-vos nobre dama,
Cobrarás credito e fama,
Que será bem castigado
O que vos tem deshonorado.

E mandou chamar o principe, que estava passeando no jardim, para vir á sua presença; o principe veio suspirando:

A ella trago em pensamento,
Por ella estou n'um tormento.

O Conde-Soldadinho, que o acompanhava disse:
— Pois por uma pobre pastora suspiraes!
— Calae-vos, meu amigo; que tambem eras soldado,
e meu pae vos fez conde sem o têres merecido.
Quando chegou á presença do rei contou-lhe tudo,
e o rei deu-lhe ordem para casar com a pastora.

(Algarve)

A SARDININHA

Uma mulher tinha trez filhas; foi com duas para o trabalho, e ficou em casa a mais nova para tratar da comida. Comprou dez reis de sardinhas, e foi assal-as na grêlha. Quando estavam nas brazas, saltou uma das sardinhas para o chão; a rapariga pegou n'ella e tornou a pôl-a grêlha. D'ahi a pouco tornou a dar um salto, e tambem um gemido. A rapariga meio assustada foi levantar a sardinha do chão; ella disse-lhe:

— Não me mates! Pega em mim e leva-me á borda do mar, segue pelo caminho que se te depare.

A rapariga foi, e assim que deitou a sarüininha ao mar, formou se logo uma estrada muito larga; ella seguiu por esse caminho a dentro e foi dar a um grande palacio, onde estavam muitas mezas postas. Percorreu todas as salas, viu muitas joias, muitas riquezas, mas o mar tinha-se tornado a fechar, e já não pôde tornar para traz. Deixou se ficar ali, e dormiu em uma cama muito rica e muito fôfa que achou. Para se entretêr despia-se e vestia se com vestidos riquissimos que lá se guardavam.

Todos os dias lhe apparecia nm homem em figura de preto, que lhe perguntava se ella estava contente.

— Eu contente? o que me faz pena é lembrar-mæ que minha mãe e minhas irmãs estão trabalhando todo o dia para poderem comer qualquer cousa, e eu aqui.

— Pois bem, disse lhe o preto, leva o dinheiro que quizeres, vae vêr tua mãe e tuas irmãs, mas não te demores lá mais do que tres dias.

E tornou-se a abrir a estrada no mar. A rapariga chegou a casa, contou tudo, a mãe ficou muito contente com o dinheiro, e as irmãs fizeram-lhe mil perguntas do que havia no palacio, e se não tinha mêdo de ficar de noite sósinha? Ella disse que tinha o somno muito pezado. As irmãs replicaram:

— É porque te botam coisa no vinho, que te faz dormir; finge que bebes, mas deita o vinho fóra, para sentires o que se passa de noite no palacio.

Acabado os tres dias ella voltou pela estrada aberta no mar, entrou no palacio; comeu, ceou, e fingiu que bebia. Quando se deitou já não teve o somno tão pezado, e sentiu que alguém se deitava ao pé d'ella. Ficou bastante assustada, e deixou-se ficar muito quieta; quando estava tudo muito socegado, accendeu uma vela para vêr o que era. Era um principe muito formoso; inclinou se para vê-lo melhor, e caiu-lhe um pingo de cêra no rosto. Elle então acordou:

— Ah cruel; que só faltavam oito dias para quebrar o meu encantamento. Agora para me poder desencantar é preciso que tu soffras grandes trabalhos por mim, sem nunca te queixares. Toma lá esta carapinha; quando te vires em alguma afflicção de que te não poderes livrar, dize:

— Valha-me aqui quem me deu esta carapinha.

E n'este instante desapareceu o principe e o palacio, e a rapariga achou-se sósinha no meio de um descampado. Ia passando um rancho de pretas, que lhe disseram muitas chufas, e lhe arrepellaram os cabellos. A rapariga soffreu tudo sem nada dizer. Passou um jornaleiro e ella propoz-lhe trocar os seus vestidos cravejados de brilhantes pelas roupas do pobre homem, e assim já com outro traje foi-se offerecer para hortelão da casa do rei. A rainha começou a gostar do hortelão, porque tinha uma cara bonita, mas como elle não lhe correspondia foi fazer queixa ao rei, que era preciso mandal-o matar porque tinha commettido um atrevimento muito feio. O rei mandou metter a tormentos o hortelão para confessar o que fizera, mas elle soffreu tudo negando sempre. A rainha teimava que queria que se enforcasse; ia elle já para a fôrca, e lembrou se de dizer:

— Valha-me aqui quem me deu esta carapinha.

A execução interronpeu se ao grande barulho de

uma carruagem que trazia um alto figurão, que deu ordem para parar tudo. Levou o hortelão consigo para o paço e disse ao rei que era impossivel ter elle commettido o atrevimento de que a rainha o accusava, senão que mandasse as camareiras examinar. Assim aconteceu e a rainha é que foi deitada a uma fogueira. O encantamento quebrou-se pela constancia com que a rapariga tinha soffrido todos os tratos e o principe casou com ella por agradecido.

(Algarve.)

MARIA DA SILVA

Era uma vez um rei, que andava á caça, e perdeu-se no monte, quando se fechou a noite. Foi com o seu pagem pedir agasalho a uma cabaninha do carvoeiro que vivia na serra. O carvoeiro deu logo a sua cama ao rei, e a mulher, como estava doente, ficou deitada em uma enxerga no aido. De noite ouviu o rei um grande alarido, e chôros, e uma voz que dizia:

—Esta, que agora acaba de nascer
Ainda ha de ser tua mulher;
E por mais que a sorte lhe seja mesquinha
Sempre contigo virá a ser rainha.

O rei ficou bastante atrapalhado, e tratou de saber que horas eram. Era meia noite em ponto. Ao outro dia quando fallou com o carvoeiro, perguntou-lhe que barulho tinha sido aquelle.

—Foi uma filhinha que me nasceu; havia de ser pela meia noite em ponto, senhor.

O rei disse que queria fazer a fortuna d'aquella criança e que lhe daria muito dinheiro se a deixasse ir com elle. O carvoeiro deixou, e o rei partiu. Pelo caminho disse ao pagem, que fôsse matar aquella cri-

ança, porque era preciso fugir a um agouro com que ella tinha nascido. O pagem não teve alma para matar a innocente, e deixou a criança no fundo de um barrôco, entre uns silvados, enbrulhada no cinto vermelho que elle tirou de si. Tornou para onde estava o rei, e disse:

— Real senhor, não tive animo de matar a criança, mas deixei-a num sitio d'onde se não vê nem monte nem fonte, e ella lá morrerá com certeza.

Aconteceu que um rachador de lenha veiu trabalhar para aquelle sitio, ouviu chorar uma criança, desceu ao barrôco e tirou-a condoido, e levou a para casa. A mulher, que não tinha filhos, acolheu-a com satisfação e tratou-a como se fosse seu sangue, e chamavam-lhe *Maria da Silva*, em lembrança do acontecido.

Passados annos o pagem ia com o rei de jornada e viu uma rapariguinha de cinco annos vestida com uma capotinha vermelha, que conheceu ser o seu cinto. Foram ter com os camponezes, souberam a historia da rapariga, o rei deu-lhes muito dinheiro, para o deixarem leval-a para o palacio; assim que o rei partiu, mandou fazer um caixão onde mettu a *Maria da Silva*, e foi elle mesmo deital-a ao mar. Um navio encontrou no alto mar o caixão, quizeram vêr o que continha, e ficaram pasmados por acharem ainda viva uma criança muito linda. Fôram contar tudo á terra a que chegaram, e o rei d'alli quiz vêr a rapariguinha, a rainha tomou-lhe amor, e quiz que ella se criasse no palacio, para servir de aia á princeza. Quando se fizeram as festas do casamento da princeza, já *Maria da Silva* era grande; vieram ás festas do casamento muitos reis e principes e veiu tambem aquelle que queria matar a *Maria da Silva*.

O pagem que o acompanhava conheceu logo *Maria da Silva*, e disse-o ao rei seu amo. O rei, quando foi ao serão, quiz dansar com ella, que estava muito aceiada, e deu-lhe um annel dizendo:

Dansando t'o dou, dansando m'o hasde dar;
E se m'o não deres, a vida te hade custar.

E ella lhe respondeu:

Dansando o recebi, dansando o heide dar;
Tambem heide ser rainha e no seu reino reinar.

Acabado o serão Maria da Silva foi para o seu quarto, e uma criada comprada pelo tal rei, roubou-lhe o anel, e deitou-o ao mar. Maria da Silva ficou muito triste, quando viu que tinha perdido o anel, e que não podia mais dar conta d'elle; estava á janella quando viu em um quintal uma criada a amanhar peixe. Correu lá, e viu luzir no bucho do peixe o anel; tirou-o, voltou para o palacio, Á noite ao serão o rei tornou a dansar com ella e a repetir as mesmas palavras. Maria da Silva mostrou lhe o anel e repetiu as palavras que dissera na vespera. Então o rei ficou muito admirado, e disse:

— Já que ninguem pôde fugir á sua sorte e tens de ser minha mulher e rainha, já gosto de ti, e hoje mesmo se façam as bôdas.

(Algarve.)

A ROSA BRANCA NA BOCCA

Um homem muito abastado veiu a cahir em pobreza pelos seus desvarios; como tinha dado uma bôa educação ao filho, este sabia tocar muitos instrumentos e para ganhar a sua vida foi por esse mundo além. Chegou a uma terra e parou diante de um palacio onde estavam tocando peças de musica muito lindas. Deixou-se ali ficar sem comer nem beber. O dono do palacio vendo aquelle homem parado na rua, perguntou-lhe o que queria. Elle disse que tambem gostava de

musica; o homem mandou-o entrar para vêr se elle tambem sabia tocar. Assim foi, tocou e desbancou todos os outros musicos. O homem admirado, despediu todos os musicos, e disse ao rapaz que ficasse com elle, para o ouvir tocar sempre. Os outros musicos desesperados só queriam apanhar o rapaz para o matarem; mas o velho assim que soube d'isto protegia o rapaz, acompanhava-o sempre, e queria deixar-lhe tudo como se fôsse seu filho. Na còrte correu a fama do tocador, e o rei pediu ao fidalgo para lhe levar o rapaz e deixal-o no paço alguns dias. Lá lhe custou isso, mas não podia dizer que não ao rei. O rapaz espantou todos nas festas do palacio, porque tocava muito bem.

Uma noite que estava recolhido, sentiu entrarem lhe na camara e metter-se na cama com elle uma dama; quiz saber quem era, accendeu uma luz, mas ella trazia uma mascara. Emquanto se demorou no paço, todas as noites ia a dama ter com elle.

O rapaz insistiu para que lhe dissesse quem era. Ella respondeu:

—Não te posso dizer quem sou! A'manhã ao entrar para a missa, hasde-me vêr com uma rosa branca na bocca.

O rapaz foi dizer tudo ao fidalgo que já o tratava como filho; mas o fidalgo lembrando-se do odio dos musicos, quiz acompanhal-o, não fosse alguma traição. Pôz-se elle á porta da egreja, entraram todas as damas, e só quando veiu a rainha é que ao lado d'ella viu a condessa que a acompanhava, e que todos tinham na còrte por muito virtuosa, com a rosa branca na bocca.

Assim que viu o rapaz em companhia do fidalgo botou a rosa ao chão e amachucou-a com os pés. O rapaz chegou-se proximo da condessa para saber o motivo d'aquella zanga. Ella disse-lhe que a tinha atraído, contando tudo ao fidalgo. Perguntou lhe elle o

que era preciso que fizesse para tornar a alcançar o seu amor. Disse a condessa que só matando o fidalgo que lhe servira de pae. Elle na sua cegueira assim o fez. O rei quando soube d'este crime, achou-o tão atroz que deu ordem logo para que o enforcassem. Então a condessa foi contar tudo ao rei, e confessou se culpada, dizendo que o rapaz estava innocente, e que o que fizera era pela paixão do amor. Então o rei perdôou lhe:

— Já que a condessa fez a sua desgraça, case agora com elle para o fazer feliz.

(Algarve)

O CAVALLINHO DAS SETE CÔRES

Um conde tinha ficado captivo na guerra dos mouros. Levaram-no ao rei para que fizesse d'elle o que quizesse. Tinha o rei trez filhas, todas trez muito formosas, que pediram ao pae que o deixasse ficar prisioneiro no castello até que o viessem resgatar. A menina mais velha foi ter com o conde, e disse-lhe que casaria com elle, se lhe ensinasse qualquer coisa que ella não soubesse. O captivo disse:

— Pois ensino-te a minha religião, e vens commigo para o meu reino, e casaremos.

Ella não quiz. Deu-se o mesmo com a segunda.

Veiú por sua vez a menina mais môça; quiz aprender a religião e combinaram fugir do castello, sem que o rei soubesse de nada. Disse então ella:

— Vae á cavallariça, e hasde lá encontrar um rico cavallinho de sete côres, que corre como o pensamento. Espera por mim no páteo, á noite, e partiremos ambos.

Assim fez. A princeza appareceu com os seus vestidos de moura, com muitas joias, e á primeira pala-

vra que disse, logo o cavallinho das sete côres se pôz nas visinhanças da cidade d'onde era natural o cativo conde.

Antes de chegar á cidade havia um grande areal; o conde apeiou-se, e disse á princeza moura que esperasse ali por elle, emquanto ia ao seu palacio buscar fatos proprios para apparecer na côrte, porque estava com roupas de cativo e ella de mourisca.

Assim que a princeza ouviu isto, rompeu em um grande chôro:

— Por tudo quanto ha, não me deixes aqui, porque hasde-te esquecer de mim.

— Como é que isso pôde ser?

— Porque assim que te separe de mim e alguém te abraçar logo me esqueças completamente.

O conde prometteu que se não deixaria abraçar por ninguem, e partiu; mas assim que chegou ao palacio a sua ama de leite conheceu-o, e com a alegria foi para elle e abraçou-o pelas costas. Não foi preciso mais; nunca mais elle se pôde lembrar da princeza. Ella tinha ficado no areal, e foi dar a uma cabana onde vivia uma pobre mulher, que a recolheu e tratou bem; ali foi ter a noticia que o conde estava para casar com uma formosa princeza, e na vespera do casamento a mourinha pediu ao filho da velha que levasse o cavallinho das sete côres a passear no adro da igreja em que se haviam de casar.

Assim foi; quando chegou o noivo com o acompanhamento, ficou pasmado de vêr um tão bello cavallinho, e quiz miral-o de mais perto. O môço que o passeava andava a dizer:

Anda, cavallinho! anda,
Não esquecas o andar,
Como o conde esqueceu
A moura no areal.

O noivo lembrou-se logo da sorte que lhe tinha

cahido, desfez o casamento com a princeza e foi buscar a mourinha com quem casou, e viveram muito felizes.

(Algarve—Lagôa.)

A MUDA MUDELLA

Era uma vez um homem que tinha duas filhas; a mais nova era muito linda e a mais velha muito feia, e por isso embirrava com a irmã, que a não podia vêr. A feia intrigava-a com o pae, que se fiava em tudo quanto lhe dizia; um dia armou uma traição á irmã para a perder. Morava por ali um rapaz muito valdevinos, que tentava todas as raparigas, e a irmã feia disse á mais nova que fôsse áquella casa, porque ali existia uma familia envergonhada e em grande miseria, a quem ella podia socorrer, porque tinha bom coração. Assim que a irmã sahiu a socorrer a tal familia, a irmã mais velha avisou o pae, que lhe foi sahir ao encontro, e ficou suspeitando o que não era. Desesperado com a sua affronta, o pae resolveu mandar matal-a, e deu ordem a um creado que a levasse para a floresta, para acabar com a pobre menina. Mas o creado teve dó d'ella e deixou-a perdida no meio da floresta só com a companhia de uma cadellinha, que ella estimava muito e que nunca a deixava. A menina viveu por algum tempo dentro de uma furna, comendo ervas. Andando um dia o rei á caça viu uma cadellinha, e mandou dar-lhe pão; a cadellinha pegou no pão e fugiu para o ir levar á sua dona. Passado tempo a cadellinha foi apparecer ao rei em outro sitio, tornaram a dar-lhe pão, e fugiu outra vez; o rei mandou acompanhar a cadellinha para vêr para onde ella ia, e qual não foi o espanto ao irem encontrar uma donzella tão formosa e que parecia tão desgraçada. Ora esquecia dizer que a menina ti-

nha promettido que se escapasse da morte e fôsse salva d'aquelles trabalhos, estaria sete annos sem falar. Quando o rei a encontrou e lhe fez perguntas, ella lembrou-se da sua promessa, e não disse uma palavra. O rei levou-a para o palacio, porque gostava muito d'ella, e tanto se apaixonou que queria, dêsse por onde dêsse, casar com a menina. A mãe do rei aconselhava-o a que não casasse senão quando ella tornasse a achar a falla.

Ao fim de muito tempo, pouco antes dos sete annos, o rei já sem esperança pediu uma princeza para casamento, e foi com toda a sua côrte buscal a. A menina mandou então fazer um vestido com uma das mangas muito larga, e no dia em que o rei voltou foi receber os noivos á escadaria. A princeza assim que a viu deu uma grande gargalhada, dizendo:

Olha a muda de mudella,
Que dentro da manga traz uma panella!

A menina respondeu logo :

Olha a princeza destemperada,
Que logo que entra mal falla.
E eu ha sete annos que aqui estou
É a primeira falla que dou.

O principe ficou pasmado com o que viu, desfez logo ali o casamento com a princeza, e casou com a menina, como tanto tinha desejado.

(Algarve—Portimão.)

O SAPATINHO DE SETIM

Era uma vez um homem viuvo e tinha uma filha ; mandava-a á escola de uma mestra que a tratava muito bem e lhe dava sopinhas de mel. Quando a

pequenita vinha para casa, pedia ao pae que casasse com a mestra, porque ella era muito sua amiga. O pae respondia:

— Pois queres que case com a tua mestra? mas olha que ella hoje te dá sopinhas de mel, e algum dia t'as dará de fel.

Tanto teimou, que o pae casou com a mestra; ao fim de um anno teve ella uma menina, e tomou desde então grande birra contra a enteada, porque era mais bonita do que a filha. Quando o pae morreu é que os tormentos da madrasta passaram as marcas. A pobre da criança tinha uma vaquinha que era toda a sua estimação; quando ia para o monte, a madrasta dava-lhe uma bilha de agua e um pão, ameaçando-a com pancadas se ella não trouxesse outra vez tudo como tinha levado. A vaquinha com os pausinhos tirava o miolo do pão para a menina comer, e quando bebia agua tornava a encher-lhe a bilha com a sua baba. D'este feitio enganavam a ruindade da madrasta.

Vae um dia adoeceu a ruim mulher, e quiz que se matasse a vaquinha para lhe fazer caldos. A menina chorou, chorou antes de matar a sua querida vaquinha, e depois foi lavar as tripas ao ribeiro; vae senão quando, escapou-lhe uma tripinha da mão, e correu atraz d'ella para a apanhar. Tanto andou que foi dar a uma casa de fadas, que estava em grande desarranjo, e tinha lá uma cadellinha a ladrar, a ladrar.

A menina arranjou a casa muito bem, pôz a pannela ao lume, e deu um pedaço de pão á cadellinha. Quando as fadas vieram, ella escondeu-se de traz da porta, e a cadellinha pôz-se a gritar:

Áo, ão, ão,
Por detraz da porta
Está quem me deu pão.

As fadas deram com a menina, e fadaram-na para

que fôsse a cara mais linda do mundo, e que quando fallasse deitasse pérolas pela bocca, e tambem lhe deram uma varinha de condão.

A madrasta assim que viu a menina com tantas prendas, perguntou-lhe a causa d'aquillo tudo, para vêr se tambem as arranjava para a filha. A menina contou o succedido, mas trocando tudo, que tinha desarrumado a casa, quebrado a louça, e espancado a cadellinha. A madrasta mandou logo a filha, que fez tudo á risca como a mãe lhe dissera tintim por tintim. Quando as fadas voltaram, perguntaram á cadellinha o que tinha succedido; ella respondeu:

Ão, ão, ão,
Por detraz da porta está
Quem me deu com um bordão

As fadas deram com a rapariga, e logo a fadaram, que fôsse a cara mais feia que houvesse no mundo; que quando fallasse gaguejasse muito, e que ficasse corcovada. A mãe ficou desesperada quando isto viu, e d'ali em diante tratou ainda mais mal a enteada.

Houve por aquelle tempo uma grande festa dos annos do principe; no primeiro dia foi a madrasta ao arraial com a filha, e não quiz levar comsigo a enteada que ficou a fazer o jantar. A menina pediu á varinha de condão que lhe desse um vestido da côr do céu e todo recamado com estrellas de ouro, e foi para a festa; todos estavam pasmados e o principe não tirava os olhos d'ella. Quando acabou a festa, a madrasta veio já achal-a em casa a fazer o jantar, e não se cansava de gabar o vestido que vira. No segundo dia, foi a menina á festa, com o poder da varinha de condão, e com um vestido de campo vêrde semeado de flôres. No terceiro dia, quando a menina viu que a madrasta já tinha ido para casa, partiu a toda a pressa, e caiu-lhe do pé um sapatinho de setim. O principe assim que viu

aquillo correu a apanhar o sapatinho, e ficou pasmado com a sua pequenez. Mandou deitar um pregão: que a mulher a quem pertencesse o sapatinho de setim seria sua desposada. Correram todas as casas e a ninguem servia o sapatinho. Foi por fim á casa da mulher ruim, que apresentou a filha ao principe, mas o pé era uma patóla e não cabia no sapatinho de setim; perguntou-lhe se não tinha mais alguém em casa. Quando a madrasra ia responder que não, abriu-se a porta da cosinha, e appareceu a enteada com o vestido do primeiro dia das festas e com um pésinho descalço, que serviu no sapatinho de setim. O principe levou-a logo comsigo, e á madrastra deu-lhe tal raiva, que se botou da janella abaixo e morreu arreventada.

(Algarve.)

A MADRASTA

Uma mulher tinha uma filha muito feia e uma enteada bonita como o sol; com inveja tratava-a muito mal, e quando as duas pequenas iam com uma vaquinha para o monte, á filha dava-lhe um cestinho com ovos cosidos, biscutos e figos, e á enteada dava-lhe côdeas de brôa bolorentas, e não passava dia algum sem lhe dar muita pancada. Estavam uma vez no monte e passou uma velha que era fada, e chegou-se a ellas e disse:

— Se as meninas me dessem um bocadinho da sua merenda? estou mesmo a cair com fome.

A pequena que era bonita e enteada da mulher ruim deu-lhe logo da sua codinha de brôa; a pequena feia, que tinha o cestinho cheio de cousas bôas, começou a comer e não lhe quiz dar nada. A fada quiz-lhe dar um castigo, e fez com que ella feia ficasse com a formosura da bonita; e que a bonita fi-

casse em seu logar, com a cara feia. Mas as duas pequenas não o souberam; veiu a noite e foram para casa. A mulher ruim, que tratava muito mal a enteada que era bonita, veiu-lhes sair ao caminho, porque já era muito tarde, e começou ás pancadas com uma vergasta na propria filha, que estava agora com a cara da bonita cuidando que estava a bater na enteada. Fôram para casa, e deu de comer sopinhas de leite e cousas boas á que era feia, pensando que era a sua filha, e a outra mandou-a deitar para a palha de uma loja cheia de têas de aranha, e sem ceia. Duraram as cousas assim muito tempo, até que um dia passou um principe e viu a menina da cara bonita á janella, muito triste e ficou logo a gostar muito d'ella, e disse-lhe que queria vir fallar com ella de noite ao quintal. A mulher ruim ouviu tudo, e disse á que estava agora feia e que cuidava que era a sua filha, que se preparasse e que fosse fallar á noite com o principe, mas que não descobrisse a cara. Assim fez, e a primeira cousa que disse ao principe foi — que estava enganado, que ella era muito feia. O principe dizia-lhe que não, e a pequena descobriu então a cara; mas a fada deu-lhe n'aquelle mesmo instante a sua formosura. O principe ficou mais apaixonado e declarou que queria casar com ella; a pequena foi o dizer á que pensava que ella era sua filha. Fez-se o arranjo da bôda, e chegou o dia em que vieram buscal-a para se ir casar; ella foi com a cara coberta com um véo, e a irmã, que estava agora bonita, ficou fechada na loja ás escuras. Assim que a menina deu a mão ao principe e ficaram casados, a fada deu-lhe a sua formosura; foi então que a madrasta conheceu que aquella era a sua enteada e não sua filha. Corre á pressa a casa, vae á loja da palha vêr a pequena que lá fechára, e dá com a sua propria filha, que desde a hora do casamento da irmã tornára a ficar com a cara feia. Ficaram ambas desesperadas e

não sei como não arrebertaram de inveja. É bem certo o ditado: «Madrasta nem de pasta.»

(Porto.)

O OVO E O BRILHANTE

Havia uma mulher, que tinha uma filha e uma enteada; estavam sósinhas em casa, uma sempre na cosinha, muito maltratada, e a outra sempre perra e soberba de janella. Passou uma velhinha, e pediu se lhe davam alguma cousa. Disse a soberba:

— Vá-se embora, tia, que não ha pão cosido.

A outra disse:

— Não tenho que lhe dar; só se fôr este ovo fresco que pôz agora a gallinha.

E deu o ovo á velhinha. A velhinha quebrou-o, e dentro do ovo estava uma grande pedra preciosa, que era um brilhante; pegou n'elle e deu-o á menina:

— Trazei sempre essa pedra ao pescoço, que emquanto andardes com ella haveis de ter todas as felicidades.

A pequena pôz a pedra ao pescoço. A irmã, com inveja, foi também buscar um ovo, e deu-o á velhinha. Ella disse que o partisse pela sua mão; assim fez, e rebentou o ovo chôco, que tresandava de máo cheiro e a cobriu de porcaria pela cara e pelas mãos. A velhinha foi-se embora. Aconteceu passar por ali o rei, e viu aquella menina com a pedra ao pescoço, e achou-a tão linda, e ficou logo tão apaixonado, que a mandou buscar e casou com ella. Ficou rainha; e como era bôa, a madраста e a irmã pediram lhe para que as deixasse viver no palacio; deixou. Um dia o rei foi para uma guerra, onde tinha de se demorar; a rainha ficou no palacio. Ora a madраста, que já sabia do poder da pedra preciosa, andava

mais a filha á mira de vêr se lh'a furtavam; até que um dia que ella estava no banho, e que a irmã lhe tinha ido botar o lençol, furtou-lhe a pedra sem ella dar tino. Immediatamente ficou muito afflicta, e a irmã mais a madrasta fugiram para irem ter com o rei, que estava na campanha, porque tinha a certeza que elle a tomaria por mulher. Pelo caminho pozeram-se a descansar e adormeceram. Passou uma aguia e viu luzir a pedra, e de repente desceu e arrancou-a, e enguliu-a. Quando as mulheres continuaram o seu caminho, chegaram á barraca do rei, sem têrem ainda dado pela falta da pedra. Pediram licença para entrar, dizendo que era a mulher do rei que vinha visital-o, porque tinha muitas saudades. O rei conheceu quem eram, e mandou dar lhes muita pancada e pôl-as fóra; foi então que a rapariga deu pela falta da pedra, e botou a fugir, e a mãe atraz d'ella.

Quando o rei chegou ao seu reino, veiu a rainha ao seu encontro; mas como não tinha a pedra o rei não a conheceu, e disse: — É uma tola como as outras. E escorraçaram-na. Ella tornou para o palacio, e lá só a acceitaram para ajudar na cosinha. De uma vez estava-se a arranjar um grande jantar para o casamento do rei, e ella ao amanhar uma aguia, achou-lhe no papo uma grande pedra preciosa. Guardou-a, e pediu ao dono para ir servir á meza. Assim foi; pôz a pedra ao pescoço, e assim que entrou na sala, o rei conheceu-a e lembrou-se d'ella, e perguntou-lhe como é que aquillo tinha sido. Ella contou-lhe tudo, e o rei sentou-a logo á sua direita, e a outra princeza foi-se embora.

(Porto.)

CABELLOS DE OURO

Um homem e a sua mulher tinham dois filhos mas não havia que lhes dar a comer; uma noi-

te estando já deitados ouviu o pequeno estarem dizendo :

— É necessario matar um d'estes filhos, porque não podemos com tanta familia.

O pequeno acordou a irmãsinha, contou-lhe tudo e botaram a fugir de casa. Fôram andando noite e dia, e já muito longe o rapazinho cansado deitou-se no chão e adormeceu com a cabeça no regaço da irmã. Passaram por ali trez fadas, e vendo a criança, deram-lhe trez dons :

Que fôsse a cara mais linda do mundo ;

Que quando se penteasse deitasse ouro dos cabellos ;

Que tivesse as mais raras prendas de mãos.

Assim que o pequeno acordou, pozeram-se outra vez a caminho, e foram dar a casa de uma velha muito feia, que os recolheu. Passaram-se annos, e um dia que o rapaz quiz dinheiro, a irmã penteou-se, e elle levou o ouro para vender na cidade. O ourives que lh'o comprou ficou desconfiado, perguntou ao rapaz como é que arranjava aquelle ouro, mas não quiz acreditar tudo quanto elle disse. Foi dar parte ao rei, que o mandou prender até vir a irmã á côrte para se apurar a verdade.

A velha, que tinha ficado com a menina dos cabellos de ouro, resolveu matal-a á fome ; já estava havia dois dias sem comer, e quando lhe pediu alguma coisinha a velha disse-lhe que só se ella lhe deixasse tirar um olho. Ella deixou para não morrer. Depois de outros dois dias, estava já a menina a cahir com sêde, e pediu á velha uma pinga de agua, e ella disse — que só se lhe deixasse tirar o outro olho. Até que ficou cèguinha. Foi então que veiu ordem do rei para que a levassem á côrte ; a velha pensou que era melhor deitar a menina ao mar, e levar uma filha que tinha em logar d'ella. O rapaz que estava prezo n'uma torre que tinha uma fresta para o mar, viu andarem boiando na agua umas rou-

pinhas, que a maré trouxe para terra; botou-lhe uns lençoes torcidos para que ella subisse.

A velha tinha chegado á côrte com a filha, e se ella não botasse ouro dos cabellos, o rapaz iria a morrer. Quando a menina soube isto disse ao irmão — que lhe arranjasse do carcereiro um papel fino para fazer flôres. O carcereiro trouxe o papel, e a menina assim mesmo cega fez um ramo muito lindo cheio de pérolas e ouro que lhe cahiam dos cabellos. O irmão pediu ao carcereiro para lhe mandar vender aquelle ramo, não por dinheiro, mas sim por um par de olhos. Apregôou-se o ramo, todos o queriam, mas ninguem se atrevia a dar os olhos da cara por elle; só a velha quando ouviu o pregão é que o comprou pelos olhos da menina, que tinha guardado. O carcereiro trouxe o par de olhos, e a menina tornou a pô-los outra vez na cara.

Veiu o dia em que a velha teve de apresentar a filha diante do rei, mas não deitava ouro dos cabellos. O rapaz ia já a morrer, quando mandou pedir ao rei que se lhe déssem um fato de mulher iria buscar sua irmã, que a velha tinha querido matar. Deram-lhe o fato, e trouxe então da torre a menina, que se penteou diante do rei, e todos ficaram pasmados d'aquelle dom e da sua grande formosura. A menina contou tudo ao rei, que lhe perguntou o que queria que se fizesse da velha.

— Quero que da pelle se faça um tambor, e dos ossos uma cadeirinha para eu me assentar.

(Algarve.)

A CARPINTEIRASINHA

Tres irmãs viviam do seu trabalho. Estando ellas um dia questionando qual era a mais habilidosa, diz a mais velha:

—Eu tenho habilidade de fazer uma camisa da pelle de casca de ovo para o rei.

—E eu atrevia-me a fazer-lhe umas calças de uma casca de amendoa verde.

Disse a terceira:

—E eu atrevia-me a ter trez filhos do rei sem elle o saber.

Deu-se o caso do rei ter passado por alli na occasião d'esta conversa, e logo pediu licença para entrar. Disse que tinha ouvido isto assim e assim, e que ordenava que ellas lhe mostrassem as suas habilidades.

A mais nova respondeu-lhe que isso dependia de tempo emquanto á sua parte, e o rei partiu dizendo-lhe que não deixasse perder a occasião. As duas irmãs ficaram penalizadas com a apósta da mais nova mas trataram de desempenhar-se da sua promessa. Soube a mais nova que o rei sahia da côrte e ia estar um anno em Bule; pediu então dinheiro emprestado ás irmãs, comprou ricos vestidos, e apresentou-se em Bule sem que o rei a conhecesse. Ao fim de nove mezes teve ella um menino. Ao fim de um anno o rei disse que ía até Toledo, e que quando voltasse casaria com ella, e deu-lhe muitas joias e dinheiro á despedida. Foi o rei para Toledo e quando lá chegou, já lá estava a rapariga com outros trajos, eom outra physionomia, e o rei tornou-se a apaixonar por ella, dizendo que ella era superior a todas quantas tinha visto. Ao fim de nove mezes outra criança. Acabado o anno, foi o rei para Sevilha, e lá lhe tornou a apparecer a rapariga tão bem arranjada que lhe pareceu a melhor mulher que havia n'aquella terra. Teve então um terceiro menino. Não quiz o rei ao voltar para a côrte passar por Bule, nem por Toledo, porque promettêra casamento ás outras duas; quando entrou na côrte já lá estava a Carpinteirasinha e as irmãs, pasmadas com as riquezas que trazia. Ella fartou-se de esperar á visita do rei, que não se fiara na apósta; passado tempo o rei estava

para casar com a princeza, e no dia da bôda a Carpinteirinha mandou á côrte os seus tres filhos vestidinhos com todas as joias que o rei lhe tinha dado. Disse-lhes que beijassem a mão do rei e ficassem calados, e só quando o rei lhes perguntasse o que queriam, dissessem :

Bule, Toledo, Sevilha, andae;
Vimos ao casamento d'el-rei nosso pae.

Assim fizeram os meninos; o rei comprehendeu logo tudo, lembrou-se da apôsta e mandou vir a Carpinteirinha, com quem casou da melhor vontade.

(Algarve.)

A FILHA DO LAVRADOR

Era uma vez um principe; todas as vezes que vinha lavar-se á varanda do seu quarto, via defronte a filha de um lavrador, que era muito linda. Ora n'aquelle tempo a verdadeira nobreza era a dos lavradores, e por isso o principe fallava para ella, e dizia :

— Deus vos salve, filha de lavrador.

E ella respondia:

— E a vós principe e real senhor.

Elle conversava para ella, e perguntou-lhe se não queria encontrar-se na grande feira do anno, que se fazia? Ella disse que não; mas pediu licença ao pae, foi adiante e mettu-se no quarto da estalagem onde havia de pernoitar o principe. Quando disseram ao principe que estava ali uma mulher, elle respondeu:

É o mesmo.

Entrou para o quarto; viu uma môça muito linda, mas não a conheceu. Apagou a luz e ficaram toda a noite juntos. Pela manhã muito cedo ella arranjou-se

para partlr, e o principe perguntou-lhe o que é que ella queria em lembrança d'aquella noite; ella pediu-lhe a espada. O principe não teve remédio senão dar-lh'a. Passados dias, o principe fez os mesmos cumprimentos:

— Deus vos salve, filha de lavrador.

— E a vós também, real senhor.

— Então a menina não vae amanhã á romaria, para se encontrar lá commigo?

Ella disse que não; mas foi adiante e com tal jeito que ficou no lugar onde o principe tinha de dormir aquella noite. Ora já se tinha passado muito tempo, e a filha do lavrador tinha tido ás escondidas um menino, que estava a criar e era o retrato do principe. D'esta vez as cousas passaram-se como da outra, e quando foi pela manhã cedo, o principe disse-lhe que pedisse o que queria, e respondeu que só queria o cinto que elle usava.

Já se sabe, veio a têr outro menino. Foi ainda uma terceira vez convidada para um grande arraial, e ella lá se encontrou com o principe sem elle saber que era a filha do lavrador. D'esta vez também lhe perguntou o que é que ella queria, e a môça pediu-lhe o relógio. Passado o tempo também teve uma menina, que pôz a criar com os outros dois filhos do principe.

Um dia, disse elle:

— Filha de lavrador, vou-me casar. Não queres vir á minha bôda?

Ella disse que não; mas no dia do casamento entrou pelo palacio dentro com os trez meninos, um com a espada, outro com o cinto, e a menina com o relógio. Deixaram-na entrar, e ella foi para a meza. O principe conheceu aquellas trez prendas que dera sem saber a quem, e viu que os meninos eram o seu retrato. No fim do jantar disse que cada um havia de contar a sua historia, e que elle é que começaria.

Disse então:

— Um dia um homem perdeu uma chave de ouro, e arranjou uma de prata para servir-se; mas aconteceu achar outra vez a chave que tinha perdido, e agora quero que os senhores me digam de qual d'ellas se deve servir d'aqui em diante, da de ouro ou da de prata?

Disseram todos:

— Da chave de ouro! da primeira.

O principe levantou-se, e foi buscar a filha do lavrador, que estava a um canto da meza, e disse:

— A esta é que eu tomo por mulher; e estes infantes são os meus filhos, que eu tinha perdido.

A festa continuou muito alegre, e d'ali se foram a receber com grandes alegrias.

(*Santa Maria — Famacião.*)

A FEIA QUE FICA BONITA

Era uma vez uma velha, que tinha uma neta, que era feia como um bicho. A velha morava defronte do palacio do rei, e mettu-se-lhe em cabêça de vir a casar a neta com o rei. Lembrou-se de uma giria. Todas as vezes que o rei sahia a passeio, ao passar por diante da porta da velha, ella despejava para a rua uma bacia de agua de cheiro, e dizia:

— A agua em que a minha neta se lava cheira que rescende.

Sucedeu isto assim tantas vezes, que o rei reparou para o caso, e pediu á velha que lhe deixasse vêr a neta, que se lavava em agua tão cheirosa. A velha escusou-se dizendo que não, porque a neta era muito vergonhosa, mas que tudo se arranjaría, porque assim que fosse noite iria com ella fazer uma visita, e por este engano a levaria ao palacio. Disse tambem ao rei que era a cara mais linda do mundo; o rei esperou que anoitcesse, até que ouviu o signal

combinado, e veiu buscar a rapariga. A velha foi-se embora, pensando que o rei ficaria com a neta; quando o rei chegou ao seu quarto e acendeu a luz, deu com uma mulher feissima e desengraçada; ficou zangado com o lôgro, e na sua raiva despiu-a toda e fechou-a n'uma varanda ao relento da noite. A pobre rapariga não podia perceber a sua desgraça, e com o frio e com o mêdo da escuridão estava bem perto de morrer.

Lá por essa meia noite passou um grupo de fadas, que andavam a distrahir um principe que tinha perdido o riso; o principe assim que viu a rapariga núa desatou logo ás gargalhadas. As fadas ficaram muito contentes, e quando viram que a causa fôra aquella rapariga núa, negra e feia, disseram-lhe:

— Nós te fadamos, para que sejas a cara mais linda do mundo.

Quando de madrugada o rei veiu vêr se a rapariga teria morrido, achou-a lindissima, e ficou pasmado do seu engano. Pediu-lhe muito perdão, e rogou-lhe logo para casar com ella. Casaram e fizeram-se grandes festas. A velha avó, que morava defronte do palacio, soube que a nova rainha era a sua neta; foi ao palacio pedir para lhe dar uma falla. Chegou-se ao pé da neta e perguntou-lhe baixinho:

— Quem é que te fez tão bonita?

A neta respondeu na sua bôa verdade:

— Fadaram-me.

Ora como a velha era algo surda, entendeu que lhe dizia: «Esfolaram-me.» O rei, deu-lhe muito dinheiro assim que ella se despediu, e ella foi logo a casa de um barbeiro para que a esfolasse, porque queria ficar outra vez nova. O barbeiro não queria, ella deu-lhe todo o dinheiro que levava; por fim começou a esfolal-a, e a velha morreu no meio de grandes dôres, pensando que ficarla bonita.

(Algarve.)

O PEIXINHO ENCANTADO

Era uma pobre mulher, que tinha um unico filho, e de mais parvo, e não queria trabalhar. Coitadinha, não lhe servia senão para comer. Um dia que ia para o matto buscar lenha um rapazinho da visinhança, ella pediu-lhe para que levasse comsigo o tolinho, e lhe ensinasse a fazer um feixinho. Quando chegaram ao monte, o rapaz foi cortar dois mólhos de lenha, e o parvo poz-se a brincar ao pé de uma ribeira. Ali esteve sem pensar em nada, a vêr os peixinhos na agua; eis senão quando salta um peixinho mesmo ás abas do parvo, que lhe botou logo as unhas. O peixinho assim que se viu nas mãos do parvo, disse-lhe:

— Não me mates, que em paga, quando quizeres alguma coisa, basta dizeres: «Peço a Deus e ao meu peixinho que me dê tal e tal, que tudo hade sahir como pedires.»

O parvo, assustado, deixou o peixinho cair-lhe da mão, e logo desapareceu na ribeira. O outro rapaz bem chamava por elle para vir erguer o seu mólho; elle foi, e quando viu que o mólho era pezado disse:

— Peço a Deus e ao meu peixinho que me ponha a cavallo n'este feixe de lenha.

Saltou para cima do mólho, que o levou a galope pelo matto fóra e por toda a cidade até chegar a casa da mãe. O rei estava á janella do palacio, e ficou admirado; chamou a filha:

— Vem vêr o parvo a cavallo n'um feixe de lenha.

A princeza desatou a rir, quando o viu; mas o parvo disse baixinho:

— Peço a Deus e ao meu peixinho, que a princeza tenha um menino meu.

Tempo depois começou a princeza a padecer; to-

dos os medicos fôram de opinião, que a princeza andava occupada. O rei ficou desesperado e pedindo por todos os santos á filha que lhe dissesse quem tinha sido o causador de uma tal vergonha. A princeza jurava por tudo que não sabia explicar aquillo; o rei mandou botar um pregão, de que quem viesse confessar que era pae do menino casaria com a princeza.

Depois de tempo, veiu o parvo ao palacio para fallar ao rei:

— Venho dizer a vossa real magestade, que eu é que sou o pae do menino da princeza.

O rei ficou espantado, a princeza não comprehendia o que estava ouvindo. O parvo contou então o acontecido. O rei para se confirmar, disse-lhe:

— Pois pede ao teu peixinho que te faça apparecer agora aqui muito dinheiro.

O dinheiro caiu-lhe de todos os lados.

— Pede agora ao teu peixinho que te faça um môço muito perfeito e esperto.

O parvo ficou desde logo mais formoso que todos os principes; casou com a filha do rei, e pela sua grande esperteza ficou governando.

(Algarve.)

O FIGUINHO DA FIGUEIRA

Era uma vez um homem que tornou a casar, e tinha uma filha do primeiro casamento que era tratada pela madrasta mal a mais não poder. Tinham uma figueira lampa no quintal, para onde a madrasta mandava a enteada guardar os figos por causa da passada. Quando a pequena ia para o campo, a madrasta seguia-a tambem para contar os figos, dizendo-lhe que a mataria se algum lhe faltasse. Um dia veiu o milhano e comeu tres figos, por mais que a pequena

o enchotasse. Quando estava a anoitecer a madraستا veiu revistar a figueira, e a enterrou debaixo da figueira, e veiu para casa dizendo que a rapariga tinha fugido. O pae pensou que ella teria ido servir para alguma casa longe. Um dia que o pae passava por debaixo da figueira, ficou pasmado de vêr sob ella muitas flores, e entre ellas um lindo botão de rosa. Foi para as colhêr, mas sentiu uma voz, a dizer-lhe:

Não me arranquem os meus cabellos,
Que minha mãe os creou,
Minha madraستا m'os enterrou
Pelo figo da figueira
Que o milhao levou.

Ao principio o homem ficou sem saber o que havia de fazer; mas por fim resolveu-se a abrir uma cova n'aquelle logar, para vêr que cousa era. Depois de estar já bem funda a cova, descobriu uma lagem, levantou-a, e deu com uma escadaria por onde desceu. Quando chegou lá abaixo encarou com a filha, que estava muito linda e muito bem vestida:

— Filha, como é que vieste ter aqui?

— Quando a minha madraستا me enterrou, appareceu-me aqui esta casa, e todos os dias vem aqui uma senhora dar-me de comer.

O pae ficou vivendo com a filha, e não quiz mais saber da mulher.

(Algarve)

A DA VARANDA

Era uma vez um mercador que tinha uma filha linda como as estrellas e ladina como os diabretes. Pegado á varanda d'ella era o quintal do rei. Todas as tardes ella ia regar as suas flôres, e tinha um gran-

de manjaricão. O rei começou a gostar muito d'ella, e já a esperava á hora certa para a vêr, e perguntava-lhe sempre :

Oh menina, visto ser
De tamanha discrição,
Sabeis dizer quantas folhas
Tem o seu manjaricão ?

Ella dava-lhe o trôco, dizendo :

Vossa magestade, sabe
Lêr, escrever e contar,
Hade saber quantos bagos
De areia tem o mar ?

O rei começou então a vêr se podia pregar uma peça á rapariga, e aproveitou uma occasião em que o mercador tinha sahido para fóra da terra. Arranjou uma tenda com quinquilherias, e foi vestido de tendeira a casa d'ella. A filha do mercador mandou-a entrar sem suspeitar mal; o rei levava um anel muito rico, que deixou a rapariga encantada. Gabou-o muito com pena de o não poder comprar; mas a tendeira disse-lhe :

— Eu, minha menina, dou-lhe o anel se me der um beijinho; estou perdida por si; mesmo que seja por cima d'este véo que trago pela cara.

Quem mal não pensa mal não vê, a rapariga deu o beijo e ficou com o anel.

De tarde quando foi regar as flôres, appareceu o rei, como de costume :

Oh menina, visto ser
De tamanha discrição,
Sabeis dizer quantas folhas
Tem o seu manjaricão ?

E ella retrucou logo:

Vossa magestade sabe
Lêr, escrever e contar,
Hade saber quantos bagos
De areia tem o mar ?

O rei, que ficou calado, continuou:

E aquelle beijo que deu
Mesmo por cima do véo?...

A rapariga ficou capaz de morrer; fez-se muito vermelha e jurou de si para si que se havia de vingar. Vae um dia, veste-se de preta, e foi a casa do rei offerecer se para criada; primeiro combinou com o seu criado, que de noite botasse na varanda do rei a cabra que tinham no quintal. O rei tomou logo a pretinha para si, porque era muito engraçada, e com medo que ella lhe fugisse deitou-a n'um quarto ao pé do seu, com uma fita amarrada ao braço d'ella. De noite o rei puchou pela fita e ainda a pretinha respondeu; mas assim que o rei pegou no primeiro somno, a rapariga desamarrou-se, foi buscar a cabra muito devagarinho, pôl-a em seu lugar, e foi-se embora. Quando o rei acordou, lembrou-se da pretinha, que era de encantar, puchou-a pela fita para a sua cama, mas a cabra começou a berrar, e o rei espantado a gritar que tinha o diabo em casa; acudiu muita gente e todos viram a cabra em vez da preta no quarto do rei. No outro dia á tarde, o rei foi vêr a filha do mercador, que andava a regar, e perguntou-lhe:

Oh menina, visto ser
De tamanha descripção,
Sabeis dizer quantas folhas
Tem o seu manjaricão ?

E ella, em despique:

Vossa magestade, sabe
Lêr, escrever e contar,
Hade saber quantos bagos
De areia tem o mar?

Diz o rei:

E o beijinho por cima do véo?...

E ella:

E a cabra que fez méo, méo?...

O rei conheceu que ella o tinha disfructado, mas achou-lhe graça. A rapariga não quiz ficar por aqui. Soube que o rei ia para uma caçada, vestiu-se de homem, montou n'uma mula, e levou comsigo uma mascara, e foi seguindo a comitiva de longe. Depois de muito andar, o rei disse para parar um pouco, e que o deixassem sósinho. Assim que os cavalleiros se afastaram para longe, a rapariga tira a mascara da algibeira, saca de um punhal e vae para o rei, como quem quer matal-o, e grita-lhe:

—Beije já o rabo da minha mula, senão mato-o aqui já.

N'aquelles apêrtos, o rei como estava ali sósinho beijou o rabo da mula.

A rapariga voltou para casa; ao outro dia estava regando as flôres, e o rei appareceu, e fez as perguntas do costume:

Oh menina, visto ser
De tamanha discrição,
Sabeis dizer quantas folhas
Tem o seu manjaricão?

E ella :

Vossa magestade sabe
Lêr, escrever e contar,
Hade saber quantos bagos
De areia tem o mar?

E o rei :

E aquelle beijo que deu
Mesmo por cima do véo?...

Ella :

E a cabra que fez méo, méo ?...

O rei :

Não se finja assim tão fula.

Ella :

E o beijo no rabo da mula?

O rei lembrou-se do acontecido, achou-lhe muita graça, e quando o mercador voltou á terra foi pedir-lhe a filha em casamento, porque com uma mulher tão esperta havia de ser por força muito feliz.

(Algarve.)

A NOIVA FORMOSA

Era uma vez um rei que tinha tres filhos ; um dia chamou-os e disse — que já estava velho, e que desejava entregar o reino a qualquer dos seus filhos, e por isso fôsem procurar mulher, na certeza de que aquelle que trouxesse a mais formosa esse é que ficaria

com o reino. Partiram todos tres; os dois mais velhos voltaram passado pouco tempo casados, com duas bonitas raparigas, que não eram princezas. O mais novo correu muitas terras, sem achar mulher que lhe agradasse; um dia chegou a um lindo palacio no meio de um escampado, e resolveu-se a pernoitar ali. Apareceu-lhe então um velho, que o recebeu, e lhe deu um quarto muito rico, e o hospedou muito bem. Ao outro dia o principe contou o motivo da sua jornada.

— Pois póde dar graças á sua ventura, porque não podia ir bater a melhor porta do que á minha — disse o velho. Tenho uma filha que é uma formosura, com um bom genio, e rica.

O principe ficou logo contente, e pediu para vêr a noiva. O velho respondeu-lhe que não; se confiava na sua palavra só a poderia vêr no dia do casamento. O rapaz disse que sim, e d'ahi a pouco chegou o dia do noivado. Vieram muitas carruagens, vistoso acompanhamento, mas o principe não conhecia ninguem. Por fim chegou a carruagem da noiva, e fôram todos a recebê-la. Vinha coberta de pedrarias. O rapaz ficou pasmado por vê-la tão feia como uma macaca; como emfim tinha dado a sua palavra, curtiu comsigo o crú engano. Casou, e levou a mulher para a côrte de seu pae; não se fallava n'outra coisa senão na macaca. O rei desgostado com o filho, deu-lhe um palacio velho que tinha para elle ir para lá viver. O principe andava descontente, mas tratava muito bem a mulher. Um dia o rei mandou avisar os filhos de que iria a visitar as suas nóras; todos aciearam as suas casas, só a macaca pulando de contente, pôz a casa n'uma felga, escangalhou camas, quebrou vidraças e mais tropelias. Quando estava o rei para chegar, e o principe viu que tinha a casa como um chiqueiro, disse-lhe a macaca:

— Vae a casa de meu pae, que me mande a laranja que eu dexei em cima da minha commoda.

O principe foi, deu o recado ao sôgro, voltou e entregou a laranja á mulher. A macaca armou com umas mezas e cadeiras um throno, sentou-se no alto, e o marido a soffrer-lhe tudo. Quando o rei chegou á porta, e já vinha subindo a escada, a macaca dá a laranja ao marido dizendo :

—Atira-a com força ao tecto da casa.

De repente a casa transformou-se no mais rico palacio do mundo, a meza e cadeiras em um throno de ouro, e ella em uma cara lindissima como o sol.

O rei ficou espantado do que via, e a princeza disse-lhe :

—Obrigada pela sua visita; póde offerecer o seu reino a quem quizer, porque eu sou a rainha dos imperios, que estava encantada, até encontrar quem fôsse capaz de me fazer o que o principe meu marido me fez.

(Algarve.)

A NOIVA DO CORVO

Havia n'uma terra uma mulher, que tinha em sua companhia um côrvo. Defronte d'ella moravam tres raparigas muito lindas. Como o côrvo queria casar, mandou fallar á mais velha; respondeu-lhe que não, e o côrvo raivoso arrancou-lhe os olhos. Succedeu o mesmo com a segunda, até que a terceira sempre se sujeitou a casar com o côrvo.

Tempo depois de já viverem na sua casa, a rapariga fallou a uma visinha no seu desgosto de estar casada com um côrvo; a visinha aconselhou-lhe que lhe chamuscasse as pennas, porque podia ser obra de encantamento, e assim se quebraria. Quando á noite se fôram os dois deitar, a rapariga chegou a candeia ás pennas do côrvo; elle acordou logo, dando um grande berro :

—Ai, que me dobraste o meu encantamento! se

me queres salvar, vae pôr-te áquella janella, e todos os passaros que vires, chama-os e pede-lhes assim: «Venham, passarinhos, venham despir-vos para vestir el-rei que está nú.» De facto os passarinhos começaram a vir poisar na janella, e cada um deixava cair uma penna com que o côrvo se foi cobrindo. Depois que ficou outra vez emplumado, o côrvo bateu as azas, e desapareceu, dizendo para a mulher:

Agora se me quizeres tornar a vêr,
Sapatos de ferro hasde romper.

A pobre rapariga ficou sòsinha toda aquella noite, e logo que amanheceu foi comprar uns sapatos de ferro e metteu-se a correr o mundo. Tinha os sapatos quasi estragados de andar, quando encontrou um velho e lhe perguntou se não tinha visto um passaro. O velho respondeu:

—Eu venho da fonte da Madrepérola, onde estavam bastantes.

Ella continuou o seu caminho, e antes de chegar á fonte ali encontrou um côrvo, que lhe disse:

—Olha, se quizeres salvar o rei, vae á fonte, onde estará uma lavadeira a lavar um vestido de pennas, tira-lh'o e lava-o tu. Ao pé da fonte está uma casa, e um velho que a guarda; entra ahi, mata o velho para poderes quebrar todas as gaiolas e dar a liberdade aos passaros que elle tem lá prezos.

A rapariga chegou á fonte, e fez como o côrvo lhe tinha dito; lavou o vestido de pennas e depois entrou na casa onde estava o velho, fingiu que via vir pelo mar uma linda embarcação; o velho chegou á janella e a rapariga pegou-lhe pelas pernas e deitou-o ao mar. Depois quebrou todas as gaiolas e os passaros em liberdade tornaram-se principes que estavam encantados, e entre elles estava o seu marido, que era rei e lhes pôz a obrigação de a servirem toda a vida.

(Algarve.)

A PARABOINHA DE OURO

Era de uma vez tres irmãs, que viviam juntas; a mais nova punha á janella uma bacia com agua e ali vinha espanear-se um passarinho, que era um principe encantado, que fallava com ella. As irmãs tomaram-lhe grande inveja, e procuraram geito de acabar com as conversas; espreitaram e viram o principe, e metteram na bacia de agua muitas navalhas de barba. Quando ao outro dia veiu o passarinho lavar-se, cortou-se e foi-se embora; a menina veiu á hora do costume, e o passarinho não apparecia; só quando olhou para a agua e a achou cheia de sangue e com as navalhas de barba, é que comprehendeu a traição das irmãs. Foi por esse mundo além, perguntando se alguem sabia onde estava o principe encantado; até que chegou a casa da Lua. A mãe da Lua disse-lhe:

—Ai menina, que vem aqui fazer? Se o meu filho a acha cá... Olhe que elle tem uma cara muito arrenegada.

A menina sempre lhe contou o que pretendia, e a velha escondeu-a e disse-lhe que havia de perguntar ao filho, onde é que estava o principe. Por fim entra a Lua, muito arrenegada, bradando:

—Cheira me aqui a fôlego vivo.

A velha lá socegou a Lua, e perguntou o que a menina queria; respondeu a Lua:

—Eu sei lá d'elle! todos os que estão doentes me fecham as janellas assim que anoitece! O Vento é que hade saber.

A mãe da Lua deu á menina uma paraboinha de ouro, e ella foi ter á casa do Vento. A mãe do Vento tambem perguntou ao filho, e elle volveu:

O principe está muito longe e eu já lá cheguei, mas como está doente fecharam-me todas as janellas. O Sol é que sabe onde é que o principe está.

A menina foi-se embora, e a mãe do Vento deu-

lhe uma róca de ouro cravejada de diamantes. Até que chegou a casa do Sol; a mãe tratou-a muito bem, e n'isto entrou o Sol muito radiante e alegre, declarou onde é que estava o principe, e ensinou-lhe o caminho. A mãe do Sol deu-lhe um fuso de ouro.

A menina chegou defronte do palácio e sentou-se, mas estava todo fechado. Puchou da sua paraboinha e pôz-se a dobar. As criadas do palacio viram aquillo e fôram-no contar á rainha, que lhe mandou dizer que queria comprar aquella paraboinha. Ella respondeu:

—Só se me deixarem entrar no quarto do principe.

Pôz para a banda a paraboinha, e começou a fiar na róca de ouro cravejada de diamantes. Fôram dizel-o á rainha, e ella tornou a mandar-lhe pedir que lhe vendesse a róca e a paraboinha; a menina respondeu, que só se a deixassem entrar no quarto do principe. A rainha consentiu, e a menina foi ter no quarto aonde estava o principe doente e cheio de feridas. A menina chegou-se ao pé da cama, fallou-lhe, e elle conheceu-a; contou-lhe então a traição que as irmãs lhe fizeram com inveja. O principe ficou muito contente com a verdade e melhorou de repente, contou todo á rainha e casou e viveram ambos muito felizes.

(Algarve.)

O PRINCIPE QUE FOI CORRER SUA VENTURA

Havia n'uma terra um rei que tinha um filho, que não fazia senão pedir-lhe para ir correr o mundo; o rei por fim não pôde mais ter mão, e deu-lhe um grande sacco de dinheiro para a partida. Depois de ter andado muito, foi dar a uma estalagem onde encontrou um outro viajante. Conversaram, mas o via-

jante perguntou ao principe se não gostava de jogar; d'ahi a instante já estavam aferrados ao jogo. O viajante ganhou-lhe o sacco de dinheiro, e não tendo mais que lhe ganhar, propôz que jogassem ainda mais uma vez, e no caso do principe ganhar tornava a dar-lhe o sacco de dinheiro, e no caso de perder o principe ficaria prezo por trez annos n'aquella casa, e o serviria como criado por mais outros trez. O principe aceitou a proposta, jugou e perdeu. O viajante tomou conta d'elle, prendeu-o em uma loja, e deu-lhe pão e agua de um dia para trez annos.

O principe chorava a sua má cabeça; ao fim de trez annos vieram soltal o, e elle pôz-se a caminho para ir para casa do viajante, que era rei, servil o como criado. Depois de ter andado muito, encontrou uma mulher com uma criancinha ao colo a chorar com fome. O principe ainda levava o resto de uma codinha de pão e um escorropicho de agua e deu tudo a mulher. Ella em agradecimento disse-lhe :

—Olhe, santinho, vá você sempre andando, e quando lhe vier um cheiro muito grande, é porque está perto de um jardim que está no caminho; entre para dentro, e vá-se esconder ao pé do tanque. Então hãode vir tres pombas tomar banho, e á ultima que se despir tire-lhe o vestido de pennas e não lh'o torne a dar senão em troca de trez cousas que ella lhe der. Aconteceu tudo como a mulher lhe tinha dito; apanhou o vestido de pennas da pombinha, e ella para o tornar a ter deu-lhe um annel, um collar e uma penna, dizendo-lhe :

—Quando te vires em alguma afflicção e disseres :— «Valha-me aqui a pomba», heide te acudir; eu sou a filha do rei que vás servir, que tem uma grande rai-va a teu pae, e que te ganhou tudo ao jogo para dar cabo de ti.

O principe apresentou-se em casa do rei, que lhe deu logo esta ordem :

—Toma este trigo, este milho e esta cevada pa-

ra semeares, comtanto que eu ámanhã coma pão d'estas trez qualidades,

O principe ficou espantado, mas o rei não quiz saber de explicações; foi elle para o seu quarto todo atrapalhado da sua vida, e pega na penna dizendo:

— Valha-me aqui a pomba!

A pomba appareceu, e ficou sabendo tudo; e ao outro dia trouxe-lhe as trez qualidades de pão para o principe ir entregar ao rei. Quando o rei viu cumpridas as suas ordens, disse-lhe:

— Pois bem; já que fôste capaz d'isto, vae agora ao fundo do mar buscar o anel que a minha filha mais velha lá perdeu.

Voltou o principe para o quarto e tornou a chamar pela pombinha; ella acudiu:

— Olha, ámanhã vae para a praia e leva uma bacia e uma faca, depois mette-te n'um barco.

Assim fez; a pomba metteu-se com elle no barco e foi por esses mares fóra. Já tinham andado muito, quando ella disse que lhe cortasse a cabeça, de modo que não cahisse uma gota de sangue no chão, e a atirasse para o mar. Seguiu tudo á risca. Passado pouco tempo sahiu do mar uma pomba com um anel no bico, largou-o na mão do principe e foi lavar-se no sangue que estava na bacia; tornou-se na cabeça de uma bella donzella e depois tornou a desapparecer. O principe foi entregar o anel ao rei, que ficou mais desesperado, e lembrou-se de lhe dar um maior trabalho:

— Hoje de tarde hasde sahir no meu pôldro, para o ensinares.

O principe foi para o seu quarto e tornou a chamar pela pombinha, que lhe respondeu:

— Olha! men pae quer vêr se te mata por algum feitiço; porque o pôldro é elle mesmo, o selim é minha mãe, minhas irmãs são os estribos, e eu sou o freio. Não te esqueças de levar um bom cacete porque podes consolar-te com uma carga de páo n'elles.

O principe montou no pôldro, moeu o com pancadas, e taes tratos fez que quando recolheu a casa e foi dar parte ao rei que o pôldro estava manso, achou o rei de cama todo em pannos de vinagre, a rainha n'uma salada, as filhas derreadas, menos a mais nova. N'essa noite foi ella ter com o principe e disse-lhe :

— Agora, que estão todos doentes é que temos bôa occasião de fugirmos; vae á cavallariça e aprompta o cavallo mais magro que lá achares.

O principe cahiu na asneira de apromptar o mais gôrdo. Quando se pozeram a caminho, e ella viu o cavallo gôrdo ficou muito contrariada, porque este cavallo andava como o vento, e o magro andava como o pensamento. Mas sempre fugiram. De noite o rei precisou da filha para o virar, e chamou por ella; nada. A rainha, que era refinada bruxa, pescou logó que a filha tinha fugido com o principe, e disse ao marido que saltasse já fóra da cama e que os fôsse apanhar. O rei levantou-se a gemer com dôres, foi á cavallariça e quando viu o cavallo magro ficou seguro de pilhal-os. Montou e partiu. A filha, que ia sempre desconfiada que déssem pela falta d'ella, avisou de longe o pae, e de repente transformou o cavallo em uma ermida, a si em uma santa e o principe em um ermitão.

Chegou o rei ao pé da capellinha, e perguntou se não tinha visto passar por ali uma menina com um cavalleiro. O ermitão levantou os olhos do chão e disse que por ali não passára viva alma. O rei foi se embora aborrecido, e foi dizer á mulher que só tinha encontrado uma ermida com uma santa e um ermitão.

— Pois eram elles! disse a velha desesperada; se me tivesses trazido um boccadinho do vestido da santa ou um pedacinho de caliça da parede, tinha-os agora aqui em meu poder.

E tornou a fazer partir o velho no cavallo mais li-

geiro que o pensamento. O velho foi avistado ainda de longe pela filha, que fez do cavallo um terreno, de si uma roseira carregadinha de rosas, e do principe o hortelão. Repetiu-se a mesma cousa; o velho virou para traz, mas a velha bruxa azoïnava-o:

— Se me tivesses trazido uma rosa d'essa roseira, ou um punhadinhó de terra, já cá os tinha em meu poder. Mas deixa estar, que d'esta vez vou eu também.

Quaudo a menina avistou a mãe sentiu um grande mêdo, porque sabia o poder que ella tinha; apenas teve tempo de fazer do cavallo um pôço fundo, de si fez uma eiró, e do principe um cágado. A velha chegou á borda do pôço e conheceu-os logo. Perguntou á filha se não estava arrependida, e se quizesse voltar para casa que lhe perdoava. A eiró dizia com o rabo que não. A velha disse ao marido que atirasse uma bota ao pôço para trazer uma gota d'agua, porque só com isso ficava com poder para agarrar a filha. Quando o rei tirava a bota cheia de agua, o cágado saltou para dentro d'ella e entornou-a toda; com a outra bota deu-se o mesmo caso.

Então a rainha muito zangada rogou ao cágado a praga—que elle se esquecesse da princeza. Continuaram o seu caminho, mas a menina sempre muito triste. E quando o principe lhe perguntava o motivo da sua tristeza, ella respondia:

— E porque tenho a certeza de que tu me hasde esquecer.

Chegaram por fim á terra d'onde o principe era natural; deixou a menina em uma estalagem, e foi pedir ao pae licença para lhe apresentar a sua noiva. Com a alegria que teve de vêr a familia esqueceu-se da menina. O pae tratou de lhe fazer o casamento; quando a menina soube d'isto teve uma grande afflicção e gritou:

— Valham-me aqui minhas irmãs.

Appareceram-lhe. A mais velha disse:

— Não te afflijas; tudo se hade arranjar. — E deu ordem á estalajadeira que quando passasse algum criado do rei a comprar aves, que fosse ao quarto da irmã e vendesse trez pombinhas que estariam lá. Assim foi: o criado do rei comprou as trez pombinhas, e como eram muito lindas foi mostral-as ao principe.

O principe estava admirado, e quando ia para pegar n'ellas uma saltou para cima da janella, e disse:

— Quando nos ouvir fallar, ainda mais admirado hade ficar.

Outra saltou para cima de uma mesa, e disse:

— Vae fallando, vae fallando, que elle se irá recordando.

A pombinha que lhe tinha ficado na mão saltou-lhe para cima do hombro e perguntou-lhe:

— Veja, principe, se este anel lhe serve.

O principe viu que sim. Depois deu-lhe um collar, e tambem servia. Por fim deu-lhe a penna, e só quando leu o nome da pomba é que se tocou a lembrar, e então casou com ella.

MARIA SUBTIL

Havia um mercador, que morava perto do palacio real, e tinha trez filhas. Maria era a mais môça e a mais formosa. O mercador era viuvo, e o rei encarregou-o de fazer uma viagem. Logo que o rei o mandou chamar foi, e voltou muito triste para casa, por deixar as filhas sós; mas deu-lhes tres vasos de manjaricão, e disse:

— Minhas queridas filhas! eu parto por ordem do rei, e deixo um vaso a cada uma; os vasos hãode-me dizer o que fôr succedido.

— Nada hade succeder! replicaram as filhas.

Partiu o pae, e o rei no dia seguinte foi com dois amigos visitar as meninas de sentimento pela partida

do pae ; estavam as tres irmãs ceiado, quando sentiram bater á porta. A mais velha não se importando com os reparos de Maria abriu a porta ao rei. Maria ficou tambem zangada por a irmã do meio os mandar sentar á meza, e disse :

—Vamos buscar uma gotta de vinho á adega ; eu levo a chave, minha mana mais velha a luz, e a do meio o cangirão.

Disse o rei :

—Não vão, que nós não queremos vinho,

As duas irmãs mais velhas tambem lhe responderam :

—Nós não podemos ir.

—Não querem ir ; pois irei eu.

E foi-se. Chegou ao saguão, apagou a luz, e pôz a vela e o cangirão na escada, d'alli foi ter a casa de uma visinha e bateu á porta. Ella veiu e perguntou :

—Quem está ahi a estas horas ?

—Deixe-me entrar, que eu briguei com minha irmã mais velha, e para ella não ralhar mais commigo, vim para cá dormir.

E lá dormiu aquella noite. Ficou o rei muito zangado da falsidade de Maria. Foi ella para casa no outro dia, e viu os vasos das irmãs murehos e ficou muito contente de ter o seu viçoso. Como o quarto da irmã mais velha dava para as quintas do rei, as duas irmãs desejaram de lá umas nêspras. Maria desceu por uma corda ; apanhou as e tornou a subir para casa. A mais velha desejou limas ; Maria foi e encontrou-se com o vinhateiro, que lhe disse :

—Que faz você por aqui, senhora marôta ?

Ella empurrou-o e puchou-lhe pelas pernas, dizendo :

—Ainda me estás reprehendendo ? Espera ahi.

E elle morreu afogado n'um espinho de limeira, Maria trepou pela corda, e chegou a casa muito aborrecida e disse :

—Olhem as meninas que esta é a ultima vez.

No dia seguinte a irmã do meio desejou bananas, e tanto pediu, que Maria foi lá, onde se encontrou com o rei, que lhe disse :

— Sempre cá vieste, Subtil? tu agora o pagarás.

E começou a perguntar-lhe tudo; Maria nada negou, até que o rei lhe disse :

— Vem atraz de mim, que em casa tu as pagarás.

E cuidando que Maria vinha, foi andando; olhando de repente não viu nada, nem Maria, nem corda, nem por onde ella tinha saído. O rei ficou tão zangado, que adoeceu de paixão. As duas irmãs mais velhas casaram com dois amigos do rei e tiveram dois meninos. Maria pegou n'elles e metteu-os n'um açafate muito rico e enfeitou-o de flores muito finas de maneira que ninguem diria levar duas crianças. Maria vestiu-se de rapaz e pôz o açafate á cabeça, e quando passou por casa do rei, apregôou assim :

Quem quer levar estas flores
Ao rei, que tem mal de amores ?

O rei que estava de cama, mandou comprar o açafate; ella levou o cestinho, e quando chegou lá disse :

— Ai, que me esqueceu o outro !

E foi-se, deixando o cêsto ao rei; elle ouviu guinchos dentro do cestinho, vae vêr, acha-se com duas crianças. Ficou muito raivoso, e prometeu vingar-se. Chegou o mercador, pae das meninas, e o rei mandou-lhe dizer por um pagem, que lhe fizesse uma casaca de pedra. O mercador chegou a casa muito triste, porque não podia fazer uma casaca de pedra, e porque as duas filhas mais velhas estavam casadas e porque dois vasos estavam murchos. Quando ellas lhe perguntavam o que tinha, Maria saiu de traz das irmãs e disse :

— Se o rei lhe manda fazer uma casaca de pedra não se apoquente, meu pae; leve lá este giz para lhe fazer as linhas.

Assim fez; o rei respondeu que era impossivel, e o mercador respondeu tambem:

—Em vista de isso, é-me impossivel fazer a casaca.

—Pois então hasde-me entregar tua filha Maria.

O mercador voltou ainda mais triste para casa:

—Minha querida filha, o rei quer que te vá levar ao palacio. É' a nossa desgraça.

—Não se affiija, meu pae; mande fazer uma boneca igual a mim com um cordão para se puxar pela cabeça para dizer sim e não; e a boneca terá muito mel pelo pescôço.

O rei disse aos pagens:

—Quando vier aqui um senhor com uma menina, em dizendo que querem fallar commigo, mettam a ella na minha camara, e deixem-no a elle ir embora.

Maria Subtil entron e metteu-se debaixo da cama, com o cordão na mão e pôz a boneca deitada. Quando entrou o rei, olhou para a boneca e disse:

—Senhora Maria Subtil, passe muito bem.

Maria puchou pelo cordão á boneca, e ella abai-xou a cabeça. O rei então disse:

—Vamos ajustar contas.

E começou pelo principio, desde quando foi á ade-ga até chegar ao açafate de flôres. E Maria Subtil sempre a puchar pelo cordão. O rei continuou:

—Quem me fez tanta falsidade merece a'morte.

Pegou n'um espadim e degollou a boneca; o mel respingou, e foi-lhe tocar n'um beijo; e elle disse:

—Ai Maria Subtil! Maria sabida,
Tão doce na morte e amarga na vida!

Quem tamanho crime fez merece já morrer.

É ia para se matar, quando Maria Subtil, a ver-dadeira, sahiu de baixo da cama e se abraçou com elle. No dia seguinte casaram, e fôram muito felizes.

(Ilha de S. Miguel — Açôres.)

O COELHO BRANCO

Havia um rei que tinha uma filha já crescida, que gostava muito de se lavar no balcão, e pedia á aia que levasse a bacia e outros preparos e uma bandeja para pôr os anneis. Vinha um coelhinho branco, furtava-lhe os anneis e fugia; a princeza gostava de vêr aquillo, não dizia nada, ia ao cofre e mettia outros nos dedos. Continuou o coelhinho a furtar, até que a princeza ficou sem nenhum anel. Antes tinha tão grande abundancia, que ella ficou muito triste e melancolica; o rei teve muita pena com isto, e até mandou pôr um edital para virem todas as pessôas antigas para contarem contos e historias para alegrarem a princeza. Vieram muitas pessôas, mas a princeza estava no mesmo; até que vieram duas velhas sem saberem o que haviam de contar. Pelo caminho encontraram um burro sem pés nem mãos, carregado de lenha; as velhas fôram em seguimento do burro, viram-o chegar a umas casas, descarregar a lenha, e acarretal-a para dentro. Ellas então subiram e no patim em cima viram umas pucaras a ferver; uma das velhas metteu o dedo e provou, e n'este tempo ouviu uma voz a dizer-lhe:

— Não proves, que não é para ti.

E a velha olhou pelo buraco da chave e viu um coelho, que tirou a pelle, e tornou-se em um principe, e disse:

— Quem me déra vêr a dona dos anneis que tenho aqui.

As velhas partiram para o palacio, e lá contaram o que tinham visto á princeza. Isto, já se sabe, alegrou logo a princeza, e disse ao rei que queria ir vêr aquillo. Fôram todos, velhas, princeza e rei. Viram o burro fazer o mesmo, e seguiram-o á dita casa. A princeza metteu o dedo e provou; n'este ponto ouviu dizer:

Prova, que é para ti.

Ella foi vigiar (espreitar), e as portas abriram-se; o coelho disse :

— Quem me déra vêr a dona dos anneis que tenho aqui!

A princeza respondeu :

— A dona sou eu.

O coelho tornou-se principe, porque aquellas palavras lhe quebraram o encantamento, e casaram, foram muito felizes, e as velhas ficaram damas de honra do paço.

(Ilha de S. Miguel — Açores)

CLARINHA

Havia n'uma terra uma rainha, com uma filha muito linda chamada Clarinha, a qual estava tratada para casar com um principe logo que chegasse á edade em que havia de receber o reino de sua mãe, que o estava governando. Clarinha costumava ir todos os días ao jardim; um dia passou uma aguia, e todas as vezes que passava lhe dizia :

— Clarinha, Clarinha! qual queres, passar trabalhos na mocidade ou na velhice?

A princeza foi dizel-o á rainha, e ella lhe respondeu :

— Diga a menina: Antes na mocidade, que se póde com tudo, e na velhice não se póde com nada.

Clarinha foi para o jardim como o seu costume, e a aguia tornou a dizer o mesmo. No ponto que a princeza disse: «Antes na mocidade», a aguia levou-a pelo ár fóra e foi deital-a na terra onde vivia o principe com quem tinha tratado o casamento. Clarinha não conhecia ali ninguem a não ser a rainha e o principe, mas não se podia fallar com elles sem requerimento, e ella não o tinha. Foi ter a uma padaria, e pediu para ser criada. A padeira tomou-a;

indo um dia para fóra, deixou para Clarinha coser uma fornada de pão já amassado. A menina com mêdo fechou todas as portas e janellas para a aguia não entrar, mas ella sempre entrou pela chaminé e esborralhou-lhe o fôrno sobre o pão, quebrou-lhe os alguidares e muita loiça, e fugiu. Chegando a padeira, deu muitas pancadas em Clarinha e pôl-a no andar da rua. Por mais que pedisse e chorasse, a padeira não acreditava. Foi a menina ter com um vendeiro, para o servir; saindo este um dia, deixou-a na tenda. Com medo ella fechou-se por dentro, mas a aguia sempre entrou e quebrou cópos, medidas e garrafas, e destapou as pipas. Quando o vendeiro chegou achou tão grande destrôço, e sem se importar com o que dizia Clarinha, deu-lhe muitas bofetadas e pôl-a logo na rua. Clarinha foi ter d'ali ao palacio, não se dando por conhecida, e offereceu-se para criada do principe. A rainha disse que não precisava de mais criadas. O principe acudiu:

— Tome-a, minha mãe, ainda que seja para vigiar as patas.

— Pois sim; que entre.

Todos os días morriam as patas que ella vigiava, e o principe vendo que ella chorava tanto, pediu á rainha que a tomasse para costureira. Passados tempos, o principe apromptou-se para ir vêr a sua noiva, e chegando ao pé das aias disse:

— Que querem que eu lhes traga da terra aonde vou?

Todas ellas lhe pediram alguma coisa, menos a Clarinha. O principe insistiu com ella para que dissesse o que queria de lá.

— Traga-me vossa alteza uma pedra do palacio.

O principe partiu, e ao chegar ao palacio da sua noiva ouviu que tudo estava de luto pela falta da princeza. Muito triste ficou, e no mesmo instante comprou tudo que as criadas lhe tinham pedido, e a pedra para Clarinha, e partiu. Chegou cá muito triste e

alguma cousa desconfiado de quem seria Clarinha. Entregou-lhe a pedra, e para saber o que ella queria fazer d'isso, metteu-se debaixo da cama, quando a criada deu volta. Quando ella veio para o seu quarto, fechou-se por dentro e cuidando que não estava ninguem, começou a dizer á pedra isto :

— Pedra do palacio de meu pae, vou contar-te a minha vida.

E contou desde os passeios do jardim e da aguia, até ali. E no fim de tudo a pedra deu um estoiro, e Clarinha disse :

— Abre-te, pedra, n'uma róda de navalhas, que me quero deitar n'ellas.

O principe então sahiu debaixo da cama, e abraçou-a dizendo :

— Porque me não contaste teus males, querida Clarinha ?

— Porque logo que a aguia queria que eu passasse trabalhos, quiz passal-os emquanto era nova, porque sempre tinha alguma esperança.

D'ali a um momento os dois principes casaram-se, e fóram ter com a rainha mãe da princeza, que ficou muito satisfeita e veio viver com elles.

(Ilha de S. Miguel — Açòres.)

BOLA-BOLA

Havia perto de uns mattos uma casa onde viviam trez irmãs, que eram muito amigas. O rei costumava ir caçar áquelles mattos, e passava sempre pela casa; ora defronte d'esta casa viviam duas feiticeiras, mãe e filha, que, invejosas da formosura da irmã mais nova e do modo como tratava as irmãs mais velhas, lhe levaram uns coentros e lhe disseram :

— Deite a menina estes coentros nas sôpas de suas irmãs, mas não coma d'ellas.

A pequena na sua sinceridade assim fez; mas logo que as irmãs comeram aquillo, logo se tornaram em bois. A irmãsinha muito pesarosa tratou-os como se fôsem gente. Passando o rei da caça viu a pequena, e agradado da sua formosura casou com ella e levou os bois para o palacio, tratando-os muito bem. A feiticeira sabendo isto prometeu vingar-se. Passados tempos, a rainha teve um menino, estando o rei na caça. Ouvindo isto, a feiticeira com a sua filha foi ter á rainha e lhe disse:

— Coitadinha! está tão doentinha!

E chegando as mãos pelas fontes lhe metteu dois alfinetes enfeitçados. A rainha tornou-se em pomba e fugiu. A feiticeira metteu a filha na cama e foi-se embora. Chegando o rei, disse:

— Que é isto, que estás agora tão feia?

— É a differença da doença,

E a feiticeira mandou tratar os bois com fôlha e herva, e elles nada comiam. Havia no palacio uma cadellinha chamada Bola-Bola, e fallava. A pombinha vinha e dizia:

— Bola-Bola!

Respondia a cadella:

— Que quer, minha senhora?

«Como vae o meu menino

Com a sua ama nova?

— De noite, cala-se,

E de dia chora.

Tantas vezes se repetiu isto, que o vieram a saber e fôram dizer ao rei, o qual mandou enviscar as arvores e apanharam a pomba, Indo o rei fazer-lhe festas, achou dois alfinetes na cabeça e puchou; ella tornou-se na verdadeira rainha. O rei obrigou as duas feiticeiras a tornarem os bois nas duas irmãs, que eram suas cunhadas; asim fizeram, e depois mandou-as rolar ás duas feiticeiras n'umas pipas de prégos.

E o rei e a rainha fôram muito felizes d'ali por diante.

(*Ilha de S. Miguel—Açôres*)

LINDA BRANCA

Havia nm homem muito rico, que era viuvo e tinha uma filha bastante formosa chamada Linda Branca; tinha ella immensa pena de ser tão bonita, porque todos a queriam. Pediu ao pae que lhe desse um vestido azul e cinzento; o pae deu-lh'o. Depois pediu lhe des-se um vestido azul prateado. Teve logo o vestido. Tornou a pedir outro azul e doirado; o pae fez-lhe a vontade. Tinha Linda Branca uma vára de condão, e ella pediu-lhe que a fizesse feia n'aquelle mesmo instante. Ella vestiu uma peliça e uma mascara muito feia, e foi d'ali para fóra servir de criada. Chegou a um palacio aonde n'aquelle tempo morava um rei, que era solteiro, e ficou por criada. Os moradores da cidade juntaram-se para fazerem uma grande festa que durava tres dias. Linda Branca pediu á rainha licença para ir áquellas festas. A rainha disse:

— Pede ao rei meu filho, que só elle governa.

Ella foi pedir licença ao rei quando estava calçando as bótas. Elle lhe disse:

— Olha que te atiro com esta bóta.

Depois que o rei foi para a festa, Linda Branca disse:

— Minha vára do condão, põe-me prompto um carro e preparos para eu ir á festa.

Vestiu-se de azul e cinzento e foi. Acabou-se a festa e ella tratou de fugir. O rei e os outros senhores seguiram atraz d'ella, e só o rei lhe apertou a mão e perguntou:

— De que terra é?

— Sou da terra da bóta.

E fugiu. Chegando o rei a casa, ella estava como de costume. No seguinte dia foi outra vez pedir licença ao rei, que lhe disse:

— Olha que te dou com esta vergasta.

Linda Branca foi outra vez de azul e prateado. Chegando lá, todos gostaram muito mais de a vêr. No fim da festa o rei chegou ao pé d'ella e disse:

— A senhora d'onde é?

— Sou da terra da vergasta.

Chegou-se ao ultimo dia, ella foi pedir licença para ir á festa. O rei tinha a toalha na mão, e respondeu:

— Olha que te dou com a toalha.

Linda Branca foi d'esta vez de azul e doirado. Ao sahir, o rei lhe apertou a mão e lhe perguntou:

— De que terra é?

— Sou da terra da toalha.

Não comprehendeu o rei isto, e ficou doente de pena de não saber d'onde era aquella formosura. Chegou a ponto que quiz que os seus amigos viessem passear á roda do palacio. Linda Branca, que sabia da doença do rei, vestiu-se com o primeiro vestido com que tinha apparecido e chegou a uma janella. Um amigo do rei viu-a:

— Oh que linda cara vi n'uma janella do palacio!

O rei olhou, mas não viu nada, e seguiu a toda a pressa para o palacio; chegou ao lado da rainha sua mãe, e disse:

— Quem está cá de fóra?

— Ninguém, senão a gente do costume.

Segundo dia, esteve com os olhos a espreitar, mas descuidado, ella chegou com o segundo vestido e só os amigos do rei a viram. Correndo á maior pressa ao palacio, a rainha mãe disse-lhe o mesmo que no dia antecedente.

Terceiro dia, o rei espreitou e então viu a mesma senhora da véspera, com o vestido azul e enramado de oiro. Correndo com grande pressa apanhou Linda

Branca com uma pequena borda do vestido dourado de fóra e diz:

— Eu té ordeno que dispas este fato.

Ella obedeceu, e então o rei pôde vêr a senhora de que tanto gostara no dia da festa. Linda Branca contou o motivo de tudo aquillo, e trez dias duraram as festas do casamento.

Quem o disse está aqui,
Quem o quer saber vá lá,
Sapatinhos de manteiga
Escorregam mas não cahem.

(*Ilha de S. Miguel—Açôres.*)

O REI-ESCUA

Havia um rei, que tinha por costume andar escutando pelas portas, pelo que lhe chamavam o Rei-Escuta. Uma noite elle foi escutar a uma porta e ouviu dizer:

— O que eu queria era casar com o padeiro do rei, para comer sempre pão fresco.

Outra voz dizia:

— Não sejas tola; eu o que queria era casar com o cosinheiro do rei, para comer guisados muito afamados.

E outra voz disse:

— Pois o que eu queria era casar com o Rei Escuta.

O rei ouviu tudo aquillo e foi-se embora. No dia seguinte mandou chamar as raparigas d'aquella casa, e perguntou á mais velha:

— Então, queres casar com o meu padeiro?

Respondeu que sim. Chamou a segunda, e fez a mesma pergunta a respeito do cosinheiro. Ella disse que sim. Chamou por fim a mais môça:

—Então queres casar commigo?

—Sim senhor, disse isso!

O rei mandou casar as duas raparigas com o pai-deiro e o cosinheiro, e a mais môça casou com elle. As irmãs ficaram logo com muita inveja, e metteram enrêdos ao rei, que a ia mandar deitar ao mar; mas os criados descobriram-lhe tudo, e elle ficou vivendo muito feliz com a sua mulher e nunca mais quiz saber das cunhadas, que fôram para o meio da rua.

(Ilha de S. Miguel—Açôres.)

AS CUNHADAS DO REI

O rei andava de noite pelas ruas acompanhado do seu cosinheiro e do seu copeiro disfarçado, escutando pelas portas; passou por um balcão onde estavam tres meninas, alegremente conversando, pôz-se á escuta do que diziam:

—Ali vão tres tunantes; se um fôsse o rei, já eu sabia quem eram os outros.

—Um era o cosinheiro. Quem me a mim dera casar com elle; sempre havia de comer bons fricassés.

—O outro era o copeiro; pois eu cá o que queria era casar com elle, porque havia de ter bons licôres.

Disse a mais nova:

—Eu não sei quem elles são; mas ainda que fossem condes ou duques, antes queria casar com o rei porque lhe havia de dar tres meninos cada um com a sua estrella de ouro na testa.

O rancho foi-se embora, mas no outro dia, o rei mandou ir á sua presença as tres irmãs. Perguntou-lhes se era verdade o que ellas tinham dito na véspera á noite. Respondeu a mais velha por si. Disse o rei:

—Pois então casarás com o meu cosinheiro.

A do meio tambem disse que tinha fallado por zombaria; o rei mandou que se arrecebesse com o copeiro. Chegou-se por fim a mais môça, que era a mais bonita:

— Então, disseste que só querias casar commigo?

— É verdade, não posso mentir; mande-me vossa magestade castigar.

O que o rei fez foi casar com ella; as irmãs ficaram a arrebentar de inveja, mas viviam no palacio. Ao fim do tempo, a que estava rainha teve dois meninos com uma estrellinha na testa. As irmãs, que estavam com ella, trocaram os meninos por dois cães. Os meninos fôram botados ao rio dentro d'uma condessinha, e seguiram por agua abaixo até ao moinho de um moleiro; como lhe parasse a agua, elle saiu a vêr o que era, e achando as duas criancinhas tomou-as para casa e criou as. Ora o rei andava longe da terra, e quando veiu soube do caso e ficou muito triste mas não fez mal á mulher. Passado tempo a rainha teve uma menina, e as irmãs, vendo que ella tambem tinha uma estrellinha na testa, trocaram-n'a por uma cadellinha e mandaram-n'a deitar ao rio; assim foi ter ao moinho onde já estavam os irmãos. O rei quando soube que a sua mulher tinha tido uma cadella, mandou-a enterrar até á cinta no pateo do palacio, para que todos que entrassem ou saíssem lhe cuspissem em cima.

Os tres meninos cresceram, e o moleiro pôz-lhes umas carapucinhas para encobrir as estrellas de ouro que tinham na testa.

Um dia foi uma pobre pedir esmola á porta do moleiro; os meninos deram-lhe a esmolinha, e era Nossa Senhora, que lhes disse, — quando se vissem em alguma afflicção dissessem: «Valha-me aquella pobresinha.» Veiu a peste, e o moleiro e toda a sua gente morreu, e os meninos fôram todos tres por esse mundo. Apareceu-lhes a pobre que os guiou até ao pé do palacio do rei, e deu-lhes a cada

um a sua pedrinha, para se tornarem em um grande palacio quando as atirassem ao chão.

As tias estavam á janella do paço, e reconheceram que eram os meninos das estrellinhas na testa; trataram logo de vêr se os matavam. Mandaram ter com elles uma criada bruxa, que disse ao mais novo, para entrar no jardim e apanhar um papagaio. Elle disse-lhe que não; vae o mais velho como animoso, disse:

— Pois vou eu.

E assim que entrou perdeu-se lá dentro e ficou encantado em leão. O outro quando viu que o irmão não tornava chamou pela pobresinha; ella veio e deu-lhe uma lança, e disse:

— Vae ao jardim, e fere com ella o leão encantado.

Elle assim fez; e appareceu-lhe logo outra vez o irmão, que já tinha apanhado o papagaio. Botaram a fugir logo, e os portões do jardim fecharam-se de repente e só apanharam uma pontinha da aba do casaco de um d'elles.

A criada bruxa tinha no entretanto ido ter com a menina, e fallou-lhe em certas maravilhas da Arvore que bota sangue e da Agua de mil fontes. A menina pediu aos irmãos estas cousas, que eram para enfeitar os jardins do seu palacio. Cada um foi lá por sua vez e lá ficaram ambos encantados. Quando a menina viu que não tornavam, disse muito triste:

— Valha-me aqui a nossa pobresinha.

Appareceu-lhe logo Nossa Senhora, que lhe ensinou como havia de ir ao jardim, e desencantar os irmãos, e enfrascar a Agua de mil fontes e cortar o ramo da Arvore que deitava sangue. Ella fez tudo, mas era preciso, que por mais barulho que ouvisse nunca olhasse para traz, senão ficava tambem encantada. Quando vinha com os irmãos e com as cousas que elles tinham ido buscar, era muito o barulho de vo-

zes e só ao sair da porta é que deu um geitinho á cabeça para vêr para traz, mas foi o bastante para lhe ficarem prezos os cabellos. Os irmãos fôram buscar umas tesouras, e voltaram depois todos para o seu palacio defronte do rei.

Quando o rei apparecia á janella o papagaio não fazia senão rir. O rei convidou os meninos para um banquete e pediu que levassem o papagaio. Os meninos fôram, mas ao passarem pela mulher que estava enterrada até á cinta não quizeram cuspir n'ella. O rei teimou, mas não conseguiu nada. Fôram para a mesa; uma das irmãs da rainha é que trinchava, e tinha botado resalgar na sôpa dos meninos. O papagaio avisou-os:

— Meninos, não comam, que tem veneno.

O rei ficou desconfiado, e perguntou aos meninos porque não comiam; disseram elles:

— Falta aqui uma pessôa; é aquella mulher que está enterrada até á cinta no páteo do palacio.

Disse o papagaio:

— Mande-a o rei vir, porque ella é a mãe d'estes meninos.

O rei mandou vir a mulher; e disse-lhe o papagaio:

— Sente-a agora ao seu lado; olhe que ella é sua mulher.

E contou como é que as cunhadas do rei tinham mandado botar ao rio em canastrinhas os tres meninos, e tinham posto em seu logar os cães; e se se quizesse confirmar, que visse se os meninos tinham na testa as estrellinhas. Os meninos tiraram as carapucinhas, e o rei conheceu-os, e abraçou a sua mulher; e mandou que as cunhadas comessem a comida envenenada, e logo ali arrebutaram.

(Airão—Minho.)

OS SETE ENCANTADOS

Havia uma rapariga, que morava com sua avó, e esta a mandou vender trez vintens de linhas. A netinha foi e entrou n'um palacio e viu em cima de uma meza trez vintens; deixou lá ficar as linhas, e quando ia para sahir achou todas as portas fechadas. Ella lá ficou, e como era cuidadosa fez as camas, arranjou os quartos, pôz tudo em ordem. Á noite entraram sete encantados; ella com mêdo escondeu-se. Disseram elles :

— Quem tanto bem nos fez, se fôr homem será nosso irmão, e se fôr mulher havemos de estimal-a como irmã.

Disseram isto muitas noites a fio, até que por fim um d'elles disse :

— O que eu queria era quem me lavasse a cabeça.

A menina n'essa noite lavou a cabeça a seis Encantados. O a quem ella não lavou a cabeça não quiz dormir, mas fingiu que dormia e estava acordado. Vae ella lavar-lhe a cabeça, e o encantado pegou-lhe por um pulso. A menina começa a gritar com susto, e os outros encantados acordaram, viram-na, e prometteram-lhe que nunca lhe fariam mal e que só queriam o seu bem. D'ali por diante nunca mais ella se escondeu dos Encantados, que lhe appareciam sempre.

Ao fim de certo tempo, um rei que morava de frente e era solteiro, e ainda tinha a mãe viva, que governava, fallou lhe em casamento; ella lhe respondeu que havia de primeiro dizel-o aos Encantados. Assim fez; elles lhe disseram que casasse com o rei, mas que o não deixasse tocar-lhe sem que dissesse primeiro: «Pelos sete principes encantados.» Ella assim o prometteu.

Casou; quando o principe ia para abraçal a, ella

começou a dar gritos, e a fugir. O príncipe muito zangado mandou a metter n'um quarto com uma criada para a servir, e nada lhe faltava, mas foi casando com outra princeza com quem o príncipe casára segunda vez :

— Vossa alteza não sabe? aquella senhora que está fechada, corta a cabeça e penteia se no regaço, e depois torna a pôr no seu logar.

A princeza, para não ficar atraz da outra quiz fazer o mesmo, cortou a cabeça, mas morreu logo. O príncipe ficou muito triste, e pôz a criada na rua. Casou com outra princeza; passados dias vem outra criada e diz-lhe :

— Vossa alteza não sabe? Aquella senhora que está fechada lá em cima, quando está fiando e lhe cae, o fuso, corta a mão que o vae apanhar ao chão, e torna a ficar no seu logar.

A terceira esposa quiz fazer o mesmo, mas a mão gangrenou-se-lhe e passados dias morreu. O príncipe pôz a criada na rua, e foi ter com a menina que tinha fechada, e assim que ia tocal-a, ella começava aos gritos, que tremia o palacio.

Foi o príncipe muito afflicto ter com a rainha, que lhe disse :

— Filho, pede pelos sete príncipes encantados, a vêr o que ella te diz.

Elle assim fez, e nunca mais achou difficuldades; dizendo lhe a esposa :

— Aqui me tens, porque já soubeste fallar.

E os sete príncipes desencantaram-se.

(*Ilha de S. Miguel.*)

AS SONSAS

Havia um rei, e na sua côrte andavam dois cavalleiros; um fallava nas suas trez filhas, que eram

muito devotas e que não se importavam com as vaidades do mundo; o outro tinha uma filha só, que era muito alegre e divertida. Juntaram-se um dia muitas senhoras e fallaram nas suas filhas, aonde estava tambem o principe, que, ouvindo as conversas, foi ter com a rainha e pediu-lhe as suas joias. Vestiu-se em adela e foi a casa do fidalgo que tinha as três filhas beatas. Bateu á porta; os criados fôram chamar a dona da casa, mãe das meninas, e ella lhe disse:

— As minhas filhas não hão-de querer agora joias, pois ellas não fazem outra coisa senão rezar.

Mas a adela pediu que ao menos a recolhessem do ár da noite, e queria que a deixassem ficar no quarto das meninas, porque assim estaria mais segura com as joias que trazia, que eram de muito valor. A mãe fallou n'isto ás filhas; e ellas:

— Nós não queremos cá velhas; temos muito que rezar.

A mãe disse:

— Ella fica ahí para um canto do quarto, porque não quero que em minha casa aconteça a desgraça de a roubarem.

A adela entrou para o quarto das meninas; deitou-se e fingiu que dormia. Lá por alta noite entraram trez mancebos, que eram os namorados das trez meninas, e cada um deixou uma cousa. A adela, assim que viu esses objectos, agarrou n'elles e abalou.

No dia seguinte, o principe que era a dita adela, esperou que anoitcesse, e foi a casa da filha do outro fidalgo, bateu á porta, veiu a mãe da menina; disse que trazia ali uma joias, para vêr se a menina quzeria comprar.

Veiu ella muito contente, esteve a vêr as joias, e, como isto levou tempo, disse:

— Minha rica velhinha, eu não quero nada; mas como é tarde hade cá dormir, e fica no meu quarto.

Depois deram a ceia á velha, e ella foi deitar-se

para o quarto da menina, que lhe deu tambem a sua cama. A velha fingia que dormia; a menina veiu deitar-se. Pentou-se, resou, despiu-se e deitou-se sem camisa na cama. A adela, assim que apanhou dormindo, pegou na camisa e foi-se embora.

No fim de dias o principe mandou avisar, para todos os fidalgos irem ao palacio com as suas familias; quando estavam presentes, chamou um cavalleiro e mostrou-lhe uma prenda e perguntou se conhecia.

O cavalleiro disse que sim, e que a tinha deixado no quarto de uma menina. Fez mais perguntas eguaes aos outros mancebos, e as trez beatas estavam muito envergonhadas. Chegou por fim a vez da menina da camisa; chamou-a, e ella desatou a rir.

A mãe disse-lhe:

— Sustei-vos, filha, não vos rides.

— Ai, senhora! agora é que eu vêjo que o principe era a velha adela que me furtou a camisa.

O principe perguntou-lhe:

— Será esta a camisa?

— É sim senhor.

— Pois bem, aqui tem a sua camisa, e saiba que d'este instante por diante fica minha verdadeira esposa, e a estas meninas dou-lhes a sentença que, como são muito beatas, se faça um convento para as metter para sempre.

(Ilha de S. Miguel—Açôres.)

A MÃO DO FINADO

Havia um mercador, que tinha trez filhas, e por costume ia cobrar fóra da cidade uma renda todos os annos. Aconteceu falecer a sua mulher, e tendo de ir receber a renda custava-lhe deixar as filhas sósinhas. Disse então o mercador:

— Minhas filhas! eu preciso de ir receber a renda

do costume, mas está me custando ir, para as não deixar sós.

As filhas responderam:

— Vá, meu pae, que não nos hade acontecer nada; nós havemo-nos de fechar por dentro, e não se consentirá que ninguem entre cá.

O mercador foi se, fiado na palavra das filhas. Havia fóra da cidade uma quadrilha de ladrões, e o capitão d'elles andava á espera da occasião da partida do mercador. Assim que soube do dia em que o mercador sahiu da cidade, vestiu-se em trajos de velho pedinte, e quando anoiteceu estava e toda a sua quadrilha á esquina da rua onde moravam as trez meninas. Veiu o capitão bater-lhes á porta, e como estivesse chovendo, pediu pousada do ár da noite. As meninas mais velhas compadeceram-se d'elle e queriam-no agasalhar; a mais môça disse:

— Não! lembrem-se da palavra que deram ao pae; dê-se-lhe uma esmola, e elle que vá com Deus.

Respondeu a mais velha:

— A menina como mais criança não determina nada aqui!

E o velhinho sempre entrou para dentro; deram-lhe na cosinha uma enxêrga e cordas para elle estender a roupa, e puzeram-lhe a ceia diante. As meninas depois de terem arranjado o velho, fôram tambem ceiar; eis senão quando o velho abriu a porta da cosinha e veiu ter com as meninas á meza e deu-lhes trez maçãs dormideiras, uma para cada uma comer á sobremeza. Ficou vendo se as meninas as comiam; as mais velhas comeram as suas, mas a mais môça não comeu e escondeu-a para o velho a não vêr e não desconfiar. Fôram-se as meninas deitar e as mais velhas pegaram no somno muito depressa; porém a mais nova não dormiu com mêdo, mas fingia tambem que dormia. Quando o ladrão viu que estavam já dormindo, levantou-se e foi ao quarto das meninas puchou um alfinete real, chegou ao pé da menina mais

velha e deu-lhe uma picada a vêr se estremecia. Ella não sentiu a picada. Fez o mesmo á segunda; não sentiu. A mais nova com mêdo do ladrão a matar, fez-se dormindo; elle fez lhe o mesmo e ella não sentiu.

O ladrão trazia comsigo uma espada, uma pistola e uma mão de finado e pôz n'uma banca estas coisas todas. A menina mais nova abriu os olhos para vêr a determinação do ladrão, e tornou-os a fechar. O ladrão accendeu o lume á mão do finado para as meninas ficarem mais pezadas no somno, e correu as casas para arrumar o que tinha que roubar. Abriu o alçapão que dava para a loja das fazendes, entrouchou o que quiz, e abriu a porta da loja, e sahiu a chamar a sua quadrilha. A menina mais môça levantou-se ao mesmo tempo que o ladrão sahira, viu as trouchas das fazendas promptas, e a toda a pressa trancou a porta da loja. O ladrão que já vinha com a quadrilha, ainda se pôz aos empurrões á porta, e dizia:

— Foi a mais mocinha que me enganou, e que não comeu a maçã dormideira.

E começou a dizer que ella lhe havia de pagar tudo. Teve ainda a confiança de tornar a bater á porta, pedindo á menina que lhe desse a sua mão de finado. Ella respondeu de dentro, que a mão estava em labareda, e que não sabia como a apagar. Disse o ladrão, que a deitasse n'uma tigella de vinagre, que ella se apagava. A menina veio cá acima buscar a espada que o ladrão tinha deixado, e disse-lhe:

— Aqui está a mão do finado.

Ora na porta havia um buraco em cima em que cabia uma mão; e disse-lhe o ladrão:

— Metta a menina a mão pelo buraco.

— Se quer, metta a sua, que eu lhe darei a mão do finado.

Vae o ladrão cáe em metter a mão e a menina traçou-a com a espada. Os ladrões fôram-se embora, e o capitão com a mão quebrada. A menina foi para

o quarto onde as irmãs estavam dormindo, apagou no vinagre a mão do finado, e ao mesmo tempo as irmãs começaram a estremecer, e acordaram. A bôa da menina fêl-as levantar, contou-lhes tudo, e levou-as a vêr os signaes da desgraça em que estavam. Ellas ficaram muito assustadas, e choraram muito lembrando-se do que o pae diria quando chegasse e soubesse que lhe tinham desobedecido.

Chegou o mercador da cobrança, e viu as filhas apparecerem muito tristes. Pediu a menina mais nova a seu pae que a escutasse; contou o que era passado e como se tinha livrado dos ladrões. O mercador chamou então as filhas e disse:

— D'aquí por diante daremos obediencia a sua irmã mais môça; eu com ser seu pae, farei o que ella determinar, porque venho a conhecer que vos livrou da morte e de ficarmos desgraçados.

Quando, por fim de muitos annos, o capitão dos ladrões, que tinha mandado fazer uma mão de ferro com engonços e andava de luvas, vestido como qualquer senhor, estabeleceu um armazem defronte da casa do mercador. Ora um dia o mercador, por lhe parecer bôa pessoa convidou-o para com elle jantar. Elle accetou de boa vontade, e as meninas ficaram satisfeitas do pae convidar tão bom visinho. A mais nova é que ficou muito triste, e o pae lhe perguntou o que era. A menina respondeu que não gostava que o pae convidasse o tal senhor para vir a sua casa. Chegou a hora do jantar e fôram para a meza; as duas outras irmãs, já se sabe, muito contentes. Houve uma conversa, e n'este mesmo tempo o visinho pediu em casamento a menina mais nova ao pae. O mercador ficou muito satisfeito e disse que sim; mas a menina respondeu:

— Aqui o desengano, pae, que com elle não quero casar.

O visinho ficou aborrecido, e pediu a mais velha, que ficou muito contente, e elle começou a enumerar os

bens que tinha, e que morava em uns palacios longe da cidade.

Chegou o dia do casamento, despediu-se a menina mais velha, e montou no carro mais o marido para fóra da cidade. Lá no meio da estrada elle apeou-se, mais a mulher, pagou ao bolieiro para se não saber onde elle morava. Fôram andando até que chegaram a umas casas mettidas n'uns mattos. Assim que a sua companhia o avistou, vieram com seus oiros e joias offerecer á senhora, dizendo elle que era a sua mulher. Entrou com ella para um quarto, e lhe deu um papel para escrever uma carta a seu pae, que elle notou, dizendo que estava muito satisfeita com vêr tanta riqueza e que mandava buscar uma de suas irmãs para estar uns dias em sua companhia. Acabada a carta, que elle arrumou, tirou então a luva e a mão de ferro e mostrou lhe o braço maneta, dizendo:

—Conheces quem me fez isto?

Ella respondeu-lhe que não.

—Bem sei que não tens culpa, mas o pagarás e tuas irmãs tambem.

Acabado isto pegou na espada e degolou-a. No fim de uns dias levou a carta ao sôgro, que a sua mulher lhe mandava, e o pae leu-a, e disse á filha do meio que fôsse. O ladrão levou-a comsigo, fez com que ella escrevesse uma carta para vir a mais môça, e depois de a degolar, veio com a carta. O pae mandou a ultima filha que tinha em casa; ella não queria ir, mas para não desobedecer sempre se resolveu. Foi com o cunhado, que no meio da estrada a fez apear, e depois de irem a pé por muito tempo, descalçou a luva e mostrou-lhe a mão, dizendo:

—Tuas manas já pagaram; agora é a tua vez.

Chegaram a casa; os ladrões apareceram-lhe todos, e elle disse:

—Façam de conta que é minha irmã.

Pôz ao pescôço da menina uma pêra de oiro, e disse :

—Podes ir a todos os quartos d'este palacio, menos a este.

Partiu com a quadrilha, mas assim que voltou costas, a menina tirou a pêra do pescoço e foi ao quarto dos mortos. Viu lá um menino principe todo esfaqueado, que lhe disse :

—Esta casa é um covil de ladrões; o que faz a menina por aqui? Olhe que elles estão ahi a chegar.

A menina fechou outra vez tudo; botou a pêra ao pescoço, e n'isto chega o cunhado.

—Fez o que lhe mandei?

—Fiz.

Elle olhou para a pêra sem malha, ficou muito contente; destinou-lhe serviços para ella fazer, e foi-se outra vez embora para uma viagem de outo dias.

A menina tirou a pêra, e foi ao quarto dos mortos levar um caldo ao menino principe, que ficou são. Sentiram uns carros do rei que levavam estêrco e elles fugiram e fôram ter com os carreiros para os levarem para o palacio. Chegaram aos carreiros e perguntaram :

—Que novidade ha n'essa cidade?

—Officios dobrados pela falta do principe.

—O principe sou eu; e esta menina deu-me a vida, na casa onde estava esfaqueado pelos ladrões. Agora, carreiro, deita estêrco fóra do carro de traz, põe meia sebe e deita em cima o estêrco, que nós nos escondemos ahi.

O carreiro assim fez; eram trez carros e pozeram-se a andar. Os ladrões tinham encontrado um feiticeiro; e elle offereceu-se para ir para a sua companhia. Chegaram a casa, o capitão não encontrou a menina, mas o feiticeiro logo lhe disse que fa fugida no carro de traz.

Partiu um dos ladrões para a ir buscar; chegou ao carreiro, mandou-o parar, e cavar no carro de traz até meio, e vendo que não achava nada, foi-se. Os meninos passaram para o carro segundo. Chegando a casa, disse o ladrão:

—E' mentira; não achei ninguem, pois despefei o carro até meio.

Disse o feiticeiro:

Despeja o carro todo, que elles lá estão.

Parte o ladrão a toda a pressa, apanhou o carreiro, mandou despejar o carro todo, e como os meninos já tinham passado para o carro do meio, não não achou nada. Foi-se embora furioso contra o feiticeiro. Diz o sabio:

—Vão agora no carro do meio.

Partiu o ladrão, e mandou despejar o carro do meio; mas não achou ninguem. Diz outra vez o feiticeiro:

—Torna lá, que elles passaram-se para o carro da frente.

Mas os carros chegavam já ao palacio e escaparam os meninos. O rei ficou muito contente por ter tornado a encontrar o seu filho, e soube da menina tudo desde a mão do finado até dar a vida ao príncipe, que quiz logo casar com ella. O rei deu o sim, e no dia das festas do casamento veiu um dos ladrões com obras de oiro, entrou para a igreja que estava preparada, e abriu uma sacca, e dizia com ár de tolo:

—Tão bonito! tão bonito!

Appareceu ali um vassallo e disse:

—Quando você se admira d'isto, que seria se visse a camera real.

Disse o que se fingia tolo:

—Eu dava todas estas obras de oiro a quem me levasse lá.

O vassallo offereceu-se, e o ladrão no meio de tanta gente sumiu-se e metteu-se debaixo da cama

sem o vassallo vêr. Casaram-se os principes, e fôrã para a camera real; a princeza com uma grande agonia não podia dormir, e não se quiz deitar.

Diz o principe :

—Deita-te, que os ladrões não podem vir aqui matar-nos.

—O meu coração me diz que mesmo aqui me hãode vir matar.

O principe levantou-se, chamou um sentinella para fóra da porta e um leão para a borda da cama. O leão mal entrou começou a farejar para debaixo da cama; a menina levantou-se e foi vêr aonde o leão estava dando signal. Chamou o principe para vêr um dos ladrões que os tinham querido matar. Acudiu o sentinella, que fez sahir o ladrão que ainda fingia de tolo, dizendo :

—Tão bonito! tão bonito!

Mas levaram-no d'ali para a prisão, até confessar quem o tinha ali mettido, sendo enforcado com o vassallo. O rei mandou tropa a rodear a casa dos ladrões, foram todos mortos, e encontraram-se muitas riquezas, que o rei deu aos noivos, que fôrã muitos felizes.

O REI DE NAPOLES

Um rei tinha um filho, e como era o unico, queria que elle casasse; mas o principe respondia-lhe sempre, que não casaria senão com uma filha do rei de Napoles se elle tivesse alguma.

O principe tratou logo de indagar bem se o rei de Napoles tinha alguma filha; mas não achava pessoa que lhe dêsse a certeza. Depois de muitas indagações partiu para Napoles, e armou-se a deitar um pregão, dizendo que dava esmolos a todos os velhos que quizessem lá ir. Era para vêr se algum lhe dava



noticias se o rei tinha alguma filha. Todos com quem elle fallava lhe diziam que tinham sido nados e criados e que tal cousa nunca tinham ouvido. Indo um dia á esmola a casa do principe uma velha, perguntou-lhe se ella sabia do rei ter alguma filha?

Respondeu a velha :

—Oh senhor, eu aqui nasci e d'aqui sou, mas nunca ouvi d'elle ter nenhuma filha. Agora, passando eu o outro dia por uma esquina do palacio, vi de dentro de uma frésta uma cara tão linda, que me pareceu ser de princeza. Mas não posso dar maior certeza.

O principe prometteu á velha de lhe pagar bem, se ella descobrisse que era a princeza. Um dia indo a velha pela esquina, viu á frésta a tal cara linda e chamou-a para lhe vir fallar. Ella veiu; perguntou-lhe a velha se queria comprar joias, que sabia quem as tinha bem boas.

A princeza disse que sim, e combinou a hora em que iriam ter á fresta. A velha foi muito contente dizer tudo ao principe, como tinha visto a princeza, que tinha fallado com ella, e combinado a hora d'elle ir com as joias. O principe vestiu se em trajo de adelo, é chegou á esquina a apregoar joias.

N'este tempo ouve uma voz, que vinha da frésta, chamar :

—Oh homem das joias!

O principe voltou para traz mui contente, e a princeza disse-lhe que entrasse por aquella escadinha. Assim fez; mostrou-lhe as joias, ella estava satisfeita, e disse depois de escolher :

—Vamos agora ao preço.

—Se a senhora está contente com essas, em casa tenho outras ainda melhores, e trago-as cá amanhã.

Quando chegou a casa a velha aconselhou-o a que vestisse por baixo os seus fatos de principe, e por cima com o trajo de vendilhão das joias, para quando chegasse ás escadinhas despir-se e fallar á prin-

ceza como quem era. Assim fez; a princeza quando o viu feito principe assustou-se; mas elle expôz-lhe a sua pratica e a diligencia que tinha feito para chegar áquelle logar, e que o seu sentido era casar com ella.

A princeza acceitou o pedido, e assentou a hora da noite muito em segredo em que elle a iria buzcar, porque o rei seu pae não queria que ella casasse. O principe pelo muito desejo que tinha de a ir buscar, foi logo de serão para o logar da escadinha; mas cansado de esperar, encostou o cotovello sobre a sela do cavallo e pegou a dormir.

N'este tempo passou um homem de meia tigella pelo pé do principe, e quiz vêr se o conhecia; n'isto ouviu uma voz que dizia:

—Vamos, vamos! que já está o escaler n'agua á nossa espera.

O tal homem viu descer uma donzella muito linda, e pegou n'ella com toda a riqueza que trazia; metteram-se no escaler e partiram.

O pobre do principe ficou ali até amanhecer. Quando acordou julgou que a princeza o tinha enganado, e foi para outra terra, e quando lá chegou começou outra vez a dar esmolas aos pobres para descobrir por algum se o rei de Napoles tinha alguma filha.

A princeza, quando amanheceu, que se viu com aquelle homem, disse comsigo:

—A primeira vista não é vista; mas isto não é o principe meu senhor.

O ladrão do homem como a via desgostosa perguntou-lhe:

—Sabe a menina com que vae?

—Com o principe meu senhor.

—Pois saiba que vae com um ladrão.

A princeza começou a chorar, e fôram andando, andando e chegaram lá a uma terra chamada das Junqueiras.

Elle varou a lancha, deixou ficar ali a princeza e

foi-se embora; havia ali só uma mulher viuva com a sua filha.

A princeza ficou a chorar muito n'aquelle escampado, por se vêr sósinha, e tudo isto era de noite. Disse a filha á mãe :

—Estou ouvindo chorar, e parece-me ser mulher,

—Não, filha; isso podem ser os ladrões, para nos enganarem e virem roubar-nos.

Tornou a dizer a filha :

Será tudo o que Deus quizer;
Mas aquelle chorar é de mulher.

Fôram ambas, e deram com a princeza, que ellas não conheciam, e tomaram-na para a sua companhia.

O principe continuava a dar esmolos aos pobres, e perguntava a todos se o rei de Napoles tinha alguma filha. Todos diziam que não, que nunca tal tinham ouvido.

Afinal foi lá um velho e fez-lhe esmola, e repetiu a pergunta do costume; o velho respondeu:

—Se o senhor soubesse o que eu passei com ella sempre se havia de rir um bocado.

O principe pucha uma cadeira e senta o velho ao pé de si. O velho contou:

—Eu vinha um dia do jogo das távolas; e passei pelo palacio do rei; estava lá n'uma esquina um valleiro dormindo, por signal com o cotovello na sella do cavallo; fui ao pé d'elle para vêr se o conhecia, e a este tempo ouvi dizer: «Vamos! que já está o escaler na agua á nossa espera.» E foi contando tim-tim por tim-tim o caso do roubo da princeza até a ir deitar na terra das Junqueiras.

Assim que chegou a este ponto, o principe não se teve em si, pucha de um punhal e crava-o na cabeça do velho e matou-o. Os outros velhos que estavam ali, gritaram logo:

—Aqui d'el-rei, que mataram o nosso irmão.

Acudiu logo a justiça para levarem o principe para o Limoeiro; chegou o dia em que ia a enforcar, e elle pediu mais uma hora de vida. Chamou um dos homens que ali estava, que fôsse ao palacio pedir ao rei um livro de pastas vermelhas, que estava á cabeceira do principe. O rei assim que ouviu isto deu-lhe um baque o coração, e conheceu que só o principe é que podia fazer aquelle pedido. E como já havia muitos annos andava ausente do reino, foi vêr se seria elle; metteu-se na carruagem e foi ter com elle, trouxe logo para o palacio o filho, que lhe contou todos os seus trabalhos:

—Agora, meu pae, dê-me licença para ir á terra das Junqueiras buscar a princeza.

O pae mandou apromptar uma das melhores náos, e o principe assim que chegou á terra das Junqueiras e viu uma casinha, bateu, e quem lhe veio fallar foi a dona. A's perguntas do principe, disse que morava com duas filhas. O principe disse se ella dava licença, que as queria vêr. E ella disse, que não tinham roupinha capaz de apparecerem a sua alteza. Tanto teimou que ellas appareceram, e o principe logo a reconheceu, e disse que ia por causa d'ella, para a levar para o palacio. A princeza disse que estava bem, e que para enganos só bastava uma vez. Elle disse que levaria tambem para o palacio as suas companheiras, que seriam tratadas como pessoas reaes. Foram-se embora e casaram, e ficaram vivendo todos como Deus com os anjos.

(Ilha de S. Miguel—Açòres.)

O MATADOR DOS BICHOS

Houve em certo tempo um rei, que era sósinho mais a rainha, e não tinha filho nenhum para bem de herdar a corôa. Desejaram muito um filho, e uas-

ceu-lhes uma menina. O rei tratou logo de ir vêr ao livro do Signo qual seria a sorte da menina, e viu o seguinte:

—Que ao cabo de doze annos ella seria mettida n'uma torre sem porta, senão uma gateira por onde só acceitasse o comer, e em roda de sete annos a carne que lhe déssem para comer não havia de levar osso nenhum.

Ao cabo de sete annos e rei seu pae foi convidado para ir jantar fóra, e deixou recommendado ás suas aias que quando mandassem o comer á princeza, que lhe não levassem carne com osso. Aconteceu por desgraça o contrario. Andava por ali um duque, vestido em trajo de mulher fallando com ella pela gateira. N'aquelle dia em que lhe foi o jantar com osso ella tratou logo de fazer com isso um martello, e esborralhou um lado da gateira por onde podesse caber, e quando veiu o duque conversar, disse por estas palavras:

—Minha sorte está acabada antes do tempo por via do osso do jantar, e o meu intento é sahir já d'aqui.

Ahi vão os dois fugidos; o duque passou um rio que mais ninguem sabia passar, e estiveram por espaço de dois annos em uma brenha de pedra muito seguros. Alli teve a princeza um menino, e como já tivesse trez annos, e como estivesse por baptisar, foi preciso tornar a passar o rio, para irem a uma ermida longe. Passou o duque o menino para outra margem, e quando vinha para buscar a mãe, prendeu-se n'um passo e desapareceu, ficando a mãe de um lado e o filho de outro.

A princeza ficou chorando muito a sua desgraça, porque não sabia o caminho.

Respondeu lhe o menino:

—Não tome a mãe molestia, que sou eu quem a vou passar.

—Filho, vaes pelo rio abaixo!

E dobrou ainda mais o chôro. Mas o menino passou o rio bem, e guiou a mãe, e lá foi a uma igreja onde pediu para ser baptisado, e quiz o nome de José, Matador dos Bichos. Depois fôram andando pela freguezia abaixo, e chegando a uma casa com um postigo meio aberto, elle metteu o braço, abriu a porta como se fosse sua, e entrou com a mãe. Não acharam ninguem; como não achassem que comer, elle foi pedir, e aconteceu ser ao palacio do rei, onde lhe deram muito. A mãe ficou admirada, e temendo que lá o conhecessem, pediu-lhe para não tornar ali mais. Elle das esmolos arranjou com que comprar uma espingarda, e começou a apanhar caça real que ia levar de presente ao palacio. Indo um dia para a caça lá para uns mattos feios, avistou umas fortes casas e essas medonhas. Com o muito ânimo que tinha entrou e viu sete homens deitados a dormir. Não teve elle mais que fazer senão pegar n'uma machadinha que ali viu, e com ella foi picando os pescoços dos sete homens, cada um por sua vez. Agora, cuidando que estava sósinho, corre todos os quartos, mas chegou a um em que estava o quadrilheiro-mór, que era um gigante, que lhe perguntou:

— Que fazes por aqui, franguinho de vintem?

— Com eu ser franguinho de vintem talvez me não tema de ti.

O gigante atira-lhe um pescoção, e o menino agarrou-se-lhe ás gadêlhas e traçou-lhe o perçoço. Viu então muitas riquezas, e correu a dar parte á mãe, para irem para lá viver; a mãe disse-lhe que fosse dar parte ao rei. Ora o rei, pasmado da valentia do pequeno, perguntou:

— De quem és tu?

— Eu, senhor, sou filho de uma princeza, que fugiu com um duque, de uma torre em que estava fechada.

E como ia contando o acontecido, o rei interrompeu-o, dizendo:

—Pelo que percebo, então és tu meu neto. Onde está tua mãe?

—Senhor, está n'uma pobre cabana de palha.

E mandou-a buscar, para ella vir para o palacio, onde houve muitas festas. Ora o menino pediu ao avô para ir com uma fôrça ás taes casas dos ladrões buscar aquelles grandes maçames que lá vira. Assim foi; e correndo todos os quartos ajuntou todos os empregos que ali havia de ouros e prata tudo n'um monte, pegaram a carregar quanto poderam, e mandou escan-galhar as casas para não servirem mais de covil dos ladrões.

Por morte do avô foi o menino rei, e lá está vivendo muito bem.

(Ilha de S. Miguel—Açôres.)

AS NOZES

Havia um principe, que foi passear e no meio de uma estrada encontrou uma velhinha, e o principe pediu á velha a sua benção. Ella deu-lhes trez nozes e lhe disse:

—Meu principe, não partas estas nozes senão perto de agua.

Elle foi para diante, e partiu uma das nozes. Saiu uma menina muito linda, que lhe pediu agua. Como elle não tinha ali agua, ella morreu. Mais para diante, partiu outra noz; succedeu o mesmo, não haver agua e a menina morreu. O principe prometeu a si mesmo de não tornar a partir a ultima senão ao pé da agua. Chegando a uma fonte, partiu a derradeira noz; saíu uma menina, que lhe pediu agua, elle deu-lh'a e a menina viveu. O principe muito contente levou-a comsigo até ao jardim do palacio do rei seu pae, e ahi a metheu entre a ramada de uma arvore, que tinha uma fonte por baixo, e foi-lhe buscar vestidos

para a trazer para a côrte. Uma preta vinha á fonte com um pótinho de barro e viu na agua a cara da menina; pensando ser a sua cara, quebrou o pote dizendo :

— Uma cara tão linda não vem á fonte !

A mãe batia-lhe, e ella repetia sempre o mesmo ; a mãe chamava-lhe tola, até que lhe deu um odre para ir á fonte, porque assim não o quebrava. A preta foi, e lavou a cara, e olhando para cima viu a menina, e foi a casa chamar a mãe. A mãe veiu e perguntou á menina como é que ella tinha ido para ali. Ella contou; e a mãe chamou a menina e começou a dar-lhe matadellas na cabeça, e vae senão quando mette-lhe dois alfinetes reaes nas fontes, d'onde a menina se tornou em pombinha branca e vôou por esses áres fóra. A preta pôz a filha no logar da menina ; veiu o principe e ficou espantado de a vêr tão negra. Ella respondeu-lhe :

— Os ardores do sol, o vento e a chuva me enegreceram.

O principe ficou pelo que ella dizia, levou-a para o palacio, e estava já para recebê-la, quando lhe veiu uma grande doença, que nada lhe sabia com o tasto. O jardineiro viu uma pombinha, que fallava e dizia :

Eu ando de galho em galho,
De flôr em flôr,
Ai que dôr !

E a pombinha voava e tornava a dizer :

Eu ando da ortelã para o loureiro,
Á roda da minha horta;
Como irá o principe
Com a sua esposa preta Carlota ?

O jardineiro foi contar tudo ao principe. que mandou untar todas as arvores de visgo, para apanhar a pombinha. Apanhou-se a pombinha, e a preta logo

desejou os figados d'ella. O principe não quiz que ella se matasse; indo-lhe a fazer festa, ao passar a mão pela cabeça da pombinha achou os dois alfinetes e puchou os; ella tornou-se outra vez na menina, e o principe muito contente casou com ella, e mandou matar a preta e a mãe da preta.

(*Ilha de S. Miguel—Açôres.*)

AS TREZ CIDRAS DO AMOR

Era uma vez um principe, que andava á caça; tinha muita sêde, e encontrou trez cidras; abriu uma, e logo ali lhe appareceu uma formosa menina, que disse:

— Dá-me agua, senão morro.

O principe não tinha agua, e a menina expirou. O principe foi andando mais para diante, e como a sêde o apertava partiu outra cidra. D'esta vez appareceu-lhe outra menina ainda mais linda do que a primeira, e tambem disse:

— Dá-me agua, senão morro.

Não tinha ali agua, e a menina morreu; o principe foi andando muito triste, e prometteu não abrir a outra cidra senão ao pé de uma fonte. Assim fez; partiu a ultima cidra, e d'esta vez tinha agua e a menina viveu. Tinha-se-lhe quebrado o encanto, e como era muito linda, o principe prometteu casar com ella, e partiu d'ali para o palacio para ir buscar roupas e leval-a para a côrte, como sua desposada. Emquanto o principe se demorou, a menina olhou d'entre os ramos onde estava escondida, e viu vir uma preta para encher uma cantarinha na agua; mas a preta vendo figurada na agua uma cara muito linda, julgou que era a sua propria pessoa, e quebrou a cantarinha dizendo:

— Cára tão linda a acarretar agua! não deve ser.

A menina não pôde conter o riso; a preta olhou, deu com ella, e enraivecida fingiu palavras meigas e chamou a menina para ao pé de si, e começou a catar-lhe na cabeça. Quando a apanhou descuidada, metteu-lhe um alfinete n'um ouvido, e a menina tornou-se logo em pomba. Quando o principe chegou, em vez da menina achou uma preta feia e suja, e perguntou muito admirado:

— Que é da menina que eu aqui deixei?

— Sou eu, disse a preta. O sol crestou-me emquanto o principe me deixou aqui.

O principe deu-lhe os vestidos e levou-a para o palacio, onde todos ficaram pasmados da sua escôlha. Elle não queria faltar á sua palavra, mas ria calado a sua vergonha. O hortelão, quando andava a regar as flôres, viu passar pelo jardim uma pomba branca, que lhe perguntou:

«Hortelão da hortelaria,
Como passou o rei
E a sua preta Maria?

Elle, admirado, respondeu:

— Comem e bebem,
E levam boa vida.

«E a pobre pombinha
Por aqui perdida!

O hortelão foi dar parte ao principe, que ficou muito maravilhado, e disse-lhe:

— Arma-lhe um laço de fita.

Ao outro dia passou a pomba pelo jardim e fez a mesma pergunta; o hortelão respondeu-lhe, e a pombinha vôou sempre, dizendo:

— Pombinha real não cáe em laço de fita.

O hortelão foi dar conta de tudo ao principe; disse-lhe elle:

— Pois arma-lhe um laço de prata.

Assim fez, mas a pombinha foi-se embora repetindo :

— Pombinha real não cáe em laço de prata.

Quando o hortelão lhe foi contar o succedido, disse o principe :

— Arma-lhe agora um laço de ouro.

A pombinha deixou-se cair no laço; e quando o principe veiu passear muito triste para o jardim, encontrou-a e começou a affagal-a; ao passar-lhe a mão pela cabeça, achou-lhe cravado n'um ouvido um alfinete. Começou a puchal-o, e assim que lh'o tirou, no mesmo instante reapareceu a menina, que elle tinha deixado ao pé da fonte. Perguntou-lhe porque lhe tinha acontecido aquella desgraça, e a menina contou-lhe como a preta Maria se vira na fonte, como quebrou a cantarinha, e lhe catou na cabeça, até que lhe enterrou o alfinete no ouvido. O principe levou-a para o palacio, como sua mulher, e diante de toda a côrte perguntou-lhe o que queria que se fizesse á preta Maria.

— Quero que se faça da sua pelle um tambor, para tocar quando eu fôr á rua, e dos seus ossos uma escada para quando eu descer ao jardim.

Se ella assim o disse, o rei melhor o fez, e fôram muito felizes toda a sua vida.

(Porto.)

A BENGALA DE DEZESEIS QUINTAES

Era uma vez um ferreiro, que tratava muito mal a mulher com pancadas, e de uma vez tantas lhe deu, que sem se importar que ella andava occupada de mezes a pôz fóra de casa. A mulher foi para os montes, e coitadinha, lá se agasalhou n'uma lapa e comia ervinhas do campo. Passado tempo teve um menino, e quando chegou á idade dava-lhe tambem a comer ervas; mas elle tornou-se muito forte, e subia ás arvo-

res mais altas e agarrava coelhos, lebres, rapozas e lobos tudo á mão. Vae de uma vez, pelas conversas que tinha tido com a mãe, pediu-lhe para ir por ahi abaixo vêr esses territorios e casarias da cidade; e foi.

Chegante lá, estava um ferreiro a trabalhar á açafra, e elle disse:

—Oh mestre! quero que me faça um bengala de ferro de doze arrôbas!

—O freguez sabe o que diz? olhe que doze arrôbas não é lá qualquer coisa.

O rapaz conheceu pela cara e modos do ferreiro, que elle era o seu pae, mas calou-se comsigo; depois disse:

—Então se doze arrôbas ainda é pouco, faça-me a bengala de dezeseis arrôbas.

—Oh freguez! olhe cá para mim direito.

—Olho, sim senhor; que eu não estou a mangar; e já que você acha pouco, faça-me a bengala de dezeseis quintaes.

O ferreiro disse que sim, e não ajustou prêço; o rapaz foi se embora e contou tudo á mãe. Chegou o dia em que a obra devia ficar prompta, elle foi á porta do ferreiro e viu muitos homens e uma junta de bois a pucharem a bengala de dezeseis quintaes para a pôrem na rua. O rapaz bota logo a mão á bengala e começa ensarilhar com ella no ár, como se tósse um junco. O ferreiro e os outros homens com medo de ficarem esborrachados, começaram-se a esconder por todos os cantos; diz elle:

—Oh mestre, quanto custa a bengala?

—Não é nada; não é nada; pode-se ir embora.

O que o ferreiro queria era vê-lo pelas costas; disse o rapaz:

—Pois amanhã cá torno para ajustarmos as contas. Assim foi; no outro dia trouxe a mãe a casa do ferreiro:

—Oh mestre! então você não conhece esta mulher?

—Não senhor.

—Pois você atreve-se a dizer que a não conhece, tendo-a recebido, dormido com ella e sendo eu seu filho? Pois agora aqui a tem, e veja como a trata.

O ferreiro conheceu a mulher, levou-a para casa, quiz abraçar o filho, e pediu para viverem todos juntos; diz agora o rapaz:

—Eu vou por esse mundo adiante, que não me falta que fazer.

Foi-se embora; passando lá por umas matas, viu um homem a arrancar pinheiros á mão, como se tosem tremoceiros; ficou pasmado da valentia, e disse:

—Oh homemsinho! você como se chama?

—Eu chamo-me o Arranca Pinheiros; mas dizem-me que ha outro homem mais valente do que eu, que é o da Bengala de dezeseis quintaes.

—Quer você vir commigo por esse mundo além?

—Iria, mas só com homem da minha egualha.

Elle então puchou da bengala e ensarilhou a no ár. O outro ficou pasmado, e fôram se ambos por ahi fóra muito amigos. Andaram, andaram, até que fôram dar a um sitio onde estava um homem que infincava as mãos no chão, e com os pés descoroava os montes e punha-os rasos como uma cachada.

Disse o da bengala:

—Oh homem! você como se chama?

—Eu sou o Arrasa-Montanhas; mas olhe que ha um homem mais valente do que eu, chamado o Bengala de dezesseis quintaes, que eu ainda dava alguma cousa para vê-lo.

O rapaz ensarilhou no ár a bengala, e ficaram todos trez conhecidos. Combinaram ir por esse mundo e do que arranjassem repartirem-no entre si. Fôram dar a uma praia muito linda, onde estavam duas raparigas a banharem-se; ora o Bengala de dezesseis quintaes viu que ellas atiravam uma para a outra duas bolas de vidro, que se atravessavam no ár. E enquanto estavam n'este jogo, elle foi-se chegando surrateiro, estendeu a mão e apanhou de uma só vez as

duas bolas de vidro. Metteu-as na algibeira, e as duas raparigas desapareceram.

Foram-se os trez amigos andando, e chegaram lá a um escampado, onde estavam umas casarias; entraram. Havia muita mobilia, camas, cosinha, mas não apparecia ninguem. Disse o da Bengala de dezeseis quintaes:

— Fiquemos aqui a descansar. Mas o melhor era irem vocês ambos apanhar alguma caça, enquanto eu vou cosinhar esta que trago aqui.

Os outros assim fizeram. Bengala de dezeseis quintaes amanhou os coelhos e lebres que trazia, pôz tudo ao lume, e enquanto foi buscar uma pedra de sal, sae-lhe debaixo de uma meza, por um alçapão, um moléquinho de bota vermelha, vae á panella, furtalhe tudo e mija-lhe dentro. Bengala de dezeseis quintaes ainda agarrou n'uma acha para o arranjar, mas o moléquinho safou-se, que foi um alho. Quando os companheiros vieram, elle contou-lhe tudo, mas os outros não quizeram acreditar, dizendo que elle se tinha regalado com a comida. Disse elle:

— Pois fique agora o Arranca-Pinheiros cosinhando esta caça, que nós vamos apanhar mais.

Ficou Arranca-Pinheiros; veiu o moléquinho das botas vermelhas, furtou tudo e mijou-lhe na panella. Elle ainda correu atraz d'elle, mas vistel o. Vieram os outros, mas só o Arrasa-Montanhas é que não queria acreditar. Ficou elle d'esta vez para o cosinhado; mas como campava de esperto, aconteceu-lhe o mesmo. Disse agora o Bengala de dezeseis quintaes:

— Deixa-te estar, meu moléquinho, que quem te vae agarrar sou eu.

E tiraram a meza que estava em cima do alçapão, e víram um pôço muito fundo e escuro lá para dentro. Elle mandou o Arranca-Pinheiros, que fôsse buscar troncos de arvores e ramalhoças, que as torcesse e fizesse um calibre para um d'elles descer lá abaixo. Assim fez; quando estava tudo prompto, e o calibre

chegava ao fundo do pôço, disse o Bengala de dezeseis quintaes:

— Quem vae lá abaixo sou eu.

Desceu, desceu, e chegou ao fundo, enquanto os outros ficaram segurando na corda; lá em baixo era um grande alpendre com muitas portarias. Bateu a uma com a bengala, mas ninguem lhe respondeu; tornou a bater, e disse:

— Se não respondem, metto a porta dentro.

Fallaram de lá:

— Quem é que esta ahí?

— E' o Bengala de dezeseis quintaes; abra.

Abriram; era uma mulher que fazia de porteira:

— Oh homem, vae-te embora, que aqui mora a Bicha de sete cabeças, que te encanta e nunca mais saes d'aqui.

— Deixe estar; com ella é que me eu quero.

Chega a Bicha bufando toda assanhada:

— Aqui cheira-me a carne de gente.

Vae o Bengala de dezeseis quintaes, ferra-lhe tamanha estourada de meio a meio, que a deixou logo ali esborrachada. A primeira gôta de sangue que derramou desencantou-se a menina, e elle conheceu que era uma d'aquellas que vira no banho na praia do mar. Para se desenganar perguntou-lhe:

— De quem é esta bola de vidro?

— É minha; e ainda hasde ter na algibeira outra que é de minha irmã, que está ali n'aquella outra porta encantada.

— Deixa estar, que eu é que vou livral-a; mas antes de tudo vou-te pôr lá em cima.

Deu signal, e os dois companheiros pucharam a corda. Enquanto elles iam subindo a menina tirou um anel do dedo, e disse:

— Toma lá a minha memoria; enquanto estiver ao pé de ti é que poderei fallar; sem tu estares ficarei muda.

O Bengala de dezeseis quintaes tornou a descer

ao pôço e chegou á outra porta; bateu, e só depois de muito bater, é que lhe abriram; era outra mulher, que lhe disse:

— Fuja d'aqui, homem, quando não vem o moléquinho que o mata.

— Ai o moléquinho das botas vermelhas! Com esse é que me eu quero.

— Olhe que elle não tarda, que foi buscar de comer; ainda que se lhe bata, nada lhe faz mal; só se fôr com aquella espada preta que está ali pendurada. N'isto chega o moléquinho:

— Aqui cheira-me a carne de gente.

Bengala de dezeseis quintaes tinha-se escondido detraz da porta, e assim que o apanhou a geito deulhe tamanha estourada, que o açapou no chão. Mas o moléquinho levantou-se como se nada fôsse, e disse:

— Ah, se isso vae assim, então vamos fazer aqui rusga. Pega n'esta espada branca, que eu pego na preta.

O rapaz que já estava avisado pela mulher, disse:

— N'essa é que eu não caio; ou hade ser com a minha bengala, ou senão com a espada preta.

O moléquinho, que não queria os ossos amassados, antes quiz ceder a espada preta; vae o rapaz ao primeiro golpe, corta-lhe uma orelha, e metteu-a na algibeira. Assim que derramou sangue a menina desencantou-se, e elle mostrou-lhe a outra bola de vidro. Então ella contou-lhe que estava com sua irmã encantada, e que eram filhas de um rei, e deulhe tambem o anel da sua memoria, para não poder ter falla para outra pessoa senão a elle. Bengala de dezeseis quintaes metteu-se com a princeza no cêsto, e deu signal para o içarem. Os companheiros ficaram muito contentes; e vae elle viu que se tinha esquecido da bengala no pôço, e disse que esperassem um bocadinho emquanto a ia buscar. Assim que os outros o apanharam a meio do pôço largaram

cordas e tudo e elle cahiu lá em baixo; safaram-se ambos com as duas princezas. O rapaz viu-se perdido, porque não podia sahir do pôço; mas lembra-se da orelha do moléquinho, e ferra-lhe uma dentada. Apareceu-lhe logo o das botas vermelhas:

— O que é que tu queres?

— Quero que me leves d'aqui para fóra.

O moléquinho transformou-se logo n'um bode e subiu pelo pôço até meio caminho; depois tornou a cair:

— Só te boto lá em cima, se me deres a minha orelha.

— Pois sim.

Foi n'um prompto. Assim que Bengala de dezeses quintaes se achou câ fóra, moléquinho a dizer:

— Dá-me a minha orelha.

— Só t'a dou, se me lebares para onde fôram os meus companheiros.

O moléquinho transformou-se logo n'um begueiro, e foi por ahi fóra dar ao palacio do rei. Havia lá festa, porque o rei estava muito contente por se terem desencantado as filhas, e já se tratava das festas do casamento d'ellas com os dois valentões. Mas o rei tinha muita pena das filhas serem mudas. Disse o moléquinho ao da Bengala:

— Dá-me agora a minha orelha!

— Só se me lebares aonde estão as princezas.

O begueiro, subiu pelas escadarias, e foi por corredores dar ao quarto das princezas. Ellas assim que o viram começaram logo a fallar e contaram-lhe tudo. Fôram dizer ao rei que estava um homem no quarto das princezas, e que ellas fallavam. Veiu o rei, e a principio queria mandar matar o homem, mas as princezas, contaram que elle é que as tinha desencantado, e que só elle é que tinha os anneis da memoria, e por isso só com elle é que podiam fallar.

Disse o moléquinho ao rapaz:

— Dá-me agora a minha orelha.

—Dou t'a, mas só depois de ter casado com a prin-
ceza herdeira do reino.

O rei consentiu no casamento, e aconteceu que a primeira que elle tinha desencantado é que era a prin-
ceza herdeira, e por isso a outra não teve de que ter ciumes. Os dous valentões que tinham fugido com ellas, tiveram mêdo dos poderes do Bengala de deze-
seis quintaes, e não estavam para flustrias, deram á perna. Torna o moléquinho a apparecer ao rapaz:

—Dá-me agora a minha orelha.

—Só t'a dou, quando arranjares as coisas de geito que eu entre a reinar.

O caso é que ao rei deu-lhe uma doença, e foi indo a ficar chupadinho, que morreu. Bengala de deze-
seis quintaes foi aclamado rei, e só depois de subir ao throno é que deu a orelha a seu dono.

(Santa Maria—Famalicão.)

A TORRE DE BABYLONIA

Era uma vez um pescador, que indo certo dia ao mar encontrou o rei dos Peixes; vendo-se apanhado, pediu-lhe que o não levasse. O pescador consentiu, mas a mulher tanto fez com elle, dizendo que lhe levasse o rei dos Peixes, que o Pescador não teve remedio senão leval o. A pescada mandou então ao homem que a partisse em cinco póstas: uma para a mulher, outra para a egua, outra para a cadella, e duas para serem enterradas no quintal. Assim aconteceu.

Da mulher nasceram dois rapazes; da egua dois cavallos; da cadella dois leões, e do quintal duas lanças. Os rapazes cresceram; quando estavam já grandes. pediram ao pae que os deixasse ir viajar. Partiram cada um com sua lança, e seu leão e seu cavallo.

Ao chegarem a um sitio onde havia dois caminhos. um tomou por um, e outro por outro, promettendo

auxiliarem-se se algum d'elles precisasse de soccôrro. Um d'elles foi ter a um monte onde viu uma donzella quasi a ser victima de uma bicha de sete cabeças. O rapaz matou a bicha e casou com a donzella. Um dia, estavam ambos á janella, e o rapaz ao avistar ao longe uma torre, disse a esposa :

Era a Torre de Babylonia,
Quem lá vae nunca mais torna.

—Pois heide ir lá eu, e heide tornar.

Fez-se acompanhar do leão, pegou na lança, montou a cavallo e seguiu. Na torre havia uma velha, que ao vêr o cavalleiro, cortou um cabello da cabeça, e disse:

—Cavalleiro, prende o teu leão a este cabello.

O cavalleiro assim fez; mas vendo* que a velha se dirigia contra elle, disse:

—Avança, meu leão.

—Engrossa, meu cabellão.

N'isto o cabello da velha transformou-se em grossas correntes de ferro e o cavalleiro caiu n'um alçapão da torre.

Algum tempo depois o outro rapaz chegou a casa do irmão, mas como ambos eram muito parecidos (só este tinha na face um signal) a cunhada facilmente o tomou pelo marido e deu-lhe pousada n'esta noite.

Ao outro dia estavam ambos á janella e o cunhado ao avistar a torre velha, perguntou :

—Que torre é aquella?

—Já te disse, homem, que

Era a Torre de Babylonia,
Quem lá vae nunca mais torna.

—Pois heide eu lá ir e heide voltar.

Apromptou-se exactamente como o irmão, e marchou em direcção á torre. Assim que a velha o viu,

disse-lhe para prender o leão ao cabello. O rapaz fingiu que o prendia, mas deixou cair o cabello. Então a velha correu para elle. O rapaz disse:

—Avança, meu leão!

E a velha:

—Engrossa, meu cabellão.

O cabello engrossou mas o leão avançou. A velha:

—Não me mates, e aqui tens um vidrinho que desencanta todas as pessoas encantadas na torre.

O cavalleiro recebeu o vidro, mandou avançar o leão, e matou a velha. Depois desencantou todos que estavam na torre. O irmão, porém, apenas soube que a mulher por engano havia quebrado os laços conjugaes, assassinou o seu salvador.

(Porto.)

DESANDA CACHEIRA

Um pae tinha trez filhos, que fóram pelo mundo correr sua ventura; tomou cada um para a sua banda. O mais velho encontrou-se com um viandante, e foi conversando com elle; chegados lá muito longe o viandante disse:

—Paremos aqui para comer.

E desenrolou uma toalha que levava á cinta, dizendo: «Põe-te, meza!»

Logo alli apareceram muitos manjares e vinhos e coisas boas, e comeram ambos. Como era já lusco com fusco, a toalha fez-se em uma barraca, e ali passaram tambem a noite abrigados. Ao outro dia cortou cada um para o seu lado e não se tornaram a vêr. Ora o rapaz perdeu-se no caminho, e foi dar a um grande barrôco, e aconteceu ir encontrar o companheiro, dono da toalha, cercado de lobos, que trabalhavam para lhe chegar. Pôz os lobos em de-

bandada com um pandeiro, e o viandante em paga de o ter salvado deu-lhe a toalha do encanto.

O rapaz voltou para casa, sem ter mais necessidade de trabalhar para comer.

O filho segundo não foi menos feliz; encontrou um velhinho, que ia tangendo uma burra e foi conversando com elle; chegando lá a uma encruzilhada separaram-se, e foi cada um para a sua banda. Mas ouvindo lá pela noite adiante uns gritos de afflicção foi-se chegando, e acertou de ir dar a um sitio onde estavam uns salteadores a maltrataram o velho para lhes dizer onde é que levava o dinheiro. O rapaz, que era valente, cahiu em cima dos ladrões, que fugiram, e assim livrou o velho. Este, agradecido, deu-lhe em paga a burra, dizendo :

—Quando tu lhe disseres; «Mija dinheiro», essa burra dá-te o dinheiro que quizeres.

Assim, voltou para casa tanto ou mais rico do que o irmão.

O filho mais môço tambem era esperto; encontrou no seu caminho um homem que levava ás costas uma cacheira. N'isto vieram uns ladrões sahir-lhe á estrada, e elle disse.

— Desanda, cacheira!

O páo começou logo no ár a despedir pancada para a direita e para a esquerda, e os ladrões ficaram estendidos com pernas, cabeças, braços quebrados, que era um louvar a Deus. Os dois companheiros fôram andando; vae o rapaz, e diz-lhe:

— Quer você vender-me a sua cacheira?

— Só se me deres todo o dinheiro que levas.

O rapaz deu-lhe tudo quanto o pae lhe tinha dado para arranjar a sua felicidade. Voltou para casa muito contente com a cacheira ás costas. O pae assim que o viu, perguntou-lhe:

— Então o que é que trazes, que sejas tão feliz como teus irmãos?

— Comprei esta cacheira com o dinheiro que levei.

E contou o poder que tinha a cacheira. O pae pôz-se a rir, e disse que não admirava que elle se deixasse enganar porque era muito criança; e que a cacheira não servia para nada. O rapaz andava triste.

Havia uma grande festa na egreja da terra, e o irmão mais velho foi lá; como andava sempre com a toalha, temendo que ella perdesse o encanto, deixou-a á porta a uma velha que lh'a guardasse, recommendando-lhe que não dissesse: «Põe-te, meza!»

Se bem o disse, peor o fez a velha; e vendo logo apparecer uma rica meza pósta, foi a toda a pressa esconder a toalha. Veiu tambem á festa o irmão do meio, e trazia comsigo a burra, e deu-a a guardar á velha, recommendando-lhe que tivesse mão nella, e que não dissesse: «Mija dinheiro!» Mal virou as costas, a velha disse as palavras, e começou a correr da burra dinheirama a rôdo. A velha safou-se com a burra.

Quando os dois irmãos sahiram da egreja não acharam a velha, e vieram para casa muito tristes com o roubo de toda a sua fortuna. Disse o mais novo.

— É tempo de saber para que serve esta cacheira.

Foi ter á porta da egreja, e fingiu que queria dar a guardar a cacheira; vem a velha ter com elle. Deu-lhe a cacheira:

— Guarda-m'a até já, e não digas: «Desanda, cacheira!»

A velha, pelo vezo, faltou á promessa, e assim que disse: «Desanda cacheira!» como não estava ali em quem batesse, a cacheira começou a bater na propria velha, que foi a gritar procurar o rapaz para fazer parar aquelle castigo. O rapaz veiu de dentro da egreja, e deixou a cacheira malhar, até a velha confessar onde é que tinha escondido a toalha e a burra. Só quando ella entregou tudo, é que a cacheira, de que o pae fez escarneo, parou de bater, salvando os outros thesouros que ficariam perdidos para sempre.

(Porto.)

O SAL E A AGUA

Um rei tinha trez filhas; perguntou a cada uma d'ellas por sua vez, qual era a mais sua amiga? A mais velha respondeu:

— Quero mais a meu pae, do que á luz do sol.

Respondeu a do meio:

— Gósto mais de meu pae do que de mim mesmo.

A mais môça respondeu:

— Quero-lhe tanto, como a comida quer o sal.

O rei entendeu por isto que a filha mais nova o não amava tanto como as outras, e pôl-a fóra do palácio. Ella foi muito triste por esse mundo, e chegou ao palacio de um rei, e ahi se offereceu para ser cosinheira. Um dia veiu á mesa um pastel muito bem feito, e o rei ao partil-o achou dentro um anel muito pequeno, e de grande preço. Perguntou a todas as damas da côrte de quem seria aquelle anel. Todas quizeram vêr se o anel lhes servia; foi passando, até que foi chamada a cosinheira, e só a ella é que o anel servia. O principe viu isto e ficou logo apaixonado por ella, pensando que era de familia de nobreza.

Começou então a espreital-a, porque ella só cosinhava às escondidas, e viu-a vestida com trajos de princeza. Foi chamar o rei seu pae e ambos viram o caso. O rei deu licença ao filho para casar com ella, mas a menina tirou por condição que queria cosinhar pela sua mão o jantar do dia da bôda. Para as festas do noivado convidou-se o rei que tinha trez filhas, e que puzera fóra de casa a mais nova. A princeza cosinhou o jantar, mas nos manjares que haviam de ser postos ao rei seu pae não botou sal de proposito. Todos comiam com vontade, mas só o rei convidado é que nada comia. Por fim perguntou-lhe o dono da casa, porque é que o rei não comia? Respondeu elle, não sabendo que assistia ao casamento da filha:

—É porque a comida não tem sal.

O pae do noivo fingiu-se raivoso, e mandou que a cosinheira viesse ali dizer porque é que não tinha botado sal na comida. Veiu então a menina vestida de princeza, mas assim que o pae a viu, conheceu-a logo, e confessou ali a sua culpa, por não ter percebido quanto era amado por sua filha, que lhe tinha dito, que lhe queria tanto como a comida quer o sal, e que depois de soffrer tanto nunca se queixára da injustiça de seu pae.

(Porto.)

AS CRIANÇAS ABANDONADAS

Um pobre homem casado tinha muitos filhos, sem ter que lhes dar a comer; de uma vez, quando os pequenos já estavam deitados, disse elle para a mulher:

—O melhor é leval-os commigo para o monte quando fór á lenha, e deixal-os lá.

O filho mais novo apanhou a conversa e levantou-se sorrateiro, e foi á ribeira e trouxe para casa muitos seixinhos. Ao outro dia pela madrugada o homem sahio com os filhos para o monte, e o mais novo foi espalhando os seixos pelo caminho. Ao cair da tarde o homem carregou a lenha, e disse aos filhos que ficassem guardando o resto, que já vinha por elles. Mas, voltou o pae? Assim que anoiteceu, os pequenos começaram a chorar; ora o mais novo, disse:

—Eu sei o caminho.

E foi procurando os seixinhos brancos que tinha deixado cair pelo caminho; o que é certo é que deu com o caminho de casa, mais os irmãos. Estava porta fechada e estava-se á ceia. Dizia a mulher:

—Está este caldinho tão bom. Quem me dera aqui agora os nossos filhos! Onde estarão a estas horas?

— Estamos aqui, mãesinha.

A mãe foi abrir-lhes a porta. Passaram tempos, a pobreza augmentou, e o pae combinou outra vez em il-os deixar no monte; assim fez. O pequeno apanhou a conversa, e d'esta vez, como não pôde ir buscar os seixos, encheu uma algibeira de tremôços, e foi-os espalhando. À noite quando o pae se veiu embora, o pequeno começou a procurar os tremoços, e os passaros tinham-n'os comido, e não pôde achar o caminho. Elle mais os irmãosinhos perderam-se no descampado, até que fôram dar a uma casa onde morava um homem ruim; a mulher assim que os viu, disse:

— Ai meninos, que vindes aqui fazer, que o meu homem come gente!

— O que nós queríamos era comer alguma cousinha, disse o mais esperto.

Entraram; a mulher deitou os seus filhos em uma cama, e pôz-lhes umas carapucinhas e levou os pequenos perdidos, para outra cama. O pequeno mais esperto não pregava olho, e lá pela noite adiante, viu entrar o homem ruim, de dentes arreganhados:

— Cheira-me aqui a gente nova!

A mulher confessou-lhe tudo; ora o pequeno tinha ido tirar as carapucinhas aos outros e tinha-as mettido nas cabeças dos irmãos e da sua. O homem máo passou pela cama das crianças, e pensando que eram os seus filhos foi ter á outra cama, e como os não viu com as carapucinhas, degolou-os logo a todos, e começou a comer n'elles. Os pequenos pelo aviso do irmão escapuliram-se, e quando já iam muito longe é que o homem ruim deu pelo engano; calçou umas botas de sete leguas, e tal passada deu que os pequenos lhe ficaram atraz; andou, andou e de cançado voltou e adormeceu no caminho. O pequeno roubou-lhe as botas de sete leguas, e assim pôz se a salvamento mais os irmãos, e como o rei tinha guerras muito longe, elle levava as ordens, e

trazia as noticias, e assim ganhou muito dinheiro com que tirou toda a sua familia da pobreza.

(Airão.)

O AFILHADO DE SANTO ANTONIO

Um homem tinha muitos filhos, e já não achava a quem convidar para compadre; nasceu-lhe mais um, e elle disse:—Seja teu padrinho Santo Antonio. O pequeno cresceu, e andava com os outros irmãos no monte, quando se perderam e fôram dar a uma cabana, onde morava uma velha, que lhes fez muita festa:

—Entrae para aqui, meus meninos, que eu dou-vos biscoutos.

Os pequenos entraram; a velha assim que os apanhou de dentro metteu-os em uma arca, segura para os engordar e comer depois. De vez em quando dizia:

—Botae de fóra o dedinho.

O afilhado de Santo Antonio mettia pelo buraco o rabo de um ratinho que tinha apanhado e a velha deixava-os ficar mais tempo; por fim o rato fugiu, e a velha vendo que estavam gordos, abriu a caixa e disse:

—Ide-me, meus meninos, buscar uma manadinha de lenha.

Quando elles andavam á lenha, viu Santo Antonio, e avisou-os, que a velha o que queria era assal-os no fôrno porque ella não tinha amassadura; e que a tudo quanto ella lhes mandasse fazer, dissessem sempre que não sabiam, e que ella os ensinasse. Fôram para casa; a velha atarricou o fôrno de lenha, e aqueceu-o; depois foi buscar a pá, e disse para os pequenos:

—Saltae aqui um bocadinho.

— Saltae vós, tia, primeiro, para sabermos como é.
A velha pôe-se a saltar na pá, e os pequenos á
uma pregam com ella dentro do fórnio, dizendo :

Pela graça de Santo Antonio,
Carregue-se para o inferno este demonio.

Assim que a velha começou a arder, saíram-lhe dos olhos dois cães lobados, que ficaram á obediencia dos meninos e caçavam toda a caça para elles. Soube-se que havia um dragão n'uma terra, que comia uma pessoa por dia, e tocava a vez á filha do rei. Ora o rei dava a filha em casamento fôsse a quem fôsse que a salvasse. O afilhado de Santo Antonio foi com os seus cães lobados e matou o dragão; cortou as pontas das sete linguas, e soltou a princeza. Quando o rei viu a filha, clamou :

— Quem foi que te deu a vida ?

— Foi um pobre rapaz, com dois cãesinhos que trazia.

O rei deu ordem que viesse á sua presença o rapaz; mas um embusteiro que tinha cortado as cabeças do dragão é que se apresentou; o rei queria que a filha casasse com elle. Ella não quiz, e pôz-se á janella a chorar, quando passou o rapaz :

— É aquelle, meu pae. É aquelle.

O rei chamou-o; veiu todo envergonhado, e ainda trazia as pontas das linguas do dragão. Não havia que duvidar; fez-se o casamento com a princeza, e foi o afilhado de Santo Antonio que fez feliz toda a sua familia.

(Airão.)

A FILHA DO DIABO

Era uma vez um rei; tratava mal a rainha porque não tinha filhos, e como esta andava com uma grande afflicção, n'uma hora de desespero, reclamou :

— Quem me dera um filho, ainda que fôsse por obra do diabo.

Passado tempo, a rainha teve uma menina muito linda, e o rei andava tão contente que não cabia em si. A criança medrava a olhos vistos, mesmo sem comer nem beber. Em pouco tempo ficou uma senhora com um tino que maravilhava; sabia lêr, escrever, bordar, cantar, tinha todas as prendas do mundo sem ter aprendido nada.

O rei todo orgulhoso da sua filha mandou deitar um pregão Que se houvesse alguém que fizesse uma pergunta a sua filha não sendo ella capaz de responder, se fôsse homem havia de casar com ella, e se fosse mulher dar-lhe-hia uma tença. Veiu muita gente de toda a banda, mas a tudo ella dava trôco e deixava de bocca aberta.

Um camponez, quiz campar de esperto, e tambem se lembrou de ir ao chamado do pregão; mettu-se a caminho, andou, andou, e depois de muito cançado viu uma casa na encosta de um monte e foi ali descançar das calmas. O camponez encontrou ahi um môço, e perguntou-lhe—se elle vivia ali sósinho?

— Não senhor; vivo com meu pae, que foi dar uma geira a quem não póde dar outra, e com dois irmãos, que fôram vêr a seara dos arrependidos.

O camponez não percebeu nada d'estas palavras e pediu-lhe a explicação.

— A explicação é clara; meu pae foi dar uma geira a quem não póde dar outra, quer dizer que foi acompanhar um morto á sepultura; os meus irmãos fôram vêr a seara dos arrependidos, porque se ella estiver bôa, ficam arrependidos por a não terem semeado toda, e se estiver ruim tambem ficam arrependidos por terem semeado essa mesma.

O camponez seguiu o seu caminho muito satisfeito, até que chegou ao palacio. Pediu para o levarem á princeza, e contou-lhe o seu caso. A princeza deu-

lhe logo a explicação de tudo. Depois virou-se de novo para o camponio, e disse-lhe:

— Já que és tão sabio, diz-me lá a razão, porque é que eu vivo sem comer, sem beber, nem dormir.

— Perdôe-me vossa alteza, mas eu não me fio n'isso.

— Pois então hasde ficar tres dias no meu quarto para vêres com os teus olhos.

O rapaz susteve-se o primeiro dia sem dormir para espreitar tudo o que se passava; custou-lhe muito a aguentar-se, e quando veiu o terceiro dia disse:

Princeza, minha senhora,
Cá pr'a mim mulher que não come,
Nem bebe, nem dorme,
E' a filha do diabo, que não d'outro home.

Assim que a princeza ouviu isto foi ter com a mãe para que lhe explicasse o seu nascimento. A rainha contou-lhe tudo o que dissera quando o marido a tratava mal por não ter filhos; e assim que acabou de fallar sentiu-se no palacio um barulho como de um furacão que passasse. O palacio ficou livre d'aquelle encantamento, e todos ficaram obrigados ao camponio, a quem o rei deu a princeza em casamento em paga de a ter livrado d'aquella cousa ruim.

(Algarve.)

AS TRES MAÇÃSINHAS DE OURO

Havia trez irmãos; o mais novo tinha trez maçãsinhas de ouro, e os outros para vêr se lh'as tiravam mataram-n'o e enterram-n'o n'um monte. Depois nasceu na sepultura uma canna. Certo dia passou por lá um pastor, que cortou um pedaço da canna para fazer uma fruta. O pastor começou a tocar, mas a gaita em vez de tocar, dizia :

Toca, toca, oh pastor,
Os meus irmãos me mataram,
Por trez maçãsinhas de ouro,
E ao cabo não as levaram.

O pastor quando ouviu isto, chamou um carvoeiro, e deu-lhe a fruta. O carvoeiro começou tambem a tocar, mas a fruta dizia:

Toca, toca, oh carvoeiro,
Os meus irmãos me mataram...

Assim foi a fruta andando de individuo para individuo, até que chegou ás mãos do pae e mãe do morto. A fruta dizia ainda:

Toca, toca, oh meu pae ..
Toca, toca, oh minha mãe,
Os meus irmãos me mataram
Por trez maçãsinhas de ouro
E ao cabo não nas levaram.

Chamaram o pastor, que disse onde tinha cortado a canna. Fôram lá e encontraram o cadaver com as trez maçãsinhas de ouro.

(*Rebordainhos—Bragança*)

O SARGENTO QUE FOI AO INFERNO

Havia n'uma terra um sargento, que era muito bom rapaz; um rico mercador tomou-lhe amisade, arranjou-lhe a baixa e tomou-o para seu empregado. Como o mercador tinha filhas, o sargento apaixonou-se por uma d'ellas; ora o mercador era muito desconfiado e nunca deixava sair as filhas de casa, mas pela grande conta em que tinha o rapaz elle mesmo lhe fallou para se fazer o casamento. Tudo corria muito bem; vae, acontece ir uma peça muito linda

no theatro, e como as filhas desejassem vêr, pediram ao sargento, que só elle é que era capaz de apanhar licença do pae para as deixar ir vêr. O mercador ficou carrancudo, mas deu licença, dizendo :

— Deixo ir as minhas filhas com o senhor, e é com a condição, que quando der a ultima badalada da meia noite hãode-me estar aqui á porta.

Disseram todos que sim, e partiram.

Quasi perto da meia noite, o rapaz disse para a sua noiva, que era bom retirarem-se para casa. Mais um bocadinho, mais um bocadinho ; pede d'aqui, pede d'ali, o certo é que já tinha dado a meia noite, elles ainda longe de casa.

Assim que o rapaz bateu á porta, abriu-se logo de repente, e o mercador começou a bradar :

— Foi assim que o senhor cumpriu as ordens que eu lhe dei ? Pois trate já de arranjar as suas cousas, que nem já esta noite me fica em casa.

— Oh senhor, então só por isto ! E quando estava já para casar com sua filha !

O velho respondeu-lhe :

— Só tem um meio de poder casar com minha filha, e voltar para casa.

— Qual ?

— Vá ao inferno, e traga-me tres anneis que o diabo tem no corpo, dois debaixo dos braços, e outro n'um olho.

O rapaz achou aquillo impossivel ; mas que remedio teve senão pôr-se a caminho. Na primeira terra a que chegou, pregou um edital em que dizia : « Quem quizer alguma cousa para o inferno, amanhã parte um mensageiro. » Isto causou grande curiosidade, até que chegou aos ouvidos do rei, que mandou chamar o rapaz. Perguntou-lhe o rei :

— Como é que você vae ao inferno ?

— Real senhor, por ora ainda não sei ; ando em procura d'elle, e irei lá, dê por onde dér.

— Pois bem, disse o rei, quando encontrares o

diabo, pergunta-lhe se elle sabe de um annel de muito valor que eu perdi, do que ainda tenho grande desgosto.

Chegou o rapaz a outra terra e botou o mesmo annuncio. O rei tambem o mandou chamar:

— Tenho uma filha que padece uma doença muito grande, e ninguem lhe acerta com o mal. Já que vaes ao inferno quero que saibas por lá onde é que estará a cura.

O rapaz partiu sempre á procura do inferno, e foi dar a uma encruzilhada em que estavam dois caminhos, um com pégadas de gente, e o outro com pégadas de ovelhas. Pensou, e por fim seguiu pelo caminho das pégadas de gente; ao meio d'elle encontrou um ermitão, de barbas brancas, que resava em umas camandulas muito grandes, e lhe disse:

— Ainda bem que tomaste por este caminho, porque esse outro é o que vae para o inferno.

— Oh senhor! e eu ha tanto tempo que ando á procura d'elle!

O rapaz contou-lhe todo o acontecido; o ermitão teve compaixão d'elle, e disse:

— Já que tens de ir ao inferno, vae, mas sempre leva contigo estas contas, porque antes de lá chegar tens de passar um rio escuro, e hade ser um passaro que te hade levar para o outro lado; e quando elle te quizer afundar no rio, joga-lhe as contas ao pescoço. D'aqui em diante não sei mais o que te succederá.

Assim aconteceu. Chegado ao inferno o rapaz teve um grande mêdo, e viu para ali um fôrno vasio e escondeu-se dentro d'elle. Quando estava todo agachado, passou uma velha muito velha e viu-o.

— O menino aqui! Ora coitadinho, que é tão lindo; se o meu filho o visse matava-o, com certeza. O que veiu cá fazer?

O rapaz contou tudo á mãe do diabo; a velha teve pena d'elle, e disse-lhe:

— Olhe ; pois deixe se ficar aqui escondido, porque eu não sei quando o meu filho virá ; elle está assistindo á morte do Padre Santo, que está nas agónias, e quer-lhe apanhar a alma. O rapaz pediu á velha se sabia do diabo as perguntas de que trazia encommenda. Quando estavam n'estas conversas chegou o diabo bufando ; a velha escondeu-o logo, e disse :

— Anda cá, filho, para descansares ; deita-te aqui no meu collo,

O diabo deitou-se e ficou logo a dormir. A velha foi muito devagarinho com as unhas e arrancou-lhe um anel que tinha debaixo do braço. O diabo mechou-se desesperado, gritando :

— Isto o que é ?

— Ai, filho, fui eu que me deixei dormir, e dei uma pendedella em cima de ti. Estava a sonhar com aquelle rei que perdeu o anel, e que nunca mais o tornou a achar.

— Pois é verdade esse sonho, respondeu o diabo ; está debaixo de uma lage ao pé do repuxo do jardim.

O diabo tornou a ficar a dormir ; a velha surrateira arrancou-lhe o segundo anel. O diabo tornou a acordar desesperado :

— Tem paciencia, filho ; tornei-me a deixar dormir e a sonhar com a filha d'aquelle rei que nenhum medico sabe curar.

— Tambem é verdade ; a doença d'ella é o sapo-sapão, que está mettido no enxergão.

Tornou o diabo a dormir. Para arrancar o anel do olho é que fóram os trabalhos.

A velha atirou-o com um especto, e o diabo com a dôr e zangado com as pendedellas, sahiu pela porta fóra. O rapaz recebeu tudo da velha ; voltou para o mundo, quando ella chamou o passaro : « Menino, menino, menino. » Foi d'alli entregar as contas ao ermitão. Depois passou pela terra do rei que tinha per-

dido o anel, que lhe deu muito dinheiro quando o tornou a achar debaixo da lage. Depois passou pela côrte do rei que tinha a filha doente, disse onde estava o sapo-sapão. A princeza melhorou logo, e o rei pediu-lhe para que dissesse a paga que queria.

— Quero que vossa magestade me dê o seu poder por oito dias.

O rei mandou deitar um pregão para elle governar oito dias; o rapaz partiu logo para a terra do sogro, e deu ordem logo que lá chegou para o mercador dentro em meia hora lhe vir fallar a sua presença. O mercador foi, mas quando chegou era ja mais de uma hora. O rapaz disse:

— Podia-o mandar matar, por me ter desobedecido, em vir depois da meia hora.

— Oh senhor, não me demorei por minha vontade.

— Pois sim. Mas porque não soube em tempo desculpar aquelle pobre sargento que pôz fóra de sua casa?

O mercador conheceu então o antigo noivo de sua filha, que tinha sempre chorado, confessou o seu erro, e pediu-lhe de joelhos muitos perdões. O rapaz entregou-lhe os aneis do diabo, e n'esse mesmo dia casou com a sua namorada, por quem tinha mettido um pé no inferno.

(Algarve.)

A PRINCEZA QUE ADIVINHA

Havia uma princeza que adivinhava tudo, e o rei tinha promettido que se houvesse alguém capaz de lhe apresentar um caso que ella não explicasse, se fôsse mulher dava lhe uma grande tença, e se fôsse homem casaria com ella; mas tambem quando a princeza adivinhava, mandava matar as pessoas que tinham vindo á côrte apresentar-lhe o caso. Já não havia quem quizesse ir á côrte apresentar adivinhas

á princeza; vae senão quando uma mulher tinha um filho que passava por tolo, e diz-lhe o filho:

— Minha mãe, eu quero ir á côrte dizer uma adivinha á princeza.

— Não sejas tolo, filho; o que é que tu lhe vaes dizer que ella não adivinhe?

O tolo tanto teimou, que se metteu a caminho, e como era longe agarrou de uma espingarda velha, e eil-o se vae por ahí fóra. Andou, andou, e lá no meio do caminho viu estar um coelho n'um fraguado e zás, ferra-lhe um tiro. Com tanta felicidade que matou caça; pegou n'ella, e com uma navalhinha esfolou-o, e n'isto conheceu que era uma coelha, que trazia uma barrigada de coelhinhos. Não se importou com isso, e foi mais para diante e viu á beira da capellinha de um ermitão um breviario esquecido, e pegou n'elle, petiscou fogo e assou com as folhas do livro a coelha, comeu e foi andando sempre. Até que chegou á côrte; não o queriam deixar entrar, porque parecia tolo, porém elle tanto teimou dizendo que queria apresentar uma adivinha á princeza, que o deixaram entrar, na certeza de que elle iria a morrer como os outros que tinham vindo campar por espertos. Chegou a hora da audiencia, e veiu a princeza; o toleirão disse lhe esta adivinha:

— Atirei ao que vi,
Matei o que não vi,
Entre palavras de Deus
Assei e tudo comi.

A princeza ouviu, tornou a ouvir, e pediu trez dias para dar a explicação. O tolo ficou no palacio á espera da resposta, comendo e bebendo, de perna estendida, sem se lembrar que o podiam mandar matar. A princeza por mais voltas que deu ao miolo não atinava com a adivinha, e temendo de ter de casar com o tolo, mandou uma sua aia, muito em segredo, que lhe fôsse pedir que dissesse como cousa

particular o sentido da adivinhação. Foi a aia, mas o tolo disse que só se ella dormisse aquella noite no quarto com elle; a aia não queria, mas como a princeza lhe prometteu muitas riquezas, sempre se sujeitou e foi. O tolo teimava em não dizer, emquanto ella não tirasse a camisa, porque a queria em leitão; depois disse umas cousas que nao eram a verdadeira explicação, e quando a aia adormeceu, escondeu-lhe a camisa, de modo que de madrugada, quando ella se foi, não teve tempo de a procurar. A princeza não se contentou com a explicação e mandou outra dama; aconteceu tambem o mesmo. Por fim foi a propria princeza, fiada em que a não conhecia; mas elle logo viu pela marca da camisa quem era, e escondeu-lh'a tambem, mas d'esta vez disse a verdadeira explicação da adivinha. Acabados os três dias ajuntou-se a côrte, e a princeza veiu e disse:

— A explicação da adivinha do aldeão é: *Atirei ao que vi e matei o que não vi*, é porque atirou a uma coelha que achou no caminho, a qual estava prenhe, morrendo por isso os coelhinhos. *Antre palavras de Deus assei e comi*, é porque assou tudo nas folhas de um Breviario com que fez uma fogueira.

O rei ficou muito admirado do talento da sua filha, e disse que como elle aldeão tinha perdido, já não podia pretender a mão da princeza, e que se preparasse que ia a morrer. Vae elle, que se fazia mais tolo do que era, diz:

— A princeza ainda não adivinhou tudo, porque ainda tenho a dizer outra adivinhação que, juro que ella não é capaz de dar com o sentido.

A princeza mandou que elle fallasse; e então disse:

Quando no paço fiquei,
Trez pombinhas apanhei,
E trez pennas lhe tirei;
Se fôr preciso as mostrarei.

A princeza ainda se pôz a considerar, mas elle ti-

rou do seio a primeira camisa, e todos viram de que dama era; tirou a segunda, e ia para tirar a ultima, camisa, quando a princeza, temendo a vergonha de se vêr delatada diante da côrte toda, virou-se para elle:

— Não mostres, não mostres, porque já vêjo que és o homem mais ladino que tem vindo a esta côrte, e caso contigo.

(*S. João de Airão—Minho.*)

A ADIVINHA DO REI

Tinha um rei um ministro em quem depositava toda a confiança; mas uma vez tal teiró lhe ganhou que resolveu dar cabo d'elle e disse:

— Não tenho outro remedio senão mandar-te matar; mas como em tempo te estimei muito, ainda te deixo uma esperança, e é que me mandarás cá a tua filha, para vêr se ella é capaz de adivinhar o meu pensamento, o qual vem a ser: Que não hade vir nem de noite, nem de dia; nem núa, nem vestida; nem a pé, nem a cavallo.

Foi o ministro para casa, muito afflicto, como era de esperar, e cotou as suas tristezas á filha. Ella como esperta, disse:

— Deixe estar, meu pae, que eu já sei qual é o pensamento do rei, e d'esta lhe juro que o hei-de salvar.

Preparou-se, e no dia seguinte arranjou as suas cousas, de modo que entrou no palacio ao lusco com fusco; ia com uma camisa fina de cambraia em cima do corpo, e levada ás cavalleiras de um criado velho que tinha. O rei assim que a viu, conheceu que o lusco com fusco não era nem noite nem dia; que vindo em camisa não vinha vestida, mas tambem não esta-

va despida; e que ás costas do criado não estava a cavallo, mas tambem não estava a pé. Louvou muito a esperteza da menina, e disse-lhe que fôsse d'alli dar parte ao pae que estava perdoado, e que tornava a entrar na sua confiança, porque quem tinha filhas assim espertas era homem de capacidade.

(Porto.)

SECÇÃO II

CASOS E FACECIAS DA TRADIÇÃO POPULAR

O BOI CARDIL

Um rei tinha um criado, em quem depositava a maior confiança, porque era homem que nunca em sua vida tinha dito uma mentira. Recebeu o rei um presente de um boi muito formoso, a que chamavam o boi Cardil; o rei tinha-o em tanta estimação que o mandou para uma das suas tapadas, acompanhado do criado fiel para tratar d'elle. Teve uma occasião uma conversa com um fidalgo, e fallou da grande confiança que tinha na fidelidade do seu criado. O fidalgo riu-se.

—Porque te ris?—perguntou o rei.

—É porque elle é como os outros todos, que enganam os amos.

—Este não!

—Pois eu aposto a minha cabeça como elle é capaz de mentir até ao rei.

Ficou apostado. Foi o fidalgo para casa, mas não sabia como fazer cahir o criado na esparrella, e andava muito triste. Uma filha nova e muito formosa quando soube a causa da afficção do pae, disse:

—Descance, meu pae, que eu heide fazer com que elle hade mentir por força ao rei.

O pae deu licença. Ella vestiu-se de velludo cramezim, mangas e saia curta, toda decotada, e cabellos pelos hombros e foi passear para a tapada; até que

se encontrou com o rapaz que guardava o boi Cardil. O rapaz era rapaz, e ella começou logo :

— Ha muito tempo que trago uma paixão, e nunca te pude dizer nada.

O rapaz ficou atrapalhado, e não queria acreditar n'aquillo, mas ella taes cousas disse e geitinhos deu, que elle ficou pelo beijo. Quando o rapaz já estava rendido, ella exigiu-lhe que em paga do seu amor matasse o boi Cardil. Elle assim fez e deu-se por bem pago todo o santissimo dia.

A filha do fidalgo foi-se embora, e contou ao pae como o rapaz tinha matado o boi Cardil; o fidalgo foi contal-o ao rei, fiado em que o rapaz havia de explicar a morte do boi com alguma mentira. O rei ficou furioso quando soube que o criado lhe tinha matado o boi Cardil, em que punha tanta estimação. Mandou chamar o criado.

Veu o criado, e o rei fingiu que nada sabia; perguntou-lhe:

— Então como vae o boi?

O criado julgou vér ali o fim da sua vida, e disse :

Senhor! pernas alvas
E corpo gentil,
Matar me fizeram
Nosso boi Cardil.

O rei mandou que se explicasse melhor; o môço contou tudo. O rei ficou satisfeito por ganhar a apósta, e disse para o fidalgo :

— Não te mando cortar a cabeça, como tinhas apostado, porque te basta a deshonra de tua filha. E a elle não o castigo, porque a sua fidelidade é maior do que o meu desgosto.

(Algarve.)

O CAMAREIRO DO REI

Era uma vez um rei que era muito amigo dos seus camaristas, e prometeu a cada um um dote para se ca-

sarem. Um d'elles quiz ir viajar para escolher mulher que fôsse linda, esperta e honrada. Chegou a uma grande quinta, e logo nos primeiros degráos que davam para a casa encontrou uma menina linda a mais não ser. Pediu pousada, e veiu um velho lavrador que o recebeu com boas maneiras e foi-lhe mostrar a casa:

— Que tal lhe parece ?

— Acho-a excellente ; mas só o frontispicio é que está muito baixo.

Foi o velho lavrador mostrar-lhe os campos e sementeiras.

— Então que tal as acha ?

— Muito boas, se não estiverem já comidas.

O lavrador nada percebia do que ouvia ; porque a fachada da casa era alta, e tinha ainda as tulhas cheias de grão. A' noite appareceu á meza uma magnifica gallinha, que a filha do lavrador trinchou, dando a cabeça ao pae, as azas á mãe, os pés para o hospede e ficon com o peito para si. O lavrador não quiz perguntar á filha por que é que fazia aquillo ; mas de noite, no seu quarto, contou á mulher a conversa com o camareiro, e notou como a filha tinha trinchado a gallinha.

A filha que ouviu tudo do seu quarto, disse de lá:

— Eu sei o que queria dizer o nosso hospede ; o frontispicio da casa que era muito baixo, dizia o por mim, porque me encontrou no patamar da escada ; a seára já comida referia-se ao caso de meu pae ter dividas, por que o que colhesse era tudo para as pagar.

— Muito bem, disse o pae ; e agora me dirás, porque me deste á ceia a cabeça da gallinha para mim, as azas a tua mãe, e os pés ao nosso hospede ?

— Dei a meu pae a cabeça, porque a si lhe compete o governo da casa ; a minha mãe, as azas, para agasalhar a familia ; ao hospede as pernas, porque elle anda em viagem ; para mim o peito, para ser forte contra as desgraças que por amor d'elle me vierem.

O camarista ouviu tudo, e já gostava da menina por

que era formosa, e ainda ficon mais encantado com a sua esperteza. No outro dia resolveu pedil-a ao pae, que lhe deu consentimento. Veiu com ella viver para a côrte, mas não quiz apresentar a mulher ao rei. O rei andava desconfiado que não seria bonita, e jurou de a vêr, dêsse por onde dêsse. Rondava-lhe a rua, mas as janellas estavam sempre com as cortinas corridas; por fim sempre comprou uma criada, que o deixou entrar no quarto da senhora quando ella estava dormindo e tinha o marido fóra da terra. O rei jurou-lhe que não lhe poria a mão, e que era só para vê-la. Encontrou no quarto de dormir pé ante pé, e viu uma bella camilha com cortinas de damasco verde, cerradas; abriu as, e viu a cara mais linda do mundo. N'isto vem a criada de repente dizer para que fugisse, porque chegava o amo. O rei com a pressa deixou cair uma luva. O camareiro veiu para a seu quarto e a primeira cousa que viu foi a luva; ficou desconfiado, e nunca mais tratou bem a mulher. Era um inferno em casa. A criada com remorsos de ter feito aquillo áquelles bem casados, foi contal o ao rei. O rei lembrou-se de que tinha perdido a luva, e mandou chamar o camareiro, e disse-lhe:

— Tendes me feito uma grande desfeita em nunca me terdes apresentado a vossa mulher para a conhecer.

— Senhor, é que ella é muito doente.

— Pois sim, ámanhã vou jantar á vossa casa.

No dia seguinte foi. A mulher do camareiro foi a ultima a sentar-se á mesa, e assim que se sentou, como havia mais de um anno que não comia com o marido desatou a chorar. O rei perguntou-lhe porque é que ella chorava tanto? Ella respondeu:

Eu era amada bem do coração,
Hoje não o sou, nem sei porque não.

Replicou o camareiro:

Quando em minha vinha entrei,
Rasto de ladrão achei.

Declarou o rei :

Eu fui esse tal ladrão
Que na tua vinha entrei;
Vêrdes parras arredei,
Lindos cachos de uvas vi;
Mas juro-te a fé de Rei
Que eu nas uvas não buli.

O rei explicou como as verdes parras eram os cortinados de damasco; como vira os braços descobertos; como se fôra embora, tendo-lhe caído uma luva com a pressa. O camareiro ficou muito contente, percebeu os perigos da grande curiosidade, e nunca mais fechou a mulher, que na côrte era conhecida por todos como a mais linda, esperta e honrada.

(Algarve.)

Na versão de Loulé *A mulher do mercador*, quando o príncipe janta em casa do mercador, diz á mesa a esposa :

Eu já fui querida, amada,
Agora sou despresada.
Sem comtudo fazer nada.

Responde o marido :

Eu á minha vinha fui,
Rastos de ladrão achei;
Se comeu uvas ou não
Isso não vi nem cá sei.

Então observou o príncipe :

Eu á tua vinha fui,
Parras vêrdes eu abri;
Como príncipe te juro
Que das uvas não comi.

Congraçaram-se os esposos dadas as mutuas explicações.

O PALMEIRIZ D'OLIVA

Um lavrador e a sua mulher tinham mui grande desgosto por lhes morrer o unico filho; quando o lavrador ia caminho da cidade, passando ao pé de uma palmeira que estava perto de uma oliveira, viu um caixote com uma chave pendurada; abriu e encontrou dentro um menino muito aceiado, com uma bolsa de dinheiro, e duas cartas, uma sem sobrescripto e outra que dizia:

Para quem achar este menino. O lavrador leu a carta e soube que era para tomar conta da criança e dal-a a criar á sua mulher, e que quando elle fôsse homem, lhe dessem a outra carta para só a abrir em occasião que se visse em grande afflicção. O lavrador e a mulher ficaram muito contentes por aquelle achado, e pozeram ao menino o nome de Palmeiriz de Oliva, por ter sido trazido do pé da palmeira da estrada perto da oliveira. Ao fim de um anno vieram tres cavalleiros á porta do lavrador, já fóra de horas, e entregaram-lhe uma trouxa.

— Tome conta d'essa menina, que já vem batipsada; chama-se Rosa. E ahi lhe fica bastante dinheiro para a sua criação. — E partiram á pressa.

As duas crianças fôram crescendo, e tinham muito amor um ao outro e julgavam que eram filhos dos lavradores. Um bello dia parou uma carruagem á porta do lavrador; eram os cavalleiros que vinham buscar a menina, que já estava senhora. O lavrador sentiu aquella separação, e Palmeiriz chorou a mais não poder; Rosa ainda lhe pôde dizer que nunca o esqueceria, e já que agora sabia que não era irmã d'elle, não que casaria com mais ninguem a não ser com Palmeiriz.

O pobre rapaz andava triste e queria ir pelo mundo procurar aquella que tantos annos julgara sua irmã; o lavrador deu-lhe dinheiro mais a carta, e elle foi á ventura, e passou muitos trabalhos até que chegou ao palacia do rei, que gostou tanto d'elle que o tomou para

seu criado, e não sahia da sua companhia. Palmeiriz andava sempre triste por não ter sabido mais de Rosa.

O rei resolveu a casar-se e mandou vir retratos de muitas princezas; escolheu um, e avisou para a côrte d'onde essa princeza era. Quando mostrou o retrato a Palmeiriz, elle conheceu logo Rosa e desmaiou; a rei fêl o voltar a si, e então elle contou como o retrato se parecia com uma irmã de criação que nunca mais tinha visto, e que elle muito amava. O rei mandou pedir a princeza, mas o pae escreveu-lhe, que ella não queria casar com ninguem e só se o rei fôsse á sua côrte pessoalmente, ou se lhe mandasse tambem o seu retrato.

O rei não pôde ir, mas mandou o seu retrato por Palmeiriz d'Oliveira. Chegando á côrte o pae de Rosa chamou a para vir receber a mensagem e o retrato; mas a princeza assim que viu o seu irmão de criação deu um grande grito, e botou se ao pescôço do pae, dizendo :

— Meu pae, este é que Deus destinou para meu marido. E contou tudo ao pae, como tinha vivido com Palmeiriz até o dia em que a fôram buscar. O rei escreveu então uma carta ao seu amigo, contando-lhe o caso, e como Rosa só queria casar com Palmeiriz.

— Eu podia mandar te matar, disse o amo de Palmeiriz, mas como sempre tive por tí muita estima é que o não faço. Quero ter contigo um duello, sem que ninguem o saiba, mas em que um de nós hade morrer.

Palmeiriz oppôz-se áquella prova, porque não podia levantar mão para o seu bemfeitor, e quando estava no seu quarto muito afflicto, encontrou a carta destinada a ser aberta quando se visse em alguma grande afflicção. Abriu a carta, e por ella soube que estava em casa de seu proprio pae; correu a contar ao rei tudo, e este abraçou-o, dizendo que elle mesmo é que tinha escripto aquella carta para o tornar a achar, quando como seu filho natural o deu a criar em se-

greto, para o salvar do odio da rainha, que não tinha filhos. O proprio rei partiu com Palmeiriz para a côrte do pae de Rosa e lá se fez o casamento, que ia sendo causa de tanta desgraça e que se tornou de felicidade.

(Algarve)

O BOLO REFOLHADO

Era uma mulher casada com um homem muito ruim, que lhe batia todos os dias por qualquer coisa. Uma vez, ao levantar-se para o trabalho, de madrugada, disse elle para a mulher:

—Á noite quando vier, quero para a ceia bôlo refolhado. Olha lá, toma cuidado no que digo.

A mulher não sabia o que era bôlo refolhado, e foi ter com uma visinha, para vêr se ella lhe ensinava. A visinha, que tinha muita pena da vida que ella levava, disse:

—Deixe estar, que eu cá lhe arranjo isso; com certeza que o seu homem se enganou; hade ser bôlo folhado. E levou-lhe á tardinha o bôlo.

Quando veiu o homem do trabalho, pediu a ceia, e como não achou o bôlo refolhado, berrou, rallhou, deu muitas pancadas na mulher; ao outro dia a mesma coisa. A mulher, coitada, foi ter com a visinha, e ella disse-lhe:

—Arranje-lhe vocemecê uma gallinha guisada, que póde ser isso o que elle talvez queira.

Volta o homem á noite, e mais pancadaria na mulher, por não lhe ter feito para a ceia o bôlo refolhado, como mandára. Ao ir para trabalho, outra vez a mesma recommendação. A desgraçada mulher não sabia como acabar aquelle fadario, e foi ter com a visinha a chorar.

—Deixe estar, visinha, tudo se arranja! Venha cá ter commigo á tardinha, vestida com as calças e o jaquetão do seu homem. A pobre mulher foi. Assim que chegou a casa da visinha, tambem a achou vestida com as calças e casaco do marido d'ella; e partiram ambas com os seus

varapáos para o sitio por onde o homem ruim havia de vir do trabalho. Puzeram se cada uma de um e outro lado do caminho. Quando o homem vinha a passar, diz uma:

--Bate-lhe, San Pedro!
«Porquê, San Paulo?
— Porque pede á mulher
O bôlo refôlhado.

Moêram ao som d'esta cantiga o homem com pancadas, e depois de bem moido fugiram. O homem lá se arastou para casa como pôde e assim que viu a mulher, pediu-lhe perdão de tel-a maltratdo tanto tempo, e contou como lhe tinha apparecido no caminho S. Pebro e S. Paulo, que o desancaram em castigo de pedir o bôlo refôlhado, que era uma coisa que elle não sabia o que era.

(Algarve—Lagos.)

A MIRRA (Mumia)

Um rapaz muito folgasão quiz dar uma grande festa no dia dos seus annos; foi por casa de todos os amigos convidal-os para virem jantar e cear com elle. Quando recolhia para casa, encontrou ainda um amigo em frente do cemiterio e depois de convidal-o ficou a conversar muito satisfeito. Estando n'isto deu com os olhos em uma mirra, ou esqueleto ainda revestido de carne, que estava junto de uma parêde, e disse-lhe mofando:

—Se quizeres vir tambem ao banquete dos meus annos...

— Lá irei, respondeu-lhe a mirra.

O rapaz ficou espantado, e perguntou ao amigo se tinha ouvido alguma voz. Como este lhe dissesse que nada tinha ouvido, elle tambem não se atreveu a revelar-lhe o caso. D'ali se foi cheio de susto, e ao passar por casa do prior, fez confissão do que lhe acontecêra:

— O que fôste fazer, homem! Não sabes que não se brinca com os mortos?

— E agora?

— Agora não tens remedio senão sujeítares-te ao que acontecer. Manda pôr na meza mais um talher, ainda que não seja senão como satisfação.

A noite correu no meio de dansas, até que os convidados fôram para a meza; ao soar a primeira badalada da meia noite, bateu-se á porta; o rapaz tremendo foi vêr quem era e recuou, abrindo. A mirra entrou vagarosamente, e dirigiu-se para a meza, e sentou-se no logar que estava desoccupado. Comeu, comeu, comeu, e depois levantou-se e disse para o mancebo:

— Pois bem, já que fizeste o favor de me convidares para o banquete dos teus annos, tambem te peço que amanhã á mesma hora vás cear commigo.

Ditas estas palavras partiu.

O rapaz ficou ainda mais aterrado do que de antes; não poudo dormir, até que ao outro dia foi ter com o confessor para lhe contar o succedido.

— Não tens outro remedio senão ires; sae-te mais mal se faltares. O que te posso fazer é emprestar-te a capa com que digo missa para te defenderes.

Lá por alta noite o rapaz foi para o adro da egreja, a tremer como varas verdes; e ao dar da meia noite em ponto, o rapaz bateu á porta, e a mirra appareceu e levou-o consigo para dentro.

— Vês estas duas covas aqui?

— Vêjo.

— Pois uma é a minha e a outra seria para ti; mas o que te vale é vires vestido como Christo. Mas sempre te digo que nunca mais brinques com os mortos.

O rapaz, sem saber como, achou-se fóra da egreja, como se acordasse de um pezadello, teve uma grande doença, e em toda a sua vida nunca mais brincou com os mortos.

(Algarve.)

A MULHER CURIOSA

Havia n'uma terra uma mulher muito curiosa ; não se passava cousa na rua de que não desse fé. A qualquer hora da noite estava sempre por detraz da gelosia a espreitar e a escutar o que ia. Uma noite estava ella já deitada, quando ouviu passos pela rua ; a curiosidade fêl-a saltar fóra da cama, e mesmo em camisa foi pôr-se ao postigo. Era uma procissão que passava, e de que ella nunca ouvira fallar. A procissão era muito comprida, e o que mais a fazia pasmar é que nenhum fazia barulho, nem se ouviam as passadas d'aquelle tropel de gente. A mulher estava pasmada ; eis senão quando passa um homem que ella conhecia. Era o seu compadre, que havia já tempo que morrera. Para certificar-se da sua curiosidade usou de uma armanha :

— Oh meu compadre ! disse ella, quando o vulto passou rente ao postigo ; você empresta-me a sua tocha para accender a candeia que se me apagou ?

O vulto deu-lhe a tocha e foi andando ; acabada a procissão, a mulher foi para cama, e não podia dormir ; quando alvoreceu, e se levantou, é que notou que o quarto estava allumiado com uma luz accesa. Vae para certificar-se, era o braço de um defunto. A mulher ficou trespassada de mêdo, e foi confessar o caso a um padre.

— É castigo da curiosidade ; agora é esperar que a procissão torne a passar d'aqui a oito dias, para entregar ao seu compadre o braço de defunto.

Chegado o dia, a mulher curiosa pôz-se ao postigo, e das duas para as trez horas da madrugada passou a procissão dos defuntos do mesmo feitio, sem fazer barulho. Quando ella viu aproximar-se o vulto do compadre, estendeu o braço e entregou lh'o. A procissão desapareceu ao cabo da rua, e quando amanheceu fôram dar com a mulher morta debruçada ao pos-

tigo. Todos os que a conheciam disseram pela mesma bocca: — Foi castigo, foi castigo.

(Algarve).

AS FAVAS

Era uma vez um rei que tinha por costume andar de noite escutando pelas portas para saber o que se passava. Viu luzir por um buraco da fechadura, chegou o ouvido á escuta, e estavam uns sujeitos conversando. Dizia um :

— Eu antes queria uma noite dormir com a rainha, do que ter muitos contos de reis.

O rei ouviu aquillo e tomou-o de olho. No dia seguinte mandou-o vir ao palacio. O rapaz ia muito atrapalhado da sua vida. O rei tinha dado ordem ao seu cosinheiro de fazer um jantar com favas cosidas em agua e sal, favas com presunto, emfim, favas de todos os feitios. Assim que o rapaz appareceu na presença do rei, este levou-o para a mesa, e disse-lhe que era para lhe offerecer de jantar.

O rapaz obedeceu ; vieram as favas cosidas, comeu. Vieram as favas guisadas, comeu; vieram favas ensopadas, comeu. Por fim já não podia mais, e o cosinheiro sempre a trazer-lhe favas de todos os feitios. O rapaz já estava tão enjoado de favas, que pediu aos criados que lhe não trouxessem mais.

Veiu o rei á sala de jantar, e perguntou-lhe :

— Então, porque é que não comes mais ?

— Oh, senhor ! isto tudo são favas ; comi bastante no principio, mas agora estou já farto de favas.

— Sim, tudo são favas, quer sejam cosidas ou ensopadas. Pois vá-se você embora, e não torne a dizer que dava toda a riqueza do mundo para dormir uma noite com a rainha ; e lembre-se do que lhe aconteceu, por que :

«Favas, todas são favas; e mulheres todas são mulheres.»

Assim ficou curado de tolo,

(Algarve)

A VELHA DAS GALLINHAS

Havia uma velha, que estava sempre ao postigo até que horas. As filhas perguntavam-lhe:

— O que é que a mãe faz ahi ao postigo por essa noite adiante?

— Deixem-se lá, filhas, que é do postigo que vos heide casar.

Passado tempo foi a velha ao palacio fallar á rainha:

— Venho aqui saber se vossa magestade quer mandar ensinar algumas gallinhas a fallar?

— Hade ter graça! disse a rainha. Quero, quero.

E mandou-lhe entregar uma duzia de gallinhas. A velha foi para casa, e uns poucos de dias viveram á tripa fôrra ella e mais as filhas, comendo gallinha cozida e assada, frita e fritangada. Quando se acabaram, tornou a velha ao palacio, e disse á rainha:

— Ai, minha rica rainha, tenho uma paixão de estalar; as gallinhas já estavam fallando tão claro, que hoje tencionava vir entregal-as. Quando as estava ajuntando, ellas que começam n'uma cantarolada:

Có-co-ro-có, cá-ca-ra cá,
A nossa Rainha com o Cabra está.

— Eu ainda as quiz callar, mas as gallinhas disseram-me, que do poleiro bem viram o conde Cabra entrar para o palacio; eu desesperada fechei-as, e venho saber o que quer vossa magestade que se faça.

A rainha ficou muito desesperada, e deu-lhe ordem que fôsse logo para casa, e que as matasse, sem ficar nenhuma, e que não queria mais gallinhas que fallas-

sem. E deu-lhe muito dinheiro, para que a velha não dissesse a ninguem o que tinha acontecido, e que quando tivesse alguma necessidade viesse ao palacio, que a ajudaria. Foi assim que a velha conseguiu arranjar meio de casar as suas filhas, a quem a rainha deu muitos bons dotes.

(*Algarve.*)

A RIQUEZA E A FORTUNA

Um pobre homem estava a trabalhar no mato, a cortar lenha para ir vender pela villa e assim sustentar mulher e filhos. De repente viu ao pé de si dois sujeitos, bem vestidos, que lhe disseram :

— Nós sômos a Fortuna e a Riqueza. Vimos-te ajudar. Cada um queria acudir de preferencia ao pobre homem, e altercavam entre si. Dizia a Riqueza :

— Eu só por mim o faço feliz ; sendo elle rico tem tudo.

— Pois mesmo sem ser rico, eu dando-lhe fortuna, faço-lhe maior beneficio. Senão experimentemos.

A Riqueza virou-se para o pobre do homem e disse : — Toma lá este cruzado novo ; amanhã compra carne, pão e vinho e não trabalhes n'esse dia.

O homem foi-se embora contentissimo para casa ; no outro dia foi ao açogue. Deu ao magarefe o dinheiro adiantado, mas como estava um grande barulho de gente no açogue, o carnicheiro negou que lhe tivesse dado o dinheiro, e o pobre homem resignou-se e foi outra vez trabalhar para o mato.

A Riqueza tornou a chegar ao pé d'elle e quando soube de que lhe servira o cruzado novo, ficou zangada e deu-lhe uma bolsa cheia de dobrões. O homem voltou para casa ; mas como a bolsa era de marroquim vermelho, uma ave de rapina cahiu de repente sobre elle e arrebatou nas garras o sacco, e vôou. O homem contou a sua tristeza á mulher, e no outro

dia foi trabalhar para o mato. Tornou-lhe a apparecer a Riqueza; ficou mais desesperada quando soube do acontecido á bolsa dos dobrões.

— Pois d'esta vez dou-te um sacco de peças tão grande que não pôdes com elle; mas aqui tens um cavallo, que t'o vae levar a casa.

O homem agradeceu aquelle favor da Riqueza e poz-se a caminho para casa. Quando ia por um atalho, estava n'um campo uma egua, e o cavallo botou a fugir atraz d'ella de tal fórma que o homem não foi capaz de o agarrar, e por mais que andou não pôde achar o cavallo.

Quando a Riqueza não esperava tornar mais a encontrar o homem no mato, foi ao sitio costumado com a Fortuna, e qual não foi o seu pasmo quando viu o pobre do homem a trabalhar como d'antes. Disse então a Fortuna:

— Agora é a minha vez de o fazer feliz; vou-lhe dar apenas um vintem. Olhe lá, ó homem, tome esse vintem, e assim que chegar á villa compre a primeira cousa que lhe apparecer.

O homem em caminho para casa encontrou quem-lhe offereceu uma vára de andar á azeitona pelo o preço de um vintem, e comprou a. No outro dia foi para a apanha, e quando ia varejar uma oliveira, cahiu-lhe de um galho uma bolsa de marroquim cheia de dobrões. Agarrou n'ella e levou-a para casa, contou á mulher d'onde suspeitava que lhe vinha aquelle thesouro. A mulher combinou ir fazer uma romaria, e puzeram-se a caminho. Quando chegaram a um escampado acharam pègadas de cavallo, fôram andando por ellas e chegaram a um sitio onde estava um cavallo deitado ainda com um sacco cheio de peças. Voltaram logo para casa muito contentes, e mudaram de vida, que até áquelle tempo tinha sido amargurada pelos poucos ganhos e muitos filhos.

A Riqueza e a Fortuna fôram ao sitio onde o homem costumava cortar lenha e esperaram por elle

bastante tempo. Por fim a Fortuna declarou-se vencedora, dizendo:

— Que te dizia eu? Não é com muito dinheiro que se é feliz.

(Algarve)

MARÇO MARÇAGAO

Era um homem, que casou com uma mulher desmazellada, e depois dizia o homem:

Oh mulher, oh mulher,
Eu mercára te uma róca...

A mulher:— Isso não, marido, não,
Que me fal'a cara torta;
C'o dinheiro e co'a róca
Compraremos um burrinho,
O burrinho leva os ôdres
E os ôdres levam o vinho.

O marido:— Oh mulher, oh mulher,
Eu mercára-te umas meias...

A mulher:— Isso não, marido, não,
Que me fal'as pernas cheias.
Antes com esse dinheiro
Compraremos um burrinho,
O burrinho leva os ôdres
E os ôdres levam o vinho.

OUTRA VERSÃO

Dil-o o homem:

— Oh mulher, tu não fias? tu não trabalhas?

— É um dia santo muito grande; não se póde hoje trabalhar.

Ao outro dia elle perguntou o mesmo, e ella o mesmo respondeu, e elle disse assim:

— Deixa, que ahi vem o Março Marçagão que elle t'o dirá.

— E eu pego n'umas poucas de esteiras, e boto-as no primeiro de Março a córar.

— Elle não quer esteiras, quer antes meadas.

O marido na véspera do primeiro de Março pegou n'um capote muito velho, cobriu se para fingir um velho muito corcovado, e a mulher pela manhã cedo levantou se e foi pôr muitas esteiras a córar; então elle appareceu lhe ali em velho e disse assim:

— Essas são as meadas que tu tens para córar?

— São.

— Pois teu marido bem te dizia ; Espera, que eu te fallo?

Pega n'um páo, bateu, bateu até não poder mais, e deixou a por morta. Assim que ella se pôde erguer foi para casa. A primeira cousa foi comprar róca e fiar. Depois já dizia o homem :

— Então era o que te eu dizia ou não ?

Março, Marçagão,
Cura meadas,
Esteiras não.

ALEGRIA DA VIUVA

Era uma vez um homem casado ; a mulher dizia que morria por elle, e que Deus nunca dera a ninguem um marido assim. O homem fiava se n'aquellas palavras, e quando andava no campo a trabalhar dizia para o criado:

— Não ha ninguem que tenha uma mulher como a minha.

O criado disse que não era bom experimentar, porque podia ficar enganado. Disse o patrão :

— Agora é que desafio todo o mundo para me mostrarem uma mulher melhor do que a minha.

— Pois eu estou prompto para uma experiencia. Á noite, quando fôrmos para casa, vae o patrão atravessado na palha fingindo que morreu, e o resto fica por minha conta.

Assim aconteceu, o criado chegou mais tarde do que o costume, bateu á porta, e com grande pranto contou como o patrão tinha morrido de repente. Quando a mulher ia começar a fazer grandes chôros, disse-lhe o criado :

— Oh minha patrôa ; é melhor não dar a saber isto á vizinhança, porque se enche logo a casa de gente, e tudo quanto lhe vier fazer companhia quer de comer e grandes esmolos, e assim nós dois podemos passar a noite ao pé do corpo.

— Dizes bem, Valentim ; pela manhã logo, se dirá que morreu.

Pegaram ambos no corpo e fôram deital-o em cima de uma cama ; passado algum tempo, diz o criado :

— Oh minha ama, a gente não ceia nada ? isto morto como morto, e vivo como vivo.

— Pois dizes bem ; vou fazer folar e tu vae lá abaixo buscar uma infusa de vinho.

Passado mais algum tempo, diz outra vez o criado :

— Oh minha ama, deixe-me deitar um bocadinho no seu cólo, ando tão moido do trabalho.

— Pois sim, Valentim.

Tornou, depois o criado :

— O meu amo quando era vivo
Dizia-me, que casasse contigo.

Respondeu a mulher :

— Tambem elle me dizia a mim
Que casasse contigo, meu Valentim.

O marido não quiz esperar por mais para certificar-se, e nunca mais fez caso d'ella em toda a sua vida.

(Algarve)

A CARPIDEIRA E A VIUVA

Como diz o outro: A viuva rica, por um olho chora e pelo outro repenica. Uma viuva chamou uma mulher para vir fazer o pranto do costume pela morte do marido. A carpideira começou a dar ais, e a arrepellar se, e dizia na sua caramunha:

Ai, ai, ai,
Quem lá vae, lá vae.

Passou uma mulher e perguntou-lhe o que é que ella estava a fazer; respondeu a carpideira:

Estou a chorar
O marido alheio,
Por um alqueire
De centeio;
Não sei se m'o dão
Meiado ou cheio.

A anojada, que já não podia encobrir a satisfação de se achar livre do que a tocava, começou aos saltos e a responder-lhe:

Hade ser calcado
E acuculado,
E ainda por cima
Mais um punhado;
Comtanto que fique
Bem depenado.

(Airão, Terra da Feira, Coimbra e Loulé.)

A viuva depois ia para a igreja, e ajoelhava-se em cima da sepultura do marido, e resava, resava; de uma vez puzeram se á escuta do que ella dizia, e ouviram esta encommendação:

Aqui jazes e hasde jazer;
Padre-Nosso meu, nunca tu hasde ter.
E a agua benta que te eu botar
Heide-t'a mijar.

(Foz do Douro.)

FREI JOÃO SEM CUIDADOS

O rei ouvia sempre fallar em Frei João Sem Cuidados como um homem que não se affligia com coisa nenhuma d'este mundo:

—Deixa-te estar, que eu é que te heide metter em trabalhos.

Mandou o chamar á sua presença, e disse-lhe:

—Vou dar-te uma adivinha, e se dentro em trez dias me não souberes responder, mando-te matar. Quero que me digas:

Quanto peza a lua?

Quanta agua tem o mar?

O que é que eu penso?

Frei João Sem Cuidados saiu do palacio bastante atrapalhado, pensando na resposta que havia de dar áquellas perguntas. O seu moleiro encontrou-o no caminho, e lá estranhou de vêr Frei João Sem Cuidados, de cabeça baixa e macambuzio.

—Oká, senhor Frei João Sem Cuidados, então o que é isso, que o vêjo tão triste?

—E' que o rei disse-me que me mandava matar, se dentro em trez dias eu lhe não respondesse a estas perguntas:—Quanto peza a lua? Quanta agua tem o mar? E o que é que elle pensa?

O moleiro pôz-se a rir, e disse-lhe que não tivesse cuidado, que lhe emprestasse o habito de frade, que elle iria disfarçado e havia de dar boas respostas ao rei.

Passados os trez dias, o moleiro vestido de frade, foi pedir audiencia ao rei. O rei perguntou-lhe:

—Então, quanto peza a lua?

—Saberá vossa magestade que não póde pezar mais do que um arratel, porque todos dizem que ella tem quatro quartos.

—E' verdade. E agora: Quanta agua tem o mar?
Respondeu o moleiro:

—Isso é muito facil de saber; mas como vossa ma-

gestade só quiz saber da agua do mar, é preciso que primeiro mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.

O rei achou bem respondido; mas zangado por vêr que Frei João se escapava das difficuldades, tornou:

—Agora, se não souberes o que é que eu penso, mando-te matar!

O moleiro respondeu:

—Ora, vossa magestade pensa que está fallando com Frei João Sem Cuidados, e está mas é fallando com o seu moleiro.

Deixou cair o habito de frade, e o rei ficou pasmado com a esperteza do ladino.

(Coimbra.)

JOÃO RATÃO (ou GRILLO)

Havia um homem que era çarvoeiro, e não gostando d'aquella vida, mettu-se a ser adivinhão. Foi ter á corte do rei, e disse que tinha officio de adivinhar. Ora na côrte tinha-se feito por aquelles dias um grande roubo, e o rei queria descobrir os criminosos: mandou vir João Ratão á sua presença, e perguntou-lhe quanto queria para adivinhar quem eram os ladrões. Respondeu o João Ratão, que queria que o rei lhe dêsse trez jantares primeiramente. O rei mandou pôr uma meza com bastantes iguarias, e os criados do palacio começaram a servir o adivinhão. Assim que João Ratão acabou de comer o primeiro jantar, poz se a tocar rufo com o garfo e a faca no prato, dizendo muito contente:

—O primeiro já cá está! O primeiro já cá está!

Um dos criados que o servira, ouvindo o que João Ratão dizia, entendeu que era comsigo, e que elle tinha adivinhado que estava ali um dos ladrões. Ao outro dia João Ratão comeu um segundo jantar, e tornou a bater com o garfo e faca, cantando:

—O segundo já cá está! O segundo já cá está!

O criado tinha pedido a um companheiro que fosse servir o adivinhão em lugar d'elle, e este outro percebendo que estava tudo descoberto botou-se de joelhos aos pés de João Ratão confessando tudo, e dizendo-lhe quem eram os outros companheiros, mas que só elle é que podia fazer com que o rei lhes perdoasse. João Ratão descobriu ao rei quem eram os ladrões, e ficou muito acreditado na côrte. O rei não o quiz mais deixar ir embora, e disse que lhe ia propôr uma adivinha; se elle a soubesse explicar, lhe daria a mão da princeza, e se não acertasse o mandaria matar.

João Ratão ficou triste como quem via já o fim da sua vida; comeu á mesa com o rei. No fim do jantar trouxeram-lhe um côpo cheio de mijo de porca, e elle bebeu. Perguntou-lhe então o rei:

—Adivinha o que é que agora bebeste!

João Ratão ficou todo atrapalhado, porque sabia que d'esta não escapava, e disse:

—Aqui é que a *porca* torce o rabo.

O rei ficou muito admirado d'elle ter adivinhado, e cumpriu a palavra dando lhe a princeza em casamento. Foi o que ganhou o João Ratão, deixando-se de carvoeiro para ser adivinhão.

(Coimbra.)

OS TREZ IRMÃOS

Um homem tinha trez filhos, um seu e dois que a mulher lhe metterá em casa. O pae puchava para o seu filho, e a mulher puchava para os outros dois, e cada um promettera que havia de deixar os bens áquelle a quem mais amava. E' certo que morreram sem testamento, e os trez irmãos não sabendo para quem ficariam os bens da casa, resolveram ir á cidade consultar um letrado. Quando iam pelo caminho, encontraram um homem muito azafamado, que lhes perguntou;

—Oh patrõesinhos, viram passar por aqui a minha burra?

Os trez irmãos disseram que não tinham visto, e puzeram-se a rir entre si, dizendo:

—Elle não era burra, era uma mula, e por signal que tinha o rabo tôrto; e ainda para mais era cega de um olho.

O homem pescou o que elles diziam, e como era possante, gritou:

—Ah, grandes birbantes, que me hãode dar já para aqui conta da minha mula. Era essa mesma, que vocês dizem que não viram.

Travaram-se de razões e lá fôram todos para a cidade á presença do juiz. O homem fez a sua queixa, e o juiz certo de que os homens sabiam onde estava a mula, disse-lhes que o declarassem.

—Saberá, senhor juiz, que não vimos mula nenhuma; este homem perguntou-nos se tínhamos visto passar por ali uma burra, e dissemos que não, porque o que tinha passado era uma mula.

Disse o juiz:

—Então como sabeis isso, se a não vistes?

—E' porque no chão estavam umas pègadas, em que os pés se botavam adiante das mãos, e assim é que andam as mulas, e isso era signal de ter por ali passado uma.

—E como sabeis que tinha o rabo torto, se é que a não vistes?

—Saberá o senhor juiz que era por um campo de cevada, que ainda estava orvalhado, e para a banda para onde a mula tinha o rabo tôrto já o orvalho estava saccudido.

—Está bem; mas como sabeis que a mula era cega de um olho?

—E' porque pelo trilho que ella levava estava a cevada comida só de um lado; signal de que ella via só por um olho.

O juiz mandou os trez irmãos embora, e condemnou nas custas o dono da mula.

N'isto os trez irmãos requereram ao juiz sobre o caso que os trazia á cidade para a partilha da herança. O juiz vendo que eram tão espertos e que não se entendiam, disse-lhes :

—Vinde ámanhã a minha casa, que vos quero dar uma lebre guisada para o almôço, e então darei a sentença.

Os trez irmãos fôram ao outro dia muito contentes ; o juiz mandou os sentar á meza, e veiu a lebre guisada ; elles comeram e lamberam o beijo.

—Então que tal é a lebre ?

Diz-lhe d'alí um dos irmãos :

—Ella não é lebre, é cão.

—Então como sabeis isso ?

—E' porque botei um osso ao cão cá da casa, e elle não o quiz roer, porque é certo que os cães não se comem uns aos outros.

O juiz confessou que era verdade, e disse :

—Pois dou por sentença que hade ficar com a herança o que fôr capaz de ir á sepultura do pae cravar-lhe uma faca nos peitos.

Disseram os dois mais novos :

—Vou eu, vou eu !

O mais velho, espantado, exclamou :

—Já não quero os bens: eu sou lá capaz d'isso ?

Então o juiz disse que aquelle é que era o verdadeiro filho, e escreveu a sentença a favor d'elle.

(Airão)

AS BARRAS DE OURO

Trez irmãos estavam n'um monte fazendo carvão, e cada um guardava a borrarheira, para que se não apagasse enquanto os outros dormiam. Coube a vez ao mais mômço ; mas não sei lá porque, elle descuidou-se e apa-

gou-se a borrarheira. Ficou muito apoquentado, e antes que os irmãos acordassem procurou modo de tornar a acender o fogo; viu lá longe uma luzinha, e lembrou-se de ir lá pedir lume. Foi; andou, andou, até que chegou ao pé de uma grande borrarheira em que estavam uns homens muito negros a fazer carvão. Pediu se lhe davam algumas brazas, que era para acender a sua borrarheira, que se lhe tinha apagado, e logo elles disseram com má cara:

—Tire d'ahi um tição e leve-o.

O rapaz tirou o tição e botou a correr; ia para acender a sua borrarheira, mas o tição apagou-se, e deitou o para a banda. Tornou outra vez lá a pedir outro tição; disseram-lhe com a mesma catadura:

—Tire d'ahi um tição e leve-o.

Aconteceu o mesmo, apagou-se; teve coragem de tornar outra vez a ir pedir aos carvoeiros, e elles sempre lhe deram um tição, que se apagou como os outros dois. N'isto ia amanhecendo, os irmãos acordaram, e o rapaz contou-lhes tudo, e quando os irmãos olharam para os tições apagados, viram trez grossas barras de ouro. Pularam de contentes, e disseram:

—Deixa estar, que esta noite um de nós hade ir lá pedir mais tições.

Assim fizeram, e o irmão do meio trouxe de lá trez tições que eram, como já se sabe, trez barras de ouro. A' terceira noite foi lá o irmão mais velho, e tambem pediu os tições, e quando foi dia viram que eram das mesmas barras de ouro. Ficaram muito ricos e fôram viver para a cidade; disse o mais velho:

—Havemos de mandar fazer um palacio para morarmos juntos.

Fez-se o palacio, que era muito rico, e depois de prompto metteram se dentro. Passou um dia pela porta um mendigo e pediu-lhes esmola; mandaram n'ò entrar e deram lhe de comer. Vae o velho assim que acaba de comer benzeu-se e começou a dar graças a Deus, e de repente todo o palacio se desfez como n'um sonho, e os

trez irmãos e todos os que estavam com elles á meza acharam se no meio da rua, como se n'aquelle logar nunca tivesse sido senão um monte de entulho.

(*Arredores do Porto.*)

PEDRO DE MALAS-ARTES

Uma pobre mulher tinha um filho, que era assim atolado, e porque nunca fazia nem dizia nada acertado, chamavam-lhe o Pedro de Malas-Artes. A mulher não tinha senão aquelle filho, e por isso estimava-o. Um dia trouxe a mulher para casa uma têa de linho, que tinha deitado, e disse :

—Este panno é para nós taparmos os nossos buraquinhos.

Assim que a mulher sahiu, e se demorou na missa, o filho foi á teia de linho, cortou-a em bocadinhos e começou a mettel-os pelos buracos das paredes do casebre. Quando a mãe chegou, elle disse-lhe muito contente :

—Mãe, olhe como estão tapados os nossos buraquinhos.

A mãe conheceu a tolice, lamentou os seus peccados, e fel o prometter que nunca mais tornaria, No dia seguinte disse ao filho que fosse á feira comprar um bácoro e o trouxesse para casa. Esperou, esperou, e como o filho não acabava de vir, foi a vêr se o encontrava; achou o caído no chão com o porco em cima de si, porque tinha entendido que o havia de trazer ás costas, e elle era bastante pesado. A mulher chorou, affligiu-se, e explicou :

—Isto traz-se para casa, com um cordelsinho amarrado pelo pé, e toca-se para diante com uma varinha.

Pedro de Malas-Artes, ouviu aquillo para seu govêrno; passados dias a mãe mandou-o que fosse á feira comprar um cantaro. Quando elle chegou a casa, trazia só a aza.

—Que é isto, Pedro? Onde está o cantaro que te mandei buscar.

Disse elle á mãe.

—Amarrei-lhe um cordelsinho pela aza, e toquei-o para diante com uma varinha; fiz como minha mãe me disse no outro dia.

A mãe tornou a lamentar-se, e disse-lhe :

—Se tu tivesses juizo trazias o cantaro na mão, ou então entre palha, n'algum carro que viesse para as nossas bandas.

Vae n'isto mandou-o a uma loja comprar um vintem de agulhas; Pedro de Malas Artes trouxe as agulhas, e como ia passando um carro de palha aproveitou a occasião e despejou as agulhas entre a palha. Chega a casa, e pergunta-lhe a mãe pelas agulhas :

—Vem ahi no carro da palha do nosso visinho; bo-tei as lá, como minha mãe me disse no outro dia.

A mãe já estava cançada de tanta tolice, e já tinha medo de o mandar a algum recado. Um dia comprou tripas para guisar para o jantar e disse a Pedro de Malas-Artes :

—Vae ali á beira do rio lavar essas tripas, e não m'as tragas cá sem que estejam bem limpas.

—Mas eu como é que heide saber que as tripas estão bem limpas?

—Pergunta a alguém, que te diga.

Foi Pedro de Malas-Artes lavar as tripas; lavou, tornou a lavar, e como não passava ninguem, lavava que lavava. Até que lá ao longe viu vir um barco á vela e a remos, porque havia calma, e pôz-se a acenar e a chamar. A gente do barco pensando que era algum passageiro abicou á praia, luctando contra a corrente; quando Pedro de Malas-Artes perguntou :

—Olhem lá; os senhores dizem-me se estas tripas já estão bem lavadas?

A gente do barco ficou desesperada, saltaram em terra, deram-lhe muita pancada e disseram por fim :

—O que tu deves dizer, é que sobre muito vento. Fôram-se embora. Pedro de Malas-Artes ia para casa,

e aconteceu passar por um campo onde se andava ceifando trigo e armando as paveias, e começou a dizer:

—O que é preciso é que sobre muito vento; que sobre muito vento.

A gente que andava ceifando ficou desesperada, e vieram bater-lhe, dizendo:

—Oh estuporado, não sabes que o muito vento nos espalhava o trigo todo? O que é preciso é que não caia nenhum.

E deixaram n'ò ir embora. Foi-se Pedro e passou por um campo onde estavam uns homens armando uma rêde para apanhar passaros, e começou a dizer:

—O que é preciso é que não caia nenhum; que não caia nenhum.

Vêm os homens da rêde, bateram-lhe muitas, e clamaram:

—O que tu deves dizer, é que assim haja muito sangue.

Passa Pedro por um caminho onde estavam dois homens engalfinhados brigando, e outros tambem querendo apartal os, e entra a dizer em altos gritos:

—Assim haja muito sangue, assim haja muito sangue.

Já se sabe, vieram ter com elle e deram-lhe muitas pancadas, e disseram-lhe:

—O que tu deves dizer é que Deus os desaparte, Deus os desaparte.

Vae-se Pedro de Malas-Artes por ali adiante, quando vinha um grande acompanhamento com um noivo e noiva que acabavam de se casar. Começa elle:

—Assim Deus os desaparte, assim Deus os desaparte.

Os convidados deram-lhe muita pancada e disseram:

—Oh homem, o que tu deves dizer é que d'estes cada dia um.

Indo mais para diante eacntra um entêrro de um homem muito estimado na terra, e entra a bradar:

D'estes cada dia um, cada dia um.

A gente que seguia o entêrro não teve mão que lhe não batesse muita pancada, e disseram-lhe:

—O que você deve dizer é que nosso senhor o leve direitinho para o céu.

Vae mais para diante, e vinha passando um baptisado, e começa Pedro de Malas Artes:

—Nosso senhor o leve direitinho para o céu.

Os padrinhos da criança tomaram aquillo por máo agoiro, e desancaram Pedro de Malas-Artes, que botou a fugir e se não chegasse a casa ainda andava a levar pancadas por esse mundo.

(Porto.)

SANTA HELENA

Havia um rei que era casado com uma senhora chamada D. Helena, que era muito bôa de coração. Tinha o rei por costume ir passar o verão para uma villa, que se ia para lá por mar, mas era na mesma terra. Vae um fidalgo e apostou com o rei que, quando viesse da viagem lhe havia de dizer os signaes da rainha, e se não os dissesse que perdia todos os seus bens.

Estava o rei quasi a chegar, mas o fidalgo não tinha ainda podido vêr os signaes que a rainha tinha no corpo, e andava muito afflicto porque perdia a apósta. Chegou-se uma velha a pedir-lhe esmola, e elle muito arrenegado disse que o deixasse. A velha insistiu mais:

—Conte-me o senhor o que tem, que eu arranjarrei remedio para o seu mal.

O fidalgo contou-lhe tudo, e ella offereceu-se para ir a palacio e vêr os signaes da rainha. Foi e levou um cartucho cheio de pulgas; chegou-se perto da rainha a pedir-lhe uma esmola; a rainha mandou-a entrar e como era muito caridosa, disse que dormisse

ali aquella noite. A velha, quando todos estavam dormindo, foi á cama da rainha e despejou o canudo das pulgas, e foi para o quarto que lhe deram. Cheia de comichão a rainha tocou uma sineta e logo vieram todas as damas e aias do palacio, e no meio do barulho veiu tambem a velha, e viu enquanto catavam a rainha, que ella tinha um signal no peito. Pela manhã cedo foi ter com o fidalgo e contou-lhe tudo, e recebeu uma grande esmola. O fidalgo foi ao encontro do rei e lhe declarou o signal de D. Helena; o rei ficou muito furioso, e quando chegou ao palacio, veiu a rainha abraçal-o, mas elle affastou-a, dizendo:

—Traidora, que me fôste infiel!

Ella cahiu logo com um flato para nunca mais fallar; e o rei mandou fazer uma redôma de vidro, mettu a dentro e fôram na deitar ao mar. A redoma foi ter á terra onde o rei costumava passar o verão, e os pescadores de lá a encontraram e trouxeram-na para a terra. Na palma da mão tinha escripto: *Santa Helena*. Fizeram-lhe uma ermida, onde guardaram a redôma. Vindo o rei áquelle logar, pediu para lhe contarem de quem era aquella redôma, e quando se chegou mais perto, conheceu logo que era sua esposa, e muito arrependido ali morreu deixando em lembrança que ninguém fizesse apóstas.

(*Ilha de S. Miguel—Açôres.*)

O GUARDADOR DOS PORCOS

Era um homem casado, que tinha um rapaz que lhe guardava os porcos. Indo o rapaz uma vez para o pasto, chegou-se um homem a elle dizendo:

—Vendes-me esses sete porcos?

—Não vendo senão seis; mas o tio hade dar-me já os rabos e orelhas d'elles.

Ficou o contrato feito; o rapaz recebeu o dinheiro, e logo ali cortou as orelhas e os rabos dos seis por-

cos. Chegando a um charco, espetou no lodo as orelhas e os rabos dos seis porcos, e enterrou o septimo porco até meio do corpo. E foi logo a gritar ter com o amo, para o vir ajudar a tirar os porcos, que tinham cahido no charco. Veiu o amo, e assim que puchou vieram-lhe os rabos na mão; com medo de perder os porcos todos, disse ao criado:

—Vae a casa e diz á minha mulher que te dê duas pás, para pucharmos os porcos cá para fóra.

O criado que sabia que o amo tinha duas saccas de dinheiro, chegou a casa e disse á mulher:

—O patrão manda dizer que me entregue as duas saccas de dinheiro.

A mulher desconfiou; mas o criado disse que ella chegasse ao balcão, e perguntasse se eram ou não as duas. Pergunta a mulher de cá:

—Ambas de duas?

—Sim, dá-lhe ambas de duas.

A mulher não sabia que eram as duas pás, e entregou-lhe as saccas de dinheiro.

O rapaz agarrou-as e foi-se por outro caminho, e encontrando um veado, matou-o e tirou-lhe as tripas, que metteu por dentro da camisa. Chegando perto de um homem que conhecia o patrão d'elle, começou a dizer:

—Deixa-me retalhar as tripas.

E poz-se a cortar as que tinha do veado: o patrão quando chegou a casa e soube da ladroeira do criado, correu atraz d'elle, e encontrou no caminho o seu conhecido, a guem perguntou se tinha visto passar por ali o môço.

Elle respondeu:

—Vi, e elle fez uma cousa; tirou as tripas e cortou-as para correr mais depressa.

—Tambem eu vou fazer o mesmo para o apanhar, E cortando as tripas caiu morto. O môço quando

soube isto voltou para traz e foi ter com a patrôa, que estava viuva, e casou com ella.

(*Ilha de S. Miguel—Açôres*)

NASCER PARA SER RICO

Havia um sapateiro que trabalhava noite e dia, mas nunca passava da cêpa torta; um visinho muito rico ouvia o cantar sempre esta cantiga :

Sou um pobre sapateiro,
Que estou sempre a dar, a dar;
Quem nasceu para ser pobre
Que lhe serve o trabalhar?

Ao som d'esta cantiga batia sola; o visinho lembrou se de lhe fazer uma surpresa, e mandou-lhe uma grande rêsca cheia de dinheiro por dentro, que era para elle comer com sua mulher e filhos, e quando a partisse já não ter que se queixar da sorte. O sapateiro assim que recebeu a rêsca deu muitos agradecimentos ao visinho, mas como tinha tido uma doença em casa lembrou-se de ir levar de presente a rêsca ao medico a quem estava em divida. A mulher ficou muito contente com a lembrança e foi ella mesmo leval-a à casa do medico. Passados dias passou o visinho rico pela porta do sapateiro, e ouviu-lhe a mesma cantiga, e perguntou-lhe :

—Oh homem! pois você não comeu a rêsca com a sua familia?

O sapateiro contou o motivo porque se tinha visto obrigado a leval-a de presente ao medico. O rico foi se embora, e passados dias mandou-lhe uns tóros de pinheiro, tambem cheios de dinheiro por dentro, dizendo que era para fazer o seu lume. Ora o sapateiro era visinho de um padeiro, de quem comia fiado, e para lhe ser agradecido levou-lhe os tóros de presente para

queimar no fôrmo. De outra vez passou o visinho rico pela porta do sapateiro e perguntou-lhe se já tinha rachado a lenha que lhe mandára; o homemsinho contou como se vira obrigado a levar os tóros de presente ao seu visinho padeiro, que lhe dava pão fiado. Vae o rico e disse-lhe:

—Você parece que tem razão em se queixar de que nasceu para ser pobre, porque a rôska de pão e os tóros de pinheiro vinham por dentro retheadinhos de dinheiro. Agora ainda que lhe queira fazer bem já não posso, nem trago nada commigo. O mais que lhe posso dar é esse pedaço de chumbo que achei ali no caminho.

O sapateiro pegou no bocadinho de chumbo, e como de nada lhe servia deitou-o ali para um canto, e continuou a trabalhar ao som da mesma cantiga. De noite quando estava na cama, sentiu bater á porta: truz, truz! Fallaram:

—Oh senhora visinã!

A mulher do sapateiro levantou-se e foi ao postigo; era a mulher de um pescador que morava paredes meias e disse:

O meu homem vae agora para o mar, para deitar as rêdês; é uma occasião boa, mas falta-lhe chumbo para ellas. Não terá por ahi qualquer bocadinho que me dê?

O sapateiro lembrou-se do chumbo que lhe tinha dado o homem rico e disse á mulher onde estava, e que o levasse á do pescador. Lá o que se passou não sei, mas o pescador tirou uma rêde cheia de peixe, e a mulher veiu a casa do sapateiro trazer-lhe em paga uma bôa garoupa para amãnharem para o jantar. Quando a mulher do sapateiro a estava arranjan-do, abriu-lhe as ventrexas e achou-lhe dentro uma pedra a modo de um vidro esquinado e deu aos pequenos para brincarem, sem fazer a isso mais reparo. Os pequenos brincaram com a pedra, e deixaram na para ahi quando se fôram deitar. De noite estava o

sapateiro na cama, e depois que apagou a candeia viu luzir uma cousa como que se fôsse os olhos de gato.

—Homem, essa! parece-me que vêjo luzir ali uma cousa.

A mulher reparou, e viu o mesmo; levantou-se o sapateiro e foi vêr o que seria; deu com uma pedra muito pulida, e foi então que a mulher se lembrou que a tinha encontrado na ventrecha da garoupa. O sapateiro quando amanheceu foi mostral-a a casa de um ourives, que lhe disse que aquillo era uma pedra preciosa e que valia tanto que nem elle mesmo tinha dinheiro para a comprar; mas que se elle quizesse iria mostral-a ao rei, que só elle é que podia ter joias de tanto valor. Assim fez, e o sapateiro veiu a receber muito dinheiro pela pedra; mudou de vida, com prou casas e quintas, e quando já se tratava como um senhor, passou lhe pela porta o antigo visinho rico que tinha estado muito tempo fóra da terra, e ficou pasmado de o vêr tão accrescentado. Elle dizia lá comsigo :

—O velhaco do sapateiro enganou-me; guardou o dinheiro que lhe mandei dentro da rôsca e dos tóros de pinheiro, e só depois da cousa esquecida é que se sahiu com elle.

Mas o sapateiro era homem liso, e contou lhe como a fortuna lhe viera pelo bocadinho de chumbo que lhe deu, agradeceu-lhe muito, e concluiu que apesar das suas queixas elle tinha nascido para ser rico, pois déra por duas vezes ponta-pés na fortuna.

(Porto.)

DOM CAIO

Era um alfaiate muito poltrão, que estava trabalhando á porta da rua; como elle tinha medo de tudo, o seu gosto era fingir de valente. Vae de uma vez

viu muitas môscas juntas e de uma pancada matou sete. D'aqui em diante não fazia senão gabar-se:

—Eu cá mato sete de uma vez!

Ora o rei andava muito aparvalhado, porque lhe tinha morrido na guerra o seu general Dom Caio, que era o maior valente que havia, e as tropas do inimigo já vinham contra elle, porque sabiam que não tinha quem mandasse a combatel-as. Os que ouviram o alfaiate andar a dizer por toda a parte: «Eu cá mato sete de uma vez!» fôram logo mettê-lo no bico ao rei, que se lembrou de que quem era assim tão valente seria capaz de occupar o posto de Dom Caio. Veiu o alfaiate á presença do rei, que lhe perguntou:

—E' verdade que matas sete de uma vêz?

—Saberá vossa magestade que sim.

—Então n'esse caso vás commandar as minhas tropas, e atacar os inimigos que já me estão cercando.

Mandou vir o fardamento de Dom Caio e fel-o vestir ao alfaiate, que era muito baixinho, e que ficou com o chapêu de bicos enterrado até ás orelhas; depois disse que trouxessem o cavallo branco de Dom Caio para o alfaiate montar. Ajudaram-no a subir para o cavallo, e elle já estava a tremer como varas verdes; assim que o cavallo sentiu as esporas botou á desfilada, e o alfaiate a gritar:

—Eu caio, eu caio!

Todos os que o ouviam por onde elle passava, diziam:

—Elle agora diz que é o Dom Caio; já temos homem.

O cavallo que andava costumado ás escaramuças, correu para o sitio em que andava a guerreia, e o alfaiate com medo de cair ia agarrado ás clinas, a gritar como desesperado:

—Eu caio, eu caio!

O inimigo assim que viu vir o cavallo branco do general valente, e ouviu o grito: «Eu caio, eu caio!»

conheceu o perigo em que estava, e disseram os soldados uns para os outros:

—Estamos perdidos, que lá vem o Dom Caio; lá vem o Dom Caio.

E botaram a fugir em debandada; os soldados do rei fôram lhe no encalço e mataram n'elles, e o alfaiate ganhou assim a batalha só em agarrar-se ao pescôço do cavallo e em gritar: «Eu caio.» O rei ficou muito contente com elle, e em paga da victoria deu-lhe a princeza em casamento, e ninguem fazia senão louvar o successor de Dom Caio pela sua coragem.

(Porto.)

OS DEZ ANÕESINHOS DA TIA VERDE-AGUA

Era uma mulher casada, mas que se dava muito mal com o marido, porque não trabalhava nem tinha ordem no governo da casa; começava uma cousa e logo passava para outra, tudo ficava em meio, de sorte que quando o marido vinha para casa nem tinha o jantar feito, e á noite nem agua para os pés, nem a cama arranjada. As cousas fôram assim, até que o homem lhe pôz as mãos e ia-a tozando, e ella a passar muito má vida. A mulher andava triste por o homem lhe bater, e tinha uma vizinha a quem se foi queixar, a qual era velha e se dizia que as fadas a ajudavam. Chamavam-lhe a Tia Verde-Agua:

—Ai, tia! vocemecê é que me podia valer n'esta afflicção.

—Pois sim, filha; eu tenho dez anõesinhos muito arranjadores, e mando-t'os para tua casa para te ajudarem.

E a velha começou a explicar-lhe o que devia fazer para que os dez anõesinhos a ajudassem; que quando pela manhã se levantasse fizesse logo a cama,

em seguida accendesse o lume, depois enchesse o cantaro da agua, varresse a casa, aponteasse a roupa, e no intervallo em que cosinhasse o jantar fôsse do-bando as suas meadas, até o marido chegar. Foi lhe assim indicando o que havia de fazer, que em tudo isto seria ajudada sem ella o sentir pelos dez anõesinhos. A mulher assim o fez, e se bem' o fez melhor lhe sahiu. Logo á bôcca da noite foi a casa da tia Verde-Agua agradecer-lhe o ter-lhe mandado os dez anõesinhos, que ella não viu nem sentiu, mas porque o trabalho correu-lhe como por encanto. Fôram-se assim passando as cousas, e o marido estava pasmado por vêr a mulher tornar se tão arranjadeira e limposa; ao fim de oito dias elle não se teve que não lhe dissesse como ella estava outra mulher, e que assim viveriam como Deus com os anjos. A mulher contente por se vêr agora feliz, e mesmo porque a fêria chegava para mais, vae a casa da tia Verde Agua agradecer-lhe o favor que lhe fez:

— Ai, minha tia, os seus dez anõesinhos fizeram-me um servição; trago agora tudo arranjado, e o meu homem anda muito meu amigo. O que lhe eu pedia agora é que m'os deixasse lá ficar.

A velha respondeu-lhe:

— Deixo, deixo. Pois tu ainda não viste os dez anõesinhos?

— Ainda não; o que eu queria era vê-los.

— Não sejas tola; se tu queres vê-los olha para as tuas mãos, e os teus dedos é que são os dez anõesinhos.

A mulher comprehendeu a causa, e foi para casa satisfeita consigo por saber como é que se faz luzir o trabalho.

OS DOIS COMPADRES

Eram dois compadres, extraordinariamente amigos. Tinham ambos o mesmo officio, e procuravam

sempre trabalhar juntos. O que um fazia, fazia o outro. Vestiam de modo igual, e passeavam ambos. Era a mais firme e completa amisade que se póde querer.

Um dia resolveram casar-se. Deviam juntar as bodas, receber-se no mesmo dia, na mesma egreja, e á mesma hora, e depois da festa nupcial, separar-se-hiam então, e cada um seguiria para sua casa.

Assim planejaram, e assim fizeram.

Casados, faziam o mesmo.

Imitavam-se mutuamente, e continuaram trabalhando juntos, passeando ambos, vestindo igualmente.

Só n'uma coisa não podiam combinar-se. O compadre mais velho batia todos os dias uma sova na mulher.

— Tu não bates na tua?— interrogava elle ao mais novo.

— Eu não; pois ella é tão bôa e tão minha amiga, heide de agora ir bater-lhe!

— Qual historia? Bondades de mulheres! Meu amigo; as mulheres para serem bôas e verdadeiramente amigas de um homem, precisam de ser zurzidas. E tu has de bater na tua. Olha, eu todos os dias toco a fogo no espinhaço da minha.

— Pois isso é que eu não faço.

— Oh compadre! olha, ou nós quebramos a nossa amisade, ou tu bates na tua mulher.

— Homem, isso não póde ser. Pois se ella me não dá motivo para fazer tal.

— Qual motivo nem meio motivo! Inventá-se.

E começou a ensinar ao compadre como havia de procurar pretexto para zurzir a companheira

— Tu, vae para casa, começa a emberrar com tudo, ella ha de responder-te azedamente, e tu zás, bordoadá para cima. Olha que se lhe não bates ficamos de mal.

— Está dito.

A' noite volveu o homem para casa, e começou

realmente a embirrar com tudo. A mulher submettia-se humildemente, carinhosamente, serenando o animo do marido.

Este não teve coragem de lhe bater. No dia seguinte, mal appareceu no trabalho, logo o compadre lhe perguntou:

— Então! já a zurziste?

— Eu não, homem; faltou-me a coragem. Se tu a visses, tão meiga, tão carinhosa, fazendo tudo muito resignada! . . .

— Vae-te lá; és um bajôjo. Até me envergonho de ser compadre de um homem, que nem tem coragem de bater na mulher. A' manhã has de bater-lhe por força. Olha, tu vaes para casa; dizes que não gostas da ceia, que a não querias cozinhada assim, e se ella fôr preparal-a de outra fórma, dizes ainda que tambem não era assim que a querias, e continúas ralhando até que ella, agastada, ha de começar de rasões, e é o bastante para lhe dares uma sóva. D'esta vez conto que a coisa não falhará. A minha ainda hontem levou tanta berdoada, que gritava por Deus e Santa Maria.

A' noite, de volta do trabalho, regressou-se o homenzinho a casa, com o firme proposito de tocar a fogo na mulher.

Tinha para a ceia pescada. Appareceu na meza um prato de pescada com arroz.

— Eu não queria a pescada assim cozinhada!— exclamou elle muito colerico.— Queria-a cosida, de azeite e vinagre.

— Pois não te apoquentes, filho— retorquiu-lhe ella docemente; — tambem ali a tenho cosida, de azeite e vinagre.

E veiu a pescada de azeite e vinagre.

— Mas se eu já lhe disse que a queria frita.

— Ora ahí estás tu a impacientares-te. A pescada era muito grande, e eu frigi uma porção d'ella.

— Com mil diabos que a levem ; eu queria a pescada suja, cheia de terra, de modo que ninguem a podesse comer. E' assim que eu gosto.

— Pois estás servido. O gato furtou-me uma pósta, e levou-a pelo quintal, eu ainda lh'a pude tirar a tempo, e tenho-a alli suja, porque, só depois da ceia, tencionava laval-a e preparal-a para o almôço.

O homenzinho sentiu-se desanimado. Não havia meio de bater na mulher.

Foi no dia seguinte para o trabalho, sem a ter zuzido, contar ao compadre o que se passára.

Este exasperou-se muito,

— Has de bater-lhe hoje por força, aliás ficamos de mal para sempre. Vae para casa á noite muito aborrecido, e diz a tua mulher que queres dormir no quintal ; ella não ha de querer dormir alli, e aqui tens um bom pretexto : obriga-a dando-lhe bordoadas.

Assim fez. A' noite foi para casa, e disse á mulher que havia de dormir aquella noite no quintal.

— Pois sim, o que tu quizeres.

Sem mais objecções foi se a fazer um camalho no quintal.

O homem começava a encolerisar-se.

— Pois eu não lhe hei de bater ? — momeava elle. Realmente faço má figura aos olhos do compadre. Ha de ser esta noite por força.

Feita a cama, fôram deitar-se, e lá pela noite fóra, começa o marido a olhar para o céo.

— Olha lá — diz elle para a mulher — que estrellas são aquellas que parecem formar um caminho ?

— E' a estrada de S. Thiago.

— E então tu vens collocar-me debaixo de uma estrada, com que me caiam em cima os passageiros ! Espera, que eu já te digo.

E então desancou a pobresita da mulher.

No dia seguinte foi para o trabalho, e contou ao compadre que já tinha zuzido a sua companheira, mas sentia-se incommodado por aquella acção.

— Bravo, és um homem! Agora é necessario continuar. Assim faço eu á minha, que todos os dias apanha a sua conta, (dizia o outro, batendo as palmas.)

A mulher que fôra maltratada pela primeira vez estranhou, começou a pensar, e lembrou-se de que tudo aquillo era o resultado dos conselhos do compadre.

— Deixa estar, que m'o has de pagar.

Preparou-se com o seu fatinho de vêr a Deus, e lá se foi até a casa da comadre. Muitos cumprimentos, muitas festas, muitas alegrias, muitas expansões, até que por fim a visitante perguntou :

— Então, como se dá com seu marido?

— Ora, comadre, mal, muito mal. Todos os dias me bate.

— Sim?

— E' como lhe digo.

— Pois o meu não; nem uma só vez me tocou, e o que é mais, nem sequer sabe zangar-se.

— Ah! que santo homem, comadre. Se assim fosse o meu!... Logo que chega do trabalho, a primeira coisa que faz, é dar-me uma sova, e ás vezes deixa-me quasi morta.

— Pois olhe, comadre; eu hei de remediar esse mal. A' noite, quando elle lhe bater, chame pelas Onze Virgens; mas tenha cuidado de deixar a porta aberta. Verá que o remedio é infallivel.

E retirou-se, vindo por casa de dez das suas amigas, contando lhes os mãos tratos que o compadre dava á mulher, e combinando com ellas que n'essa noite estariam todas, de cacetes em punho, pelas visinhanças da casa, para que accudissem á desgraçada mulherzita, quando o marido lhe batesse.

Feita a combinação, vestiram-se de branco, e fôram á hora de largar o trabalho para junto da casa da victima das brutalidades do marido.

Quando este regressou do trabalho, começou a

bater desapiedadamente na mulher, que, não podendo supportar tanta pancadaria, entrou a gritar:

— Valha-me Nossa Senhora! Acudam-me as Onze Virgens! Acudam-me as Onze Virgens!

Mal elle acabara de pronunciar as ultimas palavras, entraram onze mulheraças, vestidas de branco, de cacetes na mão, todas cobertas de alvas branquissimas, que desancaram desalmadamente o marido da desgraçada. Levou bordoadas que nem um tambor n'um arraial, e tudo capitaneado pela mulher do compadre, a quem elle aconselhára a bater na companheira.

Quando o viram quasi morto, deixaram-no, e fôram para suas casas.

Pouco depois o homem era sacramentado, fazia testamento, e mandava chamar a toda a prêssa o compadre.

Contou-lhe como tudo se tinha passado, e disse-lhe por fim:

— Mandei-te chamar para te pedir que não queiras nunca mais bater na tua mulher. Crê que são santas. Eu hoje bati na minha como de costume; mas ella, porque já não podia soffrer mais, pediu ás Onze Virgens que lhe valessem, e estas não se fizeram esperar. Deram-me tanta pancadaria, que me deixaram n'este estado. E olha compadre — continuou o enfermo — foi uma providencia a minha mulher não se lembrar de chamar os Doze Apostolos, porque então deixavam-me morto; sempre era força de homens.

O certo é que nunca mais bateu na mulher, nem aconselhou o compadre a que fizesse semelhante coisa.

(Alemtejo).

O CARVOEIRO

Era uma vez um rei que gostava muito de ir á caça. Um dia, perdeu-se da sua gente, e encontrou-se n'um grande bosque onde viu um carvoeiro que

andava trabalhando. O rei dirigiu-se para elle e perguntou-lhe :

—Com tanto trabalho que tens deves ganhar muito dinheiro.

—Eu, senhor, ganho doze vintens por dia. Quatro empresto-os, quatro são para pagar uma divida e os outros quatro para eu e minha mulher vivermos.

Ficou o rei muito admirado e quiz saber como eram aquellas contas. O carvoeiro explicou :

—O emprestimo, é crear os filhos que depois trabalharão quando eu não puder. A divida, é sustentar os meus paes, que já são velhinhos e nada podem fazer. Os outros quatro vintens é para comermos nós os dois.

Ficou o rei contente com a explicação e, indo para palacio, disse primeiro ao carvoeiro que não dissesse mais nada a ninguem sem vêr a cara d'elle cem vezes. Prometteu o carvoeiro. Chamados os dignatarios da côrte, exigiu o rei que lhe explicassem como um homem com doze vintens por dia podia pagar uma divida, fazer um emprestimo e sustentar se a si e á mulher.

Accrescentou ainda: Aquelle que decifrasse o enigma ganharia a sua confiança; os outros desterrados ou mortos, porque na sua côrte não queria ignorantes nem brutos.

Ficaram os sabios afflictos e os que não eram sabios estudavam de noite e de dia; mas, por mais que matutassem, não podiam sair d'aquella. O primeiro ministro, velho muito esperto, andava triste como a morte por vêr que perdia os seus bellos creditos. Descorçoado, foi passear para o bosque, onde se sentou a chorar. D'ahi a pouco veiu o carvoeiro e perguntou o que tinha Sua Ex.^a para estar assim triste.

Contou o ministro o que o rei tinha dito e o carvoeiro consolou-o :

—Que lhe desse cem peças de oiro com a cara do

rei, que elle lhe ensinava o que era. O ministro, contentissimo, foi buscar as peças.

No dia em que o rei tinha mandado reunir o conselho perguntou a todos a resposta á sua pergunta e ninguem a soube dar! Então o primeiro ministro pediu licença e disse o que era, com grande admiração e inveja de toda a côrte. O rei, zangado, foi d'alli ter com o carvoeiro para o mandar matar por elle ter desobedecido. O homensinho não teve medo, foi buscar as cem peças e, mostrando-as ao rei, disse:

—Vossa Magestade ordenou-me que não desse a explicação sem vêr a sua cara cem vezes, e como o seu ministro me deu estas cem peças que a teem, cumpri as suas ordens.

O rei riu-se muito e ficou tão contente com o carvoeiro que por força lhe queria dar um premio. Elle não desejava mais do que tinha; estava assim muito bem, não precisava nada. Mas o rei tanto teimou, que por fim disse-lhe:

—Pois eu só acceito de Vossa Magestade uma coisa.

—Dize lá, homem. E' isso o que eu desejo. Tudo te farei.

—Só quero que Vossa Magestade me dê o direito de receber 5 réis de cada marido que tenha medo da mulher.

—Isso é um disparate que não tem razão de ser. Pois é possível que haja um homem tão idiota que se deixe governar pela mulher?! Não, cá no meu reino não has-de tu ganhar muito, e então pede outra coisa que eu quero dar-te uma fortuna.

—Se Vossa Magestade me não dá isto, outra coisa não acceito.

Tanto teimou que o rei concedeu lhe o direito que elle pedia e foi-se embora.

Passou se tempo, e, um dia que o rei estava na varanda do seu palacio, via uma carruagem muito

bem posta, e dentro, feito um figurão, o nosso amigo carvoeiro. Mandou-o logo vir á sua presença e perguntou-lhe como tinha aquella fortuna. Respondeu elle.

—Com o direito que Vossa Magestade me deu. Eu já conto como o tenho exercido, mas primeiro vou descrever uma mulher que vi ha pouco. Senhor, ella nas faces tem o colorido da rosa! Os seus cabellos são loiros como os trigoaes maduros! A sua bocca é vermelha como os morangos perfumados! As suas mãos compridas são como lirios elegantes! A andar parece a imperatriz das fadas! Os seus olhos, senhor!, não ha nada com que os comparar!...

Estava o rei muito entusiasmado a ouvir o carvoeiro feito fidalgo; quando este viu a rainha que chegava, continuou mais alto:

—Emfim, Senhor, ella é tão linda que só a acho digna de Vossa Magestade!...

O rei, muito afflicto, atalhou logo:

—Falla baixo, que vem ahi a rainha!

O carvoeiro desatou a rir e disse:

—Ah! tambem!?... Passe para cá 5 réis.

O rei envergonhado, não teve remedio senão confessar que era muito facil o fazer fortuna cobrando 5 réis de cada homem que tivesse medo da mulher.

(Ribatejo.)

O COMPADRE DIABO

Um pobre jornaleiro tinha um compadre que era o diabo, mas não o sabia; veiu elle e disse-lhe:

—Tu és tão pobre! sabes que mais? lembra-me de te dar um grande campo para o trabalhares de meias commigo, com a condição que o que crescer para debaixo da terra hade ser para mim, e o que crescer para cima da terra hade ser para ti.

O jornaleiro acceitou o contracto, e foi trabalhar

o campo e semeou-o de trigo. Nasceu muito trigo, que elle colheu no seu tempo, e disse ao compadre que fosse apanhar o que tinha crescido para debaixo da terra. O diabo só achou raizes, e conheceu que tinha sido enganado pelo compadre. E disse :

— Já me não serve o nosso contracto, e se queres continuar hade ser ás avéssas : o que crescer para cima da terra hade ser para mim, e o que crescer para baixo é que hade ser para ti.

O lavrador acceitou a condição e semeou o campo todo de batatas ; deu uma novidade que era um regalo. Disse ao compadre que fôsse apanhar o que tinha crescido para cima da terra, que era a rama da batata, e elle tirou muitos e muitos cêstos de batatas, com que fez muito dinheiro. O diabo viu que perdia sempre no jogo, e quiz-se vingar do compadre :

— Ah velhaco, que me enganaste ; mas eu é que te não deixo ficar assim ; havemos de bater-nos e hade ser ás unhas, que ao menos d'esta vez heide ficar de melhor partido.

O lavrador bem sabia que o diabo tinha umas garras temiveis, mas como não podia escolher as armas já dava ao diabo a cordada, e foi ter com a mulher, sem saber como se veria livre d'aquella alhada. Váe a mulher e diz lhe :

— Deixa-o vir para cá, que eu o arranjo. No dia em que te vier procurar para brigar contigo, esconde-te, que eu é que vou fallar com elle.

Chegado o dia, vem o diabo muito furioso e bate á porta do compadre :

— Aqui estou para irmos brigar.

Vem a mulher e diz :

— Entre para aqui compadre, e espere pelo meu homem, que foi amolar as unhas ; olhe que elle sempre dá cada unha! Aqui está a primeira que elle me deu...

O diabo tal cousa viu, que botou a fugir com me-

do de ficar cheio d'aquellas arranhaduras, e nunca mais voltou lá.

(*Ilha de S. Miguel — Açòres.*)

OS CORCUNDAS

Havia n'uma terra dois corcundas que se conheciam e eram amigos; de uma vez um d'elles perdeu-se n'uma estrada e foi ter ao meio de uma floresta onde umas bruxas estavavam fazendo as suas dansas, e diziam :

—Entre quintas e sextas e sabbados.

O corcunda foi se approximando, e viu ali muito de comer, e começou tambem a dizer :

—Entre quintas e sextas e sabbados.

As feiticeiras vieram ter com o corcunda e deram-lhe muito de comer e fizeram-no dançar; como estava para dar meia noite, disseram :

—O que se hade fazer a este homem. quando nos fôrmos embora?

—Dê-se-lhe muito dinheiro.

Outras disseram :

—Tire-se-lhe a corcunda.

Elle apanhou as duas coisas, e foi-se embora; quando chegou á sua terra o outro corcunda perguntou-lhe quem é que o tinha endireitado. O amigo contou-lhe tudo e disse lhe onde era a floresta; o outro corcunda avistou as mesmas luzes e viu a mesma dansa das bruxas; e assim que ouviu ellas estarem cantando:

«Entre quintas e sextas e sabbados», começou a dizer as mesmas palavras, e accrescentou :

—E os domingos, se fôr necessario.

As bruxas desesperadas por lhe fallarem no domingo, fôram ter com elle, deram-lhe muitos repellões e disseram :

—O que havemos de fazer a este homem?

—Ponha-se-lhe a corcunda que o outro aqui deixou.

E assim elle se foi embora com uma giba atraz e outra adiante.

(Porto.)

A MULHER GULOSA

Um homem tinha casado com uma mulher muito lambareira, mas que fingia que nunca tinha vontade de comer; desconfiado espreitava-a, e veio a conhecer que ella não fazia senão comer petiscos. Um dia elle sahiu de casa, dizendo-lhe que não vinha senão á noite, e escondeu-se no fôrno. A mulher como se achou só, cantou e foi arranjar um almôço de gulodices, que eram formigos de pão esfarelado com mel e ovos. Quando chegou a hora de jantar guizou uma grande pratada de migas, e comeu e lambeu-lhe o beijo. Ao fim da tarde, ainda não era bem lusco com fusco, tornou a accender o lume e ensopou dois franguinhos para a ceia. O marido viu-lhe comer tudo aquillo, e esteve sempre calado, até que quando lhe pareceu sahiu do seu esconderijo, e fingiu que entrava em casa como quem vinha de muito longe. Ora o dia esteve sempre de chuva, e o homem vinha enxuto como as palhas; a mulher lá ficou admirada, e disse:

—Oh homem, com este dia de aqua como vens tão enxuto! Onde estiveste?

Elle respondeu:

Chovia miudinho
Como os formigos que almoçaste;
Se chovesse graúdinho
Como as migas que jantaste,
Eu viria ensopadinho
Como os frangos que ceiaste.

A mulher conheceu que já não enganava o marido, que se serviu d'este pé de cantiga para lhe repinicar o pandeiro.

(Porto.)

AS IRMÃS GAGAS

Uma mãe tinha trez filhas, e todas eram tatas: para fazer com que ellas não perdessem casamento, disse-lhes:

—Meninas, é preciso estarem sempre caladas quando vier aqui a casa algum rapaz; senão nada feito.

De uma vez trouxe-lhes um noivo para vêr se gostava de alguma d'ellas, e não se tinha esquecido de fazer a recommendação ás filhas. Estavam ellas na presença do noivo, que ainda não tinha dado signal de sua sympathia, quando uma d'ellas sentiu chiar no lume, e diz logo muito lampeira:

—Oh mãe, o *tutalinho fede*. (Isto é: o pucarinho ferve.)

Diz d'ali a outra irmã:

—*Tira-le o têtto e mete-le a tolé*. (Isto é: tira-lhe o têtto e mette-lhe a colher.)

A ultima zangada por vêr que as irmãs não obedeciam é recommendação da mãe, exclamou:

—A mãe nam *di* que não *falará tu?* pois agora não *tasará tu*. (Isto é: a mãe não disse que não falláras tu? pois agora não casarás tu.)

O noivo assim que viu que todas ellas eram tatebitate desatou a rir e fugiu pela porta fóra.

(Porto.)

O TINHOSO, O RANHOSO E O SARNOSO

Era uma vez trez irmãos, um era tinhoso, o outro ranhoso, e o ultimo sarnoso, mas como todos se riam dos seus defeitos, elles bem procuravam encobril-os. Tambem nunca deixavam escapar occasião de darem largas á sua vontade; o que era tinhoso viu passar um barco no rio, e levantou a mão ao ár, dizendo:

— Deita cá a barca ; deita cá a barca.

E n'isto ia com a mão á cabeça e dava uma coça-della. O irmão, que era ranhoso, passava as costas da mão pelo nariz, e dizia :

— Atravessa ; atravessa.

O que estava cheio de sarna, pôz-se a pular e a saracotear-se, e dizia :

— Inda bem, inda bem,
Que a barca já lá vem.

(Porto.)

VARIANTE

* O que era tinhoso, levava a mão á altura da cabeça, e coçando como quem não quer a coisa, dizia:

— Lá vem um navio.

Dizia o que era ranhoso, assoando-se ás mangas:

— Tanto se me dá que venha por aqui, como por ali.

(Ilha de S. Miguel.)

DÁ-ME O MEU MEIO TOSTÃO

Um compadre perseguia outro por uma divida ; todas as vezes que lhe passava pela porta dizia :

— Dá-me o meu meio tostão.

O devedor, vexado, disse para a mulher que se ia fingir morto, e que ella o carpisse muito, para vêr se quando o compadre passasse lhe perdoava pela sua alma o meio tostão. Assim fez ; a mulher pranteou e depenou-se, mas o compadre veio ao acompanhamento do entêrro, e quando o corpo se depositou na igreja deixou-se ficar escondido debaixo da eça. De noite os ladrões entraram na igreja, e como viram a luz das tochas allumiando o morto, entenderam que ali era logar seguro para repartirem o di-

nheiro e fazerem os quinhões do que tinham roubado. Quando estavam n'isto, desavieram-se, porque todos queriam umas certas joias que o capitão dos ladrões reservava para si. Faziam muita bulha, mas o que se fingia morto na eça, e o compadre que estava escondido, passaram sustos medonhos e não se mechiam. Por fim disse o capitão dos ladrões:

—Eu cá não faço questão d'este quinhão; mas quem o quizer hade ir espetar esta faca no morto que está ali n'aquella eça.

Dizia um: «Vou eu!» Outro tambem queria ir; mas o que se fingia defunto, sem saber como se havia de vêr livre da situação desesperada, senta-se no caixão, e diz com terror:

Acudam-me aqui os defuntos,
E venham já todos juntos.

Os ladrões fugiram todos espavoridos e deixaram o dinheiro ao pé da eça; o compadre que se fingia morto desceu da tumba, e começou [a ajuntar o dinheiro espalhado pelo chão. Quando estava n'isto saelhe debaixo da eça o crédor, que nem á borda da cova o largava, e começa a repetir-lhe sem parar:

—Dá-me o meu meio tostão! Dá-me o meu meio tostão!

E não se tirava d'isto. Os ladrões por fim envergonharam-se da sua covardia, e mandaram um mais valente á igreja vêr o que por lá havia, e se podiam ir buscar o seu dinheiro. O ladrão veiu surraiteiro, escondeu-se detraz de uma porta a escutar, e ouvia só:

—Dá-me o meu meio tostão!

Desatou a fugir, e foi dizer aos companheiros:

—Está tudo perdido; andam lá tantos defuntos, que não cabe meio tostão a cada um. Os ladrões conformaram-se com esta desgraça, e o compadre assim é que pagou a sua divida e ficou rico.

(Porto.)

O SOLDADO QUE FOI PARA O CÉO

Ia uma vez um soldado para casa com a baixa; quando ao passar por uma ponte encontrou um pobre de pedir, que não tinha dinheiro para pagar a passagem e estava ali parado. Ora o soldado nunca tinha feito bem a ninguém; mas n'aquelle instante teve pena do velhinho e carregou com elle ás costas e passou a ponte. O soldado não pagou nada, porque os soldados não pagam, e o velho tambem não pagou nada porque ia ás costas do soldado. Logo que chegou ao outro lado, pôz o velho no chão, e ia des pedir-se d'elle, quando o pobre lhe disse:

—Camarada, peça alguma cousa, que o que eu quero é agradecer-lhe.

—Ora o que lhe heide eu pedir?

—Peça tudo o que quizer.

O soldado pediu: Que todas as vezes que disser: «Salta aqui á minha mochilinha!» nenhuma coisa deixe de obedecer á minha ordem. E que onde quer que me eu assente ninguem me possa mandar levantar.

O velho disse-lhe que estava concedido. Foi se o soldado muito contente para casa e nunca mais trabalhou, e viveu bem, sem lhe faltar nada. Se queria pão, carne, vinho, dinheiro, dizia: «Salta aqui á minha mochilinha», e tinha logo tudo o que lhe era preciso. Veiu o tempo e o soldado estava para morrer; os diabos vieram logo para lhe levarem a alma, mas o soldado viu-os e gritou: «Saltem aqui já á minha mochilinha!» Os diabos não tiveram remedio senão obedecer; elle assim que os apanhou dentro da mochila mandou-a a casa do ferreiro para que lhe machasse em cima até os deixar em estilhas. Por fim o soldado morreu, e como tinha passado sempre na má vida, foi parar ao inferno. Os diabos assim que o lá viram começaram a gritar:

Fecha portas e postigos,
Senão seremos aqui todos batidos.

E aferrolharam as portas, e o soldado não pôde entrar para lá; foi então bater ás portas do céu. San Pedro assim que o viu, disse lhe:

—Vens enganado! Não entras cá. Não te lembras da má vida que levaste?

Responde-lhe o soldado:

—Oh, senhor San Pedro! no inferno não me quiseram. Eu agora para onde hei-de ir?

—Arranja te lá como puderes.

O soldado viu meia porta do céu aberta, e pega no barrete e atira-o lá para dentro, e disse:

—Oh senhor San Pedro, deixe-me ir apanhar o meu barrete.

San Pedro deixou; mas o soldado assim que se viu dentro do portal, sentou-se logo na cadeira d'elle. San Pedro quiz mandal-o sahir mas não pôde e foi d'ali á pressa queixar se a nosso senhor, que lhe disse:

—Deixa o entrar Pedro, não tens outro remedio, porque assim lhe estava promettido.

E o soldado sempre ficou no céu.

(Porto.)

O THESOIRO DO ENFORCADO

Um pae tinha um filho muito travêso e estroina, e sabia que a grande fortuna que lhe deixava elle a espatifaria toda, pela sua má cabeça. Quando morreu, deixou-lhe um falcão, dizendo que ainda que se visse muito necessitado nunca o vendesse; mas se acontecesse de o vender, que lhe deixava uma carta fechada e que a não abrisse senão depois de ter perdido todas as suas esperanças de melhorar de fortuna. O velho morreu, e o filho começou logo a gastar; vendeu quintas, casas, fez dividas, ficou por fiador dos ami-

gos, metteu-se em emprezas, e quando menos se precatou achou-se sem nada. Restava-lhe ainda o falcão, que o pae recommendou que nunca o vendesse; como elle se achava em grandes apuros, não fez caso da vontade do pae, e mandou offerecer o falcão ao rei, que lh'o comprou. Mas o dinheiro do falcão não chegou senão para alguns dias, acabando por gastalo no jogo, onde tinha ficado a melhor parte da sua fortuna. O rapaz, atrapalhado da sua vida, e não tendo mais a que se socorrer, começou a procurar todos os amigos com quem tinha gastado, e todos lhe viraram as costas. Foram tantas as ingratidões e o descaramento dos que lhe tinham ajudado a desbaratar a fortuna, que o rapaz perdeu o gosto da vida e entendeu que o unico remedio que lhe restava era matar-se. Foi então que se lembrou que tinha uma carta do pae, que ainda estava fechada, e antes de morrer lembrou-se de querer vêr o que n'ella dizia. Abriu a carta, e dentro estava uma chave; e dizia-lhe a rua a que elle devia ir, e a casa em que aquella chave servia para abrir a porta, e que lá acharia pendurada n'uma trave uma corda, e já que estava sem esperanças nenhuma, que se enforcasse ali. Como o rapaz já pensava assim, acceitou o conselho do pae pela primeira vez, e foi logo á tal rua, deu com a casa, abriu a porta e fechou-se por dentro. Subiu a escada, e chegou a uma sala velha, onde encontrou a corda pendurada; não se pôz com mais reflexões, e quando começou a puchar a corda para vêr se estava segura, a corda abriu um falso, que estava no tecto, e começaram a cahir muitas peças de ouro. Ficou o rapaz admirado, ajuntou o dinheiro e já se não quiz matar; mas tambem d'ali em diante nunca mais gastou á matroça, viveu com juizo, e despresou os amigos que na sua desgraça lhe tinham virado as costas.

(Porto.)

OS PEIXES DO GUARDIÃO

De uma vez estavam os frades comendo no refeitório, e coube a um d'elles um peixe mui pequenino; este então reparou e viu que no prato do guardião estava um muito grande, e que o comia á bocca cheia. O frade era ladino, e para se vingar do jejum a que o obrigavam, abaixou a cabeça sobre o seu peixinho que tinha no prato, e começou a momear, como quem estava a conversar em segredo. O guardião reparou n'isto, e pergunta de lá da cabeceira da meza:

—Oh irmão frei fulano, então o que é isso que está fazendo?

—Reverendo padre mestre, estava perguntando a este peixinho se de alguma vez teria encontrado meu pae, que morreu afogado no mar; mas elle respondeu-me que, como é mui pequenino, não soube d'isso, e que quem o poderá saber é o peixe que está no prato de vossa reverencia, que é muito grande, e póde bem dar fé de tudo.

(*Ilha de S. Miguel.*)

A COBRA E O CORDÃO DO FRADE

Uns frades comeram desalmadamente; um d'elles precisou alargar o cordão que trazia á cinta, mas não queria dar parte de fraco. Lembrou-se de uma estrangeirinha, e disse:

—De uma vez andava ao peditório, e passei por um campo, onde vi deitada ao sol uma cobra, e que cobra! era assim (e n'isto começa a tirar o cordão) pouco mais ou menos d'este tamanho (e estendeu o cordão).

Depois tornou a atar o cordão mais largo e conti-

nuou a comer, sem que os outros déssem pela esper-teza.

(Porto.)

O CALDO DE PEDRA

Um frade andava ao peditorio; chegou á porta de um lavrador, mas não lhe quizeram ahi dar nada. O frade estava a cahir com fome, e disse:

—Vou vêr se faço um caldinho de pedra. E pegou n'uma pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pôz-se a olhar para ella para vêr se era bôa para fazer um caldo. A gente da casa pôz-se a rir do frade, e d'a-quella lembrança. Diz o frade:

—Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito bôa.

Responderam lhe:

—Sempre queremos vêr isso.

Foi o que o frade quiz ouvir. Depois de ter lavado a pedra, disse:

—Se me emprestassem ahi um pucarinho?

Deram-lhe uma panella de barro. Elle encheu-a de agua e deitou-lhe a pedra dentro.

—Agora se me deixassem estar a panellinha ahi ao pé das brazas.

Deixaram. Assim que a panella começou a chiar, disse elle:

—Com um bocadinho de unto é que o caldo ficava de primor.

Fôram-lhe buscar um pedaço de unto. Ferveu, fer-veu, e a gente da casa pasmada para o que via. Diz o frade, provando o caldo:

—Está um bocadinho insonso; bem precisa de uma pedrinha de sal.

Tambem lhe deram o sal. Temperou, provou, e disse:

— Agora é que com uns olhinhos de couve ficava, que os anjos o comeriam.

A dona da casa foi á horta e trouxe-lhe duas couves. O frade limpou-as, e ripou-as com os dedos deitando as folhas na panella.

Quando os olhos já estavam aferventados, disse o frade :

— Ai, um naquinho de chouriço é que lhe dava uma graça...

Trouxeram-lhe um pedaço de chouriço; elle botou-o á panella, e enquanto se cosia, tirou do alforge pão, e arranjou-se para comer com vagar. O caldo cheirava que era um regalo. Comeu e lambeu o beijo; depois de despejada a panella ficou a pedra no fundo; a gente da casa, que estava com os olhos n'elle, perguntou-lhe :

— Oh senhor frade, então a pedra ?

Respondeu o frade :

— A pedra, lavo-a e levo-a commigo para outra vez.

E assim comeu onde não lhe queriam dar nada.

(Porto.)

A ENFIADA DE PETAS

Era uma vez um homem, que não pôde pagar a renda ao fidalgo de quem era caseiro, e foi-lhe pedir perdoança; o fidalgo pensou que o que elle estava era a mentir, e disse-lhe :

— Só te perdôo as medidas da renda se me disseses uma mentira do tamanho de hoje e amanhã.

Foi-se o lavrador para casa e contou a cousa á mulher, sem saberem como se haviam de arranjar com o senhorio, que os podia pôr no olho da rua. Um filho tolo, que tinha, disse :

— Oh meu pae, deixe-me ir ter com o fidalgo,

que eu heide arranjar a cousa de modo que elle não tenha remedio senão dar a perdoança das medidas.

— Mas tu não atas cousa com cousa.

— Por isso mesmo.

Foi o tolo e pediu para fallar ao fidalgo, dizendo que vinha ali pagar a renda. O fidalgo mandou-o entrar; elle então disse:

— Saberá vossa senhoria, que a aneza foi má, mas isso não faz ao caso; meu pae tinha tantos cortiços de abêlhas que não lhe dava com a conta; pôz-se a contar as abêlhas e acertou de lhe faltar uma; botou o machado ás costas e foi procurar a abêlha; achou-a pousada na carucha de uma amieira; vae elle cortou a amieira para caçar a abêlha, que por signal vinha tão carregadinha de mel, que elle cres-tou a, e não tendo em que guardar o mel metteu a mão no seio e tirou dois piolhos e fez da pelle dois odres que encheu, mas quando vinha a entrar em casa uma gallinha comeu-lhe a abêlha; atirou á gallinha com o machado para a matar, mas o machado perdeu-se entre as pennas; chegou o fogo ás pennas, e depois que ellas arderam é que achou o olho do machado; d'ali foi ao ferreiro para lh'o arranjar, e o ferreiro fez-lhe um anzol, com que foi ao rio apanhar peixes, e saiu-lhe uma albarda, tornou a deitar o anzol e apanhou um burro morto ha trez dias que pestanejava; botou-se a cavallo n'elle e foi ao ferrador para lhe dar uma mēzinha, e elle deu-lhe o remedio de summo de fava sêcca, mas n'isto caiu lhe um bocado n'um ouvido, onde lhe nasceu tamanho faval, que tem dado favas, que ainda ahi trago quinze carros d'ellas para pagar a renda a vossa senhoria.

O fidalgo, já enfadado, com tanta patranha, disse:

— Oh rapaz, tu mentes com quantos dentes tens na bocca.

— Pois, senhor, está a nossa renda paga.

(Airão.)

SEMPRE NAO

Um cavalleiro, casado com uma dama nobre e formosa, teve de ir fazer uma longa jornada ; receando não acontecesse algum caso desagradavel em quanto estivesse ausente, fez com que a mulher lhe promettesse, que enquanto elle estivesse fôra de casa diria a tudo : — Não. Assim pensava o cavalleiro que resguardaria o seu castello do atrevimento dos pagens ou de qualquer aventureiro que por ali passasse. O cavalleiro já havia muito que se demorava na côrte, e a mulher aborrecida na solidão do castello não tinha outra distracção senão passar as tardes a olhar para longe, da tôrre do miradouro. Um dia passou um cavalleiro, todo galante, e complimentou a dama ; ella fez-lhe a sua mesura. O cavalleiro viu-a tão formosa, que sentiu logo ali uma grande paixão, e disse :

— Senhora de toda a formosura ! consentis que descance esta noite no vosso solar ?

Ella respondeu :

— Não !

O cavalleiro ficou um pouco admirado da secura d'aquelle não, e continuou :

— Pois quereis que seja comido dos lobos ao atravessar a serra ?

Ella respondeu :

— Não.

Mais pasmado ficou o cavalleiro com aquella mudança, e insistiu :

— E quereis que vá cahir nas mãos dos salteadores ao passar pela floresta ?

Ella respondeu :

— Não.

Começou o cavalleiro a comprehender que aquella Não seria talvez sermão encommendado, e virou as suas perguntas ;

— Então, fechaes-me o vosso castello?

Ella respondeu:

— Não.

— Recusaes que pernoite aqui?

— Não.

Diante d'estas respostas o cavalleiro entrou no castello, e foi conversar com a dama, e a tudo o que lhe dizia ella foi sempre respondendo—Não. Quando no fim do serão se despediam para se recolherem a suas camaras, disse o cavalleiro:

— Consentis que eu fique longe de vós?

Ella respondeu:

— Não.

— E que me retire do vosso quarto?

— Não.

E assim correram as cousas, até que ao dia seguinte, perguntou o cavalleiro:

— Ordenaes que fique mais tempo comvosco?

Ella respondeu:

— Não.

O cavalleiro partiu, e chegou á côrte, onde estavam muitos fidalgos conversando ao brazeiro, e contando as suas aventuras. Coube a vez ao que tinha chegado, e contou a historia do *Não*; mas quando ia já a contar o modo como se metterá na cama da castellã, o marido já sem ter mão em si, perguntou agoniado:

— Mas onde foi isso, cavalleiro?

O outro percebeu a afflicção do marido e continuou sereno:

— Ora quando ia eu a entrar para o quarto da dama, tropéço no tapete, sinto um grande solavanco, e acordo! Fiquei desesperado em interromper-se um sonho tão lindo,

O marido respirou alliviado, mas de todas as historias foi aquella a mais estimada.

(Açores.)

MANOEL FEIJÃO

Dois casados viviam muito tristes por serem ja velhos e não terem filhos. Vae a mulher disse uma vez :

—A cousa que eu mais queria n'este mundo era ter um filho, ainda que elle fôsse do tamanho de um feijão.

Passados tempos, quando menos o esperavam, a velha teve um filho, tão pequerruchinho, tão pequerruchinho, que era mesmo do tamanho de um feijão. Criou-se o menino, e puzeram-lhe o nome de Manoel Feijão ; a mãe nunca tirava o sentido d'elle, e ainda assim muitas vezes o perdia. De uma vez foi botar umas gavelas ao boi, e entre ellas tinha-se perdido Manoel Feijão e o boi enguliu-o. A mãe muito apouquentada começou a gritar por toda a parte :

—Manoel Feijão ! Manoel Feijão !

Elle respondia dentro da barriga do boi :

—Crós, crós !

—Manoel Feijão, onde estás ?

—Crós, crós ! na barriga do boi.

A mãe pôz se a aparar o que o boi fazia, e assim tornou a achar Manoel Feijão todo sujinho ; lavou-o muito bem lavado, mas o pequeno era muito traquina, não tinha mêdo dos bois, e até os queria levar para o campo. Mettia-se-lhe n'uma venta, e assim os guiava para pastar e para voltar para casa, e até para levar no carro o jantar ao pae. De uma vez teve uma necessidade, e acocorou-se debaixo de uns feitos ; ora andava por ali uma cabra a pastar, e indo comer os olhinhos do feito, enguliu Manoel Feijão. A mãe ficou d'esta vez mais afflicta porque o pequeno não apparecia ; a cabra com as dôres de barriga, corria por combros e vallados, mas sempre vinha dar á horta do pobre lavrador ; por fim cansado de escorraçar a cabra, e temendo que fôsse cousa ruim o pae

de Manoel Feijão deu uma estourada na cabra, e matou a, e atirou com elle para o meio da estrada. Veiu de noite um lobo e comeu as tripas da cabra, e lá se foi Manoel Feijão aos tombos dentro da barriga do lobo. Começou a dar-lhe voltas nas tripas, e o lobo com as dôres subiu-se por um pinheiro acima. N'isto vem uns ladrões carregados com uns saccos de dinheiro, em cima de um macho; Manoel Feijão faz com que o lobo se atire lá de cima, arreventou no meio do chão, e os ladrões fugiram espantados. Manoel Feijão assim que apanhou o lobo com as tripas de fóra, sahiu lá de dentro, e subiu para o macho, metteu-se dentro de uma orelha e começou a beliscal-o. O macho botou a fugir, a fugir, e elle guiou-o para casa do pae, e chegou á porta ainda de noite, a fazer muito estrupido. Perguntaram de dentro:

—Quem é que está ahi?

—É' Manoel Feijão. Crós! Crós!

A mãe conheceu-o, veiu abrir á pressa; abraçou-o, lavou-o, e o pae foi descarregar o macho e guardar os saccos de dinheiro. e fôram todos muito felizes,

(Porto e Açôres).

CAHIU-ME NA MINHA CATULINHA

De uma vez andava uma gallinha a esgravatar no chão, e cahiu-lhe um bocado de caliça em cima da cabeça; a gallinha espantada botou a fugir, e encontrou um gallo, que lhe perguntou:

—Para onde vaes a fugir, comadre gallinha?

Ella respondeu:

—Cahiu-me na minha catulinha! E' o céo que está a cahir aos pedaços.

O gallo pôz-se tambem a fugir com a gallinha; encontraram um pôrco, que andava á landra, e assim que os viu, perguntou:

—Para onde ides a fugir? tão asinha?



— Caiu-me na minha catulinha. Está o céu a cair aos pedaços.

O pôrco tambem foi com elle; encontraram um gato, que lhe perguntou:

— Para onde ides a fugir tão azinha?

Respondeu a gallinha:

— Caiu-me na minha catulinha! Está o céu a vir abaixo aos pedaços.

O gato foi tambem a fugir com elles todos; e assim fôram encontrando um pato, uma raposa, uma cabra, uma ovelha que iam todos juntos por esse mundo fóra. Até que encontraram um cão, que lhes perguntou:

— Para onde é que vae toda esta romaria?

Respondeu a gallinha:

— E o céu que está caindo aos pedaços. Caiu-me na minha catulinha.

Todos os outros animaes diziam que nada tinham visto, mas que era a gallina que lh'o dizia. Disse então o cão:

— Não vão mais para diante, e fiquem aqui debaixo da cama com a minha velha, até vêr em que as cousas param. Lá ficaram. A velha, de noite, coçava-se com as pulgas, e a cama rangia. Os animaes com mêdo de que caisse o céu aos pedaços, faziam muita bulha,

A gallinha cacarejava,
e o gallo cantarolava,
e o porco roncava,
e o gato miava,
e o pato grasnava
a raposa regougava,
a cabra berrava,
a ovelha ballava,
o cão ladrava,
e a velha dizia:
— Mal hajas, tu cão,
Que não agradeces
O bem que te fão.

(Porto.)

CASAR E DESCASAR

Um lavrador rico tinha só uma filha, que era muito linda; uma noite fallando com a sua mulher, quando já estava tudo socegado em casa, disse-lhe:

—A nossa filha já está casadoira, e nós temos uns bens bons, que hão de ficar para ella, e faz minga de lhe dar um marido que seja capaz.

—Ora quem hade ser? Disse a mulher:

—Eu cá já tenho um de olho. E' o filho d'aquelle lavrador que mora ali ao cabo da villa.

—Lá esse tambem me parece bom rapaz, e não tenho que lhe dizer.

A rapariga que ainda estava acordada, ouviu tudo, e no outro dia quando o pae e a mãe estavam no campo a apanhar os feijões, pôz se á janella e quando viu passar o noivo, disse:

—Entra cá, Manoel. Sabes que mais? meu pae quer-me casar contigo.

O rapaz entrou para dentro, e disse:

—Tambem eu quero; e então vamos a isso.

A rapariga era babana e esteve pelos actos. Quando elle se foi embora, a rapariga foi levar o jantar ao campo, e disse muito contente:

—Meu pae, eu já casei com o filho do lavrador do cabo da villa.

O pae ficou muito admirado, e assim que soube a verdade do acontecido, pôz-se a berrar desesperado e quiz-lhe bater. No dia seguinte, ella pôz-se muito triste á janella, e assim que viu passar o rapaz chamou por elle:

—Entra cá, Manoel. Meu pae não gostou do nosso casamento, e então é preciso que a gente se descase.

—Vamos a isso. As cousas desfazem-se do mesmo feitio que se fazem.

Tornou a rapariga ao campo a levar o jantar e contou tudo ao pae, que já se tinha descasado. Elle ficou ainda mais desesperado e d'esta vez bateu-lhe a valer. Quando foi fallar com o lavrador a respeito do casamento da filha, já o rapaz estava embeijado com outra, e com o casamento ajustado. A môça não ficou triste nem alegre, e esperou o dia do casamento. Ora n'aquella terra era costume de darem um jantar em casa do padrinho antes dos noivos se irem arreceber; quando estavam á mesa, appareceu a môça que se tinha descasado, muito aceiada, com todo o ouro que tinha, e pegou n'um cópo e fez uma saude, dizendo :

Venho aqui brindar
O noivo que se casa
E torna a descasar.

E repetia isto a todo o proposito. A noiva que ouviu, perguntou ao rapaz o que é que queria aquilo dizer? Elle contou-lhe tudo; vae ella e diz:

—Sempre é muito tola, não é? Eu cá trago um filho do nosso abbade, e nem meu pae nem minha mãe o sabem.

O rapaz cahiu em si a tempo; e disse para os convidados:

—Meus senhores, quero-lhes fazer uma pergunta: Quem tinha uma chave de ouro e a perdeu, e se serve com uma de prata, se tornar a achar a de ouro deve deital-a fóra?

Responderam os convidados:

—Deve querer antes a chave de ouro.

—Pois é o que eu faço.

E o filho do lavrador cahiu pela porta fóra e foi tratar de se receber com a rapariga innocente de que a ressabiada tinha feito chacota.

(Minho—Airão.)

O CEGO E O MOÇO

Um cego andava pedindo esmola pela mão de um môço; a uma porta deram-lhe um naco de pão e um bocado de linguiça. O môço pegou no pão e deu-o ao cego para mettê-lo na sacóla, e ia comendo a linguiça muito á surrelfa. O cego, desconfiado, pelo caminho começa a bradar com o môço:

—Oh grande tratante, cheira-me a linguiça! Acolá deram-me linguiça e tu só me entregaste o pão.

—Pela minha salvação, que não deram senão pão.

—Mas cheira-me a linguiça, refinado larapio!

E começou a bater com o bordão no môço pancadas de criar bicho. O môço era ladino e disse lá para si que o cego lh'as havia de pagar. Quando iam por uns campos onde estavam uns sobreiros, o môço embicou o cego para um tronco, e grita-lhe:

—Salta, que é rego.

O cego vae para saltar e bate com os focinhos no sobreiro. Grita elle:

—Oh rapaz do diabo! Que te racho.

Diz-lhe elle:

—Pois cheira-lhe o pão a linguiça,
E não lhe cheira o sobreiro á cortiça?

(Porto.)

O CEGO E O MEALHEIRO

Era uma vez um cego que tinha ajuntado no peditorio uma bôa quantia de moedas. Para que ninguem lh'as roubasse, tinha-as mettido dentro de uma pannela, que guardava enterrada no quintal, debaixo de uma figueira. Elle lá sabia o logar, e quando ajuntava

outra bôa maquia, desenterrava a panella, contava tudo e tornava a esconder o seu thesouro. Um visinho espreitou-o, viu onde é que elle enterrava a panella, e foi lá e roubou tudo. Quando o cego deu pela falta, ficou muito calado, mas começou a dar voltas ao miolo para vêr se arranjava estrangeirinha para tornar a apanhar o seu dinheiro. Pôz-se a considerar quem seria o ladrão, e achou lá para si que era por força um visinho. Tratou de vir á falla, e disse-lhe :

—Olhe, meu amigo, quero-lhe dizer uma cousa muito em particular, que ninguem nos ouça.

—Então que é, senhor visinho?

—Eu ando doente, e isto ha viver e morrer; por isso quero-lhe dar parte que tenho algumas moedas enterradas no quintal, dentro de uma panella, mesmo debaixo da figueira. Já se sabe, como não tenho parentes, hade ficar tudo para vocemecê, que sempre tem sido bom visinho e me tem tratado bem. Ainda tinha ahi n'um buraco mais umas peças, e quero guardar tudo junto, para o que dér e vier.

O visinho ouviu aquillo, e agradeceu-lhe muito a sua intenção, e n'aquella noite tratou logo de ir enterrar outra vez a panella de dinheiro deibaixo da figueira, para vêr se apanhava o resto das peças ao cego. Quando bem o entendeu, o cego foi ao sitio, encontrou a panella e trouxe-a para casa, e então é que se pôz a fazer uma grande caramunha ao visinho, dizendo :

—Roubaram-me tudo! roubaram-me tudo, senhor visinho.

E d'ahi em diante guardou o seu dinheiro onde ninguem por mais pintado dava com elle.

(Porto.)

O AVARENTO

Havia n'uma terra um homem muito rico, e nenhuma mulher queria casar com elle porque tinha unhas de fome, e era um cheira vintens. Uma rapariga mais esperta deixou-se conversar por elle, e quando veiu a fallar-lhe em casamento, respondeu logo que sim! O velho ficou contente, mas disse:

—Menina! eu quero desenganal-a; olhe que na minha casa não se accende lume, e um vintem chega para todas as despesas da semana. Veja lá o que faz.

A rapariga, que tinha a sua travada, não tornou a traz com a palavra, e casaram. O velho não alargava os cordões á bolsa, dava por conta as castanhas, e o pão seccava-o ao sol para ser mais duro e se comer menos. Mas a rapariga, que era ladina, tratou mas foi de comer ás escondidas; deu com um falso onde o velho tinha bastante dinheiro, comprava gallinhas, depennava-as e guardava as pennas em uma arca, para que o velho o não soubesse. Assim ia andando, e estava gorda e rosebunda. O velho, que se mirrava e tinha a pelle em cima dos ossos, admirava-se do que via, e disse-lhe:

—Sempre te vae muito bem na minha casa. Olha que as sôpas de teu pae nunca te engordaram tanto.

A rapariga enjoada com a sovinice do velho, não teve mão em si, e respondeu:

—Você sempre é o pae da miseria! Se eu comesse só o que me dá, já tinha morrido umas poucas de vezes. Olhe, quer saber quem me dá estas côres? Veja esta arca.

E abriu uma grande caixa, que estava cheia até cima de pennas de gallinha:

—Tenho comido aquillo tudo!

O velho assim que tal viu, caiu para a banda com um ataque; levaram-n'o para a cama, e vieram os visi-

nhos aos gritos da mulher, que fingia que se lamentava. Assim que entraram no quarto, o velho ainda fallava, mas só dizia o resto das phrases que tinha ouvido :

—Tudo... a minha mulher... Come... Tudo a minha mulher.

Disse ella para os visinhos :

—Sejam boas testemunhas, que meu marido diz que deixa tudo á sua mulher,

O velho morreu com a bocca retorcida, e a mulher levantou-se com tudo o que havia em casa, e os parentes do velho ficaram a chuchar no dedo.

(Porto.)

OS TREZ CONSELHOS

Um pobre rapaz tinha casado, e para arranjar a sua vida logo ao fim do primeiro anno teve de ir servir uns patrões muito longe. Elle era assim bom homem, e pediu ao amo que lhe fosse guardando na mão o dinheiro das soldadas. Ao fim de uns quatro annos já tinha um par de moedas, que lhe chegava para comprar um eidico, e quiz voltar para casa. O patrão disse-lhe :

—Qual queres, trez bons conselhos que te hãode servir para toda a vida, ou o teu dinheiro?

—Elle, o dinheiro é sangue, como diz o outro.

—Mas podem roubar-t'ó pelo caminho e matarem-te.

—Pois então venham de lá os conselhos.

Disse-lhe o patrão :

—O primeiro conselho que te dou é que nunca te mettas por atalho, podendo andar pela estrada real.

—Cá me fica para meu governo.

—O segundo, é que nunca pernoites em casa de homem velho casado com mulher nova. Agora o terceiro vem a ser : Nunca te decidas pelas primeiras apparencias.

O rapaz guardou na memoria os trez conselhos, que representavam todas as suas soldadas; e quando se ia embora, a dona da casa deu-lhe um bôlo para o caminho, se tivesse fome; mas que era melhor comel-o em casa com a mulher, quando lá chegasse. Partiu o homemsinho do senhor, e encontrou-se na estrada com uns almocreves que levavam uns machos com fazendas; fôram-se acompanhando e contando a sua vida, e chegando lá a um ponto da estrada, disse o almocreve que cortava ali por uns atalhos, porque poupava meia hora de caminho. O rapaz foi batendo pela estrada real, e quando ia chegando a um povoado, viu vir o almocreve todo esbaforido sem os machos; tinhã-no roubado e espancado na quêlha. Disse o môço:

Já me valeu o primeiro conselho.

Seguiu o seu caminho, e chegou já de noite a uma venda, onde foi beber uma pinga, e aonde tencionava pernoitar; mas quando viu o taverneiro já homem entrado, e a mulher ainda frescalhuda, pagou e foi andando sempre. Quando chegou á villa, ia lá um reboliço; era que a justiça andava em busca de um assassino que tinha fugido com a mulher do taverneiro que fôra morto n'aquella noite. Disse o rapaz lá consigo:

— Bem empregado dinheiro o que me levou o patrão por este conselho.

E picou o passo, para ainda n'aquelle dia chegar a casa. E lá chegou; quando se ia aproximando da porta, viu dentro em casa um homem, sentado ao lume com a sua mulher! A sua primeira ideia foi ir matar logo ali a ambos. Lembrou se do conselho, e curtiu comsigo a sua dôr, e entrou muito frêsko pela porta dentro. A mulher veiu abraçal-o, e disse:

— Aqui está meu irmão, que chegou hoje mesmo do Brasil. Que dial e tu tambem ao fim de quatro annos! Abraçaram se todos muito contentes, e quando foi a ceia para a meza, o marido vae a partir o bolo, e

apparece-lhe dentro todo o dinheiro das suas soldadas. E por isso diz o outro, ainda ha quem faça bem.

(*Porto.*)

O SACCO DAS NOZES

O abbade de uma freguezia costumava fazer a sua pratica aos domingos, e reprehendia os costumes do povo conforme lhe dava geito. De uma vez disse:

—Eu sei que cá na freguezia anda o costume de obedecerem os homens ás mulheres, o que é contra os mandatos da escritura, e como diz o outro, vivem como em casa de Gonçalo, onde póde mais a gallinha do que o gallo. Ora eu tive este anno muitas nozes no passal, e aqui declaro que dou um sacco cheio d'ellas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa quem se achar em sua consciencia sem este máo costume, póde ir ao passal buscar as nozes.

Estava na egreja um homem casado, que era muito ralhão, e que tratava a mulher de máo modo, e em casa ninguem abria bico diante d'elle; disse para um que estava á sua beira:

—Nozes, já eu tenho, e é que ninguem m'as tira; pelo menos ninguem cá da freguezia m'as tira.

Chegado o fim da missa apresentou-se em casa do abbade:

—Aqui estou, senhor meu; não ha ahi ninguem pela freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

—Eu bem sei o teu viver. E pelo que me têm dito, levas as nozes. Anda cá encher o sacco.

O homem entrou, e puchou de um sacco meão; diz-lhe o abbade:

—Oh homem, tu não tinhas lá outro sacco maior do que isso?

—Tinha, sim senhor.

—Então porque não trouxeste um sacco bem grande?

—Oh senhor, eu trazia; mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha, teimou que trouxesse um mais maneirinho. . .

—Ah, grande tratante! despeja-me já essas nozes, que não levas d'aqui nada. Anda, tudo, tudo e põe-te já no olho da rua.

O homem foi-se arrepelando por lhe ter fugido a lingua para a verdade.

(*Porto.*)

O SAPATEIRO POBRE

Havia um sapateiro, que trabalhava á porta de casa, e todo o santissimo dia cantava; tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e á noite enquanto a mulher fazia a ceia, o homem puchava da viola e tocava os seus batuques muito contente. Defronte d'elle morava um ricaço, que reparou n'aquelle viver, e teve pelo sapateiro tal compaixão, que lhe mandou dar um sacco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

O sapateiro lá ficou admirado; pegou no dinheiro e á noite fechou se com a mulher para o contarem. N'aquella noite o sapateiro já não tocou viola; as crianças como andavam a brincar pela casa e faziam barulho, fizeram no errar na conta e elle teve de lhes bater, e ouviu-se uma choradeira, como nunca tinham feito quando tinham mais fome. Dizia a mulher:

—É agora, o que havemos nós de fazer a tanto dinheiro?

—Enterra-se.

—Perdemos-lhe depois o tino; é melhor mettel-o na arca.

—Mas podem furtal-o. O melhor é pôl-o a render.

—Ora isso é ser onzeneiro.

—Então levantam-se as casas, e fazem-se de sobrado, e depois arranjo a officina toda pintadinha.

—Isso não tem nada com a obra; o melhor era comprarmos uns campinhos; eu sou filha de lavrador e pucha-me o corpo para o campo.

—N'essa não caio eu.

—Pois o que me faz conta é ter terra; tudo o mais é vento.

As cousas fôram-se azedando, palavra pucha palavra, o homem zanga-se, atíça duas sôlhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro de outra, n'aquella noite não pregaram olho. O visinho ricaço, reparava em tudo, e não sabia explicar aquella mudança. Por fim o sapateiro disse á mulher :

—Sabes que mais, o dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir leval-o outra vez ao visinho d'ali defronte, e que nos deixe cá com aquella pobreza que nos fazia amigos um do outro.

A mulher abraçou aquillo com ambas as mãos e o sapateiro com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e trabalhar como o costume.

(Porto.)

O SIGNAL DA NOBREZA

Chegou-se um pobre ao pé de um individuo que parecia aciado, e reparando-lhe para o pescoço, disse :

—Dê-me licença de lhe tirar uma pulga.

O outro consentiu, e assim que viu a pulga, metteu a mão na algibeira e deu um pinto ao pobre em recompensa.

Um outro pobre que observou o acontecido, entendeu para si que se elle dava um pinto a quem lhe tirava uma pulga, o que não daria a quem lhe achasse um piolho.

Approximou-se tambem do individuo, e disse :

—Dê-me licença, o senhor, de lhe tirar um piolho do casaco.

De facto tirou-lhe um piolho, mas o homem não lhe deu nada, e repelliu-o.

—Então o senhor dá um pinto a quem lhe tira uma pulga, e escorraça quem lhe cata um piolho?

—E' verdade ; você fique sabendo que as pulgas são dos cães, e os piolhos dos fidalgos.

E foi-se andando como quem estava certo da sua nobreza.

(Porto)

A ESTATUA QUE COME

Havia n'uma egreja uma estatua de marmore que estava com a bocca aberta. Uns homens começaram a fallar ao pé d'ella, e disse um :

—Está ha tantos annos com a bocca aberta, sem ninguem lhe dar de comer.

—Pois se ella quizer de comer, que venha á minha casa.

Ora o que disse isto era muito pobre ; á noite quando chegou a casa, bateram lhe á porta, e era a estatua, que dizia que estava ali para cear com elle. O homem atrapalhou-se alguma coisa, e respondeu-lhe a verdade, que não tinha que cear porque era muito pobre.

—Pois vae pedir por esse mundo, até têres que me dar a comer.

Dizendo isto, a estatua foi-se embora, e o pobre homem não pôde mais ficar socegado e foi pedir por esse mundo. Passado muito tempo estava rico, e veiu outra vez á sua terra, procurou a sua casa, e viu outras no seu lugar, e todos lhe diziam que já se não lembravam de se têrem feito obras n'aquelle local. Foi á egreja e viu ainda lá a estatua que tinha con-

vidado, e quando se foi chegando para ella, viu-lhe ainda a bocca aberta, e pensou comsigo :

—Eu convidei-a ha tanto tempo, que ella já não me conhece.

E approximando-se mais, ouviu a estatua dizer :

—Bem te conheço, e agora que estás rico é que virás cear commigo.

E cahiu-lhe em cima, e matou-o.

(*Sardoal*).

AS ADIVINHAS EM ANEXINS

Um rei quiz experimentar o juizo de trez conselheiros que tinha, e indo a passear com elles encontrou um velho a trabalhar n'um campo, e saudou-o :

—Muita neve vae na serra!

Respondeu o velho com a cara alegre :

—Já, senhor, é tempo d'ella.

Os conselheiros ficaram a olhar uns para os outros, porque era verão, e não percebiam o que o velho e o rei queriam dizer na sua. O rei fez-lhe outra pergunta :

—Quantas vezes te ardeu a casa?

—Já, senhor, por duas vezes.

—E quantas contas ser depennado?

—Ainda me faltam trez vezes.

Mais pasmados ficaram os conselheiros ; o rei disse para o velho :

—Pois se cá te vierem tres patos, depenna os tu.

—Depennarei, real senhor, porque assim o manda.

O rei seguiu seu caminho a mofar da sabedoria dos conselheiros, e que os ia despedir do seu serviço se lhe não soubessem explicar a conversa que tivera com o velho. Elles, querendo campar por espertos, fôram ter com o velho para explicar a couversa ; o velho respondeu :

—Explico tudo, mas só se se despirem e me derem a roupa e o dinheiro que trazem:

Não tiveram outro remedio senão obedecer: o velho disse:

—Olhem: «Muita neve vae na serra», é porque eu estou cheio de cabellos brancos; «já é tempo d'ella», é porque tenho idade para isso. «Quantas vezes me ardeu a casa?» é porque diz lá o dictado: «Quantas vezes te ardeu a casa? Quantas casei a filha.» É como já casei duas filhas sei o que isso custa. «E quantas vezes conto ser depennado?» é que ainda tenho trez filhas solteiras e lá diz o outro:

Quem casa filha
Depennado fica.

Agora os trez patos que me mandou o rei são vossas mercês, que se despiram e me deram os seus fatos para explicar-lhes tudo.

Os conselheiros do rei iam-se zangando, quando o rei appareceu, e disse que se elles quizessem voltar para o palacio vestidos que se haviam ali obrigar a darem trez dotes bons para o casamento das outras trez filhas do velho lavrador.

(Porto.)

A PRINCEZA CARLOTA (Griselidis)

Havia um rei que era solteiro, e os conselheiros instavam com elle, que se casasse, para deixar successores ao throno. O rei era amigo de caçar, e sempre que sahia passava defronte de uma cabana, onde morava um velho pastor e sua formosa filha, chamada Carlota. Um dia disse o rei á filha do pastor:

—Os meus vassallos querem que eu case, e tu és a unica mulher de quem gosto; queres casar commigo?

—Isso não póde ser, senhor; porque eu apenas sou uma pobre pastora.

—E' o mesmo, caso contigo; mas com uma condição, de nunca me contrariares nos meus desejos, por menos rasoaveis que sejam.

—Estou por tudo que vossa magestade me ordenar.

Realisou se o casamento, O rei mandou para a cabana do pobre velho fatos de rainha, que ella vestiu, largando os seus trapinhos. Então, disse-lhe o velho pae:

—Guarda esses trapinhos para quando te sejam precisos.

A filha guardou os trapos em uma caixa, que deixou em poder do pae, e partiu para o palacio.

Ao fim de nove mezes deu á luz uma menina, tão formosa como sua mãe. Passados trez dias entrou o rei no quarto da esposa e disse-lhe:

—Trago-te uma triste noticia: os meus vassallos querem que eu mande matar a nossa filha, porque se não conformam ser um dia governados pela filha de uma pastora.

—Vossa magestade manda, e cumpre-me obedecer, respondeu a rainha, quasi a saltarem-lhe as lagrimas dos olhos.

O rei recebeu a menina e entregou-a a um conselheiro. Tempos depois teve a rainha um filho, que o rei mandou igualmente matar sob o mesmo pretexto.

Alguns annos depois entrou o rei muito apouquenteado no quarto da esposa, e disse-lhe:

—Vou dar-te uma noticia, de todas a mais triste: os meus vassallos estão indignados commigo; não querem que estejas em logar de rainha, e dizem me que te expulse do palacio. Por isso, querida Carlota, prepara-te, que tens de voltar para a cabana de teu pae.

—Não se apoquente, real senhor; estou prompta a obedecer; parto já.

—Tens que despir os fatos de rainha.

—E' o que já vou fazer.

E a rainha despiu todo o fato, ficando em camisa.

—Não dispo a camisa, porque encobre o ventre onde estiveram guardados os nossos filhos. (Disse a rainha.)

O rei nada teve que objectar. Estava o velho pastor á porta da sua choça, quando viu approximar-se a filha. Recolheu-se logo para dentro, tirou da caixa os antigos trapinhos e levou-os á filha para que os vestisse. Ella vestiu-os sem proferir um queixume. Continuou na antiga vida de pastora. Para ella a sua vida de rainha fôra apenas um sonho; lembrava-se muito dos seus filhos e para estes eram todas as suas saudades. Passados annos voltou o rei a casa de Carlota, e disse-lhe que os vassallos instavam com elle, que casasse; e por isso tinha resolvido casar com uma formosa princeza de quinze annos.

—Effectivamente, respondeu a pastora, um rei bom como Vossa Magestade merece ter uma descendencia que lhe perpetue o nome.

—Venho pedir-te o favor de voltares a palacio para dirigires as creadas de cosinha. Bem sabes que a princeza hade ser acompanhada por fidalgos, e vem egualmente com seu irmão mais novo; quero, portanto, servil-os com lauta meza.

—Estou prompta, logo que Vossa Magestade ordenar.

—Chegam amanhã; deves ir hoje para palacio.

Carlota foi, vestindo um pobre vestido de chita com que costumava ir á igreja. No dia seguinte chegou a noiva e o irmão, com outros fidalgos, e houve á sua chegada grandes festejos. Carlota estava governando na cosinha e ahi a foi o rei encontrar.

—Não vens vêr a minha noiva?

—Estou esperando quem me substitua aqui, enquanto vou e volto.

Chegou então uma cosinheira, e Carlota foi cumprimentar a noiva.

—E' muito linda! disse Carlota, beijando a mão da

noiva: Deus conserve muitos annos a sua preciosa saude. E' digna do rei que vae receber por seu marido.

A menina ficou estupefacta. Então o rei ajoelhou se em frente de Carlota, e disse:

—Olha que são os nossos filhos. Quiz experimentar o teu coração: és uma pastora que vale mil rainhas.

Houve então muitos abraços e beijos de parte a parte. O rei mandara os filhos para casa de uma tia, que os educava como príncipes, que eram, em vez de os mandar matar como tinha affirmado á rainha.

(Algarve—Loulé.)

AS CINCO PROFISSÕES

Em tempos que já lá vão um lavrador mandou ensinar a lêr a cinco filhos que tinha; e depois de se acharem promptos para as lidas da vida, tratou de saber que carreira pretendiam seguir. Fallou o mais velho:

—Eu cá só queria mandar e fazer andar gente ás minhas ordens.

—Pois bem, vaes sentar praça para chegares a commandante e mandares a tropa.

—E eu desejo de aprender como é que se esfolta gente.

—Bem te entendo; queres ir formar-te em direito, serás advogado, tratando de demandas, aconselhando os teus constituintes.

—Para mim, o que me servia era saber como se pode matar gente sem crime.

—Vaes estudar para medico, já que é essa a tua vocação.

E olhando para o quarto filho, que estava com um sorriso alvar, perguntou-lhe.

—Dize lá que profissão te agrada mais, para assim te encaminhar ?

—Ah, pae ! o que eu queria era ter a arte de comer bem e cantar de papo, sem fadigas de trabalho.

—Estás bom para ecclesiastico ; darás um excelente padre.

O quinto filho já estava impaciente, e antes de ouvir a pergunta, disse deliberamente:

—A mim, mande me para uma profissão que seja muito rendosa.

—Muito rendosa ? explica-te melhor, meu filho.

—Que ajunte muitos bens, mentindo sempre.

—Compreendo o que queres : serás um rico commerciante.

(Algarve—Albergoria.)

A DAMA VERDE

Um principe e grande apaixonado da caça, levava um conselheiro, que era torto, e muito amigo de dirigir graças ás damas. De uma vez encontrou o principe uma ermida, e disse para o conselheiro :

—Vamos ali á missa.

Entraram, e o ermitão disse, que esperava a familia do lavrador, que dotara aquella ermida, para ir para o altar. Pouco depois chegou o lavrador, e com a familia acompanhando uma dama toda vestida de verde e com um véo verde que lhe occultava o rosto. O principe foi-lhe offerecer agua benta, dizendo :

Debaixo d'essa esperança
Haverá ahi caridade ?

A dama respondeu :

Venha a nós o vosso reino,
Faça-se a vossa vontade.

O príncipe contou o caso ao conselheiro, que ao findar a missa, foi muito lampeiro offerecer agua benta á dama :

Eu morro por cortezias
E tambem por ser cortez;
Morro por ser lá do Porto,
E por ser bom portuguez.

A dama respondeu-lhe chacoteando :

Morreis por ser lá do Porto,
E tambem por serdes torto.

O conselheiro foi referir a resposta ao príncipe, que se riu muito, e já se achava muito apaixonado pela dama verde. Como não lhe foi possível saber quem ella era, andava muito melancolico; a rainha lembrou-lhe o ir estar uma temporada em casa do tio, que tambem era rei. Deram-se ahí bailes para distrahirem o sobrinho. Apareceu uma noite uma dama vestida de verde. O príncipe teve um grande sobresalto :

—Será a dama que encontrei na capellinha ?

—E' minha sobrinha. (Disse a rainha, apresentando-a ao príncipe.) Ella tem uma grande predilecção pela côr verde.

O príncipe para se certificar se seria a mesma que tanto o impressionara, disse-lhe a meia voz :

Debaixo d'essa esperanza
Cresceu a minha saudade...

E a dama repetiu com um olhar enternecido :

Venha a nós o vosso reino,
Faça se a vossa vontade.

N'essa noite dansaram ambos sempre, casaram e fôram muito felizes :

Bemdito e louvado,
Meu conto acabado.

(Loulé.)

A TIA MISERIA

Era uma velhinha muito enquerquilhada, andrajosa e na mais angustiosa indigencia. Parecia que tinha nascido com o mundo. Vivia n'uma cabana de pedra secca e coberta de côlmo e ramalhiça, e por unicos haveres, tinha diante da porta uma pereira sempre assaltada pelos rapazes do logarejo. De uma vez parou-lhe á porta um peregrino, que lhe pediu pousada; a tia Miseria deu lhe a manta com que se cobria, e a unica migalha de pão duro, que tinha para passar o dia. Quando luziu a aurora, o peregrino despediu-se da tia Miseria e disse-lhe que pedisse quanto quizesse que tudo lhe seria concedido. Ella pediu bem pouco.

—Uma cousa peço, e mais nada.

—Pedi á vontade, tiasinha.

—Peço que quem subir á minha pereira não possa descer sem minha ordem.

—Será cumprido o teu desejo.

Como os garôtos não sabiam do caso, cêdo experimentaram o effeito do dom maravilhoso; e choravam, pedindo á tia Miseria que os deixasse descer da pereira. E a dura lição serviu-lhes, porque as pêras ficaram na pereira, sem serem furtadas. Estava-se n'isto, quando á porta da tia Miseria pára outro viandante, mas com ár sinistro, e agitado.

Pergunta-lhe a tia Miseria:

—O que quereis?

—Sou a Morte, e venho buscar-vos.

—Assim tão de repente? Concedei-me mais um annito.

—Não póde ser...

—Pelo menos deixae-me comer aquella ultima péra, que está ali esquecida...

—Isso concedo.

—Fazei me a esmolinha de subir á pereira para eu a colher.

A Morte subiu, mas a velha pelo dom que recebera, disse logo:

—Fica-te ahi, enquanto te não mandar descer.

E é certo que durante algum tempo não se davam obitos; e padres, medicos e boticarios, andavam descontentes das suas profissões. A Morte teve de entrar em combinação com a Tia Miseria: que a deixasse descer, que lhe poupava a vida. E assim aconteceu; porque a Miseria, enquanto o mundo fôr mundo hade existir sempre.

A COMADRE MORTE

Um pobre trabalhador, carregado de filhos, já tinha vergonha de convidar para padrinhos as pessoas suas conhecidas e de importancia. Nasceu-lhe mais um filho, e lançou-se á ventura para convidar para compadre a primeira pessoa que encontrasse. Encontrou uma creatura magra, pállida, amargurada; o pobre homem, pára em frente do desconhecido:

—Muito desejava têl o por compadre, para poder baptisar o mais depressa uma criança.

—Não me custa a acceitar o convite; ora você não sabe quem eu sou.

—Não sei; mas por isso mesmo:

—Eu sou a Morte.

—Tanto melhor.

E caminharam juntos, e n'esse mesmo dia se fez o baptisado. A Comadre Morte, depois da cerimonia, disse para o homem pobre:

—Já que vives tão apoquentado por falta de re-

cursos vou-te offerter um dom, que te aproveitará muito e até poderás viver com fartura.

— Oh minha querida comadre!

— E' o que te digo. Faze-te cirurgião, e quando visitares os doentes e me vires á cabeceira da cama, é signal de que não escapam; nem Deus nem os santos o salvam. Se me vires aos pés do leito, receita o que quizeres, e parecerá a muitos que são curas milagrosas.

Assim foi correndo a vida, que o homem como cirurgião acreditado ganhava muito dinheiro.

Uma vez é chamado para um doente que era riquissimo; mas, por infelicidade ao visital-o, encontrou a Comadre Morte á cabeceira. Disse que nada podia fazer, e quiz-se ir embora. Agarraram no, offerceram-lhe muitas peças de ouro, uma bôa saca. O cirurgião teve então uma ideia, para não perder aquelle dinheiro. Mandou virar a cabeceira do doente para os pés. Salvou-o, mas a Comadre Morte foi se embora e jurou vingar-se d'aquella deslealdade.

No dia seguinte a Morte foi esperar o compadre á sahida de casa:

— E' agora a tua vez:

— Oh Comadre Morte, não me mates antes de eu acabar um padre nosso.

— Pois sim; concedo-te isso.

O compadre nunca acabava de resar o Padre-Nosso; a Morte foi se embora, cansada de esperar. D'ahi a dias quando ia ao chamado de um doente encontrou a Comadre Morte cahida e estatelada na estrada, immovel, insensivel.

— Olha a minha Comadre, como ella já está prompta! Sempre lhe quero pagar o bem que me fez. Vou-lhe resar um Padre Nosso pela sua alma. Resou sinceramente, e logo que o acabou, a Morte ergueu-se:

— Sempre acabaste o Padre Nosso, que te concedi. Anda d'ahi commigo.

E assim acabaram todas as espertezas.

A ESMOLA AO DIABO

Um negociante que fazia grandes compras de cereaes e revendia por differentes feiras, ganhando muito dinheiro n'esse giro, encontrava em uma encruzilhada duas caixas com o letreiro: *Esmola para as Santas Almas*, e *Esmola para o Diabo*. Nunca se esquecia nas suas andadas de deixar alguns vintens na caixa das Almas, e lá ia uns cinco réis para a do diabo.

Pernoitando uma noite em uma estalagem, pediu de cear, mas tinha sido tanta a freguezia, que nada lhe trouxeram. N'isto passa uma creada com trez ovos cosidos para um hospede, mas o negociante atravessou-se:

—Ceda-me esses ovos, que os pago pelo dobro.

A estalajadeira, que era muito astuta acenou á criada, que logo lhe serviu os ovos. O negociante pagou duas vezes o custo dos ovos, e seguiu depois sua jornada. D'ahi por muito tempo, trez ou quatro annos, tornou por ahi a passar, para tomar uma refeição, quando lhe apparece a estalajadeira muito lampeira:

—Foi bom passar por aqui, para pagar o custo dos trez ovos, que ha tempos comeu e ficou devendo.

—Devendo? está enganada: paguei duas vezes o seu custo, como ajustei.

—Eu boto outras contas. Os trez ovos que o senhor comeu, deitados no chôco tinham dado ninhadas, que seriam gallinhas, que durante esse numero de annos, sempre pondo e chocando, fazem indubitavelmente um bom cabedal. Hoje mesmo é o senhor chamado ao tribunal, e o juiz dirá quanto me tem a pagar.

O negociante sahiu para ir consultar um advogado; ia aborrecido e tristôhno pela petulante exigencia. Encontrou um individuo que abordou, perguntando-lhe

se algum grande cuidado o affligia; e conhecendo o caso, disse:

—Eu sou advogado, e conte commigo n'essa audiencia; é possível que me demore alguns minutos, mas o juiz por certo lhe concederá a espera.

De facto lá compareceram no tribunal a estalajadeira com suas testemunhas, e o juiz mandou logo abrir a audiencia. Acode o negociante:

—Oh senhor juiz! Peço espera de alguns minutos, porque o meu advogado não tarda.

—O que o réo quer é chicanar para não pagar o que deve. Não me presto a rabulices.

N'isto apparece o advogado aforismado:

—Senhor juiz, demorei-me mais do que queria, porque tive de cozer uns tremoços para os semear...

—Ora essa! então semeam-se tremoços cozidos?

—Pela mesma rasão com que de ovos cozidos se tiram pintos.

O juiz informou-se do caso da estalajadeira e condemnou-a; e o advogado disse ao negociante.

—Salvei-te, em louvor das esmolas que me deste.

A SANDALIA DE OURO

Um mercador de grôso trato cahiu em pobreza por percalços do negocio, ficando a familia na miseria. Tinha uma filha muito formosa, que recusara um rico casamento, sendo entre os pretendentes o maior crêdor de seu pae. Quando já não tinha mais nada que vender e forçada pela indigencia, a velha mãe mandou pedir uma esmola ao crêdor que estava senhor de todos os haveres de seu marido; respondeu-lhe vilmente, fazendo o preço de quanto daria para dormir uma noite com a filha.

A desventurada menina tinha muita devoção em Santo Antonio, e pediu á mãe que a acompanhasse á igreja, e ajoelhando ambas diante do altar do santo,

a menina orou com tanto fervor, que este lhe lançou uma das sandalias que tinha aos pés. Ella pegou na sandalia e viu-a cheia de joias preciosissimas. Foi a uma ourivesaria e alli lhe deram muitos mil cruzados pelas joias. Vieram para casa muito contentes e satisfizeram a fome.

Logo n'essa noite se espalhou que as duas senhoras tinham vendido joias de grande valor, e como sabiam todos que estavam muito pobres, espalharam que tinham sido roubadas.

Fôram á igreja e viram o santo sem a sua sandalia. Deram parte á justiça, e no dia seguinte, quando a mãe e a filha se levantaram viram a casa cercada de soldados. Abriram a porta, e logo entraram o juiz, advogado e mais auctoridades que lhes deram voz de prisão.

—Roubaram umas joias de grande preço.

Fôram á igreja, e a filha do mercador ajoelhando diante da imagem do santo, dirigiu-se-lhe:

—Sômos accusadas de roubar joias: mostrae-lhes que se enganam no máo juizo que fazem de nós.

Então o santo lançou-lhe a outra sandalia tambem cheia de joias. Todos viram perfeitamente que fôra o Santo que assim beneficiára as pobres senhoras, que d'ali fôram para sua casa soltas e livres.

(Contos trad. do Algarve. I, p. 431.)

MOSTEIRO DE S. ANDRÉ DE ANSEDE

Como aquelle sitio era muito falto de agua para beber, trataram os Conegos de mudar o Mosteiro para o logar onde hoje está por ser abundante de aguas, de que deram conta a el-rey Dom Affonso Henriques para lhe dar alguma ajuda para o novo Mosteiro, o que ouvindo o grande Rey disse:

—Supposto que os Conegos *ham Sede*, mudem o Mosteiro, que eu os ajudarei.

«E d'este dito del-rey ficou chamado o *Mosteiro de Ansede*.»

D. Nicoláo de S. Maria, *Chron. dos Regrantas*, liv. VI, p. 327.

A GRAÇA ESTUDANTESCA

Trez estudantes seguiam para casa em férias, e no caminho encontraram um lobo morto. Pararam, e com gaudio disse um d'elles :

—Este lobo merece um necrologio.

—Oh se merece! quem o fizer mais bem feito não pagará o jantar na estalagem.

—Mãos á obra, disse o terceiro, e declamou :

Aquelle lobo
Por onde andou,
Quanto comeu
Nada pagou.

Sae-se o segundo promptamente :

Sim, esse lobo,
No meu sentido,
Comeu só crú,
Nada cozido.

O estudante do alvitre :

Quando este lobo
Dormia a sésta,
Não dormiu nunca
Uma como esta.

E rematando o necrologio pelas mesmas consoantes :

Eis ahi um lobo,
Pelo que manifesta,

Das suas jornadas
A peor foi esta.

Cada um dos estudantes queria que a sua quadra tivesse mais chiste e enredaram-se em questiunculas; não podendo chegar a accôrdo, fôram a casa do juiz da terra, que os ouviu attentamente; e concluiu:

—Estão todas as quadras bem feitas, com pilhas de graça; e

Pelo que os senhores dizem,
E eu vêjo nos autos
Os trez paguem o jantar,
E comeremos quatro.

Os estudantes acceitaram a sentença, mas combinaram pregar uma peça ao juiz, e fôram adiante á estalagem para que cozessem um paio e o pozessem partido na mesa em trez partes. Sentaram-se os quatro á meza, e um dos estudantes espetou logo o garfo n'um dos boccados, dizendo:

Em nome do Padre
Este me cabe.

O segundo fez o mesmo, e momeou:

Em nome do Filho
Este commigo.

O juiz, com acção executiva, agarra o ultimo pedaço:

Em nome do Espirito Santo,
Antes que fique em branco.

O juiz lembrou-se a tempo do tempo que fôra estudante.

A MULHER TEIMOSA

Um homem era casado com uma mulher tão teimosa, que já a não podia aturar; uma vez trouxe para casa um queijo, e puzeram-se ambos á mesa para jantar. Fôram para partir o queijo, e disse o homem que era preciso uma faca. A mulher, teimosa, começou a porfiar que o queijo se partia com a tesoura. Teimam que teimam, o homem pèga a bater na mulher, e a perguntar :

—Com que se parte o queijo?

—Com a tesoura!—respondia ella quanto mais elle lhe batia.

Por fim, o homem desesperado, deitou a ao pôço, e como ella já não podia fallar com a cabeça debaixo de agua, ainda fazia com os dedos da mão, que estava de fóra, o gesto imitando as pernas da tesoura cortando.

(Porto.)

O JOGO DO PIRA

Um estudante queria comer sem pagar, e andando uma vez á tuna foi parar a casa de uma estalajadeira, onde pediu tudo o que lhe apeteceu. Depois de bem comido, tratou de se safar, e propoz á estalajadeira que lhe ensinaria um jogo novo muito bonito.

—Então como é o jogo?

Disse-lhe o estudante:

—Segure n'este novello, e deixe-me a ponta da linha porque é o jogo do Pira. Ora veja como é que se joga.

Elle começa a puchar a linha, andando de costas para a porta, e a dizer:—Pira, pira, pira. Foi saindo e assim que se apanhou na rua, bota a correr dizendo:

—Pira por aqui abaixo.
E ninguem mais o apanhou.

(Porto.)

O CASO DO TIO JORGE COUTINHO

Era uma vez uma mulher, que era casada e tinha um amigo, e quando o marido ia para o trabalho mandava chamar o amigo. Passou um pequeno, e ella disse-lhe :

«Oh rapaz, que és mui malino,
Queres-me ir a um recadinho?
—Sim senhora, vou depressa;
Mas guarde-me essa panella.
«Vae a casa do tio Jorge,
Que a tua tia Guiomar
Que te manda lá dizer
Que me venha cá fallar;
Que o marido não 'stá em casa,
Pois elle foi trabalhar;
Que te dê lá o convite,
Que eu não tenho que te dar.

O rapaz foi, e disse :

—Oh meu tio Jorge Coutinho,
Diz minha tia Guiomar,
Que lhe vá já lá fallar,
Que o marido não 'stá em casa,
Pois elle foi trabalhar;
Que me dê cá o convite
Que ella não tem que me dar.
—«Rapaz, tu vens-me enganar,
Que ella havia de te pagar!
—Se eu engano a meu tio
Deus do céu permittirá
Que o marido cedo venha
E ache meu tio lá.

O homem foi ter com ella; quando a mulher depois foi vigiar para elle sahir, viu o marido pela rua abaixo :

«Aqui d'el-rei, quem me acode
Que eu morro sem confissão,
Que aqui vem o meu marido,
Mas vem c'os pés pelo chão.
—Se a comadre me encobre,
Ou por artes ou por manha,
Eu heide-lhe dar em janeiro
Cinco quartas de baganha.
«Meu compadre bem sabe
Que eu que sou segredeira,
O que me cahiu no papo
Cahiu-me na coalheira
— Deus venha com meu compadre,
Vem em boa occasião,
Estamos fazendo uma apósta
Para ganhar um tostão.
—«Quem m'o dera pr'a tabaco,
E Deus sabe a precisão.
—E' meu compadre metter
A cabeça n'este talhão.

E depois elle metteu a cabeça no talhão, e o amigo da mulher sahio para a rua. Agora vem o rapaz:

—Oh minha tia Guiomar,
Dê-me cá a minha panella
Mais o convite com ella.

Diz o marido:

—«Não me dirás tu, mulher,
Aquelle rapaz que quer?
«Por ir a uma braza de lume
Quer convite, e faz queixume.

Diz-lhe agora o rapaz:

—Bota lá pozes nos olhos
A esse pobre innocente,
Quem quizer alcoviteiros
Hade-lhe pagar adiente.

Agora a mulher disse ao marido:

«Toma lá este barretinha

Chega á porta, põe-a e tira-a
E dize esta cantiga :

É gosto meu,
E de minha mulher :
Hade entrar e sahir
Quantas vezes quizer.

Agora respondem os visinhos :

Quem o é, e consente
E' bem que lh'o chamem sempre ;
Quem não consente e não sabe
Deus tenha d'elle piedade.

(Ilha de S. Miguel—Ponta Delgada.)

OS DOIS IRMÃOS E A MULHER MORTA

Eram dois irmãos, um rico, e o outro pobre : casaram, mas o pobre tinha muitos filhos, e o rico nenhum. Estavam de mal um com o outro, por intrigas da mulher do que era rico, que se envergonhava d'aquelles cunhados, e demais a mais compadres. Vae de uma vez o rico trazia umas manadas no campo, e uma rez transviou-se e foi cahir n'um barrocal e lá ficou morta. Os filhos do pobre quando vieram do matto fôram contar o caso á mãe :

—Pois ide lá ao barrocal buscar o novillo, porque assim sempre teremos que comer.

Os rapazes fôram, fizeram-no em postas e trouxeram tudo para casa. A mulher do rico desconfiou, e disse ao marido que fôsse a casa do irmão saber como aquillo era.

—Como é que heide ir lá? Bem sabes que estou de mal com meu irmão, desde as partilhas. E de mais, como é que se póde saber se fôram os meus sobrinhos que espostejaram o novillo?

—Pois juro que fôram os teus sobrinhos que rou-

baram a carne; fôram, e sou eu que heide pôr tudo em pratos limpos.

—Não sei de que feitio.

—Não sabes? Pois mette-me n'este caixão, deixa-lhe um buraco para eu espreitar, e vae a casa de teu irmão pedir para o guardar.

—Com essa me rio eu. Pois com que pê heide ir pedir a meu irmão para me guardar a caixa, estando nós desavindos?

—Tu não sabes da missa a metade. Vae ao compadre e dize-lhe que chegou tropa, e temos aquartellados em casa, e com mêdo do que dér e vier lhe pedes para te guardar a caixa.

Dito e feito. O irmão pobre esteve por tudo e ficou muito glorioso de guardar a caixa das riquezas do irmão que sempre o despresára; puzeram-a junto da lareira. Como era já de noite, o rico despediu-se, e n'isto começam os rapazes seus sobrinhos a fazer-lhe figas nas costas, e a gritar:

—Hoje ha carne assada! hoje ha carne assada! O novilho chega para todos tomarem uma barrigada.

A mulher do irmão rico deu um estremeção dentro da caixa, com raiva. Os rapazes callaram-se e disseram uns para os outros:

—Estão ratos na caixa.

—Deixal-os, vamos nós comendo; a estas horas a mulher de meu irmão está roendo as unhas de perra que ella é.

N'isto a comadrê deu outro estremeção de furiosa.

—A caixa está cheia de ratos, com certeza.

—Bota-se-lhe agua a ferver.

—Mas por onde?

—Aqui está um buraco. Foi por onde elles entram.

Vão á panella da agua para os pés e despejaram-na para dentro da caixa. A comadre e tia, que estava dentro d'ella, morreu sem tugir nem mugir.

O irmão rico estava com curiosidade de saber da

experiencia e foi buscar a caixa; o irmão pobre entregou-lh'a logo. Pelo caminho já lhe perguntava :

—Sempre fôram elles que roubaram a carne?

Nada. Chegou a casa e quando abriu o caixão deu com a mulher morta, e negra com as escaldaduras.

—Ai, que ella morreu excommungada! Foi castigo de levantar esse aleive a meu irmão.

Tratou-se do entêrro, e a mulher foi depositada na igreja para se lhe fazerem os officios ao outro dia. Disse então o irmão pobre para a mulher :

—Se eu fosse de noite á igreja, tirava as joias que a excommungada leva para a cova.

—Lá isso faz penna vêr estragar dinheiro.

O homem lá se introduziu conforme pôde na igreja, e fez uma troucha de tudo o que pôde tirar á comadre excommungada. Não contente pegou no corpo e foi encostal-o no altar-mór com o missal aberto diante. Quando o sacristão veiu de manhã, ficou de queixo cahido e correu a dar parte ao parcho da freguezia. Este foi entender-se com o marido da defunta que pagou bem os exorcismos, e o corpo enterrou-se logo depois de vestido e enfeitado com mais joias. O compadre pobre lembrou-se de ir furtar tudo isto ao cemiterio. De noite, quando estava desenterando a excommungada, ouviu vozes ao pé do cemiterio. Pôz se a escutar, e pelo que pescou, viu que eram uns estudantes que vinham de furtar um pôrco, e o tinham pousado em cima do cemiterio. Diz agora um d'elles :

—Falta-me o relógio! E esta? vou por elle.

—Eu vou contigo. Não ha perigo que ninguem nos venha aqui tirar o pôrco.

O pobre assim que não sentiu ninguem foi ao logar onde pousaram o pôrco, e tirou-o de dentro de um sacco, onde estava, metteu dentro a excommungada, deixou-a ficar e safou-se com o pôrco para casa. Quando os estudantes vieram, pegaram no sacco, e foram ter a casa de uma taberneira para lhes arran-

jãr uma ceia; vão para abrir o sacco e dão com a mulher morta. A estalajadeira berrou logo:

—Ai, que ella é a excommungada!

—E agora? como nos havemos de livrar d'esta? E' a excommungada que se enterrou esta manhã.

—Vamos pôl-a ahi á porta de qualquer figurão da terra.

Pegaram n'ella e fôram pôl-a inteiriçada a uma porta; o corpo foi escorregando, escorregando, até que embarrou na aldabra da porta e fez barulho. Fallaram de dentro, mas como ninguem respondia vieram á janella. Viram um vulto, e pensando que estava a gazuar a porta, abriram-a de repente e deram-lhe muita pancada. O corpo cahiu. O dono da casa pensou que o tinha matado, e para se vêr livre da justiça, montou o corpo em cima de um burro e pôl-o a caminho para a feira. Ao passar pela porta do compadre pobre, diz elle para a mulher:

—Ainda aqui me apparece a excommungada. D'esta vez sempre se ganha um burro.

E pegou no corpo e foi pôl-o n'um cerrado do padre. Quando o padre o soube foi exorcismal-o montado na burra do sacristão, porque este o tinha avisado de que a excommungada andava no cavallo que pastava no cerrado. Assim que o cavallo viu a burra, correu atraz d'ella; o padre foge, a burra segue o caminho de casa, e ao entrar pela estrebaria dentro, o padre bate com a cabeça na padieira ao tempo que o cavallo chega com o corpo da excommungada. O padre quebrou a cabeça e morreu, e todos disseram que tinha sido a excommungada que lhe cahiu em cima. O irmão rico pensou que a alma da mulher andava penada, e para a despenar foi ter com o irmão e deu-lhe os bens que lhe tinha roubado e ainda muito dinheiro.

(*Alentejo.*)

OS TREZ PATRÕES

Um rapaz foi offerecer-se para criado a casa de um lavrador; á noite, quando fôram cear, deram-lhe uma tigella de caldo. Diz elle :

—Oh meu amo, o caldo está muito quente.

—Pois sópra-lhe.

No dia seguinte o rapaz despediu-se, entendendo lá para si que lhe não convinha servir n'aquella casa, onde nem tempo dariam para comer. Foi se offerecer a casa de outro lavrador; aconteceu a mesma cousa; ao começar a comer o caldo, disse :

—Oh meu amo, o caldo está muito quente.

—Pois espera que arrefeça.

O moço tambem resolveu não ficar servindo n'aquella casa, cuidando que lhe dariam tempo sem mais nada. Foi-se embora ao outro dia, e chegou a casa de outro lavrador, que o tomou para o serviço. A ceia disse o môço :

—Oh meu amo, o caldo está muito quente.

—Pois miga-lhe brôa.

O rapaz disse lá para si, que aquella era a casa que lhe convinha, e ali se deixou ficar.

(Airão.)

PARA QUEM CANTA O CUCO ?

Dois visinhos ouviram cantar o cuco, e tomaram como agouro que era signal de infidelidade de suas mulheres. Disse um :

—O cuco cantou mas foi para ti.

—Nada, isso não pôde ser. Para ti é que elle cantou.

Pegam de teimar, e como nenhum cedia resolveram ir consultar um letrado. Chegaram lá, o letrado ouviu-os, e depois de botar a livraria abaixo, disse :

—Deposite cada um dois pintos antes de tudo.

Os visinhos entregaram o dinheiro ao letrado, anciosos de ouvirem a sua sorte; e depois que elle met-teu os pintos na algibeira, fingiu um semblante triste, e disse:

—Vão-se embora na paz do senhor, porque para mim é que cantou o cuco.

(*Porto.*)

DICHOTE GALLEGO

Um gallego estava ao lume a ferver leite, e quando elle começava a vir acima, dizia:

Deus te accrexente
Para chegar para mais xente.

Por fim a effervescencia foi mais forte, e o leite derramou-se todo; o gallego, zangado exclama:

E tanto te accrescentou
Que até o diemo te levou.

(*Sardoal.*)

TUDO ANDAREMOS

Um marido desalmado batia na mulher, que estando já tão acostumada áquella malhadeira, tomava tudo em desconto dos seus peccados. De uma vez o marido tinha-lhe dado muitas pancadas na cabeça, na cara e no peito, e a desgraçada exclamava:

—Homem! Bate-me antes nas costas.

—Deixa estar, que tudo lo andaremos.

(*Porto.*)

A MULHER QUE CEGOU O MARIDO

Uma mulher andava desencaminhada, e foi consultar uma vizinha para achar modo de cegar o marido. Este veio a sabel-o, e disse á vizinha que lhe desse

como receita infallivel, que dando a comer gallinha cosida ao marido, elle iria cegando pouco a pouco sem dar por isso.

Assim fez a mulher desencaminhada; ao primeiro pretexto, disse ao marido que era bom comer gallinha cosida.

— Já que é remedio, comerei gallinha.

Depois de ter comido, o homem fingiu que estava um pouco com a vista turva. A mulher continuou a dar-lhe mais gallinha, e quando o marido já estava enjoado de comer tantas gallinhas é que se fingiu cego de todo.

A mulher estava bem certa de que o marido era cego, e deu entrada ao amante; mas quando elles estavam mais seguros, é que o marido cobrou a vista, desancando-os como quem malha em centeio verde.

(Airão.)

O TOLO E AS MOSCAS

Um maluquinho trazia a cabeça rapada, e não podia supportar as picadellas das môscas; lembrou-se de apresentar uma queixa contra ellas ao juiz, que o attendeu para o disfructar. O juiz deu por sentença, que onde quer que visse uma môsca podia usar do direito de legitima defeza atirando-lhe uma pancada. O maluquinho confirmou a sentença, fazendo que o juiz a repetisse. Nisto poisa uma môsca na cabeça do juiz; o tolo acerta-lhe uma pancada e o juiz cahiu para a banda. Prenderam-no, mas o parvo defendeu-se com a sentença, e não tiveram outro remedio senão mandal-o embora, porque lá diz o outro: Com tolos nem para o céu.

(Ilha de S. Miguel.)

JÁ QUE TANTO TEIMA

Um fidalgo cahiu em pobreza, e ás vezes arreben-tava com fome só para se não abaixar a pedir. Che-gava a qualquer casa á hora do jantar, e se lhe diziam por cerimonia :

—E' servido de se utilizar? Ou: Quer fazer um pouco de penitencia connosco? elle respondia :

—Já que tanto teima uma vez só, acceito.

E assim sem descer da sua dignidade tirava o ven-tre de miseria.

(Porto.)

TIC-TACO

Um frade passava todas as tardes rente da janella de uma mulher casada, e dizia-lhe :

—Tic-taco.

A mulher contou tudo ao marido, e elle disse :

—Havemos de dar uma lição bôa ao frade. Quando elle tornar a passar e disser a mesma coisa, dize-lhe que pôde entrar; depois eu começo a tossir, e tu es-conde-o dentro de um sacco, que o resto vae por minha conta.

Ao outro dia o frade passou rentinho á janella, e já lusco com fusca. Repetiu a gracinha :

—Tic-taco.

—Pôde entrar.

Foi o que o frade quiz ouvir. A mulher fechou a porta e levou-o para dentro. N'isto o marido tossiu; ella finge-se atrapalhada :

—Ai, o meu marido que chegou! Metta se vossa reverencia já aqui n'este sacco, ao pé d'estes outros que estão cheios de milho.

O frade metteu-se no sacco, a mulher atou-o e en-costou-o aos outros que estavam cheios. Chega o ma-rido e diz :

—Temos ladrões em casa, porque me avisaram, e estão por ahi escondidos.

Começou a correr todos os cantos, e por fim exclamou :

—Não dou com elles; só se se esconderam dentro d'esses sacco.

E começou a dar pauladas nos sacco para a direita e para a esquerda, e o frade ia tambem apanhando a sua dôse á chucha callada.

—Assim como assim, não está cá ninguem. E o marido foi-se embora.

A mulher de combinação, já se sabe, veio tirar o frade do sacco, e elle safou-se como Deus quer e é servido. Passado tempo aconteceu passar elle pela mesma rua, e a mulher disse-lhe da janella :

—Tic-taco?

Respondeu o frade com cara arrenegada:

—Não sou gorgulho que vá ao seu sacco.

(*Ilha de S. Miguel.*)

AS ORELHAS DO ABBADE

Um sujeito bom caçador convidou o abbade da sua freguezia para ir comer com elle duas perdizes guizadas, e deu-as á mulher para as cosinhar. A mulher, raivosa por não contarem com ella, cosinhou as perdizes e comeu-as. N'isto chega o abbade muito contente, e diz-lhe a mulher :

—Fuja, senhor abbade, que o meu homem jurou que lhe havia de cortar as orêlhas, e isto das perdizes foi um pretexto para cá o pilhar.

O abbade não quiz ouvir mais, e elle, por aqui me sirvo.

Eis que o marido chega, e diz-lhe a mulher :

—O abbade ahi veio, viu as perdizes, e não querendo esperar mais tempo por ti, pegou n'ellas ambas e foi-se embora.

O homem vem á porta da rua, e ainda avista o abbade fugindo; começa de cá a gritar:

—Oh, senhor abbade! Pelo menos deixe-me uma.

—Nem uma, nem duas! Respondeu elle bem de longe.

(*Ilha de S. Miguel.*)

PACTO COM O DIABO

Um rapaz desejava casar com a patrôa a quem servia; ella repellia-o sempre, e depois de muito requestanda, disse-lhe que só casaria com elle se arranjasse uma grande fortuna. O rapaz foi por esse mudo, para vêr se enriquecia, e lá no meio de uns montes escavados encontrou um homem, que lhe disse:

—Eu sei o que procuras. Queres ser rico para ca-sares com a tua patrôa.

—E' verdade! disse o rapaz muito admirado. E como é que eu arranjarei isso?

—Pois olha, respondeu lhe o outro, eu sou o diabo, e posso dar-te tudo o que tu quizeres, mas tens de me dar...

—A minha alma?

—Para que quero eu a tua alma? Isso é muito. Basta que me dês a primeira pessoa que entrar em tua casa no dia do teu casamento.

O rapaz accitou a proposta, e jurou que a havia de cumprir.

Separaram-se cada um para a sua banda; o rapaz partiu para a terra em uns machos carregados de dinheiro que encontrou no caminho; assim que ali chegou achou um grande palacio novo diante da casa da patrôa, todo mobilado, entrou, viu tudo arranjado, vestiu-se com a melhor roupa que lá havia, e foi ter com a patrôa para a pedir em casamento. Ella disse que sim; até que se chegou ao dia da bôda. Vieram muitos convidados, comeram e beberam antes da ida

para a igreja, até que sahiu o acompanhamento. Casaram-se. Quando os noivos vinham saindo, chega um creado muito aceado com um cavallo com arreios de ouro, e disse para o noivo :

—Aqui está o cavallo para o senhor ir.

O noivo metteu a mulher na carruagem com a madrinha, e montou a cavallo. Assim que o cavallo o apanhou com os pés nos estribos desata á desfilada, para casa, e metteu-se pela porta dentro. Foi a primeira pessoa que entrou ali depois do casamento; o cavallo arrebentou e desfez-se em fumo, a casa desabou de cima abaixo, e o noivo sumiu-se pela terra dentro. Quando a noiva e os convidados chegaram já não conheceram o sitio, tudo fôra arrasado, e só estava ali um grande charco. (1)

CONTO EM ENIGMA

Todos os dias ia uma mulher com uma criança encostar se á grade da cadeia em que estava um prêzo, com guarda á vista.

—Que vem aqui você fazer todos os dias? inquiriu o guarda.

—Eu, já fui filha, e agora sou mãe, e o menino que eu crio é marido de minha mãe.

O guarda foi dizer ao rei o acentecido, e como nenhum dos seus conselheiros soubesse explicar o sentido d'essa resposta, mandou vir a mulher á sua presença, para a inquerir.

—Eu me explicarei, se vossa magestade perdoar o crime do prêzo.

(1) Este conto foi-nos narrado por uma pessoa illustrada, que se não lembra bem se o ouviu da tradição popular, ou se o leu em uma collecção de contos da Bretanha. Ainda n'este ultimo caso tem o valor de um notavel paradigma do conto portuguez de *Bôa andança*, do *Orto do Esposo*.

—Perdôo; mas explica.

—O que vou fazer todos os dias á grade da cadeia é sustentar meu pae com o leite dos meus peitos, e que como não ha *orde* de entrar comida, eu o *crio* sendo o marido de minha mãe.

(Açôres.)

FILHA QUE AMAMENTA O PAE

Um rei perdoava todos os annos a morte de um prezo, a quem fôsse capaz de dizer um enigma que elle não podesse adivinhar. Apresentou-se a dizer um enigma uma mulher ainda nova, para salvar o pae; e disse :

Já fui niña,
Aora soy madre;
Alimento mi padre,
Marido de mi madre
Avó de mis hijos.

Não conseguindo o rei adivinhar o enigma, a mulher explicou: o pae d'ella estava prezo, e a filha ia todos os dias sustental-o com o leite dos proprios seios, que lhe passava por uma pequena abertura da porta. O rei mandou soltar o prezo.

(Porto.)

PROVA DE AMOR

Um mendigo tinha uma filha muito linda, que o acompanhava e que lhe attraía muitas esmolas; namorou-se d'ella um principe com tanta paixão, que resolveu ir pedil-a ao pae em casamento. O mendigo fez as suas excusas com todo o bom senso, e a todos os embaraços o principe oppoz os protestos da sua sinceridade e firmeza. Estava de pé um argumento, que o mendigo guardou para final:

--A desigualdade de condições fará que esse casamento seja uma desgraça; porque o principe é o que é, e a sua mulher não deixa de ser filha de um mendigo.

—Então que prova exige de mim, para poder obter a mão de sua filha?

—Uma prova muito simples: o principe veste os andrajos de pedinte, e anda á esmola seis mezes. No fim, pode casar com a rapariga.

O principe accitou a condição; envergou os andrajos e a sacóla, arranjou a sua choradeira, e partiu. O mendigo, passados trez mezes, convencido que já estava provada a verdade do seu amor pela filha, disse para o principe:

—Agora dou licença; podem casar se.

Mas o principe objectou:

—Meu amigo! já não largo a sacóla; melhor do que a rapariga é esta vida divertida de andar de porta em porta, e de corrêr mundo. E' a vida mais independente que ha, por isso diz o ditado:

Christo pediu,
Mas não serviu.

(Porto.)

SEM CEIA

Diz o velho anexim, com immensa verdade:

Quem tiver muitos filhos
E pouco pão,
Tome os de mão e diga-lhes
Uma Canção.

Um pobre homem sobre a desgraça de achar-se viuvo de repente, viu-se com uma caterva de filhos sem ter com que os sustentar. Com a fraca jorna e alguma caridade dos vizinhos que conheciam a sua miséria, ia amparando as crianças. A' lareira os filhos

cercavam-o, um chorava, outro pedia pão, aquelle dizia que estava a cahir com fome, e o pobre pae para os calar, começava a alental-os com uma esperança risonha :

—Hoje não tive quem me fiasse uma brôa; é preciso ter paciencia. Os ventos são como a sorte, mudam, e ámanhã posso ter um carneiro, que bem assadinho para o jantar ..

—Oh pae! hade-me dar um bocadinho de perna?

—Com certeza, e com duas batatinhas.

a —Eu, dizia um outro, eu queria... (já lhe custava fallar).

—Sim, guisado, tambem é muito bom.

—E que tenha muito môlho, acode outro, para eu molhar o pão.

—E até fazer fatias grossas, accrescentava o pae.

—Pois eu, disse o mais pequeno, heide esfarelar o pão no môlho.

—Olhe, pae, aquelle não se contenta em comer assado, quer tambem molhar o pão no guisado.

—Eu cá, gósto mais das batatas.

—Aquelle quer comer tudo! (põe-se a choramingar.)

—Não vae a affligir, filhos! tambem se faz um bom arroz com a fressura de carneiro.

—Que bom! e arroz! de que eu gosto tanto.

—Tambem me hade dar arroz, pae?

—Um prato bem cheio?

—Está dito, interrompeu o pae. Agora é preciso que soceguem; durmam, durmam.

D'ahi a pouco era tudo silencio n'aquelle lar desvalido, embaladas; as crianças na grata illusão que anestesiara aquelles estomagos vasio. E os visinhos que escutaram a conversa do carneiro assado e guisado com batatas, murmuraram entre si:

—Vae recebendo as nossas esmolos, e trata os filhos a carneiro assado e guisado com batatas.

(*Alemtejo.*)

ORIGEM DOS JAVALIS

Christo e San Pedro na sua perigração pelo mundo, vendo e julgando as cousas, encontraram quatro bacorinhos nédios e lustrosos em um escampado.

—Coitadinhos, por aqui perdidos.

—Toma conta d'elles, Pedro, porque com certeza te digo, que não têm dono; dá-os a crear de meias ahi em algum casal que encontremos no caminho.

San Pedro, sempre aproveitado, lembrou se do ditado: quando te derem o bacorinho, bota-lhe logo o baracinho, foi tocando com uma varinha os quatro leitões; chegaram a um casal, onde estava uma mulher á porta, e San Pedro propôz-lhe o contracto.

—Você toma-me conta d'estes animaesinhos, trata-os e quando d'aqui a um anno por aqui passarmos fazem-se as partilhas.

Os bacorinhos cresceram, engordaram, já davam um grande lucro na feira. Eis que ao fim de um anno passaram os dois peregrinos; a aldeã assim que os avistou, foi esconder no cortêlho os dois porquinhos mais gordos. San Pedro tocou ao ferrôlho; apparece a mulher.

—Cá estão dois porcos bonitos; os outros dois deu-lhes um ár e morreram.

O divino Mestre affasta os olhos da mulher, e disse como sentença:

Pois estes dois que aqui estão,
Só teus e nossos serão;
E os que tens além fechados
Por essas serras irão,
E em féras serão tornados.

(*Alemtejo.*)

DAR VISTA AOS CEGOS

Um cego tinha uma filha muito linda, que o acompanhava para toda a parte, julgando assim defender a sua honra. A rapariga combinou com o namorado um estratagema: em um caminho estava uma cerejeira, e elle devia esconder-se ahi, e quando passasse com o pae arranjaria as cousas de modo a poderem abraçar-se.

As cousas dispozeram-se a seu talante.

Ao passar perto da cerejeira, diz a rapariga:

—Oh pae, está ali uma cerejeira, tão carregadinha, que parece um andor. Deixa-me ir apanhar algumas?

O cego concordou, e depois que a filha subiu á cerejeira, ficou agarrado ao tronco, para segundo, seu intento, guardar a honra da filha.

Os namorados não perderam o tempo; mas no seu enlévo, passavam dois peregrinos, que eram Jesus Christo e San Pedro, que andavam pelo mundo.

—Divino Mestre! exclamou San Pedro, como é louvavel um pae que guarda a honra da filha.

Por um ár do divino Mestre o cego recuperou subito a vista; e espantado de vêr a filha entre a ramagem da cerejeira abraçada pelo namorado, ella com toda a frescura acudiu de prompto:

—Não se zangue commigo, pae: o que fiz foi para lhe dar vista.

San Pedro olhou para o divino Mestre, que na sua infinita bondade, disse sorrindo: Mulheres hão de ser sempre mulheres.

(Açôres.)

A GAITA MARAVILHOSA

Quando Christo andava pelo mundo acompanhado de San Pedro, passaram por um laranjal, guardado por um rapazito. Era um dia de calma e San Pedro ia com muita sêde.

—Bem me sabia agora uma laranja! Oh menino, deixas-me comer ahi uma laranja?

—Pois cõlha-a; á sua vontade.

Não tendo com que pagar ao pequeno, lembrou ao divino Mestre que provasse uma laranja. Ao seu pedido, a criança acudiu risonha.

—Cõlha, senhor, quantas queira.

O divino Mestre quiz logo premiar aquella sincera bõa vontade, e perguntou-lhe:

—Olha lá, tu queres a tua salvação?

—Isso, sim; mas tambem queria uma gaitinha, que quando a tocasse dançasse tudo.

O divino Mestre deu-lhe a gaitinha, e fõram ambos andando. O rapaz, para se distrahir começou a tocar, mas o dono do laranjal que estava escondido entre uma moita de silvas vigiando-o, e em vez de ir ralar com elle começou n'uma dança entre as silvas, que ficou todo rasgado e arranhado. Quando o rapaz ia para casa do patrão, passava na estrada um vendilhão com um jumento carregado de loiça para a feira, e como começasse a ouvir-lhe o som da gaitinha, o jumento, vendilhão, loiça, tudo começou n'um delirio de pulos. Desesperado o vendilhão da loiça, vendo-a toda quebrada e sem poder ter mão no jumento, agarrou o rapaz e levou-o á presença do juiz, para se lhe dar o castigo que bem merecia por tal travessura.

O juiz carrancudo, informado do facto, voltou-se para o rapaz:

—Trazes ahi a gaitinha? sempre quero verificar como as cousas se passaram. E vendo o simples instrumento, ordenou-lhe com má catadura:

—Toca!

O rapaz tomando a gaitinha, que apresentara ao juiz, rompeu logo o delirio da dança; e juiz, escrivão, meza, livros, vendilhão e os beleguins, tudo começou n'um rodizio e rodopio dançante. No meio da sara-banda entra pela sala do tribunal a mãe do juiz, que jazia entrevada n'um aposento proximo, e batendo as palmas cantarolava a bailar:

Vá de folia,
Vá de folia!
Que ha sete annos
Eu me não mechia.

O juiz, maravilhado do que se estava passando, pediu ao rapaz que não buzinasse mais. Immediatamente obedecido, começou a limpar as bagadas de suor, e disse para o rapaz:

—Vae-te em paz, porque se causaste damno com a gaita, tambem fizeste um grande beneficio de curar minha mãe, que estava entrevadinha ha sete annos.

(*Porto e Algarve.*)

LENDA DA MAE DE SAN PEDRO

A mãe do apostolo San Pedro era tão mofina, que nunca foi capaz de dar nada a ninguem, ainda que lhe pedissem até arrebentar. Um dia foi á horta buscar couves para o caldo, e quando vinha para casa, cahiu-lhe no chão uma rama de cebola. Como era uma cousa que se não aproveita, deixou-a ficar e foi andando, dizendo:

—Fica te para ahí pelo amor de Deus.

Passado tempó San Pedro fez-se discipulo de Christo, e nosso Senhor tambem o fez chaveiro do céo. Quando morreu a mãe de San Pedro, o filho quiz mettel-a no céo, mas não havia motivo.

—Ainda se ella tivesse dado alguma coisa em meu louvor.

San Pedro ouvindo estas palavras do Senhor, lembrou-se da rama de cebola caida no caminho, e apoiou-se n'esta offerta.

—Pois então, pucha a cá para cima.

San Pedro botou a rama de cebola á mãe, içou-a, chegou á porta do céo, mas quando ia a mettel a para dentro, a rama quebrou, e a velha ficou entre-portas sem poder entrar para dentro. D'aqui vem o ditado: «Ficar entre-portas, como a mãe de San Pedro.»

(*Ilha de S. Miguel.*)

O LAVRADOR E O ERMITÃO

Christo ia pelo mundo com San Pedro. Passaram por um campo, onde estava trabalhando um lavrador que rogava muita praga e berrava na labutação da arada. O Senhor saudou-o:

—Deus te salve, vida santa.

Fôram para diante, e viram estar um ermitão a resar á porta da sua cabana. O Senhor saudou-o:

—Deus te salve, vida de pôrco.

San Pedro ficou maravilhado e disse para Christo;

—Senhor! porque é que áquelle homem que praguejava, lhe chamastes vida santa, e áquelle que resava com tanta devoção lhe chamastes vida de pôrco?

—E' porque aquelle que estava praguejando, trabalha, e sustenta a sua familia, e produz alimento para muita gente; e aquelle que está resando, não é util a ninguem e vive á custa das esmolos, que são o trabalho e a privação dos outros.

(*Porto.*)

A TUNICA DE CHRISTO

Depois de Christo ter sido sentenciado é que se conheceu a sua innocencia. Pilatos foi chamado a Roma para dar conta ao Senado da sua sentença injusta.

O proconsul vestiu-se com a tunica que tinha pertencido a Christo, e apresentou-se no tribunal; todos aquelles que o queriam accusar nada puderam dizer contra elle, e Pilatos retirou-se absolvido. Ao fim de tempo as accusações continuaram a accumular-se, e Pilatos foi chamado de novo para ser julgado pela inequidade que commettera. Trouxe outra vez a tunica vestida, e ninguem achou palavra que dizer contra elle. Foi então que elle confessou que o defendia a tunica que trazia vestida, que pertencera a Jesus, a qual desde criança crescêra com o seu corpo. Pilatos foi absolvido e o Senado deixou que se fallasse da doutrina de Jesus.

(Ilha de S. Miguel.)

LENDA DO PARAISO

Creou Deus o homem e collocou-o no paraíso; ao fim de dias appareceu-lhe e perguntou:

—Como te dás por cá?

—Sópra-me da banda do norte, e tenho muito frio.

Deus fez-lhe um muro que o guardava dos ventos do norte. A cabo de dias tornou-lhe a apparecer e pergunta:

—Como te dás por cá?

—Sópra da banda do sul, e ainda tenho frio.

Deus fez-lhe outro muro. Ao cabo de dias appareceu-lhe, fazendo a mesma pergunta:

—Chove-me agora em cima.

Deus cobriu os muros com um tecto, para o abrigar das chuvas.

Tornou-lhe depois a apparecer:

—Como te dás agora?

—Estou sósinho entre estas quatro parêdes; muito triste por estar sósinho.

Então Deus deu modo a arranjar-lhe uma companheira. Tornou-lhe a apparecer:

—Não tenho que comer, nem que dar á minha companheira.

Deus fallou á terra, para ella dar de comer ao homem. A terra respondeu:

—Só lhe darei de comer, se o homem me tornar o que receber de mim.

Foi assim que o homem ficou sujeito a ser tambem comido pela terra.

(*Tentugal.*)

O THESOIRO ENTERRADO

Uns amigos tiveram noticia de um thesouro e combinaram ir antes do nascer do sol para o desenterrarem. Levantaram se dois d'elles e fôram pela porta do outro para o acordar; mas elle disse lá de dentro, que não deixava o calor da cama por nada.

Os outros fôram, acharam umas pedras afamadas, revolveram-nas, mas só encontraram castanhas de burro. Vieram-se embora estafados, e ao passarem pela porta do amigo, como lhe viram o postigo aberto, atiraram-lhe por pirraça com as taes castanhas para dentro de casa.

O homem foi vêr o que era, e achou o chão alastrado de peças de ouro. Quando tornou a fallar com os amigos agradeceu a offerta, e quando lhes explicou o caso elles nunca quizeram acreditar.

(*Airão.*)

O USURARIO E SANTO ANTONIO

Pensando sempre em riquezas e thesouros, sonhou um usurario com Santo Antonio, que lhe apparecera e lhe perguntára:

—Queres um conto de réis?

—Oh, se quero! fazia-me um contão.

—Dize lá; queres em notas ou em ouro?

—Em ouro, em ouro, de preferencia.

—N'esse caso espera, enquanto vou trocar o conto de réis em ouro.

No meio do delicioso sonho o usurario acordou, e olhando em volta exclamou, com amargos de bocca:

—Que grande tolo eu fui, que não peguei logo no conto de réis.

AS VOZES DOS ANIMAES

A ovelha, o gallo, o pôrco, o gato, o pato e o perú fôram fazer uma viagem, e recolheram-se de um temporal n'um casebre em que luzia o buraco. Não estava ali ninguem, e o pôrco foi para o cortêlho, a ovelha e o pato puzeram-se de traz da porta, o gato acocorou-se na borralheira, e o gallo com o perú pousaram-se no caibro do tecto. Lá pela noite adiante vieram os lobos, que a casa era d'elles, e um foi á borralheira a vêr se havia lume, mas o gato esgatanhou-lhe os focinhos. O lobo começou a uivar, e os outros todos iam para acudir, mas o pôrco ferrou na perna de um, a ovelha deu uma marrada n'outro, o gallo pega a cantar, o pato a cacarejar, e os lobos, pernas para que te quero! só muito longe é que se tornaram a juntar. Disse um:

—Vamos lá vêr o que é que tomou conta da nossa casa.

—Eu cá não vou, porque estava lá um cardador que me chimpou com as cardas no focinho. (Era o gato.)

—E a mim, topei lá com um ferreiro que me atirou

com uma tranca de ferro ás canellas. (Era a ove-
lha.)

—Tambem eu não torno lá, porque o tal ferreiro
agarrou-me por uma perna com umas tenazes. (Era
o pôrco com a dentuça).

—Eu cá, escapei da malhada, mas ouvi um que
estava a bramar :

Cacaristo, cacaristo,
Se lá vou, faço tudo em cisco.

—Tanto isso é verdade, que outro clamava : *In-
gulil-os, Ingulil os.* (Referia-se ao perú e ao gallo.)

—E' verdade, que havia lá uma coisa que dizia :
Haja pazes! Haja pazes! (Era o pato.)

Mas os lobos nunca mais quizeram tornar áquella
casa, porque o seguro morreu de velho.

(*Carraçada de Anciães.*)

OS DUZENTOS CARNEIROS

Era uma vez um pastor, e andava no matto com
duzentos carneiros; veio uma trovoada, e elle quiz
recolher o rebanho para o curral, chamou os carnei-
ros e pôz-se a caminho. Chegou ao pé de um rio
muito fundo, aonde havia uma ponte, e de cada vez
só podia passar um carneiro. Começou a passar um
a um...

(*N'este ponto o narrador cala-se, e as crianças que
o escutam, depois de alguns momentos, intervêm com a
pergunta :*)

—E depois? O que aconteceu ao pastor?

—Esperem, que os carneiros estão agora passando.

(*E assim se logram as crianças, com a mesma res-
posta que os põe á espera.*)

AS TREZ POMBAS

—Era uma vez um palacio, onde havia trez pombas brancas...

(As crianças cheias de curiosidade prepararam-se para ouvirem um lindo conto.)

—Onde havia trez pombas... Diga mais.

—Pois, como ia dizendo :

Ora, uma casou,
A outra enviuvou,
A terceira morreu ;
Meu conto acabou.

OS DITADOS NOVELLESCOS**I.—Fórmulas iniciaes**

Era uma vez um Conde,
E ia por uma ponte. . .
Queres que te conte ?

*

Era uma vez um Bispo...
Não sei mais do que isto.

*

Era uma vez um rei...
Aqui está o que eu sei.

*

Era uma vez
Um Rei e um Bispo;
Acabou-se o conto,
Não sei mais do que isto.

*

Era uma vez
Um cêsto e uma canastra...
Para conto já basta.

*

Era uma vez uma menina
Chamada Victoria,
Morreu a menina,
Acabou-se a historia.

*

Era uma vez um homem
Que vivia n'uma aldeia,
Não tinha mêdo á fome
Em tendo a barriga cheia.

*

«Era uma vez
Um pôrco montez,
Alça-lhe o rabo,
Chupa-lhe o pez.
—Alça-lh'o tu,
Que és mais cortez.
Chupa lh'o bem,
Quanto mais chupas
Mais elle tem.

II.—Fórmulas finaes

Quem o disse está aqui,
Quem o quizer saber vá lá.

*

Deus louvado,
Meu conto acabado.

*

A certidão está em Tondella,
Quem quizer, vá lá por ella.

*

Está a minha historia acabada,
Minha bocca cheia de marmellada.

*

Está a minha historia dita,
E a tua bocca cheia de furrica

*

—E depois ?
«Morreram as vaccas,
Ficaram os bois.

*

Quem o disse está aqui,
O que já lá vae, lá vae ;
Sapatinho de manteiga
Escorrega mas não cae.

*

Entrou por uma porta
E sahiu por outra ;
Manda el-rei meu senhor
Que me conte outra.

*

Era uma vez
Uma caixinha
Vermelhinha,
Côr de pez . . .
Queres que t'a conte
Uma outra vez ?

*

Quem o disse está aqui,
A certidão está em Tondella;
Quem o quizer saber
Vá até lá por ella.

*

Houve muita festa e grande matinada ;
Eu fui lá e não me deram nada.

*

Fui lá . . . mas deram-me um prato de lentilhas,
E se transformaram em mentiras.

III.—Fórmulas proverbiaes dos Contos

Quem conta um conto
Accrescenta-lhe um ponto.

*

De longas vias
Longas mentiras.

*

Foi Maria á fonte,
Trouxe que contar todo o anno.

*

Conto do João das Favas,
Que nunca se acaba.

(Algarve.)

NOTAS

A Cara de boi. (Pag 1) — A donzella é evidentemente o mytho da Aurora, como se comprova pelo estrebilho *Arcelo*, *Arcelo*; em um romance popular do Algarve, intitulado *D. Carlos de Montalvar*, colligido pelo folklorista Reis Damaso, lê-se o verso: «Não permitta Deus d'*Arcelo*» por Deus del cielo. (*Encyclopedia Republicana*, p. 204, Lisboa, 1882.) A velha, que torna feia a menina é a Noite, e o joven amante que a arrebatá é o Sol. No Catalogo de Barrera y Leyrado, cita-se um Auto de Gil Vicente, (o neto do poeta, Gil Vicente de Almeida, ou da Torre) intitulado *A Donzella da Torre*, por ventura baseado sobre este thema mythico commum aos outros povos romanicos. Nos *XII Conti pomiglianesi*, illustrati da Vittorio Imbrianni, Napoli, 1877, acha-se este conto desenvolvido sob o titulo de *Persilette*, no qual a donzella fechada na torre, a madeixa que serve de escada e a fuga com o namorado são simples episodios. A tradição portugueza está mais pura na sua simplicidade, em quanto o conto de Pomigliano é formado pela confusão de diferentes contos, como o da *Filha do Rei Mouro* (p. 14). O thema do filho de um rei que vae procurar uma mulher formosa, condição essencial para succeder no reino do pae, acha-se na novella monferrina *La bella d' Pisoule Fourtiunà*, publicada por Stanislao Prato (Como, 1882) com notas de abundantissimos paradigmas. Nas *Quattro novelline popolari Livornese*, do mesmo escriptor, a terceira *Il ré é sú tre figlioli*, ha tambem este mesmo thema, em que a encantada é uma rã que depois apparece n'uma mulher bonita. Pertence a um vastissimo cyclo novellesco commum a toda a Europa, o que coincide com o seu evidente sentido mythico. Da importante nota de Stanislao Prato a este conto (p. 136 a 144), transcreveremos a indicação das principaes collecções em que ella se encontra: Imbrianni, *La Novellaja fiorentina*, n.º 20, *I tre fratelli*; Pitré, *Fiabe e Novelle popolare siciliane*, n.º 46, *La limuruta*; Corazzini, *Componimenti*, n.º 18: *A ranaottola*; Comparetti, *Novelline popolari*, n.º 4 e 48, *La moglie trovata colla frombola*, e *Le scimmie*; Visentini,

Fiabe montovane, n.º 48, *La rana*; Gianandrea, *Novelline e fiabe popolari Marchigiani*, n.º 4, *El fijo del re, che sposa 'na ranocchia*. Em Hespanha, no *Rondallayre ou quentos populars catalans* de Mapons y Labros: *La princesa encantada*. Em França, nos *Contes de Fées*, de M.^{me} d'Aulnoy, *La chatte blanche*; e na revista *Melusina*, t. 1, p. 64, *Les trois fils du roi, ou le bossu et ses deux frères*. Nos povos germanicos, slavos e scandinavos, este cyclo novellesco é extensissimo, como se infere dos estudos comparativos do Dr. Reinhold Köhler, o que mais profusamente tem investigado estes assumptos; elle encontrou paradigmas fundamentaes nas collecções de contos de Busching, Hylten-Cavallius, Grimm, Beauvois, Jonson, Kattan, Asbjörnsen, Töppen, Schwartz, Ey, Stephanovic, Radloff, Colshorn, Hahn, Zingerle, Benfey, Chavannes, Affanasieff, Böhmer, Peter e outros.

Nos *Portuguese folk-Tales*, collecção de Consiglieri Pedroso, e traducção de Ralston, vem com o titulo *A filha da Feiticeira*, n.º IV, muito desenvolvido, e contendo no seu syncretismo, os de p. 1, 14, 42 e 70, que colligimos separadamente e em differentes logares. Ralston compara esta versão com o conto *The story of Sringabhujá and the Daughter of the Rákshasa*, que vem no VII livro do *Kathá Sarit Ságara* (vol. 1, p. 355-367), traducção de Tawney. Na versão do Algarve cita-se uma noz dentro da qual cabe o lenço bordado para a rainha; Gubernatis, diz: «A noz que esconde a fazenda de que se faz o vestido do noivado para a esposa do principe solar, a Aurora, parece ser propriamente a Lua. Por influencia d'ella a donzella perseguida escapa ao poder magico da mãe-bruxa e apresenta-se vestida com vestes esplendidas na festa do principe. O vestido luminoso, imagem do céo, é tão tenue, tão subtil, que pode desdobrar se sem fim» (*Mythologie des Planetes*, t. 1, p. 145).

O velho Querecas. (Pag 4) — À parte os episodios communs a muitos contos, é este uma das fórmulas do mytho de Psyche. Gubernatis, na *Mythologie zoologique* (t. 1, p. 437), traz uma variante d'este conto colligida em Fucecchio, na Toscana, em que o desencantamento do principe é devido á coragem da donzella. As circumstancias episodicas divergem e pertencem a outro cyclo novellesco. Um conto colligido em Cosenza, na Calabria, por Greco, traz o episodio do ruido nocturno, do pingo de cera que acorda o mancebo, e do novelo que deve guiar a menina á busca do amante. (Gubernatis, *op. cit.*, t. 11, p. 301, nota 2.) Estas uniões mysteriosas acham-se ainda com character mythico, no *Harivansa*, entre Urvasi e Pururavas, e no *Mahábharrata*, entre Çantana e a nymphá das aguas; na lenda grega de Psyche, Eros desaparece, quando acorda por causa do pingo de azeite que cahiu da

lampada a cuja luz foi visto. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 183, cita contos pertencentes a este cyclo na colleção sueca de Cavallius e Stephens, *Svenska Folk-Sagor och Afventyr*, traduzida por Thorpe, e na colleção norueguesa de Asbjörnsen e Moe, traduzida por George Webbe Dasent, apparece o episodio do pingo de cêra.

Sobre o evidente character mythico d'estas tradições, acrescenta Brueyre: «Em todas estas narrativas a felicidade dos amantes não é de longa duração, porque, apesar da fé jurada, a promessa é sempre violada, e aquelle dos amantes a quem o outro faltou á palavra, é forçado a desaparecer, não obstante o ardente amor que o consomme. M. Cox demonstra que as lendas d'esta natureza são a *representação do mytho celeste do Sol seguindo a Aurora, ou reciprocamente*. Muitas vezes depois da violação da promessa e da separação dos amantes o mytho continúa.» (Op. cit., p. 184.) Em um artigo sobre a Historia do Japão, cita-se tambem a lenda analogá á de Psyche: «Uma parenta do imperador era a esposa do Deus Omonomichi. Elle jámais apparecia aos olhos da princeza, pois não se encontrava com ella senão nas trévas. Uma noite ella lhe disse: — Ainda me não foi dado olhar para a tua face; rogo-te que fiques commigo até pela manhã, para eu ter a felicidade de te contemplar.

«Tanto lhe rogou, com tal ternura e taes carinhos, que o esposo cedeu e prometteu-lhe que ficava. Por fim, as primeiras claridades da Aurora entraram no aposento da impaciente princeza, mas qual foi o seu espanto quando ella descobriu, no leito, uma serpente enroscada! Soltou um grito de pavor, e a serpente transformou-se logo n'um joven formosissimo, que lhe disse com expressão de dolorosa melancholia: — Nunca mais, agora, hei-de poder estar commigo. E desapareceu. Abatida por tristeza incuravel a esposa solitaria foi pouco a pouco decahindo até falecer de paixão.» (Do viajante portuguez Mesnier, *Actualidade*, n.º 241, do ix anno.) O despertar por meio de um raio de luz é frequente, como na *Bella Aurora* (Spoleto) e *La Bella Rosalinda dai capelli d'ori*, e na novella dinamarqueza de Grandtovic. (Stanisláo Prato, *Quattro novelline*, p. 156 e 157.) Sobre as origens mythicas indo-europeias d'este Conto, vide Gubernatis, *Piccola Enciclopedia Indiana*, p. 175, em que discute a simultaneidade da representação da *Aurora* e da *Nuvem* que desaparecem quando o Sol se mostra. Este cyclo do *Amor e Psyche* foi estudado por F. Liebrecht, *Zur Völkskunde (Amor und Psyche)*. Na versão do Algarve ha o episodio do corpo que cae aos pedaços, para experimentar a coragem da menina; é commum a varios contos, e acha-se na lenda de Athenodoro (ap. Alexander ab Alexandro, lib. III, cap. 12), que o padre Manuel Consciencia traduziu na sua *Academia universal de Erudição*, p. 545.

O surrão. (Pag. 7) — A lenda christã de S.^{ta} Margarida, engulida por um Dragão, representa a luz solar escondida pela noite. Pertence a este cyclo, como observa Tylor, a historia do *Petit Chaperon rouge*, em França e Inglaterra: «Na Allemanha as velhas conservam-no com toda a sua pureza. Segundo a sua narrativa, o lobo engole a encantadora criança, vestida com o seu brilhante manto de setim vermelho, e a sua avó; mas ellas saem incolumes da barriga do animal que um caçador abriu enquanto elle dormia. Acha-se um conto parecido na collecção de Grimm, em que se pode igualmente reconhecer o mytho do sol. Como no *Petit Chaperon rouge*, abre-se a barriga do lobo e enche-se-lhe de pedras.» Tylor, *Civilisation Primitive*, t. 1, p. 390. Aparece em francez nos *Contes populaires lorrains* t. 11, p. 202 e 363, de Emm. Cosquin, *L'homme au pois*; e em Fernan Caballero, *El Zurrón que cantaba*, t. 11, p. 72. Sobre o caracter mythico d'este conto, applicamos o dito de Gubernatis:

«O sacco representa um importante papel na tradição do heroe escondido ou perseguido; este sacco é a Noite, ou a Nuvem (o Inverno), etc.» *Mythologie Zoologique*, t. 1, p. 255 e seg. E em outra passagem, acrescenta: «Achamos aqui não sómente a heroína que foge, mas a heroína que viaja; esta heroína é a Aurora. . .» (p. 259). Nos romances populares portuguezes ha donzellas mettidas em esquires de vidro ou deitadas ao mar em cofres. Nos costumes domesticos, as crianças são intimidadas com a ameaça de um velho que vem e as leva em um sacco. O surrão é o sacco de couro das tradições indo-europêas e dos costumes juridicos da penalidade symbolica medieval.

Emm. Cosquin, nos *Contes populaires de Lorraine*, vol. 11, p. 205 a 214, trata este conto comparado com versões italianas, provençaes hanoverianas, russas, kalmucas, indianas, annamitas e africanas, entre as quaes cabe esta versão portugueza.

A saia de esquilhas. (Pag. 8) — O vestido com escamas de ouro com que a menina escapa á ferocidade da sógra é a Aurora depois que brilha vencendo a escuridade maligna da Noite. E' um typo geral d'este cyclo novellesco. No conto hindu intitulado *Sourya-Bai*, da collecção *Old Decan Days*, de Miss Frere, a menina fica com um somno lethargico por causa de um espinho, e é lançada n'um pôço por outra mulher que a vê amada por um principe. Sobre o caracter mythico d'este conto pode applicar-se a consideração de Husson sobre o citado conto hindu: «Temos n'esta narrativa o novo exemplo do mytho da mulher picada por um espinho ou por uma ponta aguda, e cahindo em um somno lethargico de que é tirada por um principe amoroso. Um outro mytho se lhe

sobrepe, o de uma rival ou irmã ciosa, que personifica a hostilidade da escuridão contra a luz da primavera contra o inverno; e n'esta phase de desenvolvimento novas peripecias se manifestam entre uma morte apparente e um regresso persistente á vida.» (*La chaine traditionnelle*, p. 109). Nos *Contos populares portuguezes*, Lisboa, 1879, o conto xxxv, *Os Sapatinhos encantados*, versa sobre um somno lethargico com algumas relações no fim com o nosso.

As trez fadas. (Pag. 12) — No conto hindu de *Sourya-Bai*, a menina tambem nasce de um fructo de manga, e tendo anteriormente sido roubada, depois que volta á sua casa desposa um principe. Sobre o rapto por uma aguia, diz Husson: «Os contos populares gregos mais ou menos conservados pelos poetas ou reproduzidos nos vasos pintados, fazem-nos conhecer muitas nymphas encantadoras, Thalia, Egina, Ganymeda, Asteria, egualmente arrebatadas por uma aguia divina.» Em uma versão popular de Abrantes, ha o estribillo:

Tesourinha, tesoureta,
Corta aquella lingueta.

A filha do rei mouro. (Pag. 14) — Ha uma outra versão intitulada *Grisme e Guiomar*, nos *Contos nacionaes para crianças*, n.º xv. Porto, 1883. No *Violier des Histoires romaines* (*Gesta Romanorum*), cap. v, vem esta situação sem o maravilhoso da fuga dos dois amantes. No *Pentamerone*, de Basile, é *Petusinella*, que foge lançando successivamente trez nozes, que recebem varias transformações. Nos *Contos zulus*, de H. Callaway, ha o de uma rapariga perseguida pelos cannibae, que vae deixando cair atraz de si grãos de sésamo. O mesmo em um conto russo em que a Boba-Yaga corre atraz de uma rapariga. O mesmo episodio apparece no *Aprendiz do Mago*, (p. 29.) O conto *O Cavallinho das sete côres*, (pag. 42), é uma variante notavel, pelo episodio do esquecimento produzido pelo abraço em uma pessoa de casa. As transformações dos amantes que fogem, acham-se nos contos esthonianos, citados por Gubernatis, de Kreuzenwal. (*Myth. zoologique*, t. 1, p. 180). Vidè nota 1, in fine, acerca do syncretismo do conto da *Filha da Feiticeira*.

As flandeiras. (Pag. 17) — Nas *Fire Side stories of Ireland*, de P. Kennedy, acha-se este conto, e traduzido por Brueyre com o titulo *A prigueirosa e suas tias*. (*Contes populaires de la Grande Bretagne*, n.º xxxii, p. 159.) Entre as diferentes fontes, cita a versão escosseza da collecção de Chambers, *Whoopity Storie* (*op. cit.*, p. 245, de Brueyre); ha uma lição franceza *Historie du Ric Din-Don* de M.^{lle} Lhéritier;

no *Pentamerone* de Basile, o conto italiano, e na *Novelline di Santo Stephano*, de Gubernatis, *La Comprata*. No *Norske eventyr*, de Asbjörnén e Moe, *As trez tias*; e na collecção sueca de Cavallius e Stephens, *A rapariga que não podia fiar ouro com lama e palha*, e *As trez corvinhas*. Jacob Grimm, nos seus *Kinder und Hause märchen*, n.º 14, traz *As trez fiandeiras*; traduzido nos *Contos choisies*, de Fred. Baudry, p. 128. Ha alguns vestigios em *Rumpelstilzchem*; na collecção de Bürching, *Volksagen, Märchen, und Legenden*, é o das *Trez Fiandeirinhas*. Ha uma outra versão portugueza traduzida por G. Ralston nos *Portuguese folk Tales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XIX, com o titulo *As Tias*. Na *Mythologie des Plantes*, t. 11, p. 212, Gubernatis traz um conto popular da Calabria, cujo maravilhoso versa sobre o poder de fiar concedido pelas fadas a uma mulher.

Cravo, Rosa e Jasmim. (Pag. 20) — Aparecem outras versões d'este conto, nos *Contos populares portuguezes*, n.º XVI; e nos *Contos populares do Brazil*, com o titulo *O Bicho Manjaleo*. (*Rev. Brazileira*, tomo VI, p. 120.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 81 e 119. Nos *Old Deccan Days*, de Miss Frere, o conto do *Punchkin* versa sobre este mesmo assumpto de um Mago que encanta todos, e cuja vida estava resguardada sendo impossivel descobrir esse talisman: é uma criança que livra sua mãe e sete tios, principes.

O Magico. O Mestre das Artes. O aprendiz do Mago. (Pag. 24 a 29) — Versões nos *Contos populares da Russia*, de Afanasieff, livro VI, n.º 46; em Gubernatis, *Novelline di Santo Stephano*, n.º 22 e 26. (Ap. *Myth. Zool.*, I, 365.) Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 289. — Nas *Notte piacevoli*, de Straparola, Nott. VIII, fabula 5.ª, vem este mesmo conto. O freio magico é um episodio commum a muitos outros contos mythicos, como o prova Brueyre, *Op. cit.*, p. 253; Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. 1, p. 77.

Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XV, o *Criado ao Estrujeitante*, versão de Ourilhe, pertence a esta mesma tradição. Nos *Contos populares do Brasil*, ha uma variante pernambucana sob o n.º VIII, com o titulo *O passaro preto*, de p. 25 a 28, ed. de Lisboa.

A bicha de sete cabeças. (Pag. 31) — Uma versão de Coimbra vem publicada sob o titulo de *Pedro e Pedrito*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º I.1, com o estribilho:

Quem isto ouvir e contar
Em pedra se ha de tornar.

Nos *Portuguese folk-Tales*, colligidos por Consiglieri Pedroso e traduzidos pelo eminente mythographo Ralston, vem sob o n.º vi com o titulo *Pedro and the Prince* com algum desenvolvimento. Nos contos dos irmãos Grimm, n.º 22, *O fiel João*, e trad. de Fred. Baudry, p. 27, pertence a este cyclo do creado ou do amigo que se sacrifica. Ralston, na introdução aos contos portuguezes, cita este paradigma, bem como o n.º 5 da collecção de Miss Frere, *Old Deccan Days*, intitulado *Rama and Luxaran*, e a situação geral em um conto indiano na tradução do *Kathá Sarit Ságara* por Tawney, vol. 1, p. 253. Muitos contos têm evidentemente uma origem indiana, mas não é esta a unica fonte.

O Conde soldadinho. (Pag. 34) — Pertence ao cyclo do amigo que se sacrifica; não ha aqui a morte, mas a sua importância provém da parte metrificada, que revela a dissolução de uma obra dramatica.

A sardinhinha. (Pag. 36) — Gubernatis cita differentes contos russos das collecções de Afanasieff e de Erlewein, de Ferraro, etc., do Peixe que dá fortuna. (*Myth. zoolog.*, II, 357.) Nas *Notte piacevoli*, III, fabula 1.ª, vem este conto, que tambem figura no *Pentamerone* de Basile, Jornada III, fab. 1.ª No *Catapatha Brâhmana*, e no *Mahâbharatha*, Manu socorre um peixe, de quem recebe depois a salvação do diluvio. Vichnu tambem se transforma em peixe. Husson cita um fragmento de um conto colligido por Luzel (*Chaine traditionnelle*, p. 66.) A menina-pagem accusada pela rainha é o thema de um conto citado por Gubernatis (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 405), colligido em Antignano. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIX, vem sob o titulo *A afilhada de Santo Antonio*, versão de Coimbra; repete-se na ilha de San Jorge com o nome *A afilhada de San João*. Consiglieri Pedroso cita o conto russo da collecção de Afanasieff, n.º 162. *O sapatinho de ouro* (Zolotoii bachmatchola) que pertence ao cyclo do Peixe encantado.

Maria da Silva. (Pag. 38) — Ha outras versões portuguezas oraes. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti*, de G. Pittré, vem a versão italiana sob o n.º 100. Na ilha de San Jorge é repetido com o nome de *Maria das Silvinhas*, como vemos pelas notas do eminente collector Dr. João Teixeira Soares. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º LVIII, vem uma versão de Coimbra, com o mesmo titulo da do Algarve, e tambem com estribilhos poeticos:

Procura, procura,
Que a que chora
Ainda hade ser tua.

N'uma silva fui achada,
 Por uma cabra fui creada ;
 Um pastor me edueou,
 E agora aqui estou.

Rosa branca na bocca. (Pag. 40) — Um povo que recebeu as tradições semitas, phenicias, hebraicas e arabes, repete sob um novo aspecto o conto de Joseph que resiste á sedução da mulher de Putiphar.

O cavallinho das setes côres. (Pag. 42) — Vidè contos p. 1 e 14, e notas respectivas. Nos *Contos populares portuguezes* da traducção de Ralston, *A filha da Feiticeira* traz a circumstancia do esquecimento da namorada ; é o n.º iv. As nossas versões não apresentam syncretismos. Vidè o conto p. 79, agrupado tambem na versão citada. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani* de Pittre, o n.º xv *Lu Rè di Spagna* é identico ao conto portuguez a *Filha da Bruxa* colligido por Pedroso. Na *Revista de Litteratura popular*, p. 84, publicou Gubernatis este conto com o titulo *Il Reconescimento*.

Muda, mudella. (Pag. 44) Ha uma versão de Coimbra, intitulada *O senhor das janellas verdes*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º vlviii. Traz o seguinte estribilho poetico :

— Olha a muda, mudona !
 Que traje! que dona !
 «Olha a condessa, que inveja !
 Que eu falle não desaja.

Nos *Contos populares de Pomigliano*, colligidos por Imbrianni, é o intitulado *Muzella*. (*Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 142.) Nos *Nobiliarios portuguezes* a lenda do solar dos Marinheiros versa sobre a peripecia de uma mulher que não falla.

O sapatinho de setim. (Pag. 45) — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º xxxi e xxxvi, ha duas versões, *Pelle de cavallo*, e a *Engeitada*. N'esta ultima, vem o estribilho poetico :

Perola fina fica na cuba,
 E o saramago vae na burra.

A versão de Ourilhe parece-se na situação final com o conto brasileiro *D. Labismina*, versão de Sergipe (*Contos populares do Brasil*, p. 29, ed. Lisboa.)

No *Romanceiro do Archipelago da Madeira* do Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo, sob o titulo *A gata borralheira*, vem

este conto em verso de redondilha, de p. 364 a 391. Acha-se no *Pentamerone* de Basile, *Gatta Cenerentola*; nas *Recreations* de Bonaventure des Pèriers; no conto do Pérrault, *Peau d'Ane*; em Rollenhagen, *Fresch Mäusler* (ap. Grimm); em Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 37, e notas eruditas a p. 46. Em Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. v, p. 110 ha mais paradigmas. No *Asinarius vel Diadema*, de Gotfried de Tirlemont, acha-se este thema popular. Consigliieri Pedroso allude a uma variante por elle colligida sob o nome *A Menina e o Peixe*, de que apresenta o resumo: «Um dia um homem trouxe para casa um peixe que apanhou, e deu-o á mais nova das filhas, que era quem tratava da cozinha, para ella o arranjar. A menina em vez de o matar deitou-o n'um pôço, e o peixe reconhecido, quando d'ahi a algum tempo ella tem de ficar em casa, em quanto as irmãs mais velhas vão a uma festa no palacio do rei, dá-lhe tudo quanto ella precisa, para se apresentar no baile, conseguindo a menina pela riqueza do seu trajo attrahir a attenção de toda a côrte, vindo por fim a casar com o peixe, que era um principe encantado.» (*O Positivismo*, t. 11, p. 446.)

A *Gata borralheira* fórma um vasto cyclo novellesco, estudado pelo eruditissimo Reinhold Köhler, nas notas a uma versão escosseza, na *Revue celtique*, t. 111, p. 370 e 371. Estudou tambem este cyclo Henry Chasles Coste. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. 1, p. 114, vem uma versão do Chili com o titulo de *Maria la Cenicienta*, curiosa pelo syncretismo com outros contos. O episodio das tripas repete-se tambem na tradição portugueza:

Fadas, fadinhas,
Vistes por aqui as minhas tripinhas?

Gubernatis, na *Storie delle Novelline popolari*, p. 9 a 34, traz um valioso estudo comparativo do Conto da *Cenerentola*, deduzindo a sua origem mythica das imagens poeticas da Aurora. No *Florilegio* em que collige os Contos populares em cyclos, o da *Cenerentola* occupa de p. 5 a 68, com as versões universaes que o relacionam com o mytho primitivo.

Maspous y Labrés, *La Filastra*, O *Las germanastras* (Rondellayre, p. 97 e 101.) Nos Contos dos irmãos Grimm, *Frau Holle*; Bechstein, *Zitterinchen*; Leprince de Beaumont, *Blanche et Vermeille*; Ahn, Contos gregos e albanes, t. 1, n.º 28; Callaway, o conto zulu *Ukcombekcantsini*; Stanislaio Prato, colligiu variantes livornesas, umbrias, spoletanas; e Gubernatis no *Florilegio delle Novelline popolari* p. 5 a 6, apresenta nova versão allemã; a *Cendrouse*, da alta Bretanha; a lição de Pérrault; versão de Sene, de Parma, da Sicilia; e da

Romania *Il Cenerentola*. Nos *Contos populares da Ilha de Corsega*, colligiu Frederico Ortoli uma versão *I tre pomi di Marinese*, que Prato considera analoga á *Gata borralheira* do *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, (em verso octonario). Nos *Contos populares do Algarve*, vol. II, p. 39, achase uma versão. No seculo XVI já citava Jorge Ferreira de Vasconcellos a *Gata Borralheira* em uma phrase proverbial.

A Madrasta. (Pag. 48) — Pertence ao cyclo do antecedente. A troca das crianças pelas fadas, achase nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 223, trad. Brueyre.

Cabellos de ouro. (Pag. 51) — A versão portugueza está bastante confusa; a redação mais completa que conhecemos é a do Chili, intitulada *El Culebroncito*, publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 137. Nos *Contos populares do Brasil*, n.º XXIX, versão do Rio de Janeiro: *A rainha que sahio do mar*.

A Carpinteirasinha. (Pag. 53) — Este titulo não tem sentido, ignorando-se a significação primitiva de *carpinteiro*; *carpenta* é o carro gaulez, usado pelas antigas mulheres da Ausonia, como descreve Ovidio. (*Fastos*, I-IV, 819.) Florus cita um *carpentum* de prata do rei Brituitus. A locução portugueza *bicho de carpinteiro*, designa a pessoa que não está quieta em um logar. Evidentemente o nome de *Carpinteirasinha* deriva se da sua mobilidade com que figura no conto. A fórma seguinte é uma variante.

A filha do lavrador. (Pag. 55) — Pertence ao cyclo da *Maria Sabida*

A feia que se torna bonita. (Pag. 57) — No *Pentamerone* de Basile, x conto, ha uma velha que se esfolia para se fazer bonita. Vid. Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 6: «No decimo conto do *Pentamerone*, o rei de Roccaforte casa-se com a velha, julgando que é uma nova. Deita-a pela janella, mas ella na queda fica dependurada de uma arvore; vêm as fadas, fazem-n'a nova, dão-lhe formosura e riqueza, e cingem-lhe o cabelo com uma fita de ouro. A irmã, tambem velha, com inveja da que ficou bonita (a Noite) foi a casa de um barbeiro, esperando obtêr a mesma transformação pedindo que a esfolasse, mas ficou sem pelle. No que respêita o mytho das duas irmãs, a Noite e a Aurora, a donzella negra e a que se disfarça ou tinge de negro, ou cinzento, vidê tambem o *Pentamerone*, II, 2.» O conto baseia-se sobre um equivoco de linguagem, que vem reforçar a elaboração do mytho. Nos

Contos populares portuguezes, n.º LXV, ha uma versão de Coimbra com o titulo *A velha fadada*.

O peixinho encantado. (Pag. 59) — Ha uma outra versão da Foz do Douro intitulada *João Mandrião*, nos *Contos populares portuguezes*, n.º xxx. Vidè nota a p. 36. Nos *Portuguese folk-tales*, de Consiglieri Pedroso, apparece com o n.º xvii sob o titulo *O preguiçoso filho da Padeira*, diversificando no episodio da laranja. Ralston, na sua *Introdução* (p. vii) considera-o commum a todo o oriente da Europa, e cita os n.ºs 55, do volume v dos *Skaski* de Affanasieff, os n.ºs 32 do vol. vi, e 51 do vol. vii; depois da vasta collecção russa, cita o conto n.º 19 dos *Contos* de Grimm, *O pescador e sua mulher*; uma variante nos *Griechische Märchen*, n.º 8, de Ahn, e termina dizendo que na Asia esta tradição conserva uma fórma mais rasoavel. Sobre os *Peixes-Salvadores*, vid. p. 36.

O figuinho da figueira. (Pag. 60) — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º xli, vem uma versão de Coimbra sob o titulo *A menina e o figo*. Acha-se nos *Contos populares do Brasil*, n.º xvi, com o titulo *A Madrasta*. Celso de Magalhães colligiu-o na tradição oral do Maranhão.

A da varanda. (Pag. 61) — Pertence ao cyclo da *Maria Sabida*. Em uma variante que ouvimos no Porto ha o estribilho:

E a cabra na cama
A fazer de madama?

Nos *Contos populares do Brasil*, n.º xii, *Dona Pinta*, versão de Sergipe.

A noiva formosa. (Pag. 64) — Vidè o conto de p. 1 e a nota correspondente. Nos *Contos populares do Brasil*, n.º xxi, vem uma versão de Sergipe, *A sapa casada*. Gubernatis, no *Flori-legio delle Novelle popolari*, traz uma versão italiana *La Ranocchiella*, filiando-o no vasto cyclo novellestico de *Psyche*. Pitré, *Tre Figlio obediienti*, (Palermo) Knust, Imbrianni, Gonzenbek e Comporetii, colligiram versões.

A noiva do corvo. (Pag. 67) — Nos *Kalmükische Märchen*, de Jülg, vem um conto do Pássaro desposado, que se prende a este cyclo do amante tornado em pôrco ou em cavallo, em serpente ou em pássaro. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º xxv e xxxiv, vem com os titulos *O Carneirinho branco*, e o *Principe-sapo*. Brueyre, nos *Contos populaires de la Grande Bretagne*, cita um conto da collecção de Camp-

bell, em que o esposo é um côrvo, e não um príncipe-sapo ou príncipe serpente como no cyclo em geral. na Russia, Allemanha, Italia e França. (Vid nota a pag. 58.) Estudamo-lo mais adiante ao anotar a redacção litteraria de Trancoso. No setimo conto mogol do Siddhi-Kûr, resumido por Gubernatis (*Myth. zoologique*, t. 1, 140), é a gaiola que a desposada queima por conselho de uma bruxa. Nos mythos indianos o sol é um passaro, e a aurora a gaiola que arde. Nas *Fiabe, Novelle e Racconti popolari siciliani*, de Pittré, ha o conto d'este cyclo, n.º CCLXXXI, *Ré Cristallu*; e St. Prato, sob o titulo *O rei serpente*. Consiglieri Pedroso colligiu duas versões portuguezas *O Principe encantado*, e o *Talo de couve*. Liebrecht e Volmer estudaram este cyclo da *Bella e da Féra*.

1740—M.^{me} Villeneuve, *Contes marins: La Belle et la Bête*.

1757—M.^{me} de Beamont, no *Magasin des Enfants* resume a novella anterior.

Sobre este assumpto a opera *Zémire et Azor*, letra de Marmontel, musica de Grétry.

Sobre a variedade de versões populares d'este conto, vid. Ralston, *Beauty and the Beast*, no jornal *The Nineteenth Century*, Decemb. 1878, p. 990 a 1012.

A paraboinha de ouro. (Pag. 69) — O episodio da bacia magica é frequente em outros contos. (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 315.) Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XLIV, vem uma versão de Ourilhe, *O principe das palmas verdes*, com o estribilho poetico:

Principe das Palmas verdes,
Não te lembras de mim?
Lembra-te do teu filho,
Que o tens ao pé de ti.

Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. 1, p. 126, vem uma versão do Chili, com o titulo *El principe Jalma*.

O principe que foi correr sua ventura. (Pag. 70) — Nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIV, ha uma variante de Coimbra com o titulo *Branca Flôr*. Nos *Contos populares brasileiros*, n.º XXII, vem uma variante com o titulo *Cova da Linda Flôr*. Este conto acha-se em quasi todos os seus detalhes com o titulo *As trez pombas*, nos *Contos e tradições do Tyrol italiano*, de Schneller, n.º 27. O mesmo na collecção dos *Contos populares e infantis*, de Pröhle, n.º 8. Nos *Rondallayres ou quentos populares catalans*, de Maspons y Labòrs, apparece com o nome de *Lo Castell del Sol*. Vidè Stanislaò Prato, *Una novelline popolare monferrina*, p. 56. Cosquin nos

Contos populares lorenos compara este conto com o da *Chatte blanche*, t. 11, p. 9. Sobre as donzellas-pássaros, Reinhold Köhler, annotando os contos esthonianos, n.º 14 e 16, e os contos sicilianos, n.º 10, desenvolve largamente todos os paradigmas tradicionaes. Guichot y Sierra colligiu uma outra versão em Sevilha, *El Marqués del Sol*, publicada na *Biblioteca de las tradiciones populares españolas*, t. 1, p. 187. Machado y Alvares, no *Folklore andaluz*, p. 457, com o titulo *Las tres Marias*.

Maria Subtil. (Pag. 75)—Na versão do Algarve encontrá-mos este conto com o titulo de *Dona Vintes*; e na versão de Ourilhe (Celorico de Basto) vem com o de *Esvintola*, (*Contos populares portugueses*, n.º XLII) trazendo o estribilho:

Ai, Dona Esvintola,
Tão brava na vida
E tão doce na morte!

Nos *Contos populares do Brasil*, n.º XII, *Dona Pinta* é uma variante do nosso. Ha uma versão sevilhana, intitulada *Mariquilla la ministra*, colligida por Guichot y Sierra. Vid. p. 75.

A referencia mais antiga a este conto vem nas *Cartas*, de D. Francisco Manoel de Mello (Centuria v, Carta 7.ª): «Eu cuido que virei a ser aquella

... Dona atrevida,
Dôce na morte
E agra na vida.

que nos contam quando pequenos.» (*Cartas*, p. 671. Ed. 1649.) Na tradição popular corrente ainda tem o titulo de *Maria Sabida*. Charles Pérrault, nos seus Contos (1697), redigiu litterariamente este thema tradicional na *Adroite Princesse ou Aventures de Finette*, no qual o principe de Bel-à-Voir fura com a espada uma boneca de palha que tem uma bexiga cheia de sangue. João Baptista Basile, no *Pentamerone*, deu re-dacção litteraria á forma italiana no conto da *Sapia Licciardia*, que tambem mette na cama uma boneca cheia de mel e cousas dôces, exactamente como na tradição portugueza. Na Inglaterra este conto apresenta um aspecto exclusivamente maravilhoso no *The Made Pranks and merry Jests of Robin Good Fellow*, em que o amante é um genio domestico, Robin, que deixa na cama uma figura de lã. (Brueyre, *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 235.)

O coelhinho branco. (Pag. 79) — Em uma versão do Algarve, inedita, vinha o estribilho:

Lenço, liga, cordão e cuidado,
 Quem me déra vêr aqui
 A dama do meu agrado!

Ha uma versão hespanhola no *Folklore andalu7*, p. 355 :
La rueda de conejos.

Clarinha. (Pag. 80) — Pertence aos mythos da Aurora, o que concorda singularmente com o nome da menina.

Bola-bola. (Pag. 82) — Liga-se com o conto das *Tres Cirdras do amor*. Vid. p. 110.

Linda branca. (Pag. 84) — Pertense ao cyclo do *Sapatinho de vidro*. Vid. p. 45.

Rei Escuta. As cunhadas do rei. (Pag. 86 e 87) — D'este conto duas versões do Porto, na *Vanguarda*, n.º 40 e 41; no *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, a pag. 391 um largo conto em verso com o titulo *Los encantamentos da grande fada Maria*, de perto de quarenta paginas, um verdadeiro problema litterario, cuja genuinidade só se admittirá pela espontanea improvisação que distingue os povos insulanos. Nos *Contos populares do Brasil*, vem sob o n.º 11, com o titulo *Os tres coroados*. Este mesmo thema tradicional recebeu forma litteraria nos *Contos e Historias de Proveito e Exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, Parte 11, n.º 7, que reproduzimos na secção competente. É extraordinaria a somma de paradigmas que apresenta este conto na tradição hespanhola, italiana, franceza, grega moderna, allemã, hungara, slava, avárica, etc. O Dr. Reinhold Köhler, nas notas dos *Awarische Texte*, ao n.º 12, *A bella Issensulchar*, traz uma enorme somma de paradigmas, e o prof. Stanislao Prato, nas *Quattro Novelline popolari livornese*, Spoleto, 1880, annotando o conto das *Le tre Ragazze*, pag. 92 a 136, desenvolve extraordinariamente a área das comparações, de modo que como o processo erudito está feito, é facil imbaír os ingenuos. Aproveitaremos com franqueza as investigações d'esses mestres, com algumas resumidas ampliações.

No *Folklore andalu7*, n.º 8, p.º 305, vem este conto com o titulo *El agua amarila*, colligido por J. L. Ramirez. Nos *Rondallayre*, de Maspons y Labrós, n.º 14 e 25; e nos *Cuentos y Oraciones divinas*, de Fernão Caballero, n.º 6, p. 31, com o titulo *El pajaro de la verdad*. Ha tambem uma versão basca, colhida por Webster.

As versões italianas são abundantissimas; Stanislao Prato, nas *Quattro Novelle popolari*, traz sete v. rsões importantes para a critica comparativa (pag. 16 e 20 a 39). Ha uma versão

livorneza nos *Italianische Märchen*, n.º 1, de H. Knust; outra em Gubernatis, *Novelline di Santo Stefano de Calcinaja*, n.º 15; Pittré, *Fiabe, Novelle e Racconti*, n.º 36, e a 3.ª variante; em Imbrianni, *Novellaja florentina*, no app. ao n.º 6, e n.ºs 7 e 8; e nos *Contos de Pomigliano*, sob o titulo de *Viola*; Comparetti, *Novelline popolari italiane*, n.º 6, versão de Basili-cata; outra de Pisa, n.º 30; em Laura Gonzenbach, *Sicilianische Märchen*, n.º 5; em Schneller, *Märchen und Sagen aus Völschtirol*, n.º 23, 25, 26. As tradições populares d'este cyclo penetraram na litteratura italiana, como se vê no *Pecorone*, de Giovanni Fiorentino, jornada x, novell. 1; em J. Baptista Basile, *Pentamerone*, jorn. 111, trat. 2; Straparole, *Piaccevoli Notte*, fab. v, n.º 4; Molza, *Novella*, Poggi Bracciolini, Gozzi deram redacção litteraria a este conto, que tambem apresenta o caracter de lenda religiosa, na *Representazione di Santa Uliva*, e no *Libro dei Miracoli della Madona*, cap. x. Acha-se em novas collecções: Carolina Coronedi-Berti, *Novelle popolari bolognese*, n.º 5; Arietti, *Novelle popolari piemontese*, trez versões; e Vicentini, *Fiabe mantovane*, n.º 46; Bernoni, *Fabulas populares venezianas*, n.ºs 2 e 15, e Rep-pone, *La Posilecheata*, n.º 3.)

Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. 11, p. 224, traz este mesmo conto em uma versão popular toscana das fontes do Tibre. A versão das duas irmãs mais velhas é comparada com o facto analogo das que figuram no conto de *Lear*, e da *Bella e da Fera*.

As versões francezas, acham-se na Litteratura e na tradi-ção oral simultaneamente; em M.^{me} d'Aulnoy, é *La Princesse Belle-Etoile et le Prince Cheri*; em Millin, *Conteur breton*, intitula-se *L'Oiseau de Verité*; em Cosquin, *Contes populaires lorrains*, n.º 17, com importantes notas; Revista *Melusine*, t. 1, p. 206 a 213: *Les trois filles du Boulanger*, etc. Foram tambem vulgarisadas na traducção das Mil e uma Noites, *As duas irmãs invejosas*, e na continuacção de J. Scott, na *Historia do sultão do Yemen e das suas tres filhas*; Bladé, *Trois Contes*, p. 33.

O grupo occidental completa-se com as versões gregas, em Hahn, *Griechische und Albanische Märchen*, n.º 5, e n.º 69 (variante 1, e 2) e n.º 112; e nos *Neohellenica Analecta*, 1, 1, n.º 4, e n.º 8; outra K. Ewlampios.

Variante irlandeza, em Powel and Magnusson, *Irelandie Le-gendes*, t. 11, p. 227.

As versões allemãs são numerosissimas: Grimm, *Kinder und Hausmärchen*, n.º 96; Prohle, *Kinder und Volksmärchen*, p. 168; Wernaleken, *Oesterreichische Kinder und Hausmärchen*, n.º 34; Peter, *Legendas, novellas, usos e superstições da Silesia austriaca*, t. 11, p. 199; Meier, *Deutsche Märchen und Sagen*, n.º 72; Fromman, *Die deutsche Mundarten*, p.

250; Haltrich, *Contos populares tedescos de Saxe de Transilvania*, n.º 1; Curtze, *Tradições populares do Principado de Waldeck*, n.º 15; Zingerle, *Kinder und Hausmärchen*, t. 11, p. 112 e p. 157; Liebrecht, versão do Tyrol allemão no *Anuario de Litteratura de Hidelberg*, n.º 42, p. 187.

As versões slavas alargam o dominio da ficção: Natalia Nemçova, *Novellas e Contos populares slavos*, vol. v, p. 52; Wenzig, *Thesouro de Novellas dos Slavos occidentaes*, p. 148; Glinski, *Bajarz Polski*, t. 11, p. 46; Gaal e Stier, *Contos populares hungaros*, p. 390; Stephanovic, *Contos servios*, n.º 25 e 26; Köhler, no *Iagic Archiv für Slavische Philologic*, fasc. 11, p. 626 e 627; Afanasieff, *Novellas populares russianas*, liv. vi, n.º 96; Miklosich, *Contos dos Ciganos de Bukowina*, n.º 1; Urbovec, *Contos populares croatas*, n.º 25; M^{me} Mijatovics, *Popular Tales*, p. 238; Schiefner, *Avarische Texte*, n.º 12; e uma versão siameza no *Asiatic Researches*, t. xx, p. 348 (1836). Depois d'estas largas indicações apresentadas pelo Dr. Köhler ao n.º 12 da collecção de Schiefner, ao n.º 5 da collecção de Laura Gonzenbach, e aos n.º 25 e 26 da collecção de Stephanovic, accrescentou mais estas fontes utilizadas por St. Prato: Jecklin, *Tradições populares do Cantão dos Grisões*, p. 105; W. Webster, *Basque Legends*, p. 176; Bladé, *Trois contos populares*, p. 33; Luiz Leger, *Contos heroicos, e Canções populares dos Slavos da Bohemia: O Soldado; Asbjörnsen, e Moe, Contos noruegueses*, o que se intitula: *O rico mercador*. Com as notas de Köhler, de Cosquin, Ive, Teza e Prato sobre este conto ficou esgotada a área das investigações, sendo possível organizar o seu encadeamento genealogico, e por elle remontar ao seu primitivo sentido mythico.

A Edade Média sympathisou com esta lenda da substituição das orianças por animaes, como se vê na *Historia do Cavalleiro do Cysne*, *Storia della Regina Stella*, no *Dolopathos*, no velho theatro francez, *Du Roi Thierry*, e nas tradições dos Lohengrin (Grimm, *Veillés allemandes*, t. 11, p. 342 a 378.) Evidentemente, quando mais vasta é a universalidade de um conto, tão mais profunda é a sua origem tradicional e pela investigação das formas mais simples se chegará ao seu valor mythico.

As sonsas. (Pag. 92) — Ha uma versão da Beira-Baixa nos *Contos populares portuguezes*, n.º LXI, com o titulo *As filhas dos dois validos*, do grupo colligido por Consiglieri Pedroso. Traz os seguintes estribilhos:

— Ah, estrangeirinha, estrangeirinha
Que esta caixa era minha.
«Pois se a caixa era vossa
Pela virtude sereis rainha.

A mão do defunto. (Pag. 94) — É uma versão popular do *Barba azul*. Gubernatis, na *Myth. zoologica*, t. 1, p. 182, resume o xiv conto esthoniano, de Fred. Kreuzenwald, pertencente a este mesmo cyclo. Na mesma obra, t. 11, p. 36, traz outra versão italiana d'este conto com o titulo *O rei dos assassinos*, não colleccionada. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem uma versão de Yorkshire, colligida por Gould nos *Curious Myths*, com uma nota interessante a pag. 407. Segundo Brueyre, a parte mythica do conto é a *mão de gloria*, que se liga ao mytho do fogo. No *Folk-Lore andaluç*, p. 308, ha uma versão do marido que mata as mulheres, até que a ultima vinga as irmãs. Este mesmo thema subsiste nos contos populares portuguezes no romance do *Rico Franco*. Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. 1, p. 149, vem uma versão de Sevilha, intitulada *Mariquilla la ministra*, em que se confunde tambem o conto da Maria Sabida.

O rei de Napoles. (Pag. 101) — Nas *Nuits facecienses*, de Straparola (ed. elz), ix, fab. 1.^a, vem este conto com a mesma situação das jóias e da donzella escondida pelo pae.

O matador de bichos. (Pag. 105) — E' uma das lendas mais queridas da Edade Média, do pae ou avô que conhece o filho ou neto abandonado, pela sua valentia extraordinaria. As Gestas desenvolveram este thema epico. Trogo Pompeu cita um fragmento de um poema dos Turdetanos, que é o conto do rei Abidis, neto do rei Gargoris, nascido de uma fragilidade de sua filha; tendo-o exposto a todos os perigos para que a criança morresse, sobrevive a tudo e é nomeado pelo avô successor do seu reino.

As nozes. (Pag. 108) — E' o conto das *Trez Cidras do Amor*, modificado segundo os fructos predilectos de cada terra, cidras, laranjas ou nozes. Sobre os paradigmas d'este conto universal, vid. p. 140. Don Agustin Duran, no *Romancero general*, t. 1, p. 2, nota ao Romance n.º 4, resume este conto, bastante vulgar em Hespanha. Na versão italiana de Perugia, tem tambem o titulo *Le tre noci fatate*. (Ap. Prato, *Quatro novelline*, p. 28.)

As trez cidras do amor. (Pag. 110) — Aparece pela primeira vez citado na tradição portuguesa, por Soropita, *Prosas e Versos*, p. 103. Este escriptor pertence ao fim do seculo xvi. Cita-se nas obras de Nicoláo Tolentino, p. 93. (Ed. J. Torres). Publicamos uma versão popular nos *Estudos da Edade Média* em 1869, p. 65, quando iniciámos estas inves-

tigações. Ha outra versão nos *Contos populares portuguezes*, e nos *Contos populares do Brasil*, n.º XIV, vem com o titulo *A moura torta*, e variantes. Stanisláo Prato, no seu opusculo *Quatro Novelline popolare livornesi*, p. 11 e seguintes, traz bastantes versões italianas d'este conto: *La bella dei sette Cedri, I tre cocomeri, Le tre melangele d'amore, Bianca como la neve e rosa como il sangue, Le tre noci fatate, Il giardino del orso, La dea Venere*. Sobre esta novella apresenta em seguida um largo estudo comparativo (p. 46 a 91, in-4º) sobre as versões colligidas por Pitré, Basile, Imbrianni, Berti, Comparetti, Corazzini, Gubernatis, Gradi, Gozzi, Laura Gonzenbach, Schneller, Lippi, Busck, Ive, Visentini, Deulin, Afanasieff, Makban, Buemosci, Schott, Grimm, Kennedy, Brueyre, Asbjornsen (Dasent), Köhler, Maspons y Labrós, Schmidt, Eredelgi Stier, Hahn, Benfey, Stefanovic, Jawis Schiefner, Zingerle, Cavallius, nas Legendas da Romania, de 1874; e nos Contos da Corsega, *I tre aranci*. etc. Todos estes nomes representam collecções de novellas populares italianas, gregas modernas, allemãs, húngaras, russas, inglezas, escocezas, hespanholas, suecas, aváricas, suissas, por onde se vê que este conto é verdadeiramente universal. Stanisláo Prato interpreta este conto como sendo o mytho de Hercules roubando os pòmos de ouro do jardim das Hesperides. Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, g. 81, tambem apresenta uma interpretação mythica.

Na collecção de Maive Stokes, *Indian Fairy Tales*, n.º XXI, *The Bel-princess*, ha uma versão oriental d'este conto. — Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. I, p. 100, vem uma versão, *La Negra y la Tórtola*, colligida no Chili, na povoação de Santa Joanna; traz os estribilhos:

— Hortelanito del rey,
Que hace elrey con su negra mora?
«A veces canta y a veces llora.
— Hai, hui, hui! triste de mí,
Por el campo sola.

A bengala de dezeseis quintaes. (Pag. 112)—Acha-se este conto na Foz do Douro, com o titulo *O homem da espada de vinte quintaes* (*Contos populares portuguezes*, n.º XXI.) Na *Revista Occidental*, vol. II, p. 329, vem uma outra redacção, de Ourilhe (Celorico de Basto) a que a narradora deu o titulo de *O homem da bengala de cem quintaes*, ou *da bengala de ferro*, não reunido na collecção citada, por não ter differenças essenciaes. Ha uma versão andaluza, colligida por Fernan Caballero, *Cuentos populares*, p. 51, ed. Leipzig.) Este conto acha se colligido por Schiefner, nos seus *Awarische Texte*, n.º 11. (Nas *Mem. de l'Academie Imperiale des Sc. de*

Saint Petersburg, VII serie, t. XIX.) O Conto chama-se *Orelhas de Urso* e é de uma grande importancia para a determinação da origem de uma grande parte das novellas populares europêas, pelas relações entre os ávaros caucasicos com os ávaros mongolicos. A traducção d'este conto acha-se na *Revista Occidental*, vol. 11, de p. 337 a 343. Ha versões d'este mesmo conto na Russia, como se vê pelas collecções de Erlenwein e de Afanasief, traduzido para inglez no *Russian Folk-Tales* by Ralston, p. 73-80; e para francez com o titulo de *O monstro Norka*, por Brueyre. (*Contes populaires de la Russie*, p. 77.) Ha elementos episodicos nos *Koschei o immortal*. (*Ibiden*, p. 105.) Nos *Contos populares da Servia*, de Vuk Stefanovic, vem este conto com uma fórma deturpada, e uma variante colligida pela Sociedade da joven Bosnia, ambos traduzidos para inglez pela dama Mijatovics (p. 32 e 36, e p. 123.) Na collecção de Hahn, *Contos gregos e albaneses*, n.º 70 do 1 vol., e p. 294, do vol. 11. Na Italia, apparece nas collecções de Pittre, n.º 80 e 83 das *Ott Fiabe*, e p. 208 do vol. 11 das *Fiabe Nouvelle e Raconti popolari siciliani*; e nos *Contos sicilianos* de Laura Gonzenbach, apparece sob os n.ºs 58, 59, 61, 63 e 64; nos *Contos populares venezianos*, de Wiedter e Wolf, n.º 4, e nas *Novelline popolari italiane*, de Domenico Compertti, n.º 19. As notas de Reinhold Köhler alargam immensamente a área das comparações na tradição europêa; acham-se nas collecções de Schiefner, Gonzenbach, Wiedter, Hahn, Vuk Stefanovic e Bladé, d'onde se aproveitam todos os criticos com leves ampliações; pertencem a este cyclo novellesco, contos magyar, slavonico e polaco, das collecções de Gaal, Vogel e Woyciki; contos allemães das collecções de Grimm, (1) Wolf, Sommer, Colshorn, Curtze e Vernalecken; Mullenhoff, Birlinger, Haltrich; conto bohemio, na collecção de Waldau, lithuanico na de Schleicher, tiroleza na de Zingerle e Schneller, dinamarqueza na de Grundtvig, e slava na de Schmalzer, e em suizo, de Suttermeister, finlandez em Bertram, e gaelico em Campbell. O estudo comparado d'este conto portuguez com os elementos tradicionaes europeus colligidos pelo erudito Köhler, acham-se na citada *Revista Occidental*, Lisboa, 1875, vol. 11, p. 239 e 245.

Gubernatis, na sua *Mythologia zoologica*, t. 1, p. 207, traz o resumo de um conto russo colligido por Erlenwein, e no t. 11, p. 197, traz o episodio da descida ao pôço e da salvação das princezas filhas do rei de Portugal, colligido da tradição oral da Toscana. Portugal, nos contos populares europeus, é

(1) Na traducção franceza de Fr. Baudry, vem *Os seis companheiros* (p. 172) e o *Gigantinho* (p. 74) com analogias.

o paiz das maravilhas, e as laranjas, como p6mos dourados das Hesperides s6o chamadas *Portogalotes*; uma grande parte dos assumptos novellescos narram-se como tendo acontecido em Portugal. Por ultimo citaremos ainda uma vers6o catalan, colligida por Maspons y Labr6s, nos *Rondellayres*, com o titulo *Jean de l'Ours*, e a vers6o franceza colhida recentemente por Emmanuel Cosquin, nos *Contes populaires lorrains*, t. II, p. 135, com o titulo *La Canne de Cinq cents livres*. E' evidente a universalidade d'este conto, e com certeza desenvolveu-se pela oblitera66o do seu sentido mythico primitivo. Gubernatis determina 6ssa interpreta66o pelo conto IV da collec66o de Erlenwein, *Narodnija Skarki sabrannija selskimi uciteljiami*: «os tres irm6os apparecem sob nomes mythicos interessantes; uma mulher d6a 6 luz tres filhos; um nasceu-lhe 6 noite, e por essa raz6o lhe chamam Vecernik, ou da noite; o segundo, 6 meia-noite, e por isso o seu nome 6 Polunocnik; e o terceiro ao alvorecer, pelo que o chamam Svetazor, ou o iadino.» Segundo a universalidade da tradi66o este 6 o mais esperto, e gira com uma clava de ferro de doze puds, e vae com os irm6os libertar tres princezas encantadas, que s6o a princeza do castello de cobre (Aurora da Tarde), a princeza do castello de prata (a Lua argentea), e a princeza do castello de ouro (a Aurora da manh6) que casa com Svetazor (o Sol.)» *Op. cit.*, p. 209.

Nos *Contos populares do Brasil*, ha uma variante, n.º XIX, intitulada *Manoel da Bengala*.

A torre de Babylonia. (Pag. 119) — Segundo uma nota de Consiglieri Pedroso, tambem tem o titulo da *Torre da Somnolencia*, o que nos explica o sentido do titulo com que o ouvimos em uma vers6o de Abrantes, *A Torre da madorna*. Acha-se nos *Contos populares portuguezes*, n.º XIV; seguimos o texto da *Vanguarda*, n.º 39. Ha uma outra vers6o nos *Portuguezes folk-tales*, de Consiglieri Pedroso, n.º XI. Nos *Contos populares do Brasil*, 6 denominado *O Bicho Manjaleo*. Este mesmo conto 6 commum 6 tradi66o hespanhola com o titulo *El Castillo de ir6s y no volver6s*, em Maspons y Labros, *Rondellayres y quentos populares catalans*, Serie I, n.º 5; acha-se tambem na collec66o de Fernan Caballero, com o titulo *Los cavalleros del pez*. Nos *Contos populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, as vers6es francezas tem os titulos *Le fils du Pecheur* e *Les dons des trois animaux*. Apparece uma vers6o italiana na *Fiabe, Nouvelle e Raconti popolari siciliani*, n.º 16, de G. Pittr6. Apparece uma vers6o servia, intitulada *Bash Chalek*, na trad. ingleza de M.^{mo} Mijatovics, *Serbian-Folk-lore*. Reinhold K6hler, nas suas notas aos *Awarische Texte*, de Schiefner, n.º IV, onde compara o conto dos *Cunhados animaes*.

— Stanisl6o Prato, na revista *Il Preludio*, de 1881, n.º 6.

— Chodzko, *Contes des Paysans et pères slaves*, p. 51, Koveland.

Em Souvestre, *Les Derniers Bretons*, p. 70: *La Mary Morgan de l'Etang au Duc*.

Desanda cacheira. (Pag. 121) — Nos *Contos populares portugueses*, n.º XXIV, vem uma versão de Coimbra. Nos *Estudos da Edade Média*, p. 70, publicámos pela primeira vez este conto com uma redacção litteraria. Acha-se na tradição allemã: *A meza, o burro e o bastão maravilhoso*. (*Contes choisis*, de Grimm, trad. Baudry, p. 155.) Gubernatis traz uma variante italiana nas *Novelline di Santo Stephano*. (*Rev. des deux Mondes*, p. 145, Nov. de 1877.) No conto XI da collecção esthoniana, resumida por Gubernatis, a cacheira que desanda por si, é interpretada como a expressão mythica do raio. (*Myth. zoologique*, t. 1, p. 174.) Sobre estes talismans da toalha que dá de comer, ha nos *Contos dos pastores slavs*, de Chodzko, *O anão e o tapete volante*. Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, falla nos episodios fundamentaes d'este conto: *A bolsa sempre cheia de dinheiro*, é uma fórma do *Asno mija-dinheiro*, da *Pata dos ovos de ouro*, dos *Cinco reis eternos do Judeu Errante*. A toalha cheia de iguarias, é figurada na mythologia antiga pelo *corno de Amalthea*, ou a *Vacca da fertilidade dos Vedas*, ou a *taça de Graal da Tavola Redonda*, ou o *corno de Oberon* no poema de *Huon de Bordeaux*, (p. 139.) A toalha do *Põe-te meza*, apparece nas collecções bretã, slava e norueguesa; em Luzel, no *Corpo sem alma*; em Chodzko, na *Toalha que alimenta*; em Asbjörnson, *O homem que vive ao vento do norte*, *Mestre Tabaco*, *o Rei Valmond* e o *Urso branco*. — Nos *Contos populares do Brasil*, n.º XLI, edição de Lisboa, acha-se com o titulo *O Priguiçoso*. Este thema acha-se largamente desenvolvido pelo prof. Stanislão Prato, no opusculo *Una Novellina popolare monferina*, Como, 1882. Aproveitamos as suas indicações. Acha-se este thema no II conto kalmuco, da tradução de Bernhard Jülg; no conto indiano do *Rei Patraka*, no *Kathasârîtsâgara*, de Somadeva Bhattra. Cita uma outra historia na collecção indiana do *Bahar Danusch*, e uma traducção do industanico de Garcin de Tassy. Nos *Avadanas chinezes*, traduzidos por Stanislão Julien, t. II, p. 8, vem sob o titulo *A disputa dos dois demonios*. Ha uma variante arabe *Aventuras de Mazen do Khorassan*. Na collecção do *Touti Nameh* (vol II, p. 28, da trad. allemã de Iken), ha outra variante; na collecção polaca de Glinski, traduzida por Chodzko, e por Prato, (op. cit., p. 21) e em outro conto (Glinski, t. III, p. 81) apparece a toalha magica. Nos contos XI e XXIII da collecção esthoniana figura a cacheira, ou o pão que bate por si mesmo. O thema do *Asno faz-dinheiro* acha-se nos *Old Deccan Days*, de Miss

Frère, p. 165. O sentido mythico é evidente na toalha, que figura a nuvem, e na cacheira que é o raio. Vidê Brueyre, p. 48, notas, p. 58, dos *Contos da Gram Bretanha*. Nas *Fiabe, Nouvelle e Raconti popolari siciliani*, n.º xxix, vem este conto do qual Consiglieri Pedroso colligiu outra variante portugueza com o titulo *A Velhinha e San Pedro*.

Comida sem sal. (Pag. 124) — E' uma fôrma popular da lenda do *Rei Lear*. Nos Contos de Grimm (p. 209 da versão de Fr. Baudry) vem como episodio na *Guarda-Patas*. Nas *Fiabe, Nouvelle e Raconti*, de Pittré, n.º 10, vem este mesmo thema tradicional. No *Pantcha Tantra* (trad. Lancereau, p. 244) ha uma princeza casada com um principe serpente, a qual é expulsa de casa pelo pae. Adiante reproduziremos a fôrma litteraria d'esta lenda como se lê no Nobiliario do Conde D. Pedro, do seculo xiv. Nos *Contos populares do Brasil*, n.º 111, vem com o titulo de *Rei Andrada*. (Vidê supra pags. 45 e 48.) Ha uma versão portugueza, colligida por Pedroso, *Pedro Cortiçôlo*. Na collecção de Maive Stokes, *Indian Fairy Tales*, n.º xxiii, vem com o titulo *The princess who loved her fatter like salt*.

As crianças abandonadas. (Pag. 125) — Ha outras versões de Guimarães e Villa Real (ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 264 e 266); outra nos *Contos populares portuguezes*, e nos *Portuguese Folk-Tales*, de Consiglieri Pedroso, tradução de Ralston, n.º xiv, apparecem duas versões com o titulo *As duas crianças e a Feiticeira*. Sobre este conto Ralston cita um paradigma norueguez, *Boots and the Troll*. (*Op. cit.*, p. vii.) As botas de sete leguas são interpretadas como uma fôrma mythica do vento; achase nos Contos esthonianos de Frederico Kreuzenwald, n.º xi. (Ap. Gubernatis, *Myth. zool.*, t. 1, 174.) No xvi conto esthoniano tambem se marca o caminho deixando cair cascas. (*Ib.*, p. 178.)

O afilhado de Santo Antonio. (Pag. 127) — Ha versões de Guimarães e Cabeceiras de Basto, ap. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 271 e 274. Nos *Contos populares do Brasil*, n.º xxiii, *João e mais Maria*.

A filha do Diabo. (Pag. 128) — Liga se á lenda medieval do *Roberto do Diabo*, que anda na litteratura de cordel em Portugal. Vidê o nosso estudo sobre *Os Livros populares portuguezes*. (*Era Nova*, n.º 1 e 2.)

As trez maçãs de ouro. (Pag. 130) — Gubernatis, (*Myth. zoolog.*, t. II, p. 342) cita o conto n.º xxii do seu *No-*

velline di Santo Stephano de Calcinaia, no qual : «dois irmãos mais velhos roubam uma penna de pavão ao seu irmão mais moço e o matam (isto é o pavão, da mesma fôrma que n'um conto russo, a irmã mata o irmão mais moço para lhe tirar as botinas vermelhas). No logar em que o irmão da penna de pavão é morto e enterrado, cresce uma arvore, de que se faz um cajado, depois um assobio, que, quando toca, conta o caso funebre da morte do irmãozinho por causa da pluma de pavão.»

Eis como o illustre mythographo explica o conto : «Quando o céo luminoso ou quando o sol está occulto pelas nuvens, quando as pennas brilhantes são arrancadas, quando o pavão está enterrado, a arvore que está plantada sobre a sua sepultura (a nuvem) faz ouvir a sua voz na volta da primavera. . . a arvore torna-se uma cana, uma flauta magica, um kokila melodioso.»

Acha-se este conto na vasta collecção russa de Afanasieff, liv. v, n.º 17; e liv. vi, n.º 25. Além da fôrma italiana citada, Vittorio Imbrianni colligiu uma outra sob o titulo de *Passo griffo*, nos seus Contos de Pomigliano. (*Rev. des Deux Mondes*, Nov. de 1877, p. 145.) Este mesmo conto foi colligido por Bladé, em gascon, com o titulo *Lu Flauto*, nos *Contes et proverbs populaires rec. en Armagnac*; já apparece n'este a laranja, ou o pómo de ouro. Por elle se vê quanto o conto portuguez já se acha deturpado.

Ha uma outra versão allemã, *O osso que canta*, citado por Bladé, na *Hausmaerchen*; X. Marmier, nos *Chants populaires du Nord*, p. 7. 76, traz uma ballada parecida com este conto, na revelação do fratricidio por uma canção. Husson, na sua obra *La Chaine traditionnelle*, interpreta o sentido mythico por esta fôrma : «como uma transformação de um antigo mytho relativo aos phenomenos da luz. Estes dois irmãos, correspondem aos Dioscuros e aos Açvins, isto é, aos Genios da luz no seu nascimento e occaso.» (p. 59.) Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. 11, p. 129, traz um conto hungaro, em que uma irmã mais nova é morta pelas duas mais velhas, e uma flauta é que revela o crime. Segundo a sua interpretação mythica as duas irmãs são as duas metades da noite. O poder da flauta apparece no conto da Çakuntala, no de Polydoro, e em um conto toscano; no Rig-Veda (x, 135) Yama toca uma flauta, á sombra da arvore que canta, com que acorda todos os antepassados mortos. (Gubernatis, *ib.*, t. 1, p. 94.)

A nossa versão publicada na *Vanguarda*, n.º 39, em 1881; ha outra versão nos *Contos populares portuguezes*, n.º xl. Vidè Stanisláo Prato, *Quatro Novelline livornesi*, p. 37, onde discute este thema nos mythos hellenicos, na *Eneida* e *Divina Comedia*.

Ha uma versão de Revilha, intitulada *La Flor de Lililá*,

publicada na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. 1, p. 196.

Nos *Contos populares de Lorena, Le siflet en chasté*, t. 1, p. 263; Emm. Cosquin fez um estudo comparativo d'este thema de charamella accusadora:

Siffle, siffle, berger,
C'est mon fiè qui m'a tué
Dans la firet des Ardennes.

«Nos contos allemães da collecção Grimm e na de Mullenhoff, e da transylvania figura o instrumento assobio, flauta, que denuncia o assassino. Mas é no conto da Lorena unicamente que o assobio foi dado á victima para conseguir a sua empreza.

«Sobre este ponto, os contos d'esta familia dividem-se em dois grupos. No primeiro (conto francez de Loire, o picardo, o allemão, o de Tyrol, o napolitano, o siciliano e o hespanhol), o assobio ou qualquer outro instrumento que falla, foi feito por um pastor, com um osso do irmão ou da irmã assassinada. No segundo grupo (conto do paiz sexão da Transylvania, o polaco, o morez, o tercans, o catalã, o valenciano, o portuguez da collecção Braga) o pastor faz a sua flauta de uma cana (de sabugueirò no conto allemão) nascida no lugar onde a victima está enterrada.» (Ib, p. 206).

O Sargento que foi ao inferno. (Pag. 131) — Aparece este conto na versão allemã de Grimm, *Os tres cabellos de ouro do Diabo*. (Vid. *Contes Choisis*, trad. Baudry, p. 133.)

A princeza que adivinha. (Pag. 135)—E' vulgar em Hespanha (Carmona e Arahall); acha-se com o titulo *Las tres Adivinanzas*, em Demofilo, *Collecion de Enigmas*, p. 310. Nos *Contos populares portuguezes*, n.º xxxviii, intitula-se *As tres lebres*, e traz os seguintes estribilhos em verso:

Comi carne sem ser caçada;
Em palavras de Deus assada;
Bebi agua não do céu cahida,
Nem tambem na terra nascida.

Quando n'este palacio entrei
Tres lebres encontrei;

Todas tres esfolei,
E as pelles d'ellas mostrarei.

No *Folk-lore andaluz*, p. 470, cita-se uma redacção castelhana. Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, acha-se esta mesma tradição com o titulo *La princesse et les trois frères*. Nos *Contos populares do Brasil*, n.º xxxv, ha uma variante com o titulo *O matuto João*. Leite de Vasconcellos (*Rev. Scientifica*, p. 510) cita uma versão do Porto, com o seguinte estribilho :

Sahi de casa
Com Pita e massa ;
Massa matou Pita,
Pita matou sete ;
De sete escolhi a melhor ;
Atirei ao que vi,
Matei o que não vi ;
Com palavras santas
Assei e comi.
Bebi agua que não estava
No céu nem na terra ;
Se bom era o fructo
Melhor a raiz era ;
Já vi um burro
Com sessenta burros em cima.

Em outra versão de Vizeu, cita tambem o estribilho :

Atirei ao que vi
Matei o que não vi.

Nas *Novelle popolari toscane*, de G. Pittre (*Archivio per lo studio delle Tradizioni popolari*, p. 64), no conto de *Soldatino*, vem o estribilho :

Tirai ai chi viddi,
Chiappai chi non viddi,
Mangiai carne creata, e non nata,
Cotta a il fumo di parole.
Striccia ammazzó Paola,
Il morvido consuma il sodo.
Enne e nè,
S'indovina cosa gli è.

No *Florilogo delle Novelline popolari*, p. 313, Gubernatis traz este conto com o titulo *L'Indovinelli e gli Animali re-consenti*.

A adivinha do rei. (Pag. 138) — O editor dos *Awarische Texte*, Schiefner, traz uma versão finnica d'este conto : «Um rei ordena ao filho de um aldeão de vir ter com elle á sua presença, nem de noute nem de dia, nem p'lo caminho nem por atalho, nem a pé nem a cavallo, nem vestido nem nú, nem dentro nem fóra. O intelligente môço veste-se com uma pelle de cabra, faz-se levar á cidade, no crepusculo da manhã, deitado no fundo de um cofre, com um crivo n'um pé e uma escova no outro ; depois parou no limiar da porta do rei, tendo uma perna fóra e outra dentro.» (Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. 1, p. 154.) O illustre philologo considera como pertencendo á classe dos enigmas astronomicos. Nos *Contos* de Grimm intitula-se *A Bávara astuta*; Brueyre, nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 169, nota 1, citando o enigma de Diarmaid, transcreve tambem uma pequena lenda irlandeza de Kennedy analoga á portugueza.

O boi cardil. (Pag. 140) — Este conto acha-se na tradição oral da Ilha da Madeira ainda em fórmula metrica, com o título de *Boi Bragado*. (*Romanceiro do Archipelago da Madeira*, p. 273.) Nos *Contos populares portuguezes*, n.º 1.vi, traz o nome de *O Rabil*, versão de Coimbra, com o estribilho poetico :

—Senhor meu amo!
Pernas altas e cara gentil
Me fizeram matar o boi Rabil.

Esta facecia tem raizes tradicionaes muito profundas; Schmidt determina-lhe um paradigm nas *Gesta Romanorum*, cap. 111, no qual se vêem ainda os elementos mythicos de lo mudada em vacca, e Argus, o pastor, fazendo um discurso ao seu barrete espetado na aguilhada, da mesma fórmula que Travailin faz em um conto semelhante das *Piacevole Notte* de Straparola, Noite 111, Fabula v. (*Les Facetieuses nuits*, t. 1, p. 223. Ed. Janet.) Na versão franceza das *Gesta*, *Le Violier des Histoires romaines*, cap. xcvi, p. 265, não traz a seducção amorosa. N'esta edição indicam-se novas fontes; acha-se tambem nos *Contos turcos*, que Loiseleur des Longchamps juntou á sua edição das *Mil e uma Noites*, p. 315. Vidè a *Histoire du grand ecuyer Saddyk*. Nos *Quarenta Vizires*, vem este conto com o título *Scheïkk Chehabeddin*, d'onde passou para outras collecções europêas. O Dr. Schmidt, nas notas á sua versão de Straparola, cita este mesmo conto em allemão do seculo xvi, que se acha nos *Volkssagen*, d'Otmar (Nachtigall) Breme, 1800. O Abbade Blanchet, nos *Contes et Apologues orientaux*, trat-o tambem sob o titulo de *Doyen de Badajoç*. (Vidè Loiseleur des Longchamps, *Essai sur les Fables indiennes*, p. 173.) No conto viii dos *Contos sicilianos* de Laura

Gonzenbach, é uma cabra que serve para pôr á prova a fidelidade do aldeão. (Vidè Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. 1, p. 442, nota.) Nos *Contos de Pomigliano*, colligidos por Vittorio Imbrianni, acha-se esta anedocta em que o heroe se chama José Verdade. (*Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 145.)

O **camareiro do rei**. (Pag. 141) — Sobre este conto escreveu o Dr. Stanislao Prato uma monographia excellente, *L'Orma del Leone* nella tradizione orientale, Parigi. 1883. (Romania, t. xii, p. 515 a 565) Apparece como episodio no *Syntipas* redacção grega do *Livro de Sindibad*, que com o titulo de *O Anel do Rei* publicou Loiseleur des Longchamps no *Essai sur les Fables indiennes* p. 96 e 97. Apparece como 11 exemplo no *Libro de los Engames et per Asayamientos de las Mujeres*; tambem na versão turca de Sindibad, *Os sete visires*, no conto *A muller do Visir* (Ed. Pantheon litteraire, p. 289); no *Pantufo do Sultão* (*Mélanges de Litterature orientale*, outro de Cardonc, vol. 1, p. 8-16. Matheus de Vendome, o conto de *Milo* (Ed. Haupt, de 1834); d'essa fonte medieval, passou para o *Chronicon Imaginis Mundi* de Fr. Jacopo de Acqui, narrado como anedocta: *De Petro de Vineis notario Imperatoris*. Carducci observa que Jacopo d'Acqui viveu nos fins do seculo xiiii menos de um seculo depois de Pitro delle Vigna, é que a imagem poetica da *vinha* se personificou na tradição popular; e não existiam os nomes historicos.

Este conto tem uma referencia historica, sendo os personagens Frederico 11 e Pedro de Vignes. Esta anedocta teve larga vulgarisação, porque acha-se não só nas *Dames galantes* de Brantome, *De la veuë en amour*, p. 172-4 Ed. 1848. Aqui a esposa é que se compara á *Vinha*, e allude á fresa do marido:

Vigna era, vigna son,
Era pedata, ora hia non son;
E non so per qual cogion
Non mi poda il mio patron.

Nas tradições populares italianas tambem está vigoroso, e acha-se em duas versões nos *Contos de Pomigliano* de Vittorio Imbrianni, em Viterbo sob o titulo *La trampa del leone*, nos Abruzzes, *Lu princej e la cambrijere*, e em Livorno, *La granfia del Leone*. Cesar Cantu, *Historia dos Italianos*, e Faurliel ignoraram a origem oriental. Por esta versão, em que ha alguns estribilhos poeticos, se vê o sentido das referencias á *vinha*, da versão do Algarve. Tambem se repete na Sicilia e em Veneza. (Vid. *Rev. des Deux Mondes*, Nov. 1877, p. 144.) Eis a adivinha do conto italiano, tal como vem no texto latino da *Chronica*:

Petrus de Vineis loquitur stilo materno :

Una vigna no piantá,
Per travers è intrà
Chi la vigna m'ha goastá,
An fait gran peccà
Di far ains che tant mal.

Diz a *esposa* : (Domina loquitur concordia verborum) :

Vigna sum, vigna sarai,
La mia vigna non fali mal.

Responde *Pedro* : (Consolatus Petrus respondit concordita:)

Se cossi è como è narrà
Plu amo la vigna che fis mai

«Et sic facta est pax inter dominam et Petrum...»

No conto veneziano vem as seguintes estrophes, que condizem com o dialogo rimado de Pedro de Vignes :

A esposa :

Vinha era, e vinha sou,
Fui amada, e já o não sou.
E não sei porque rasão
A vinha perdeu a estimação.

O camareiro :

Vinha eras, vinha ficarás,
Amada eras, e já o não serás;
Pela pata do leão
A vinha perdeu a estimação.

O rei, comprehendendo e explicando tudo :

N'aquella vinha eu entrei,
Em parra alguma toquei;
Pelo sceptro que tenho aqui
Nenhum bago lá comi.

Ha variantes numerosas; a veneziana, de Bernoni; a de Messina, de Blasiis; e a siciliana de Pittre.

A mulher curiosa. (Pag. 150) — Acha-se nos *Contos populares da Gram Bretanha*, trad. de Brueyre, p. 273.

As favas. (Pag. 151) — O sentido *phallico* primitivo ligado á fava, apparece em todo o vigor aqui; o sentido *funerario* explica-se pela ameaça de morte que peza sobre o rapaz que faltou ao respeito á rainha. (Vid. Gubernatis, *Mythologie des Plantes*, t. 11, p. 132.) Nos costumes populares da Italia, a fava branca que apparece no bolo é a *rainha* e a *femea*.

A velha das gallinhas. (Pag. 152) — O thema d'este conto acha-se no *Violier des Histoires romaines*, cap. 56, p. 168. São trez gallos que revelam, segundo a interpretação da camareira, a infidelidade da senhora. Este conto acha-se, segundo Gustave Brunet, no *Dialogus creaturarum moralisatus* e por ventura generalisou-se na Europa a titulo de Exemplo de prégadores.

Março Marçagão. (Pag. 155) — Publicado na *Vanguarda*, n.º 75 e 76. O março é mythificado nos anexins populares portuguezes. Em uma versão que colligimos o estribilho era :

Eu sou o Março Marão,
Que curo meadas e esteiras não.

A alegria da viuva. (Pag. 156) — E' uma fórma popular da antiga tradição da *Matrona de Epheso*, tão frequentemente citada nos escriptores classicos. Nas *Horas de Recreyo*, do padre João Baptista de Castro, vem uma redacção portugueza da *Matrona de Epheso* formada sobre elementos eruditos. Esta historia acha-se na collecção dos *Sete Sabios*; Loiseleur des Longchamps, no *Essai sur les Fables indiennes*, p. 161, indica as fontes d'este conto mais conhecido pelo *Satyricon* de Petronio. Ha um estudo especial por M. Dacier, nas *Mem. de l'Academie des Inscriptions*, t. xli; no *Policriticus sive de Nugis Curialium*, de João de Salisbury, de 1183, vem esta lenda d'onde se vulgarisou na Edade Média, e para a collecção das *Cento Novelle antiche*. As imitações litterarias são numerosissimas. No *Novellino* traz o n.º 119. Na II parte: Contos com fórma litteraria, vem uma versão portugueza do seculo xv.

A carpideira. (Pag. 158) — Pertence ao cyclo do conto antecedente, um dos mais abundantes do nosso Decameron popular.

Frei João Sem Cuidados. (Pag. 159) — Merece comparar-se a versão oral com a redacção litteraria de Gonçalo Fernandes Trancoso, do seculo xvi, em que figura um fidalgo Dom Simão. Ha uma fórma hespanhola tambem do seculo xvi, no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º xv. (Coll. de Auctores

españoles, de Ribadaneyra, p. 154.) A forma mais antiga que conhecemos é a italiana de Franco Sacchetti, contemporaneo de Dante, nas *Novellas*, t. 1, n.º iv. A primeira versão oral portugueza foi publicada no *Almanach de Lembranças*, para 1861, p. 323.

Referindo-se ao *Conto de Dom Simão sem Cuidados*: «Quando me ponho a cuidar nas vossas cousas, cuido que vos chamais *D. Simão*: que fazia cahir o fuço á outra que cuidava n'elle, segundo affirma o Auto de Antonio Prestes, meu amigo.» (*Cartas familiares* de D. Franc. Manuel, p. 532.) Este conto pertence ao cyclo do *Doutor sabe tudo*. (*Contos dos Irmãos Grimm*, n.º 98;) e das *Treç perguntas* (Benfey, *Orient und Occident*, 11, 687.)

João Ratão (ou Grillo). (Pag. 160) — Publicado pela primeira vez na *Era Nova*, p. 243. Em uma versão popular de Villa Real, o objecto da adivinha é um grillo, e por isso o adivinho acerta na resposta, dizendo:

Ai, grillo, grillo!
Em que mão tu estás mettido.

No livrinho dos *Contos nacionaes para crianças*, p. 47, n.º xvii, vem uma outra redacção sob o titulo *O Doutor Grillo*, formando um cylo de aventuras. Diz Gubernatis: «Na Italia, quando se propõe um enigma para ser adivinhado, ajunta-se ordinariamente como conclusão as palavras—*Indovinala, grillo!* (adivinha grillo!) Esta expressão liga-se ao idiota fingido dos Contos populares, que acaba sempre por dar prova de tino. O sol envolvido na nuvem e na obscuridade da noite, é em geral o idiota, mas o idiota que vê tudo, etc.» (*Myth. zoolog.*, t. 11, p. 50.)

Pedro de Malas Artes. (Pag. 165) — Na collecção dos *Contos sicilianos*, de Pittré, ha este mesmo thema. (*Rev. des Deux Mondes*, 1875. Agosto, 15, p. 883. Consigliéri Pedroso encontrou-o com o titulo de *Manel Tolo*, correspondente ao *Giufa* dos contos sicilianos (*Fiabe*, vol. 111, p. 353 da collecção de Pittré), e ás *Molbohistorie* da Dinamarca. (Ap. *Romania*, t. 1x, p. 138 a 140.) *O Positivismo*, t. 11, p. 450. — Nos *Relogios falantes*, D. Francisco Manuel de Mello, allude a esta tradição corrente em Portugal no seculo xvii: «que me puderam levantar estatuas como a *Pedro de Malas Artes*...» (*Apologos Dialogaes*, p. 23.) N'esta mesma obra vem o conto da mulher que nas dôres do parto mandou accender uma vela benta, tendo em seguida o bom cuidado de a mandar apagar para outra vez. (*Ibid.*, p. 196.)

Crêmos que é a esta mesma tradição que se refere o typo

de *Pedro de Urde-Malas*, citado na *Lozana andalusa*, da litteratura hespanhola do seculo **xvi**. No Cancioneiro da Vaticana vem uma allusão a este typo: «Chegou Payo de *maas Artes*.» (Canc. 1132.)

No *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende, (t. 111, 650) allude-se a este typo:

Pareceys *Pero de Espanha*,
homensinho da patranha,
de maa feição e maa pêles.

Na comedia de Antonio José, *Os encantos de Merlin*, ha uma referencia ao typo tradicional: «me fez a mim *Pedro de Malas Artes* ensinando me em paga de o ouvir em Paris de magica branca, ou negra magica.» Nos *Contos populares do Brasil*, n.º v, versão de Sergipe, *Uma das de Pedro de Malas Artes*, terminando com este estribilho:

Entrei por uma porta
Sahi por outra,
Manda el-rei
Que me contem outra.

Na fabula xv, da mesma collecção, *O Macaco e o Moleque de cera*, analogo a um conto de Cabeceiras de Basto sobre *Pedro de Malas Artes*, (*Tradições populares de Portugal*, p. 294.)

Santa Helena. (Pag. 168) — A peripecia d'este conto, o signal no peito da rainha, acha-se na *Cymbelina* de Shakespeare, em um conto de Boccacio, e no poema da Edade Média *Gerart de Nevers*.

O guardador dos porcos. (Pag. 169) — Aparece nos *Contos populares da Russia*, na Collecção de Afanasieff, liv. v, n.º 8. Além da traducção de alguns contos russos por G. Ralston, Gubernatis vulgarisou mais uns cem, para elemento dos estudos comparativos. Na tradição italiana do Piemonte tambem se repete esta facecia: «Um rapaz que guardava porcos, corta-lhes os rabos, que lançou n'um lameiro, e foge com elles. O patrão, vendo os rabos, cuida que os porcos se enterraram na lama. Pucha-os, mas só lhe vem na mão os rabos sem os corpos a que andavam pegados» (*Mythologie zoologique*, t. 1, p. 252.) O illustre philologo liga este conto a outros elementos tradicionaes para a reconstrucção popular do mytho de Hercules e Caco.

Nascer para ser rico. (Pag. 171) — Nos *Contos proveito-*

sos, de Trancoso, Parte 1, n.º xiiii, *O real bem ganhado*, versa sobre esta peripecia da pedra preciosa.

Dom Caio. (Pag. 173) — Este conto versa sobre o equívoco da phrase : *Matar sete de um golpe*. Tem analogias com o *Alfaiatinho valoroso*, dos Contos de Grimm. (*Contes choisies*, p. 253.) No *Pantchatantra*, a fabula do *Oleiro e o Rei* versa sobre este mesmo assumpto. (Trad. Lancereau, p. 289.) Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, t. 1, p. 121, vem este conto sob o titulo de *Don Juan Bolondron Mata siete de un trompon*, colligido no Chili, na povoação de Santa Juana. Nos *Contos populares do Brasil*, n.º xviii, *João Gurumete*.

Os dez anõesinhos da Tia Verde-Agua. (Pag. 175) — Nos Contos de Grimm *Os Anões magicos*, dão realidade ao que na tradição portugueza apparece com sentido allegorico. (*Contes choisies*, p. 181.)

«Os Dactylos, sacerdotes, encantadores, da mesma ordem que os Telchines, acham igualmente o seu typo nos personagens do mesmo cyclo mythologico. Os Dactylos, isto é, em grego *os dedos*, correspondem aos *dez Dakchas*, chamados os *dez homens fortes*, ou os *meninos infatigaveis* que ajudam *Agni*, o grande demiurgo. Ora estes Dakchas, são os dez dedos do sacerdote que accende o fogo (*Agni*) e que personifica o cantor védico.» (Maury, *Hist. des Rel. de la Grèce antique*, 1, 203.) Como este mytho védico que passou para o Occidente, apparece em um conto portuguez tradicional !

O Compadre Diabo. (Pag. 184) — Sobre esta facecia, Gubernatis apresenta um conto russo em que o Diabo é representado pelo urso com um character demoniaco : «O aldeão logra duas vezes o seu companheiro urso ; primeiro quando semeiam juntamente nabos, e que o aldeão reserva para si o que cresce debaixo da terra, deixando ao urso o que sae e se levanta acima do chão ; depois, quando elles semeam trigo, e que o urso, julgando-se agora mais esperto toma para si o que cresce debaixo da terra e cede ao aldeão o que se produz para fóra d'ella. O aldeão está a ponto de ser devorado pelo urso, quando a raposa o vem soccorrer.» (*Myth. zoologique*, t. II, p. 119.) D'este conto da collecção de Affanasieff, acha-se uma variante na Noruega, n.º 74, da collecção de Asbjörnssen, e na Allemanha, na collecção de Grimm, n.º 189. Em um conto caucasico, publicado no *Magazin für die Literatur des Auslands*, n.º 134, de 1834, figura o Diabo, que tambem é enganado. Sobre este conto Liebrecht escreveu um estudo comparativo na *Academy*, de 1873, n.º 74, resumido por Gubernatis, loc. cit. No *Conde de Lucanor*, de D. João

Manuel, cap. 41: *De lo que contescio al Bien y al Mal*, vem este mesmo conto, em que tambem ha os nabos da partilha. (Ed. 1642, fl. 111.) Nos *West Highlanders popular Tales*, de Campbell, acha-se este conto em que figuram a raposa e o lobo, e a cultura é de aveia e depois de batatas. Ap. *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 363, que traz mais estas fontes similares: Rabelais, *Pentagrue*, liv. IV, cap. 45 e 46. Lafontaine, conto de *Le Diable et Papefiguiere*. Na tradição oral franceza o conflicto dá-se entre S. Martinho e o Diabo. Nos *Contes populaires agenais*, de Bladé, figura sob o titulo de *La Chèvre et le Loup*. Gubernatis, na *Mythologie des Plantes*, t. II, p. 31, cita este conto mostrando «como os mythos se deslocam e se multiplicam infinitamente, tendo muitas vezes o mesmo ponto de partida.»

Os corcundas. (Pag. 186) — Aparece tambem na tradição popular italiana, colligida pelo prof. Gubernatis, na *Botanique zoologique*, t. II, p. 249, extrahida do livro do medico Pedro Piperno, do sec. XVII, que se intitula *De Nuce maga beneventana*. A troca das corcundas explicada por Gubernatis «é evidentemente o jogo das sombras; a corcunda por de traz é a escuridão da noite, a corcunda por diante, é a sombra na alvorada.» Ha uma outra versão portugueza, de Coimbra, publicada na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, p. 200. — A tradição tem certa universalidade. Vidè tambem Brueyre, *Contes de la Grande Bretagne*, p. 206, tradição da Irlanda, e Emile Souvestre, *Foyer Breton*, Les Korils de Plauden, ou Presente dos Gnomos.

Nos *Contes populaires lorrains*, de Emm. Cosquin, vem com o titulo *Les Fées et les deux bossous*.

A mulher gulosa. (Pag. 187) — Esta facecia encontra-se nas tradições populares do Brasil, colligidas em Pernambuco, com o titulo *A mulher dengosa*, nos *Contos populares do Brasil*, n. XLII.

Dá-me o meu meio tostão. (Pag. 189) — Acha-se esta facecia nos Contos sicilianos, colligidos por G. Pitré, sob o nome de *Giufa*. (*Rev. des Deux Mondes*, de 1875, 15 de Agosto, p. 833.)

O soldado que foi para o céu. (Pag. 191) — Acha-se na tradição da Bretanha franceza, sob o titulo de *Moustache*. (Em. Souvestre, *Les derniers Bretons*, t. I, p. 83.) Acha-se colligido na tradição popular italiana por G. Pitré; na fórma siciliana é um frade, o Grós-Jean analogo ao *Bonhomme Misère*, da França, ao *Prete Ulivo*, da Toscana, *Accacini*, de Palermo, e *Gingannuin*, do Castellermini. (Vidè *Rev. des Deux*

Mondes, de 1875, 15 de Agosto, p. 833.) O soldado que recebe os trez dons, vem tambem nos contos de Grimm, o *Judeu nas silvas*, trad. Baudry, p. 243.

A enfiada de petas. (Pag. 196) — Ha uma variante de Ourilhe, nos *Contos populares portuguezes*, n.º LVII. (Na *Biblioteca de las Tradiciones populares españolas*, vol. IV, p. 91.) No *Romanceiro do Archipelago da Madeira* p. 434 publicou Rodrigues de Azevedo uma versão metrificada: *Conto das mentiras*:

Lindo conto de mentiras
Eu agora vou contar ;
Quem quizer que venha ouvir
Novos casos de pasmar :

Era eu homem para tudo,
Eu ia a todo o logar ;
Eu fiz o que ninguem fez,
Vi o que não ha sonhar.
Onde o mundo se acaba,
Fui uma vez eu parar ;
O que lá me aconteceu,
Ninguem pôde adivinhar :
Em terra, colhi sardinhas,
E rosas pesquei no mar ;
Encontrei um pecegueiro
Grandes maçãs a crear,
E, quando voltei os olhos,
Tinba ameixas a vergar ;
Assubi a riba d'elle,
Com marmelos vou topar ;
Chega o dono da terra
Por figos a perguntar ;
Respondi que eram pepinos
O que eu estava a apanhar ;
Dando-lhe eu o salve-Deus,
Elle salta a praguejar,
A querer pague em dinheiro
O que eu não quero comprar ;
Mas logo lhe dei o trôco,
Antes do preço pagar ;
Atirei-lhe com um *assôpro*,
Uma pedra lhe foi dar ;
Deu-lhe a pedra na canella,
Mas quebrou o calcanhar ;
Elle foi quem apanhou,
Eu quem rompeu a gritar :
A justiça d'el-rei veiu

Começou a devassar ;
 É agora lo mentir,
 Testemunhas vão jurar :
 Juraram que eu fui roubado,
 Que viram outrem furtaar ;
 O queixoso ficou prezo,
 E eu fiquei a folgar.

Manoel Feijão. (Pag. 199)—E' o celebre conto do *Petit-Poucet*, de Perrault ; Emm. Cosquin colligiu-o da tradição oral outra vez nos seus *Contes populaires lorrains* ; Maspons y Labrós, tra-o nos seus *Rondellaires*, com o titulo *En père Patufet*. Nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, trad. de Brueyre, vem na fórma de um poema *Tom Thumb*, e uma versão oral colligida por Campbell. Gaston Paris, publicou em 1875 uma outra versão popular no comêço da sua monographia intitulada *Petit Poucet*, em que procura provar que este conto deriva do mytho da Grande Úrsa. (O auctor brindou-nos com um exemplar d'este valioso opusculo.) Hyacinthe Husson, na *Chaine traditionnelle*, p. 28, discute o sentido mythico, e apresenta a indicação de uma versão russa (p. 34.) Nos Contos de Grimm é o *Tom Puce*, trad. de Baudry, *Contes Choisis*, p. 145. Gubernatis, na *Mythologia zoologica*, t. II, p. 159 e 160, cita o conto piemontez de *Piccolino*, e o conto russo de *Malcik-s palcik* (dedo mendinho). Nos *Contos populares portuguezes*, n.º xxxiiii, ha uma versão de Bragança intitulada *O grão de milho*. Ha outra versão italiana, de Pitré : *Una variante toscana della novella del Petit Poucet*. Nos *Contos populares da Corsega*, traz Ortoili, sob o n.º XIV : *Ditu migliulella*, sobre o thema de *Poucet* ; variante toscana de Sabatini (Riv. lett. popolare, vol. 1, fasc. II) ; Gubernatis, *Pulce*, (Novell di Santo Stefano, n.º 2) ; versão toscana de Pitré, *Cecino* ; versão livornesa e umbria, *Cecio* ; Monaci e Gianandrea, variante, estudo do cyclo d'esta novella. Milá y Fontanals, Maspons y Labrós, trazem versões catalans *El hijo menor e Le noy petit Krauss* ; *Cantos e Contos dos Slavos do Sul*, variante, e *Damerling*, traduzida no Florilégio de Gubernatis, p. 235 : *Pellicino*, elemento do vasto cyclo dos Dois ou dos Trez Irmãos. Na tradição popular do Minho tem o titulo significativo *O dedo polegar*. Nos Contos populares de Lorraine, t. II, p. 147, *Petit Poucet*, apresenta Emm. Cosquin numerosos paradigmas.

Cahiu-me na minha catulinha. (Pag. 201) — Acha-se tambem nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, de Brueyre, p. 377. Na Biblioteca das Tradições populares hespanholas, vol. IV, p. 101.

O cego e o môço. (Pag. 205)—Esta facecia popular acha-se com variantes na *Hora de Recreyo*, do Padre João Baptista de Castro, t. 1, p. 123 : *O cego e o môço comendo uvas*.

O cego e o mealheiro. (pag. 205) — Apesar de ser uma simples facecia, tem raizes tradicionaes; acha-se no *Alivio de Caminhantes*, de Timoneda, n.º 49, p. 181, da ed. Ribadaneyra.

Os trez conselhos. (Pag. 208) — Além da versão oral, temos uma redacção litteraria nos *Contos proveitosos* de Trancoso, do seculo xiv. No *Conde de Lucanor*, cap. xlv, fl. 116, ha uma versão, indubitavelmente de origem arabe. No *Violier des Histoires romaines* (Gesta Romanorum), cap. 94, uma outra versão moralisada, com notas. No *Patrañuelo*, de Timoneda, n.º xvii, vem uma historia analoga. Vid. n.º 161. Um conto grego-salentino *Os trez Conselhos de Salomão*, publicado e traduzido por Vito De Palumbo.

A estatua que come. (Pag. 213) — Convém aproximar esta lenda do conto da *Mirra*, p. 148, para se completarem os elementos da lenda de *Dom João* em Portugal. No n.º v do *Positivismo*, vol. iv, vem um estudo ácerca dos vestigios mythicos d'esta tradição.

As adivinhas em anexins. (Pag. 214) — Nos *Adagios*, do Padre Antonio Delicado, do seculo xvii, vem estes anexins a pag. 44, o que nos determina certa antiguidade da facecia. Ha uma variante nos *Contos infantis*.

A princeza Carlota. (Pag. 215) — Foi colligido da tradição oral pelo Dr. Athayde de Oliveira nos *Contos populares do Algarve*; é de alto interesse, merecendo comparar-se com a versão litteraria do seculo xvi, das *Historias de proveito e exemplo*, de Trancoso, e que adiante se relaciona com a universalidade d'este thema tradicional extensamente idealisado na poesia da Edade Média. O povo portuguez conhecia todos esses thezouros.

A dama verde. (Pag. 210) — Este conto da tradição do Algarve foi encontrado em Macáo em 1868 por Antonio Feliciano Marques Pereira, em que o galanteador da dama é Camões: «Galanteava as mulheres ás portas das egrejas, recitando-lhes versos, ao dar-lhes agua benta; e ainda hoje, entre os velhos se repete aqui uma quadra com que uma lhe replicou ao galanteio chamando-lhe vesgo (*torto*) com o que, dizem, Camões quisilou muito, deixando desde então de fazer versos a quem tão mal lh'os agradecia.» Marques Pereira

não chegou a alcançar a quadra satirica; mas no jornal *Republica portugueza* do Rio de Janeiro, de 1895, n.º 7, conta-se a anedocta, com a quadra: «Findo o acto religioso, o inegualavel vate endereçou para o sitio em que ordinariamente passava Maria Cortez, e entregando-lhe o hyssope desfechou:

Cortezias me tem feito,
Eu morro por ser *cortez*;
Não sei se por ser do Porto,
Ou por ser bom portuguez.

A adoravel poetisa não se fez esperar e retorquiu:

Eu não sei se sois do Porto
Ou se sois bom portuguez;
Só vejo que sois um *torto*,
E eu Maria Cortez.»

Do livro *Camões — Epoca e Vida*, p. 614-15, nota. E' curioso o processo do syncretismo da tradição; assim como no conto oriental a esposa comparada á *Vinha* deu lugar á personificação historica de *Petro della Vigna*, secretario Frederico II, dando á situação uma apparencia historica, tambem o apódo de *torto* faz lembrar a deformação de Camões, mostrando o poeta identificado com o secretario do Principe chasqueado por *torto* pela *Dama Verde*.

A sandalia de ouro. (Pag. 225) — Como lenda agiologica, antes de ser encabeçada em Santo Antonio, já tornára celebrado um disforme santo do Norte; a sua lenda e imagem appareceram em um dos Almanachs do Seculo. E' uma bella situação poetica como tantas outras dos Lendarios.

A mulher teimosa. (Pag. 229) — Edelestand du Méril, na *Histoire de la Fable esopique*, (nas *Poésies inédites du Moyen-Age*, p. 154, not. 5) cita um manuscripto da Bibliotheca de Bruxellas, do seculo xv, no qual se acha esta mesma fabula com o titulo *De homine et uxore litigiosa*. Transcrevemos a a peripecia final: «Illa, autem, quia jam linguam amiserat et loqui non potuit, signo quo valuit, pertinaciam ostendit, forcipi formam et officium digitis ostentans.» Tambem se lê na *Sobremesa y Alivio de Camiñantes*, Cent. 1.

O jogo do Pira. (Pag. 229) — Este conto acha-se no seculo xvi, em uma comedia do celebre Giordano Bruno, intitulada *Candelajo*; Barra, que é um freguez, para não pagar na taverna, propõe varios jogos, que são successivamente rejeitados, e por fim propõe *darem uma carreira*, o que lhe serve de pretexto para se escapulir. No seculo xviii este conto teve

tambem uma nova forma dramatica, na comedia de cordel *O gallego lorpa cu os Tolineiros*. Vid. *Historia do Theatro portuguez*, t. 111.

O caso do tio Jorge Coutinho. (Pag. 230) — Recebemos esta facecia colligida na Ilha de S. Miguel pelo falecido zoologista açoriano Francisco de Arruda Furtado. Conhecia-mol-a em prosa. Existe um pequeno fabliau sobre esta aventura, na litteratura franceza da Edade Média.

Os dois irmãos e a mulher morta. (Pag. 232) — Acha-se publicado no *Elvense*, n.º 202, 205 e 206, III anno, com uma redacção litteraria que prejudica o seu valor tradicional. Pertence ao cyclo do *Frade morto*, aqui substituido por uma cunhada, o que é uma circumstancia accidental. Ha cinco versões portuguezas do *Frade morto*; na tradição peninsular acha-se no *Patrañuelo* de Timoneda, n.º III; no *Fabliau du Prêtre qu'on porte* (*Hist. litteraire de la France*, t. XXIII, p. 141); na antiga tradição italiana: *Cinquante Nouvelle* de Masuccio, n.º 1; e modernamente acha-se colligido por Pitré, nos *Faite e Racconti*, n.º 165: *Fra Ghinipera*. Na collecção dos *Contos russos*, de Erlenwein, n.º 17, acha-se a tradição do frade morto. (Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 214.)

— Na Baixa Normandia: *Le poure et le riche* (Jean Fleury);

— Cosquin, nos *Contos populares de Lorena*: *René et son seigneur*;

— Conto kalmuco, trad. por Gubernatis, *Myth. zoologique*, I, 141.

Para quem canta o cuco? (Pag. 236) — Acha-se esta facecia na collecção quinhentista de Timoneda, *Sobremesa y Alivio de caminantes*, conto 57. (Ed. Ribadaneyra, p. 181)

Tudo lo andaremos. (Pag. 237) — E' hoje uma locução portugueza, sendo o conto menos vulgar. Na collecção de Timoneda, *Alivio de caminantes*, n.º 33, vem uma versão d'esta facecia. (Ed. Ribadaneyra, p. 179.)

A mulher que cegou o marido. (Pag. 237) — Aparece este conto no *Pantchatantra*, (Vid. trad. franceza de Lance-reau, p. 265) com o titulo *O Brahmane e sua mulher*.

O tolo e as moscas. (Pag. 238) — Pitré colligiu tambem esta facecia nos seus Contos sicilianos. (Vid. critica na *Revue des Deux Mondes*, 15 de Agosto de 1875, p. 857.)

Já que tanto teima. (Pag. 239) — No *Conde de Lucanor*, de D. João Manuel, n.º XXXIV, fl. 101, v., encontra-se este con-

to do seculo xiv, que em Portugal se repete quasi exclusivamente como locução.

Tio-taco. (Pag. 230) — Esta facecia açoriana acha-se contada por Franco Sacchetti, e nas *Notte piacevoli* de Straparola (*Facetieuses nuits*, nuit II, fab. 5.) Um fabliau da Edade Média desenvolveu este conto *De la Dame qui attrapa un Prêtre*. Vid. outros paradigmas na versão franceza de Straparola, p. xx. Ferraro publicou uma versão popular italiana, *Rivista de Letteratura popolare*, p. 67.

As orelhas do Abbade. (Pag. 240) — Esta vulgarissima facecia já se encontra na *Sobremesa y Alivio de Camiñantes*, conto 51, da edição Ribadaneyra, p. 181.

Acha-se no *Fabliau des Perdrix* (*Recueil de Fabliaux*, p. 159); no *Passa tempo de Curiosi*, p. 22; nos *Nouveaux Contes à rire*, p. 266; nas *Facetie, motti et burle*, da Ch. Zabata, p. 36; e nos *Contes du Sieur d'Ouille*, t. II, p. 225. Nos *Contos populares de Lorena*, t. II, 348: *Les deux perdix*, Emm. Cosquin faz sentir a sua generalisação.

Conto em enigma—Filha que amamenta o pae. (Pag. 242 e 243) — Encontra-se na tradição popular italiana, Bernoni, *Indovinelli pop. veneziani*, n. 63; Pitré, *Novelline popolari siciliane raccolte in Palermo*, n.º 5, p. 76-78. *La bona Fia*; e nas *Fiabe, Novelle e Racconti*, n.º cxcvi (Vol III, p. 388) versões de Palermo: *La' nniminu*. Pitré colligiu a fôrma de Adivinha:

Indovina, indovinator:
Figlia io son
de l'imperator;
Oggi son figlia,
domane sou madre
di un figlio maschio,
marito di madre.

Pitré indica uma fonte tradicional da antiguidade, conservada por Valerio Maximo sob o titulo *De pietate in parentes*, no *Factorum, Dictorumque memorabilium*, liv. IV, cap. 4. Na Revista do Minho, vol. I, p. 73, vem uma versão colhida da narrativa popular.

Apresentamos aqui o typo do Conto em enigmas, como paradigma de outro já colligido a pag. 138:

— «Um dia elle (Ragnar) chega á Noruega. Os seus companheiros desembarcam, e encontram em uma miseravel cabana uma rapariga chamada Kraka, de uma belleza singular.

Fallaram d'ella com enthusiasmo a Ragnar, que lhe propoz um d'estes enigmas, de que abundam os exemplos næs poesias do norte, na Edade Média.

— Se esta repariga é tão formosa como me quereis fazer crêr, trazei-m'a, com tanto que venha aqui ter sem ser vestida nem vir nua, sem ter comido nem tambem vir em jejum, que não venha sósinha, nem que venha acompanhada.

Quando referiram o enigma a Kraka, ella comprehendeu-o immediatamente, e para o resolver, deixou cahir os seus cabellos louros compridos em voita do corpo, e envolveu-se em uma rêde de pesca. Provou um pouco de caldo, e sem vir acompanhada por nenhum homem, trouxe consigo um cão. O rei ao vê-la, apaixonou-se por ella, e desposou-a.» (X. Marmier, *Lettres sur l'Isande*, p. 162. Bruxellas, 1837.)

Os duzentos carneiros. (Pag. 254) — E' um conto typico; encontra-se no *Castoieiment d'un Père à son Fils*; nas *Cento Novelle antiche*, n.º xxx; no *Don Quijote* e no *Recueil de Fabliaux*, p. 1, Paris, 1829. (Bibl. choisie.) O sentimento hostile contra os Gallegos expresso pelas locuções populares: *Vento Gallego*, *Galleguice*, *Gallegada*, e que se encontra em versos de Sá de Miranda e de Camões, que tinham avoengos gallegos, explica-se pela persistencia da tradição das luctas politicas da mãe de D. Afonso Henriques, contra a emancipação e direitos soberanos de seu filho, que os fidalgos da Galliza, e ainda n'uma tentativa de sublevação em 1151, por seu padrastrô. Fernan Perez, fizeram contra a nova monarchia.

Lenda da Mãe de S. Pedro. (Pag. 249) — Acha-se em muitas terras de Portugal; Pitré encontrou-a na tradição italiana, mas em vez de ser a rãma de cebola é uma folha de pe-reiro. A *mãe de S. Pedro* é uma locução proverbial em toda a Sicilia, Veneza, Toscana, Frioul, etc. (Vid. *Revue des Deux Mondes*, de 15 de Agosto de 1875, p. 843. *Rev. politique et litteraire*, vol. xii, p. 648. 1877.)

Adiante, em outros contos, reaparece o typo popular de S. Pedro em um genero de contos muito vulgares em Andalusia com o titnlo de *Susedios*.

O lavrador e o Ermitão. (Pag. 250) — Na revista *El Folk Lore andaluz*, (ann. 1, n.º 5, p. 176) uma variante d'esta lenda colhida por Leite de Vasconcellos nas Duas Egrejas, do concelho de Mirandella, servindo de paradigma a uma versão andaluza de Rodriguez Marin, publicada no *Folk Lore andaluz*, n.º 2, p. 31-33.

O thesouro enterrado. (Pag. 252) — Acha-se uma versão de Celorico de Basto publicada na *Revista de Ethnologia e Glottologia*, p. 170; *Contos populares do Brasil*, com o titulo *O ouro dos Maribondos*, n.º xxxix, tendo sido anteriormente publicado na *Revista brasileira*.

As vozes dos animaes. (Pag. 253) — Ha uma outra versão colligida por Sequeira Ferraz, e uma versão franceza, intitulada: *Les Musiciens voyageurs (Vieux Contes*, p. 17, Paris, 1830); tambem nos *Contes populaires de la Grande Bretagne*, p. 306, trad. de Brueyre. Nos *Contos dos irmãos Grimm*, vem com o titulo *Os musicos da cidade de Brême*. (*Contes choisis*, trad. Baudry, p. 513). Cosquin, nos *Contos populares de Lorena*, II, p. 102: *Le chat et ses compagnons*.

Ditados novellescos. (Pag. 225) — Nas tradições populares são frequentes estes estribilhos iniciaes e finaes. Colhemos alguns da collecção de Leite de Vasconcellos, no *Folk Lore andaluz*, p. 214, e na de Athayde Oliveira, *Contos populares do Algarve*. Rodriguez Marin, nos *Contos populares españoles*, t. v, p. 46, traz as seguintes fórmulas iniciaes: *Era vez y vez, Erase que se era*, que nos parece analogo á fórma insulana: *Era, não era, no tempo da era*. Marin cita um trecho de Quevedo (Musa VI, rom. 29):

Doncellas no sé que son,
Porque me contó una vieja,
Que ya son sólo en los cuentos
Fruta de *Erase que se era*.

E Cervantes tambem escreve: «Suelen los muchachos antes de comenzar un coento ó conxexa, decir:

Erase lo que era;
el mal que se vaia
y el bien que se venga;
el mal para los moros
y el bien para nos otros.

(*Quijote*, I, 20.)

Em Cuba repete-se um estribilho em fórma de conto, com que se arrelia as crianças; tral-o Marin:

Este era um gallo pelado,
que tiene los pies de trapo
y la cabeza al revés.
Quieres que te lo cuente otra v-z

(*El niño responde que—si.*)

Yo no digo que digas si,
Si no que si quieres que te cuente
el cuento del Gallo-Pellado.

(*Cantos populares españoles, t. v p. 16.*)

A circumstancia de alçar o rabo e chupar o pez, acha-se em um estribilho da Extremadura hespanhola :

Era una vez y vez,
Una cabrita
Que tenia un chivito
Con los ojos de ver
Y el culito de lamer.
Quieres que te le conte otra vez ?

(*Folk-lore Betico Extremeño, p. 210.*)

Costa Cascaes, no *Panorama* (t. XII, p. 115 e 118), traz intercaladas em uns versos seus, algumas fórmulas finaes :

O caso contado
Vae sendo augmentado,
Pois diz o dictado :
*Quem conta um conto
Augmenta-lhe um ponto.*

No final de um conto de Huelva vem «unos zapatitos de manteca». (Vid. p. 257.)

Parodia da fórmula da resalva tabelianica :

O que eu digo bem o digo,
Se o digo como é;
Pois se é como eu digo
O que eu digo assim é.

INDICE

	<u>PAG.</u>
Preliminar.....	V
— (Da 1. ^a edição de 1883).....	VII

DA NOVELLISTICA POPULAR

Origens -- Persistencia -- Transmissão.....	XVII
---	------

PARTE I

Contos de Fadas e Casos da Tradição popular

SECÇÃO I

Contos myticos da Aurora, do Sol e da Noite

A cara de boi (<i>Algarve</i>).....	1
O velho Querecas (<i>idem</i>).....	4
O surrão (<i>idem</i>).....	7
A saia de esquilhas (<i>idem</i>).....	8
As trez fadas (<i>idem</i>).....	12
A filha do rei mouro (<i>idem</i>).....	14
As fiandeiras (<i>idem</i>).....	17
Cravo, rosa e jasmim (<i>idem</i>).....	20
O magico (<i>idem</i>).....	24
O mestre das Artes (<i>Ilha de S. Miguel</i>).....	26
O aprendiz do Mago (<i>Eixo, districto de Aveiro</i>).....	29
A bicha de sete cabeças (<i>Algarve</i>).....	31
O conde-soldadinho (<i>idem</i>).....	34
A sardinhinha (<i>idem</i>).....	36
Maria da Silva (<i>idem</i>).....	38
A rosa branca na bocca (<i>idem</i>).....	40
O cavallinho das sete côres (<i>idem</i>).....	42
A muda mudella (<i>idem</i>).....	44
O sapatinho de setim (<i>idem</i>).....	45
A madrasta (<i>Porto</i>).....	48
O ovo e o brilhante (<i>idem</i>).....	50
Cabellos de ouro (<i>Algarve</i>).....	51
A carpinteirasinha (<i>idem</i>).....	53
A filha do lavrador (<i>Santa Maria—Famalicão</i>).....	55
A feia que fica bonita (<i>Algarve</i>).....	57



	PAG.
O peixinho encantado (<i>Algarve</i>).....	59
O figuinho da figueira (<i>idem</i>).....	60
A da varanda (<i>idem</i>).....	61
A noiva formosa (<i>idem</i>).....	65
A noiva do côrvo (<i>idem</i>).....	67
A paraboinha de ouro (<i>idem</i>).....	69
O principe que foi correr sua ventura (<i>idem</i>).....	70
Maria Subtil (<i>Ilha de S. Miguel</i>).....	75
O coelho branco (<i>idem</i>).....	79
Clarinha (<i>idem</i>).....	80
Bola-Bola (<i>idem</i>).....	82
Linda Branca (<i>idem</i>).....	84
O Rei-Escuta (<i>idem</i>).....	86
As cunhadas do rei (<i>Airão—Minho</i>).....	87
Os sete encantados (<i>Ilha de S. Miguel</i>).....	91
As sonsas (<i>idem</i>).....	92
A mão do finado (<i>idem</i>).....	94
O rei de Napoles (<i>idem</i>).....	101
O matador dos bichos (<i>idem</i>).....	105
As nozes (<i>idem</i>).....	108
As trez cidras do amor (<i>Porto</i>).....	110
A bengala de dezeseis quintaes (<i>Santa Maria—Fama- licão</i>).....	112
A torre de Babylonia (<i>Porto</i>).....	119
Desanda cacheira (<i>idem</i>).....	121
O sal e a agua (<i>idem</i>).....	124
As crianças abandonadas (<i>Airão</i>).....	125
O afilhado de Santo Antonio (<i>idem</i>).....	127
A filha do diabo (<i>Algarve</i>).....	128
As trez maçãsinhas de ouro (<i>Rebordainhos—Bragança</i>).....	130
O sargento que foi ao inferno (<i>Algarve</i>).....	131
A princeza que adivinha (<i>Airão</i>).....	135
A adivinha do rei (<i>Porto</i>).....	138

SECÇÃO II

Casos e Facecias da Tradição popular

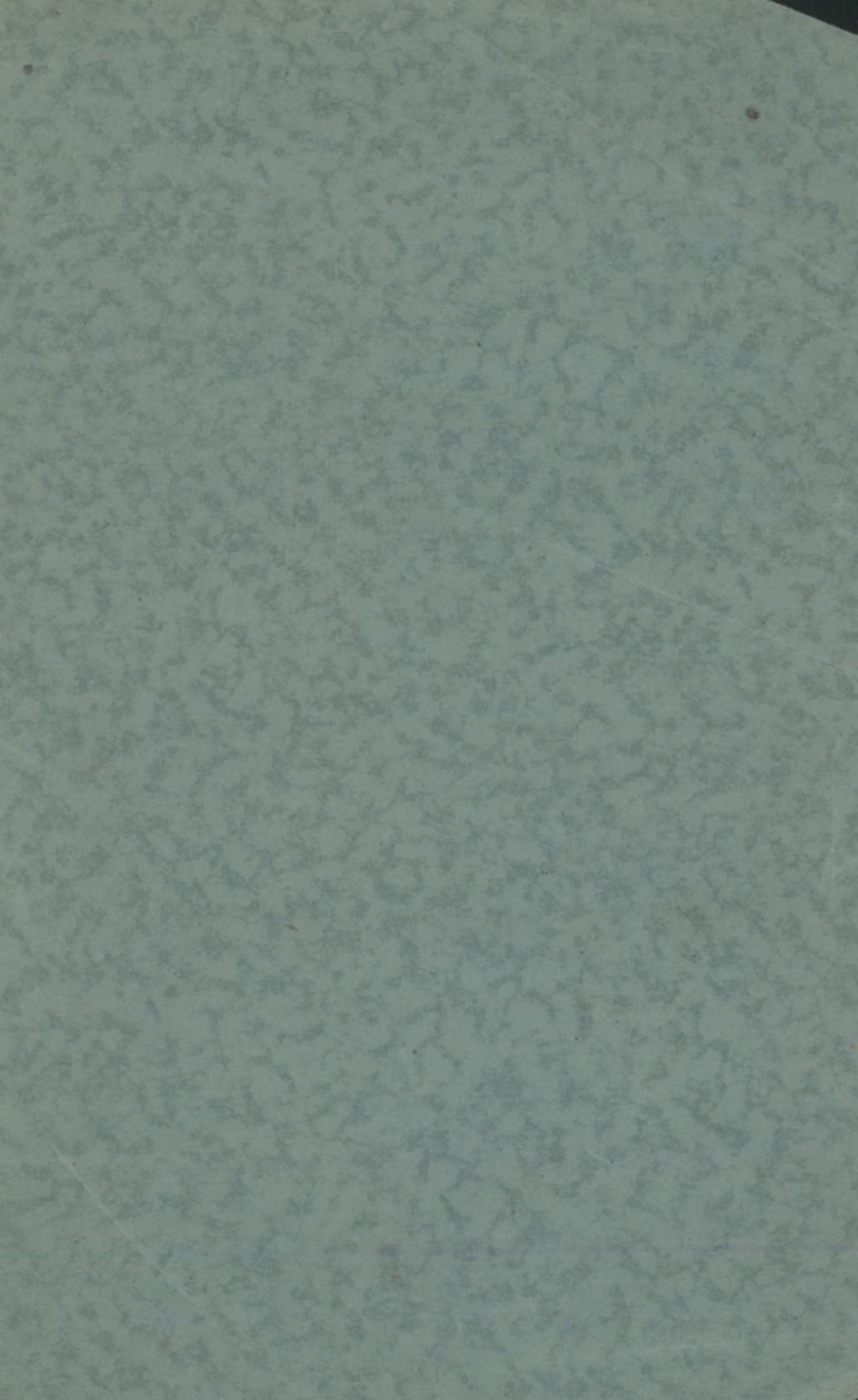
O boi Cardil (<i>Algarve</i>).....	140
O camareiro do rei (<i>idem</i>).....	141
O Palmeiriz d'Oliva (<i>idem</i>).....	145
O bôlo refochado (<i>idem</i>).....	147
A mirra (Mumia).....	148
A mulher curiosa (<i>idem</i>).....	150
As favas (<i>idem</i>).....	151
A velha das gallinhas (<i>idem</i>).....	152

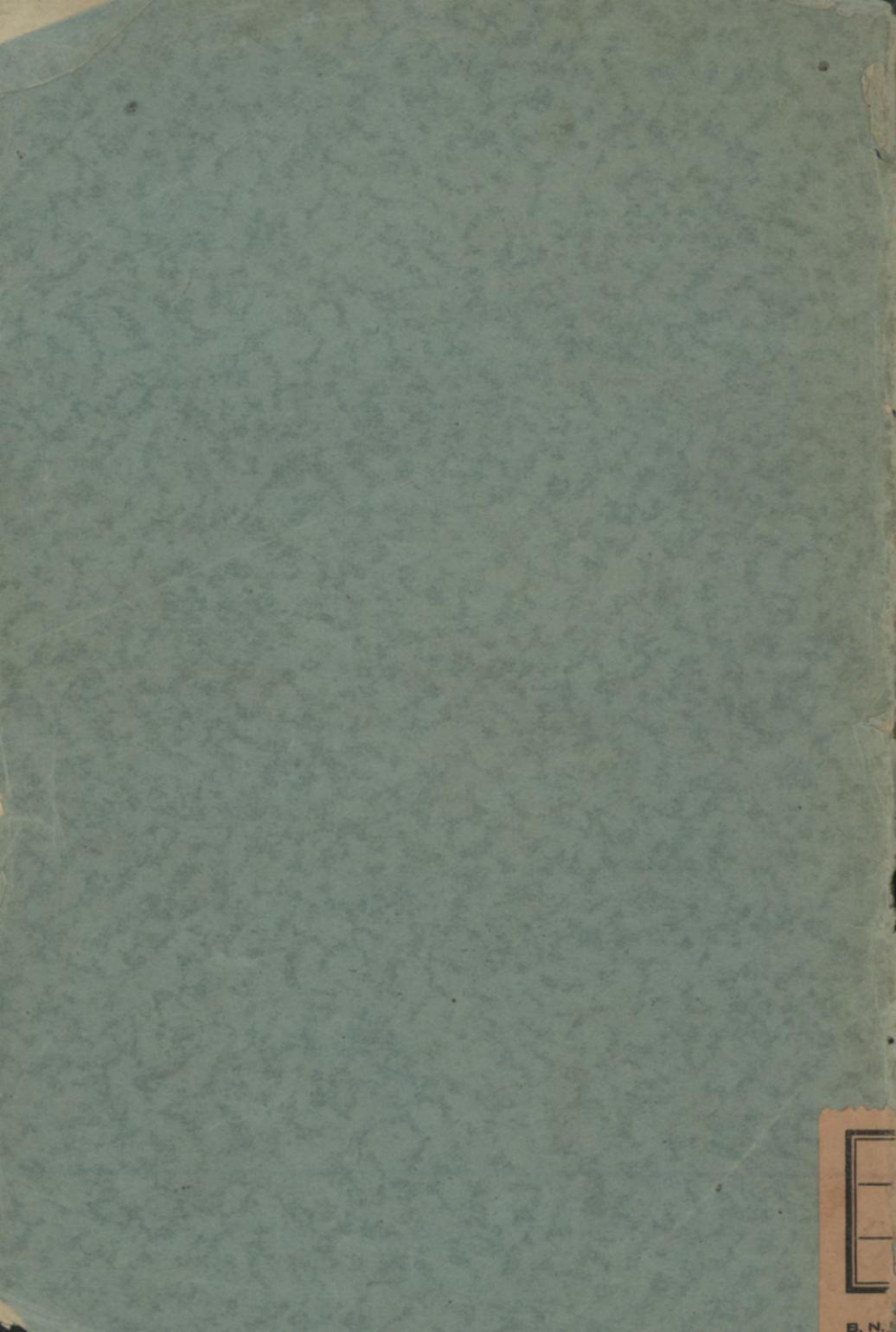
	PAG.
A Riqueza e a Fortuna (<i>Algarve</i>)	153
Março Marçagão	155
Outra versão (<i>Porto</i>)	155
Alegria da viuva (<i>Algarve</i>)	156
A carpideira e a viuva (<i>Foz do Douro</i>) ..	158
Frei João sem cuidados (<i>Coimbra</i>)	159
João Ratão (ou Grillo) (<i>idem</i>)	160
Os trez irmãos (<i>Airão</i>)	161
As barras de ouro (<i>Porto</i>)	163
Pedro de Malas-Artes (<i>idem</i>)	165
Santa Helena (<i>Ilha de S. Miguel</i>)	168
O guardador dos porcos (<i>idem</i>)	169
Nascer para ser rico (<i>Porto</i>)	171
Dom Caio (<i>idem</i>)	173
Os dez anõesinhos da tia Verde-Agua (<i>idem</i>) ..	175
Os dois compadres (<i>Alemtejo</i>)	176
O carvoeiro (<i>Ribatejo</i>)	181
O compadre diabo (<i>Ilha de S. Miguel</i>)	184
Os corcundas (<i>Porto</i>)	186
A mulher gulosa (<i>idem</i>)	187
As irmãs gagas (<i>idem</i>)	188
O tinhoso, o ranhoso e o sarnoso (<i>idem</i>) ..	188
Variante (<i>Ilha de S. Miguel</i>)	189
Dá-me o meu meio tostão (<i>Porto</i>)	189
O soldado que foi para o céu (<i>idem</i>)	191
O thesouro do enforcado (<i>idem</i>)	192
Os peixes do guardião (<i>Ilha de S. Miguel</i>) ..	194
A cobra e o cordão do frade (<i>Porto</i>)	194
O caldo de pedra (<i>idem</i>)	195
A enfiada de pêtas (<i>Airão—Minho</i>)	196
Sempre não (<i>Açores</i>)	198
Manoel Feijão (<i>Porto e Açores</i>)	200
Cahiu-me na minha catulinha (<i>Porto</i>)	201
Casar e descasar (<i>Airão—Minho</i>)	203
O cego e o môço (<i>Porto</i>)	205
O cego e o mealheiro (<i>idem</i>)	205
O avarento (<i>idem</i>)	207
Os trez conselhos (<i>idem</i>)	208
O sacco das nozes (<i>idem</i>)	210
O sapateiro pobre (<i>idem</i>)	211
O signal da Nobreza (<i>Sardoal</i>)	212
A estatua que come (<i>idem</i>)	213
As adivinhas em anexins (<i>Porto</i>)	214
A princesa Carlota (Griselidis) (<i>Algarve—Loulé</i>) ..	215
As cinco profissões (<i>Algarve—Albergaria</i>)	218
A dama verde (<i>Loulé</i>)	219

	PAG.
A tia Miséria.....	221
A comadre Morte.....	222
A esmola ao diabo.....	224
A sandalia de ouro (<i>Algarve</i>).....	225
Mosteiro de S. André de Ansede.....	326
A graça estudantesca.....	327
A mulher teimosa (<i>Porto</i>).....	229
O jogo do Pira (<i>idem</i>).....	229
O caso do tio Jorge Coutinho (<i>Ilha de S. Miguel</i>).....	230
Os dois irmãos e a mulher morta (<i>Alemtejo</i>).....	232
Os trez patrões (<i>Airão</i>).....	236
Para quem canta o cuco ? (<i>Porto</i>).....	236
Dichote gallego (<i>Sardoal</i>).....	237
Tudo andaremos (<i>idem</i>).....	237
A mulher que cegou o marido (<i>Airão</i>).....	237
O tólo e as môscas (<i>Ilha de S. Miguel</i>).....	238
Já que tanto teima (<i>Porto</i>).....	239
Tic-taco (<i>Ilha de S. Miguel</i>).....	239
As orelhas do abbade (<i>idem</i>).....	240
Pacto com diabo.....	241
Conto em enigma (<i>Açores</i>).....	242
Filha que amamenta o pae (<i>Porto</i>).....	243
Prova de amor (<i>idem</i>).....	243
Sem ceia (<i>Alemtejo</i>).....	244
Origem dos javalis (<i>idem</i>).....	246
Dar vista aos cegos (<i>Açores</i>).....	247
A gaita maravilhosa (<i>Porto e Algarve</i>).....	248
Lenda do Paraíso (<i>Tentugal</i>).....	249
Lenda da mãe de Sam Pedro (<i>Ilha de S. Miguel</i>).....	250
A tunica de Christo (<i>idem</i>).....	251
O thesouro enterrado (<i>Airão</i>).....	251
O usurario e Santo Antonio.....	252
O lavrador e o ermitão (<i>Porto</i>).....	252
As vozes dos animaes (<i>Carrazeda de Anciães</i>).....	253
Gs duzentos carneiros (<i>Porto</i>).....	254
As trez pombas.....	255
Os ditados novellescos (<i>Algarve</i>).....	556
NOTAS aos Contos.....	259 a 300

C
78853







B. N.